

Defensor

do Povo

COIMBRA — Quinta feira, 6 de fevereiro de 1896

Em crise permanente

Fóra de todas as condições de vida se originou, e constituiu a actual situação governamental.

Nasceu inviável; nasceu torto o actual governo.

Inviável e torto, como todos os seus antecessores desde uma certa epocha.

Inviável e torto, como tudo nasce, e caminha neste pantanoso e revolvido charco da politica e da administração publica portugueza.

Inviável por sua origem e nascimento, não têm, não offerece, nunca offereceu garantias de conservação.

Não pôde durar por muito tempo o ministerio, apesar de haver já experimentado, em successivas crises agudas, o reforço de varias recomposições renovadoras, e de estar collado, como sanguessuga, ao *biberon* da monarchia, que tambem se vae esvasiando, e não tardará, talvez, a exaurir-se.

Elle vive, como creança emphesada e epileptica. Tem rabugens impertinentes, teimosias e perrices infantis, grita, e braveja de continuo; tem arremetidas de leãozinho faminto, extravagancias e partidas de diabrete, que anda ás soltas; não ha açoites ou bolos que o callem, não ha paciencia de Job que o suporte, almas caridosas que o aturem!

E' doente; de doença congenita e incuravel.

E' mau por condição organica e temperamento, o tal governo.

Não pôde ir longe; não pôde viver por muito tempo.

Elle sempre viu pouco; cada vez lhe vae faltando mais a vista.

Ouvir? Não ouve cousa alguma; está mouro de todo; surdo como uma porta.

Faltam no seu cerebro lobulos e circumvolações, que lhe não permitem pensar.

Não falla; chora. Solta gritos lancinantes de quem soffre de meningite chronica.

Move-se, e anda; mas, como nasceu torto e rachitico, não coordena movimentos; não caminha direito; convulciona em zig-zags, e dá cambalhotas. Soffre de quebrantos; traz a espinhella cahida. Vae vivendo.

Se não morrer das doenças congenitas, que, dia a dia, se agravam e recrudescem, hade ser victimado por uma queda mortal.

E' d'essa queda que todos os dias se falla; é essa queda que a toda a hora se espera, e que, á mingua de outra consolação, de outro desafogo, ou de outra esperanza de salvamento, a Nação, em sua grande maioria, deseja, e com o qual o Povo, vexado e opprimido, mas docil por indole, pacifico por necessidade, parece contentar-se.

Mas tudo isto nada tem de extraordinario, de anormal. Ha muitos annos, ha muito tempo que a crise é o estado regular e permanente dos governos, de toda a politica official, de todos os ministerios e parlamentos, de todos os partidos monarchicos e da propria monarchia.

Todos elles e ella, e elles por causa d'ella atravessam uma crise persistente, que se vae tornando chronica, e que, de quando em quando, assume os perigos e as proporções alarmantes do estado gravissimo, de uma phase aguda, assustadora.

E é assim e por isso, que o actual ministerio tem constantemente vivido, ou antes arrastado a sua existencia atribulada, e funestissima aos interesses nacionaes, e d'elle só ficará libertada e desaffrontada a Nação quando este ou outro semelhante ministerio, que todos já agora hão de ser eguaes e valer o mesmo, inviáveis, tortos,

emphesados e rachiticos, for victimado pela tal queda mortal.

E esta só virá a realizar-se, quando a este ou a outro ministerio lhe faltar o apoio da realza; quando se exaurir, ou lhe despegarem dos labios, ou lhe-tirarem das mãos, para o quebrar e inutilisar, o *biberon* da monarchia.

Supressão da Vanguarda

Já não espanta a impudencia, nem a sem vergonha, com que esses carrascos de má morte estão querendo assassinar a liberdade de imprensa, e amordaçar os jornalistas independentes que lhes chamam ladrões de cara a cara! Não nos admira.

O que nos espanta é tanta affronta, é tanto insulto e tanta injustiça — ha que annos! — sem que o paiz tenha tido a coragem d'uma desaffronta a esse governo!

Accommodado á panacea do protesto, á bonacheirice da representação não ha que esperar um acto energico e violento que contenha esse governo de bandidos em respeito. Estamos de lama.

O João Franco tem desafiado o paiz e desafia-o constantemente, com os seus actos criminosos, com as suas despoticas reformas, d'um dictador tyrannete d'opera buffa. E com aquelles seus modos atrevidos, de carrejão, já nos ameaçou com a guarda municipal! E não levou um pontapé.

Assaltaram-se as typographias, como se assaltava na Falperra o viandante, sem respeito pela lei, sem a moral que é dada ao homem!

Nunca D. Miguel, de horrorosa memoria, nem o conde de Bastos, o odiento carrasco seu ministro; nem mesmo o Costa Cabral, levaram tão longe a sua tyrannia, com a imprensa jornalística. Tão infamante ordenação só a d'esse ministro do reino, João Franco, larvado estadista polichinello, que tem deshonrado o poder e postergado a Carta; — que tem extorquido ao povo as suas regalias, e — cobardemente — assassinado a liberdade de imprensa, com a criação nefanda dos tribunaes da policia, com juizes singulares, carrascos e bastas-feras — como o Veiga da intendencia.

E todo este corolario de torpezas tem o veto do bisneto de D. Pedro IV, o rei que combateu pela liberdade!!!

A exposição de Johanuesburg

A folha official publica uma portaria acompanhada de varias instruções para a exposição de vinhos na Africa oriental.

A propaganda será feita por meio de exposição movel ou ambulante, e abrangerá os portos e centros de consumo mais valiosos da Africa oriental.

Na republica do Transvaal exhibição das amostras será feita nas cidades mais importantes e pela forma por que o commissario tecnico, auxiliado pelo consul portuguez, julgar mais conveniente e util ao commercio dos nossos vinhos.

Com referencia aos typos de vinhos manda observar as instruções de 25 de janeiro e dispõe mais o seguinte:

O navio, que conduzir os vinhos para Lourenço Marques, poderá, com auctorisação superior, demorar-se alguns dias no Cabo, Port-Elisabeth, East London, Durban, Beira, Zanzibar, Quiloa e Mombaça, ou qualquer outro porto do antigo territorio zamzibarista.

A propaganda nestes portos far-se-ha pela forma que ao commissario parecer mais conveniente, mas por modo que o valor das amostras vendidas cubra, quanto possivel, as despesas aduaneiras e fiscaes, a que a propaganda obrigar.

A propaganda nos portos portuguezes será feita com insepção de quaesquer despesas da fiscalisação aduaneira ou outras, por concessão especial do ministerio da marinha.

Poderá estabelecer-se um deposito central de vinhos portuguezes em Lourenço Marques, como centro de irradição do commercio dos nossos vinhos na Africa oriental.

Para este deposito poderão ser enviadas ao cuidado do commissario tecnico, para o effeito da propaganda, novas amostras de vinhos pelos nossos commerciantes e vinicultores, enquanto durar a exposição movel determinada nas presentes instruções.

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

Veio ao nosso chamamento o grande homem, veio animar-nos, dar-nos calor ao sangue, e acalantar-nos a alma com a febre das suas ideias e as intransigencias do seu caracter.

Veio... Combatentes dispersos pela bafurada de morte que soprou em 31, desalentados, iamos pela estrada dos vencidos, pedindo ao povo um reverberio de coragem, sonhando, nos ouvidos, os accordes da grande Alma popular, numa hora de victoria.

Veio... e nós sentimo-nos fortes, com a mesma coragem e o mesmo entusiasmo que fez acordar uma cidade, ás tangencias febris da *Portugueza*...

Numa estrada deserta, — a da honestidade e da honra —, passamos hoje, vibrando por uma idéa, aquecidos aos reflexos d'uma grande Alma.

Não, que elle nos abandonasse, alguma vez! Mas, porque o sentimos perto, porque o abraçamos e a nossa coragem se retemperou.

Elle vae deixar-nos... mas ficará conosco a sua alma de fogo!...

Fogo para calcinar podridões, incendiando o existente!

Audaz e romantico, vae seguindo a mesma linha que, uma vez, traçou a impetuosidade das suas aspirações, a independencia altiva do seu caracter.

Sempre na frente! na frente de nós todos, que é o seu posto d'honra!

Sempre na frente, por que elle é sempre o mesmo.

O mesmo olhar generoso e firme, o mesmo caracter indomavel e austero!

Veio para nos dizer a sua palavra lampejante de Ideal, e recolher os ardentes entusiasmos das nossas almas juvenis.

Passar revista aos que deixou hontem, e atirar ás nossas almas, d'envolta com palavras de incitamento e abraços de fraternidade, a mortalha gelada d'uma grande saudade.

E vae partir... para longe.

Que volte, em breve, para nos commandar, na jornada brilhante que nos ha de levar á Republica.

31 de janeiro, já lá vae ha tanto tempo... pede-nos o cumprimento do nosso Dever, a voz lastimosa da Patria ensanguentada e vilipendiada...

As ladroicias têm sido tão grandes, tão grandes os desaforos, tão geral a decadencia dos cerebros governamentais, tão mesquinho e abjecto o coração dos tyrannos... que a Revolução deve estalar, em breve, nas barricadas.

Elle vae para longe, é verdade, mas podemos contar com o seu braço para uma espada, e a sua voz para um commando.

Bombos de festa

Até mette dó ver como os jornaes tratam os filhos espurios do João Franco, de que elle fez o chamado parlamento.

Reparem no que diz o conceituado e sidoso *Jornal do Commercio*:

«A indifferença total em que caiu o pseudo-parlamento, inventado pela dictadura, desmoralizou por completo o mesmo governo, que cuidava que os forços vicias por elle imaginados haviam de impressionar profundamente o paiz.

«Não impressionam, pois no seu intimo já está tambem a convicção de que não são a representação nacional... senão a ilugir.

«Portanto, a experiencia dictatorial pôde-se considerar em liquidação e os seus resultados negativos pateentes ficam.»

E' a lata do ridiculo pendurada ás abas das casacas dos *paes da patria*, falsificados nas novas officinas que os fabricou de escumalho. Nem o João Franco os queria d'outro metal.

Não ficam só por aqui os bons creditos de que está gosando o conhecido Solar dos Barris, pois o *Universal*, todo governamental aqui ha mezes, vae-lhe chegando a roupa ao pello, nestas palavras de verdade:

«O parlamento quasi que já não pôde funcionar. Morreu pelo ridiculo. Foi victima dos males de origem, não obstante encerrar no seu seio muita gente illustre.»

Gloria aos Barris na terra, e paz ao João Franco!

Pelourinho

XLV

A CAMARA E O BILL

A camara electiva está dando o mais triste espectáculo, a que temos assistido nas salas do parlamento!

Discute-se o *bill*; mas a discussão tem descido para o campo das represalias das paixões facciosas, das recriminações injustas e das accusações reciprocas.

A discussão do *bill* tem posto muitas calvas á mostra.

Alli se tem visto que muitos homens que estão na camara tem revolucionado nestes ultimos tres annos, o que faz rir aquelles que tanto ouvem agora fallar em revoluções.

O bispo de Vizeu foi accusado no *Nacional* do Porto de ter promovido os tumultos de Castro Daire, sendo por essa accusação o mandante das mortes que alli se deram.

Mas por esta accusação o *Nacional* foi comprado, e morreu, renascendo das suas cinzas — O *Progresso do Porto* — que é o mesmo *Nacional*, com o escandalo da *Gazeta dos Tribunaes*, que foi o preço d'outra venda, em 68.

Ora depois d'esta immoralidade do bispo, manifesta implicitamente na discussão, vem a de seus correligionarios, feita pela opposição, e a dos opposicionistas feita pelos ministerias.

E nesta lucta extravagante, em que nenhum dos contendores pôde atirar a pedra ao seu rival, nasce para nós a convicção, de que nesta terra todos os homens publicos estão eivados dos mesmos vicios, que mancham a reputação dos mais illustres e dos mais honrados.

No meio da discussão appareceram pois conspiradores, o barão de Zezere (mantenedor agora da ordem publica) Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, Santos e Silva, Dias Ferreira, Camara Leme, conde d'Avila, e todos quantos tiveram e tem o *penacho* da governação!

D'este modo são accusadores os accusados, e accusados os accusadores!

E fallam em conspirações os que viveram sempre em conspirar! E fallam de revoluções os revolucionarios! E fallam da ordem os que muitas vezes se offereceram para a sacrificar por um preço ignobil, d'uma veniaga torpe e vil!

Nós sabemos d'alguns d'esses sacerdotes austeros da lei, que muitas vezes quizeram ir para a revolução por um preço de libras sterlinas, como aquelle que pôde servir para comprar cabeças de gado numa feira!

Foram especuladores então, como o são agora. Não querem o *bill*, porque querem o *subsídio*! Famintos, que só sabem viver na torpeza do *devorismo*!

E para discutirem tão esterilmente o *bill*, protrahem os assumptos de maximo interesse publico!

O orçamento morre sem discussão, porque já está outro na forja!

A *lista civil* fica no mesmo escandalo em que se acha.

Reformas não ha.

Economias tambem não.

Moralidade é uma palavra sem significação.

Emfim o programma reformista está rasgado, despedaçado e esfarrapado! Está pisado aos pés pelos *devoristas*, que só querem aquecer o estomago com os caldos tomados á mesa do orçamento!

Assim a sessão legislativa vae concluir-se, sem haver votado nem um remedio aos males da patria!

E' audacia de mais nos especuladores do poder.

A verdade é que o *bill* é apenas um pretexto para a camara arranjar os seus negocios, colorindo o escandalo do grande attentado de cada um delapidar para si.

Em conclusão o *bill* é a papança do *subsídio*.

E o *subsídio* é um desperdicio de mais de 30 contos de réis!

(Lanterna).

Sciencias, lettras e artes

O CABELLO

Era insupportavel a pretensão d'aquelle homem! Gabava-se, dizia a quem queria ouvi-lo, que todos os ardis, todas as astucias d'uma mulher, eram impotentes para o enganarem. Nunca nenhuma das suas amantes o trahira, sem que elle desse logo por tal.

— Arnolpho, dizia elle, foi enganado por Agnès e Rosina enganou Bartholo; mas isso não quer dizer que Agnès fosse muito esperta e Rosina muito dissimulada: prova simplesmente que, tanto Arnolpho como Bartholo, eram imbecis.

Todo o homem que não é tólo, pôde ser trahido por uma ingenua ou por uma coquette, mas não pôde ser por ellas enganado.

Sou ciumento; e spio, e vejo que abraçam a minha amada; é possível; mas é certo que desde esse momento eu sei que a abraçaram.

A não se ser cego, surdo e idiota, vê-se o que nos querem occultar, ouve-se o que nos não dizem e adivinha se o que ellas fizeram ou pretendem fazer. Muitos ouvem, veem e sabem; mas nada dizem, porque isso produziria escandalo, teria como consequencia um rompimento.

São tão lindas as bôccas que mentem! Mas sabe-se que mentem e eu, que estou fallando, affirmo, sem me julgar tão prespicez e fecundo em estratagemas como o engenhoso Figaro, que a mulher que me ha de enganar ainda não afivelou a liga nem disfarçou com o pó de arroz o afogueado das faces.

Era de mais! e, sem pensar no que havia de censuravel na minha indisciplinação, exclamei:

— A sua amada não é Luciana Thuriot?
— E?
— Tem olhos azues, d'um azul muito claro, uns olhos onde transparece a innocencia?
— Sim.
— Cabellos castanhos, algum tanto alourados, frisados junto ás fontes?
— Exacto.
— Tem, entre os seus chapéus, uma touca de feltro com uma ave do paraíso debicando numas cerejas?
— Tem.
— Um dos seus vestidos é de panno azul, desenhando-lhe airoosamente a cintura?
— Tem effectivamente um vestido assim.
— Pois bem! vi hoje a sua Luciana; esta manhã, ha duas horas, dentro d'um trem com as cortinas meio corridas, ao lado d'um bello rapaz de cabellos louros, que lhe fallava ao ouvido, tendo as mãos entre as d'ella.

O meu extraordinario interlocutor soltou uma gargalhada.

— Isso é impossivel — respondeu.
— Via.
— Não.
— Com os seus lindos olhos azues, em que transparece a innocencia.
— Não.
— Com os seus lindos cabellos castanhos, frisados junto ás fontes.
— Não.
— Com a touquinha de feltro em que uma ave do paraíso debicava umas cerejas.
— Não.
— Vestindo de azul.
— Não.
— Pois via-a, affirmo-lhe, e até lhe digo que afagava com um beijo os louros cabellos do seu companheiro.
— Não, não, mil vezes não!
Depois accrescentou:

— Mas, dado mesmo o caso de que uma extraordinaria semelhança o não engane, isso de fórma alguma destruirá a minha theoria que é absoluta. Estarei trahido a estas horas? Seja, — a traição é sempre possível — porém não serei enganado, porque, logo que entre em casa, serci advertido da falta de Luciana, — se é que ella a commetteu — por um indicio curioso.

— Advertido? Como?
— Sim, graças a uma pequena precaução que tomo todas as manhãs, desde ha tres annos.

— Uma precaução?
— E de seguro resultado. Por muito impaciente que esteja uma mulher para ir a uma entrevista, não sae, por certo, com as chinellas de setim que calça ao levantar-se, não é verdade? Ora, sob o tacão d'uma das botinhas que Luciana costuma calçar quando sae, eu cóllo, quotidianamente como já disse, e a occultas de todos, um cabello preto, um dos meus proprios cabellos. E' impossivel dar dois passos sem que o cabello, em contacto com o chão, se solte e desapareça! Basta-me, pois, ao entrar em casa, lançar um olhar para o tacão revelador para saber se Luciana sahiu.

— Insufficiente prova é essa! interrompi. Uma mulher pôde sahir sem que...
— Não admitto que ella saia ás escondidas, innocentemente!
— Seja! e o seu estratagemas é bastante engenhoso. Mas sabe ao certo que Luciana ainda o não descobriu?
— Tenho toda a certeza. E' verdade, quer fazer o favor de me acompanhar a casa? Verificaremos ambos se o cabello está ou não no seu logar.

Quando chegámos ao nosso destino, o meu extraordinario companheiro introduziu-me e deixou-me num gabinete aonde Luciana estava sentada junto a uma janella. Saudáram-me ella timidamente, apenas abaixando a cabeça, e conservando os olhos baixos. Alta, pallida e elegante, — costurando com ligeireza — com um ar tão modesto, dir-se-hia, tão innocente e activa parecia, um anjo e ao mesmo tempo uma boa dona de casa.

Era ella, sem duvida, que eu tinha visto na carruagem; mas, perante um tal pudor e simplicidade, quasi que hesitava em reconhecê-la; parecia impossivel que aquellas brancas mãos e uns tão lindos labios recebessem beijos criminosos.

Chamou-me d'um quarto proximo áquelle que alli me conduzira e apressei-me a ir ter com elle.

Estava radiante.

Luciana dissera-lhe á entrada que não tinha sahido e elle tinha entre os dedos da mão esquerda, mostrando-m'o com a mão direita, o tacão d'uma botina, em que estava collado um cabello!

Estava vencido, rendi-me á evidencia. Mas ainda que algum tanto irritado e prestes a abrir a bôcca, não julguei opportuno dizer ao extraordinario personagem... que o cabello pegado ao tacão da botinha era um cabello loiro, muito loiro!

CATULLE MENDÉS.

Cuba

Chegou a Corunha o general Martinez Campos, apesar de haverem sido profusamente distribuidos pamphletos excitando o povo a que preparasse uma manifestação de desgago ao velho general, foi-lhe feita uma recepção respeitosa, sem que occorresse incidente algum desagradavel.

Martinez Campos vem muito impressionado. Todos esperam com anciedade, que é natural suppor, conhecer qual a sua attitudem com respeito ao governo.

Um telegramma official hoje chegado diz que as forças do general Marin, alcançaram a rectaguarda das forças de Maximo Gomez, travando-se lucta, e fazendo-lhe algumas baixas.

Telegrammas de Cuba dão noticia d'um recontro perto de Cannes, no qual os insurrectos tiveram 40 mortos; os rebeldes foram repellidos de Serobucal, soffrendo numerosas perdas; continuam os incendios das plantações.

Não é exacto que o governo dos Estados Unidos da America tenha feito diligencias na Europa a favor dos insurrectos de Cuba.

O cabecilha Quintim Banderas com um bando de rebeldes atacou o destacamento que guarda o engenho de Macagua. Mas os soldados hespanhoes defenderam-se corajosamente, matando muitos insurrectos e fazendo fugir os restantes.

Outro bando de rebeldes incendiou a estação de Baiona.

Está demonstrado que Maximo Gomez carece de munições a ponto de se privar da cooperação de dous numerosos bandos para os enviar a Villas á busca de cartuchos.

A imprensa norte-americana reforça de todos os modos o seu serviço de informação acerca da guerra de Cuba. Chegaram á Havana mais alguns jornalistas de New-York e de Washington. Isto parece demonstrar que chegou o momento supremo das operações militares.

Espera-se com grande anciedade em Madrid noticia de combates que se deviam ter dado entre Bejucal e Batabano, onde operam fortes columnas, commandadas pelos generaes Linares, Aldecoa, Correl e Canella.

Um telegramma da Havana diz correr o boato de que Maceo conseguiu illudir a perseguição das columnas hespanholas, tratando de regressar á provincia de Havana.

Segundo os melhores calculos, a guerra de Cuba tem custado á Hespanha de 36 ml a 45 mil contos, e o governo, falho de dinheiro, viu-se de novo obrigado a buscar o auxilio do Banco de Hespanha. Pensa-se em crear na ilha de Cuba uma sobre-taxa especial de guerra, porque o Banco difficilmente poderá acudir de novo.

Segundo as relações remetidas pela capitania general da ilha de Cuba, as baixas que alli se deram na primeira dezena do mez de janeiro no exercito de operações, foram as seguintes; mortos no campo de batalha, 23; em resultado de ferimentos, 1; enfermidades communs, 27; vomito negro, 173. Total 227.

PIPAROTES

Então o nosso rei já se deixou de caçadas?
Ha tempo já que se não falla nisso.
As pobres corsas devem estranhar as ausencias do seu... exterminador.

O joqim d'araujo, acaba de publicar, em Genova, um canto lyrico em honra de João de Deus.

Olha lá, não deixe elle escapar a occasião de mais uma vez mostrar a sua nullidade. Metteu-se-lhe em cabeça de que era poeta e zás!
Faz-me lembrar o outro alli de cima.

Os meninos dos collarinhos altos, vulgo obtemperados, formaram, nesta cidade, assim uma coisa a que dão o nome de club academico.

Em vez de armas para defenderem as instituições, têm piano e bilhares, mesas de jogo, etc.

No dia da baralha, portanto, vê-los-emos de taca na mão, prompts a darem o... seu entusiasmo pela causa do rei.

Isto, no estado actual da mentalidade humana é para lhes dizermos:
— Ora bolas!

O amigo navarro pedia, ha dias, a vigilancia do governo, a proposito d'alguns factos concernentes ao 31 de janeiro e relata-dos pelo nosso amigo Antonio José d'Almeida, na sua *Desaffronta*.

De que diabo terá medo o amigo navarro?
Um homem honradissimo, como elle, não deve ter medo.

Então o mariano está convertido?
Pois, então, elle não anda prégando moralidade na coisa dos barrigas?
E' caso para digamos:
— Quem não te conhecer que te compre.

O Hintze diz que o rei dá ordens e que elle as cumpre.
Temos, portanto; o nosso excelso senhor transformado em Ferrão e o nosso Hintze em policia.
Que querem mais que elle dê?

Os meninos monarchicos mandaram pedir o retrato do rei.
Elle ha tanta Nossa Senhora... haverá tambem Nossa Senhora do juizo?

Os manteigueiros

A briosos do Centro academico-monarchico, arde em zelos pela vida e saude do seu rei. Solicita correu a telegraphar, felicitando-o por não ter sido attingido pela pedrada que lhe arremessára o desgraçado louco.

Vão cantar-lhe um *Te-Deum*, a grande instrumental — e pedir-lhe um *feriado*.

O Centro recebeu do sr. D. Carlos um agradecimento muito amavel. Elle gosta dos rapazes.

Previsão do tempo

Segundo o boletim de Noherlesoom, não se produzirão na primeira quinzena de fevereiro importantes mudanças atmosphericas.

Uma d'essas alterações dar-se-ha nos tres primeiros dias e será produzida por uma depressão situada a sudoeste de Portugal, de pequena intensidade, mas de área extensa, abraçando a invasão o sudoeste e occidente da Europa.

No dia 1, especialmente de tarde, dar-se-ha a aproximação de uma baixa no Atlantico, que se accentuará no dia 2 com mais força na peninsula, caindo algumas chuvas em Portugal e centro de Hespanha, com ventos do sudoeste e noroeste. A 3 a depressão estará em Marrocos e Argelia, propagando a sua acção até á peninsula, com chuvas no meio dia e levante e especialmente ventos entre sul e leste.

De 4 a 7 restabelecer-se-ha o equilibrio, com bom tempo, recordando a primavera anticipada.

A 7 começará a alterar-se o tempo; as altas anteriores produzirão no Sahará um nucleo de baixas pressões, invadindo a peninsula do sul ao norte, sem excepcional influencia, neutralizando-se a depressão que penetrou no continente pelo nordeste da Irlanda.

A 8 dar-se-ha uma depressão em Africa, tendo o centro perto do estreito de Gibraltar, com mais importancia na peninsula, produzindo algumas chuvas e ventos a sudoeste e sueste.

A 9, o centro das baixas pressões estará no golpho de Gasconha, manifestando-se, ao mesmo tempo outro centro, tambem importante ao noroeste da Europa, com mau tempo ao noroeste e norte da peninsula, produzindo ventos entre o oeste e norte.

De 9 a 13 continuarão as altas pressões; impedindo que chegue ás nossas regiões a influencia da depressão na Europa, já citada; o tempo será geralmente bom, apesar da produção dos gelos.

A 14 manifestar-se-ha o centro de uma borrasca boreal no mar do Norte, que, juntamente com o nucleo de baixas pressões no Mediterraneo, produzirá abaixamento de temperatura e ventos do 1.º quadrante na peninsula.

No dia 15 baixará notavelmente a temperatura, produzindo-se chuvas, neves e ventos entre o norte e leste, especialmente nas regiões septentrionaes e nordeste, com temporal nos nossos mares.

Assumptos de interesse local

O Conimbricense

Vamos alegrar os amigos e respeitadores do inquebrantavel jornalista, sr. Martins de Carvalho, com a nova de que o seu *Conimbricense* será publicado na proxima semana, se se não desenvolverem mais os seus atrozes soffimentos.

Infelizmente não são grandes os allivios que tem experimentado o illustre enfermo, mas o seu genio trabalhador, a sua dedicação pelo jornal, tem-lhe aggravado os seus padecimentos, e só quando de todo exausto, como agora, é que abandonou a sua banca de trabalho.

Do coração lhe desejamos os allivios de que muito carece.

Luxos camararios

Não chegam os numerarios da camara municipal para as obras de maior urgencia e necessidade, por isso que o trabalho de aterramento do Rocio paralysoou, e a outras obras vae ordenar-se o mesmo.

E' o estado de ruina em que a camara transacta deixou os cofres do municipio, distribuindo pelos compadres a afilhados boas prebendas, sem se importar com as difficuldades monetarias com que luctava.

O emprestimo ultimo sumiu-se por um tal escoadouro que ninguém mais o viu — a não ser — o que ficou á vista.

Partido medico-hygienista — a 5000000 réis por anno E' o maior dos escandalos praticados pela politica dos *jaquetas*, porisso que até hoje ainda se não viram os serviços prestados, estando a inspecção do peixe a cargo do fiscal do mercado! A rotunda no largo do príncipe D. Carlos, que é a admiração e o *conforto* do publico de Coimbra, e que importou no melhor de 5000000 réis. Tambem quinhentos mil réis!

Agora em construcção a casa-esqueleto, para exercicio de bombeiros. Uma gaiola sem utilidade que nos leva bem bons trezentos mil réis — ao que nos dizem.

E' uma inutilidade, um luxo do sr. inspector — confirmam os competentes — por que os exercicios de escada e outros os têm executado, com agilidade e persistente trabalho de manobras, os bombeiros das outras corporações, especialmente a dos Voluntarios. Tem-se visto nos incendios qual é o pessoal com mais agilidade, não o são os municipaes — dizem-nó todos — pela falta de exercicios; porque o sr. inspector não está para massadas.

Realmente ninguém tem presenciado que se gaste tempo na instrucção do pessoal bombeiro da camara; faz-se uma revista mensal ao material de incendio; mas o que se diz de manobras, está tudo pela hora da morte, nem um simulacro de ataque a uma casa! Anda isso por mesas altas; e tem-se visto a morosidade que se leva a içar a escada *Magyrus*, a desenrolar mangueiras e todas as preparações necessarias para o serviço rapido que se exige.

Além d'isso o material dos bombeiros Voluntarios é superiorissimo, adquirindo aparelhos novos, devidos á iniciativa do commandante, sr. José Simões Paes, que applicou a um carro uma sineta de alarme e que agora construiu um *breack*, para conduzir uma bomba que vae levar os socorros ás localidades rurales e ás villas proximas d'esta cidade, fazendo-se já um ensaio que deu optimos resultados.

Isto que devia ser de iniciativa da camara, está sendo organizado por uma corporação particular á custa da benemerencia do publico.

Vamos ter o luxo d'uma casa-esqueleto — e não mais incendios!
Pode ser destruida, internamente, uma casa sem lhe ter chegado falha de fogo — maq não arde!

Homenagem

Em sessão solemne realisada no domingo ultimo, a Associação dos empregados telegrapho-postaes e guardas-fios, cumpriu a grata promessa de inaugurar o retrato do seu presidente honorario, o nosso dilecto amigo e illustrado funcionario, sr. Antonio Maria Pimenta, director dos correios e telegraphos do districto.

A sala estava luxuosamente ornada e o retrato emoldurado era occulto por uma cortina de seda azul e branca.

Abriu-se a sessão ás 11 horas da manhã e quando o sr. presidente, Francisco José da Costa, depois de explicar o motivo d'aquella festa tão sympathica e tão merecida, desvendou o retrato todos os presentes levantaram entusiasticas saudações e eccoaram estridentes palmas, tão sinceras e expontaneas como sincera foi aquella festa, penhor de gratidão para com o seu director, sr. Antonio Maria Pimenta, que muito os estima.

Tambem nessa occasião o sr. João Gonçalves, um perfeito cavalheiro, que entre os subordinados goza de muita sympathia, foi aclamado pela assembléa.

Fallaram em seguida os distribuidores, srs. Manuel Pires, Cypriano Dias da Conceição, Miguel Rocha e Alves Alfonso e tambem Abilio Marques, ex-distribuidor e todos em phrases expressivas enalteceram os dotes e qualidades civicas do seu presidente honorario, que tantos e assignalados serviços tem prestado áquella associação, frizando bem a dedicação e bondade com que trata os seus subordinados, sem faltar aos deveres disciplinares.

Tambem prestaram a devida homenagem ao sr. Antonio Maria Pimenta, com palavras sinceras de amigos dedicados, o sr. Domingos d'Almeida e Silva, e o sr. João Gonçalves, exaltando ambos, num breve panegyrico, os dotes do seu coração e as suas muitas virtudes, terminando o sr. Gonçalves por esboçar a sua biographia, traçando em bem frizantes palavras o character impoluto do seu superior e amigo e as suas excellentes qualidades como cidadão e funcionario. Agradeceu commovido a manifestação immerecida que lhe haviam feito.

Quando o sr. Cypriano Dias propoz que no dia 2 de fevereiro de 1897 fosse inaugurado naquella mesma sala o retrato do sr. João Gonçalves, a assembléa rompeu em estrepitosos bravos e ovações, ficando portanto resolvido este preito de homenagem a cidadão tão prestante e a character tão honrado.

Assistiram a este acto solemne todos os empregados subalternos e bastantes superiores.

Não é de mais o que se fez ao nosso respeitavel amigo, sr. Antonio Maria Pimenta, pois quem possui dotes tão apreciaveis de civismo, e junta a integerrimidade, zelo e dedicação no desempenho de director do correio e telegrapho — tem completa a nobreza do seu character.

Os caixeiros

Os senhores negociantes que generosamente accederam ao justo pedido para que aos domingos se fechassem os seus estabelecimentos, das 3 horas em diante, tem dignamente sustentado o que prometteram e por isso não são dignos da gratidão de seus empregados, mas tambem do publico em geral.

Procedem muito bem. Não só porque é

uma causa justa e que não vae lezar interesses de ninguem, mas tambem porque é uma medida humanitaria, e hygienica para os seus empregados.

Os operarios e empregados publicos, que não só teem livres os dias santificados, e mesmo em todos os dias algumas horas de descanso, não é de mais que aos caixeiros sejam concedidas as poucas horas aos domingos. É um acto de equidade e de justiça para quem comprehende os deveres da moral.

Pena é que em todos os ramos de negocio se não faça o mesmo e que a regalia não seja geral.

Todos são filhos de Deus — diz o Evangelho — e ao bom catholico cumpre cuidar do proximo como a si mesmo. É dos mandamentos.

Passamento

Uma tristissima noticia veio no domingo, sensibilisar e commover a sociedade conimbricense.

Falleceu em Lisboa a virtuosa e estreme-cida esposa do sr. Alberto da Silva Monteiro, D. Sarah Fernandes Thomaz, neta do grande patriota e benemerito cidadão Manuel Fernandes Thomaz, e filha do antigo e respeitado secretario da Universidade, Manuel Fernandes Thomaz.

Senhora de superiores dotes de espirito e adornado com exemplares virtudes, era aqui muito respeitada, e querida não só das pessoas da sua familia e familia de seu esposo e numerosas relações de intimidade e convivencia, mas de quantos conheciam a desditosa senhora que a morte prematuramente arrebatou.

Foi por isso muito sentida a sua perda.

A expressão da nossa sincera condolencia a seu desolado esposo, interessante e sympathica filha e mais pessoas da sua illustre familia.

Tuna

Regressou a esta cidade a *Tuna Academica*, que partiu em visita ás cidades de Leiria e Figueira da Foz, onde foi entusiasticamente recebida pelo povo e mais classes, havendo á chegada marcha *aux flambeaux*, musica, foguetes e grande vivorio, etc.

Os *tunos* foram muito applaudidos pelo numeroso publico, que enchia os theatros em que se fizeram ouvir, recebendo estrondosas ovações. Executaram o variado programma com a maior correcção, a que a regencia do sr. dr. Simões Barbas já dava anticipadamente completa garantia.

O producto do concerto na Figueira reverteu a favor do *Monte-pio Figueirense*, e do cofre da *Tuna*; o concerto de Leiria foi dedicado á familia do valente capitão Mou-sinho, revertendo o seu producto a favor da *Cruz Vermelha*.

Em ambas as cidades foram obsequiados. As damas figueirenses foi offerecido um baile por uma commissão de contreraneos, para o qual foram convidados os *tunos*; em Leiria as damas, sempre amaveis, convidaram-os para um baile que terminou de madrugada.

Do programma executado, especializamos a *Preghiera* characteristic, inspirada e mimosa composição musical do sr. dr. Simões Barbas, e um *ordinario* do nosso amigo A. Moraes, vivo e de bello effeito.

O srs. Manuel J. Correia e Mansilha tambem foram muito apreciados, pela maneira

Proseguia o brigue na sua viagem, corria veloz, sulcando as ondas com vento em pôpa.

As oito horas da noite estavam á prôa alguns marinheiros conversando. Entre elles achava-se o nosso bem conhecido João Traquete, valente corvo marinha, que não temia as ondas, nem mesmo quando o vagalhão rebentava com violencia, galgando o portalo!

João Traquete era um bravo marinheiro, que sorria no meio da metralha, que brincava com o fogo da fuzilaria; mas tambem mudava de cor e tremia, como se fosse atacado de um insulto intermitente, quando lhe fallavam no frade! A isso não resistia.

Como dissemos, estavam os marinheiros conversando muito placidamente. O guardião dos pagens era um velho folgasão, bom marítimo, que nunca largava o cachimbo da boca, senão para dormir; tambem não tinha grandes recordações de frei Rozendo, e perguntou para João Traquete:

— Olha lá, amigo João, que será feito do maldito frade, que nós deixámos a bordo da corveta avariada?

— Não sei mas adivinho uma desgraça qualquer; o commandante teria feito melhor se o enforcasse no lais da verga grande. Estava mais seguro. O phariseu é capaz de zombar do mar, da fome e da sede, porque tem paz com o diabo!... Ainda o espero

como executaram em guitarras uma *valsa* e uma *jota* lindissimas.

Os academicos Macieira e Brandão disseram com graça as *cançonetas Lázarista e Zé Brôa*.

Foram offerecidos *bouquets*; e todos trouxeram as mais gratas impressões da viagem, que como sempre, os dejejicou e fez despertar desejos de breve repetição.

Para terminar esta ligeirissima noticia diremos, que os concertos foram entremeados com discursos e poesias, em que não esqueceu nunca fazer vibrar a nota patriótica, a heroicidade dos nossos soldados e a derrota do Gungunhana.

Uma festa sympathica!

COFRE IDEAL

(IMPROVISO)

Offerecido ás ex.^{mas} damas da Figueira

*P'ra brindar neste dia certa amante,
Se o luar cá na terra se vendesse,
Faria um cofre, um mimo strellejante,
Caso d'elle uma nesga obtivesse.*

*E alla noite, á hora combinada,
A' luz da lua n'amplidão sem fim,
Enviava o tal cofre á minh'amada,
Nas vibrações d'um terno bandolim.*

*Será talvez um sonho ardente e louco
Brindar a namorada com tão pouco?
(Qualquer burguez de certo pensaria)*

*Mas se amando quanto é bello,
O jasmim, a rosa, o lyrio singello,
Eu... só beijos nq cofre metteria.*

1896.

José JOAQUIM CARDOSO.

O monopolio do calçado

Reuniram-se os industriaes de sapataria para tratarem da questão do monopolio de calçado, sendo todos unanimes em fazer-lhe opposição tenaz afim de se obstar á sua realisação.

Felizmente que a numerosa classe reage e está disposta a repellir o odioso monopolio, considerando um attentado á liberdade do trabalho.

Se os proprietarios das fabricas de tabaco e os industriaes e fabricantes de phosphoros, procedessem com esta altivez e energia, não estaríamos agora a soffrer as consequencias d'esses monopolios que estão fornecendo ao publico os seus productos carissimos e de pessima qualidade, porque não temem a concorrência.

Os industriaes da sapataria de Coimbra, elegeram uma commissão de vigilancia que ficou composta dos srs.: — Manoel Teixeira, Joaquim Mendes Coimbra, José Simões e Francisco Antonio d'Almeida.

A'leatá, pois, e não desanimar!

DIVERSAS

A meza da Misericordia acaba de nomear os srs. drs. Bernardo d'Albuquerque, Manuel Dias da Silva e Assis Teixeira, para procederem á reforma, ampliação e desenvolvimento das disposições exaradas no regulamento da Santa Casa, aos collegios dos orphãos e orphãs.

encontrar; se lhe poder deitar a fiska, não o largo.

— Eu cá por mim, respondeu o guardião, se me estiver na alheta e lhe poder dar um mergulho, não lhe hei de perdoar; ainda que tivesse de mudar de rumo, ou singrar com todo o panno em cheio, para o apanhar.

— Sou da tua opinião, camarada, respondeu João Traquete; um homem que anda nas aguas do mar deve ter fé e religião, mas aquelle maldito não teme a Deus nem ao diabo.

«Nunca lhe perdoarei o mal que quiz fazer ao nosso commandante; mesmo assim não lhe fez pouco: se mais lhe não fez foi porque não pôde.

«Se o agarrase ainda com vida faria d'elle um buxa para os cachoros da prôa.

«Mas o commandante não quer ouvir isto, prosegueu João Traquete; está todo entusiasmado com a menina Carlota. Como ella pediu que lhe perdoasse, assim o fez. Não quer outra cousa.

«E eu digo commigo: Anda lá, se um dia encontrares o frade pela pôpa, agradece á menina o favor, já que foi tão caridosa com aquelle maroto.

— Olhe lá o commandante vae para Lisboa?... irá casar? disse o guardião. E olhe que não fica mal servido... é um peixe de appetecer!... Eu nem posso olhar para ella; acho-a tão bonita, que até me parece que os meus olhos não são dignos de a ver.

Theatro Circo Principe Real

A concorrência a esta casa de espectaculos foi hontem bastante numerosa. O novo trabalho de mr. Herzog com os 6 cavallos em liberdade é um verdadeiro prodigio, de completa novidade e bem merecedor foi dos unanimes e justos applausos que recebeu do publico. Ainda cá a Portugal não veio melhor, e estamos certos que o não veremos: é uma maravilha.

Hoje é a festa dedicada ás damas, tendo entrada *gratuita* toda a senhora acompanhada de cavalheiro, o que equivale a dizer que a enchente deve ser completa. Figuram no programma os *6 cavallos em liberdade*, assim como outros trabalhos de grande merecimento, como o de *jonglage* pelo chevalier Roberto Alfonso, e os dois numeros equestres pelas gentis irmãs Zephora e Ella.

O eximio artista mr. Fillis apresenta-se sabbado, pela segunda vez ao publico como *jockey*.

Vimos hontem que mr. Fillis é soberbo de agilidade nos seus trabalhos. O espectaculo é attrahente e não faltam os intermedios graciosos por *Tonito, Cerdani, Broza e August Seiffert*.

Tonito é um clown impagavel!

Operações cirurgicas

No decorrer da semana finda, foram praticadas as seguintes operações:

Na clinica escolar de mulheres: pelo professor, sr. dr. Sousa Refoios, uma ovariectomia, motivada por kistos multiloculares dos ovarios, a uma doente. Foi auxiliado por alguns alumnos do 5.º anno, com assistencia do curso.

A operação correu sem incidente, e a doente acha-se bem disposta.

Foram executadas pelo professor, sr. dr. Daniel de Mattos estas operações;

A extirpação d'um kisto unilocular do maxilar superior direito, a uma doente. A outra foi feita a ressecção da tibia, em virtude d'uma fractura exposta, com projecção dos topos fracturados.

Na clinica cirurgica de homens: foi praticada a amputação da côxa direita a um doente, motivada por um epithelioma da região tarcica anterior. Foi auxiliado nestas operações por alguns alumnos do 4.º anno, e assistencia de todo o curso.

Pelo professor, sr. dr. João Jacintho, foi operada uma doente da 5.ª enfermaria, de amygdalotomia.

Carteira da policia

Foi preso o gatuno Filipe Peixoto Guimarães, natural do concelho do Porto, por provocar desordem em Santa Clara, e vir para a rua de Sargento-mór em perseguição d'um negociante ambulante, armado d'uma pistola de dois canos, que lhe foi apreendida e enviada com o mesmo para juizo.

Foram presas e enviadas para juizo, as ciganas Narciza Rosa, Maria Antonia, Joanna Rosa Maria do Carmo, pelo facto de terem entrado no estabelecimento de Jayme Lopes Lobo, na praça do Commercio, a quem fortaram o lençol, cachenez, no valor de 800 réis, os quaes foram esconder numa insua proxima da casa em construcção do sr. Ayres de Campos, aonde foram encontrados.

— Olhe lá como o nosso velho guardião está sisudo. Quando nós estivemos na India, haverá seis annos, não eras tão vergonhoso; atiravas-te ás malaias como um tubarão! É quantas vezes lhe dizia eu: «Mestre, acautele-se, olhe que estas embarcações trazem muita avaria. Quem nelles navegar arrisca-se a dar com o leme nalgum Recife. Metta em cheio; vire de bordo, mestre; siga outra bordagem; singre com vento de feição, passe-lhe de largo, sempre a barlavento».

Assim passavam os dias aquelles bravos; dedicados ao seu commandante, adivinhando-lhe o pensamento.

Quando estavam nesta animada conversação, o gageiro bradou:

— Commandante, parece-me que temos terra por bombordo!

Carlos subiu á ré, e disse:

— Não te admires, homem; havemos de ter terra tanto por bombordo como por estibordo.

— Commandante, disse o velho guardião, quando chegaremos á nossa boa cidade de Lisboa? Juro-lhe, commandante, que já tenho saudades d'ella.

— Para fazeres das tuas?

— Oh! commandante, eu só hei de embebedar-me no dia do seu casamento, porque nunca me cansarei de lhe fazer saudes, e á menina Carlota.

(Continua)

52 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS RINHO DE ALMEIDA

CAPITULO XI

Apontamentos ouriosos

O brigue era veloz: deitava oito milhas por hora. A tripulação passava os dias no serviço; nas horas de descanso conversava. E aquelles lobos do mar, com as frentes gretadas pelos frios polares e pelo calor dos tropicos, riam e fallavam das suas aventuras.

Se, porem, vinha á tela da discussão o nome de frei Rozendo, benziam-se e diziam com terror:

— Esse homem é um demonio; não tem alma christã, não obstante vestir um habito de religioso! Que será feito d'elle? Já terá servido de pasto aos tubarões? Se algum tubarão comer aquella carne maldita, terá com certeza uma indigestão e esticará a canella.

RECLAMES E ANNUNCIOS

CARROS E ARREIOS

Vendem-se dois phaetons que servem para um ou dois cavallos.

Dois pares de arreios de parella, um com ferragem branca e outro amarella; um arreio para um só cavallo, com ferragem amarella, tudo em bom uso e preços convidativos.

Para tratar na **Correieira Central** de Adriano Francisco Dias, rua de Ferreira Borges, 9 a 15.

Esta casa continúa a vender por preços commodos arreios de cavallaria e parella, malas e todos os artigos de viagem, tambem se concertam os mesmos, assim como se incumbe de estofar carros de novo.

PREVENÇÃO

Não confundam o estabelecimento de correieiro, O que tem um jockey com um cavallo á mão, é o que pertence a Adriano Francisco Dias.

9—Rua Ferreira Borges—15
COIMBRA

Banco Commercial de Coimbra

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Convida os srs. accionistas d'este Banco, que fazem parte da assemblea geral, a reunirem na casa do Banco, na rua do Visconde da Luz, n.º 86, no dia 13 de fevereiro proximo, pelas 7 horas da tarde, afim de dar cumprimento ao disposto no artigo 14 dos estatutos.

Coimbra, 31 de janeiro de 1896.

O Presidente da assemblea geral,
Antonio Rodrigues Pinto.

FERNÃO PINTO DA CONCEIÇÃO

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

COIMBRA

16 Grande sortimento de cabeleiras para anjos, theatros, etc.

VIOLEIRO

Augusto Nunes dos Santos, (sucessor de Antonio dos Santos), premiado na exposição districtal de Coimbra em 1884 com a medalha de prata, e na de Lisboa de 1890.

Com officina mais acreditada d'esta arte participa que faz toda a qualidade de instrumentos de corda concernente á sua arte; assim como os concertos com a maxima perfeição, como tem provado ha muitos annos.

Tambem vende cordas de todas as qualidades. Preços muito resumidos.

Rua Direita, 16 e 18 — Coimbra.

ADS PHOTOGRAPHS

Productos chimicos, chapas allemãs, cartões em diferentes generos, prensas, etc., etc.

Preços de Lisboa.

DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª

Mont'arroyo 25 a 33 — COIMBRA

FACTURAS

DESENHOS VARIADOS

IMPRESSÕES NITIDAS

Typ. Operaria — Coimbra

QUEIJO DA SERRA

Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa, das melhores queijeiras do concelho d'Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

PAPELARIA CENTRAL

2—Rua do Visconde da Luz—6

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS



INGER

Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE JOSÉ LUIZ MARTINS DE ABAUJO

90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

6 O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas **Singer**, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os ultimos aperfeiçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.

Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte *gratis* para os compradores de fóra da terra e *outras garantias*. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.

Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto. Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja **Singer** com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 6\$500, 7\$000, 8\$500 réis e mais preços, capas e batinas preços sem competencia, varinos de boa catrapianha com forro e sem elle desde 5\$000 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.

Tem esta casa dois bons contramestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.

Sempre honito sortido de chitas, chailes, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.

Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machinas.

Alugam-se e vendem-se **Bi-cyeletas**.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers espingardas para caça, os melhores systemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Pastilhas electro-chimicas, a 50 réis } indispensaveis em todas as casas
Brilhante Belge, a 160 réis. }

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

1 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**
COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

CASA LEÃO D'OURO

117 — RUA FERREIRA BORGES — 123

COIMBRA

GRANDE ESTABELECIMENTO DE PANNOS E CASIMIRAS

COM

ATELIER DE FATO POR MEDIDA PARA HOMEM E CRENÇA

DIRIGIDO POR HABEIS CONTRA-MESTRES

A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um

EXTRAORDINARIO E VARIADISSIMO

sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais **alta novidade**, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2\$500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7\$500 réis.

Dita de casimiras e pannos pilotosou moscows para **dragues** e **vestons**, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8\$000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para **ulaters** ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em 8\$500 réis.

Dita para **makferlanes**, **double-capes** ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Explendidos cortes para calças e fatos completos, de **casimiras e chevios ingleses**, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais **CHIC** para **smokings**, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio. — Excellentes **montagnaes** nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 a 8\$000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para **jaquetões** e **sobretudos** de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creança, a principiar em 7\$0 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos, desde 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de paninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automatic, de 450 a 4\$500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de cor que se vendem com o **abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor!!**

Bi-cyeletes pneumaticas, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida **com o abatimento de 35\$000 e 45\$000 réis!!**

Uma machina para alfaiate-industrial ossilante de **singer** — que se vende por metade do seu preço.

Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimos figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR — Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração — Largo da Preiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

	Com estampilha	Sem estampilha
Anno	2\$700	Anno 2\$400
Semestre	1\$350	Semestre 1\$200
Trimestre	680	Trimestre 600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impresso na Typographia Operaria — Coimbra

Defensor do Povo

COIMBRA — Domingo, 9 de fevereiro de 1896

POLÍTICA COLONIAL

A EMANCIPAÇÃO DE CUBA

III

A administração colonial foi, desde todo o principio, deficiente, anormal, ruinosa, corrupta e desmoralisadora.

A uma compressiva e rude sujeição, melhor diríamos, prepotencia militar, ajuntaram-se a barbara ignorancia, a exploração insaciavel e sem escrupulos, a soffrega e cruel pirateria dos governadores, seus delegados e agentes.

De accentuada indole e pronunciada feição marcial e conquistadora foi, por isso, desde logo e sempre, exaggeradamente auctoritaria, selvagem, feroz e despiedadamente despotica a administração governamental e a gerencia economica das colonias de Hespanha e Portugal.

Entre a administração das colonias e a da metropole cavaram os dois potentados maritimos, Hespanha e Portugal, um abysmo, que não só continuou aberto, mas talvez se profundou, depois das revoluções liberaes, que na Península apenas conseguiram transformar, aparentemente, a monarchia absoluta na realza hypocritamente constitucional, em um absolutismo disfarçado, escondido por detraz de certas ficções attrahentes, envolvido em fórmulas traiçoeiramente sedutoras para nos illudir e subjugar.

O que dizemos do elemento politico, do governo secular e da auctoridade civil, pôde igualmente applicar-se ao elemento religioso, ao governo clerical.

A Igreja e o seu clero não foram para com as colonias, que tambem sujeitaram ao seu terrivel poder dominador e a sua insaciavel cubica e desordenada exploração, protectores e gerentes nem mais generosos, nem mais humanitarios, nem mais dedicados, nem mais christãos.

Uns e outros só cuidaram de se engrandecer e accumular riquezas.

Se os governadores e o seu numeroso sequito de empregados, delegados e agentes do governo temporal, na gerencia e administração das colonias, foram sempre, e têm sido constantemente exploradores e despoticos, um bando de aves de rapina, os bispos e o seu clero no ultramar têm sido o mesmo; nunca foram mais clementes e desinteressados, devendo todavia, em relação a estes fazer algumas raras excepções, que aquelles não comportam.

Foi por tudo isso que os Hespanhoes perderam a maior e, talvez, a melhor parte das suas vastas e ricas possessões na America do Sul.

Foi por tudo isso que nós os Portuguezes, pouco a pouco, perdemos uma parte do nosso patrimonio ultramarino, e fomos reduzindo, progressivamente a olhos vistos, e já agora sem remedio, a nossa soberania, o nosso prestigio, a nossa influencia no ultramar, cousas estas que podiam ser grandes, effectivas e indisputaveis.

Foram aquellas as causas que provocaram, e fatalmente produziram a separação e independencia do Brazil.

Foram ellas que originaram, e motivaram a separação e independencia do Mexico e de outras possessões hespanholas, que se proclamaram livres e autonomas, e formam hoje estados e republicas, mais ou menos florescentes.

São ainda as mesmas causas, a ignorancia, a imprevidencia, a ferocidade e a orgulhosa altivez da metropole hespanhola as causas, que por vezes têm provocado, e

de novo agora provocam em Cuba a continuação d'esse nobre movimento emancipador e autonomista, d'esse esforço digno e legitimo, da parte dos cubanos, para conquistar e haver, como cousa propria, sua e muito sua a autonomia politica, a liberdade economica, o engrandecimento moral.

Poderão os cubanos ficar ainda, por esta vez, vencidos e esmagados; poderão os hespanhoes manter a sua soberania territorial em Cuba, opprimir e castigar, brutal e cruelmente, os insurrectos, conservar aquella possessão agrilhoada ao seu dominio e sujeita á sua barbara e insaciavel exploração economica; mas terão de sacrificar á sua ambição e orgulho, ao seu capricho e egoismo muitas vidas, muito dinheiro, de soffrer enormes danos, de empregar a força e a violencia, a oppressão e a tyrannia.

E para que?

Para dentro de alguns annos, de alguns mezes talvez, o movimento se renovar e reproduzir-se com mais energia, com maior e mais desesperado impeto, em taes e tão poderosas condições, que se torne indomavel, invencivel; e então a emancipação de Cuba, por inevitavel e fatal, será um facto consummado, juridicamente reconhecido e diplomaticamente sancionado pelas Potencias do Mundo.

PELOS CAIXEIROS

Quando o brilhante espirito de Guttemberg illuminou o mundo com o novo sol da sua maravilhosa descoberta teve de certo a clara intuição do que viria a ser a imprensa por esses seculos além...

Mais do que para forjar calumnias e enredar intrigas; mais do que para excitar facciosismos e accender paixões; mais do que para deprimirem elogios e apoteoses de banalidades, a imprensa é o mais forte impulsor d'este progresso lento e firme que continuamente vae modificando o organismo social.

Onde quer que haja uma injustiça que deprima ou uma oppressão que tyrannise, uma desgraça que humilhe ou um vicio que avilte, ahí deve estar sempre, sollicita e generosa, a imprensa. Foi porisso, foi em nome d'este principio tantas vezes desprezado ou esquecido, que nós justificamos ha tempos (se justificação era necessaria!) o encerramento dos estabelecimentos commerciaes ao domingo.

A justiça d'este facto mette-se tanto pelos olhos dentro que parece incrível que haja visseira d'aço tão egoista que lhe possa resistir...

Mas existem seres que a nada se movem, ou antes, que nada os move...

Consta-nos que alguns negociantes d'esta cidade, não obstante a promessa feita aos seus empregados, depois de haverem fechado os estabelecimentos dois ou tres domingos, já querem voltar á antiga rotina, sujeitando assim os pobres caixeiros a uma reclusão permanente!

Que os velhos tenham pouco que fazer pelas ruas e pelos passeios aos domingos de tarde: que elles prefiram o estar arrumando as suas fazendas e dar balanço aos seus negocios, a um pouco d'ar, cá pelas estradas, que lhe refresque a cabeça e os pulmões, compreendendo-se perfeitamente.

Quando se pensa nesta tendencia innata de todos nós para zelar e augmentar a nossa propriedade, neste tão entranhado amor por tudo que é nosso que ás vezes arriscamos a propria vida por elle, a gente desculpa facilmente que os patrões queiram antes espanar as estantes e arrumar as chitas do que passear cá por fóra.

Mas já assim não é, nem pôde ser com rapazes novos, repletos de esperanças e cheios de vida. Estes querem e precisam do que o proprio Deus precisou — um dia de descanso após seis dias de trabalho.

AS HUMANIDADES DO CEU

Sendo o ceu o espaço incommensuravel no qual as estrellas arrastam os seus cortejos de systemas planetarios, sendo o sol uma estrella, sendo a Terra um dos planetas do seu sequito, é claro que a Terra se encontra collocada no ceu. E, como o espirito humano precisa de indução, como sendo esta uma lei organica da sua intelligencia, nós somos levados, pela indução, a universalizarmos as leis observadas á superficie da terra, estabelecendo que, em toda a parte e sempre que se dêem as mesmas circumstancias que determinaram na Terra o apparecimento do homem, e as que permittem a sua conservação e desenvolvimento, ahí apparecerão seres semelhantes a nós, progressivos como nós, constituindo outras tantas humanidades.

A questão da habitabilidade dos planetas surge pois ao espirito, se bem que no estado de hypothese, por nunca poder ser experimentalmente provada, num grau de evidencia tal que quasi lhe dá o caracter de certeza scientifica.

Desde a mais remota antiguidade que a crença na habitabilidade dos outros corpos celestes se apossou dos espiritos superiores, que não se deixam enredar em preoccupações doutrinaes d'um tradicionalismo fundado nas allucinações dos illuminados.

Aristoteles, Quinto-Curcio, Plutarco haviam proclamado essa crença. Nella se fundava, de facto, a religião druidica, que ensinava como um dogma de fé a pluralidade dos mundos. Por ella soffreu Geordano Bruno o martyrio que lhe proporcionou a inquisição romana... E ainda modernamente, não só os philosophos livres-pensadores, como o proprio padre Secchi ahí a affirmam, sem que os seus adversarios encontrem razões serias para a combaterem.

Em verdade, a repugnancia na acceitação d'estas hypothese, que têm todos os visos d'uma verdade adquirida, se o raciocinio inductivo tem algum valor real, essa repugnancia é apenas filha de preconceitos da ordem religiosa. O erro geocentrico, que consistia em affirmar a terra como *nodus* central do universo, todo elle creado para recreio visual do homem, era a grande força dos que negavam a habitabilidade das demais terras do ceu. Destruído porém esse erro, graças a Newton, a Kepler, a Galileu, a Copernico, a Hyggens, ao proprio Pascal, que reduziram o valor da terra no universo aos seus justos limites, o que lhes resta?...

Em vez de objecções de caracter scientifico, formulam-se as de caracter theologico. Inquire-se se, sendo os demais planetas habitados, os seus homens serão peccaveis ou impeccaveis. No primeiro caso, se tambem por elles se terá effectado o drama da redempção, ou se o Filho de Deus só para nós terá reservado as suas complacencias; no segundo caso, se elles viverão numa felicidade edenica infundavel. E, como os livros sagrados nada nos revelam sobre tão transcendentaes assumptos; conclue-se pela negativa, e apoda-se de heretica a affirmação da habitabilidade dos planetas!

Fantenelle escreveu sobre o assumpto um verdadeiro poema em prosa (*a Pluralidade dos mundos*); alguns annos antes d'elle tambem Hyggens affirmava, scientificamente a mesma theoria.

A objecção apresentada por o reverendo Whewell, pastor britannico fallecido, dizendo que a habitabilidade dos planetas resulta absurda desde que tudo leva a crer que as condições de temperatura são alli, para mais ou para menos, diferentes das da terra, essa objecção não colhe. Em primeiro logar, porque ninguem affirmar que os habitantes dos outros planetas sejam identicos em absoluto aos da terra, mas apenas um grau de similhaça compativel com a diversidade attendivel do meio. Em segundo logar, a temperatura só não basta a diversificar as especies, como o demonstram, concomitantemente, a geologia e a archeologia prehistorica, mostrando-nos o homem em épocas em que as condições thermicas da terra eram muito outras das de hoje.

Mas, se até hoje, nos limites do observavel, a indução nos não enganou ainda, dando ao espirito humano a certeza da invariabilidade das leis naturaes, a que titulo a desprezaremos neste particular, admitindo para a

terra umas leis especiaes, desconhecidas de mais de quatro biliões de planetas que giram em volta das estrellas constitutivas da via lactea?...

Limitemo-nos porém só ao nosso systema planetario.

Mirte, com a sua vegetação avermelhada, devido talvez á falta de agua com que lucta, porque não ha de este planeta ser habitado como a terra, quando tanto, sob outros aspectos, se assimilha a essa terra?

Elle tem gelos polares como nós, o que parece indicar que as suas estações devem ser semelhantes ás nossas, tem mares como nós — menos vastos, é certo, mesmo relativamente, mas tem-nos. E, sendo o mar o grande laboratorio da vida primitiva, como não se terá desenvolvido lá esta vida que na terra por toda a parte se propagou?...

Jupiter, que, tendo sempre o sol no equador por isso mesmo gosa d'uma primavera perpetua, não terá habitantes? Voltaire, vendo nessa circumstancia a impossibilidade da produção do trigo, concluiu que era impossivel alli a existencia do homem. Como se o trigo fosse a condição imprescindivel da existencia humana!...

Mas, que o fosse! quem tem a pretensão de sustentar que as humanidades do ceu sejam absolutamente identicas áquella de que fazemos parte? Ninguem o afirma. O que se afirma é que as terras do ceu terão, embora diversamente organisadas, os seus habitantes vivos, pois que as forças que produziram a vida á superficie da terra não podem constituir um monopolio em proveito d'esta.

No seu movimento de rotação os planetas têm dias e noites, como nós; têm estações, como nós; estão divididos em parte solida e liquida, como a terra; têm, em geral, atmosphaera, como nós; ha lá os elementos indispensaveis á vida, o azote, o oxygeno, o hydrogenco, o carbone, como na terra, porque lhes ha de pois faltar a vida que, na terra, tão galhardamente se ostenta?...

Evidentemente, se a indicação pôde constituir certeza para o espirito humano, é indubitavel que os habitantes da terra não são os unicos que, no universo, podem gozar das maravilhas da criação.

Pergunta Luiz Büchner:

«Se foi apenas para servir aos homens e aos animaes que uma força creadora individual creou os mundos e tudo quanto existe, de que poderá servir esse espaço immenso, deserto, vasio, inutil, onde nadam, quaes pontos imperceptiveis os soes e as estrellas?... Porque não seriam habitaveis por homens os outros planetas do nosso systema solar?...

Evidentemente, á face da razão, a habitabilidade dos planetas impõe-se.

HELIODORO SALGADO.

Homenagem a José Falcão

Os nossos prestimosos correligionarios da commissão municipal republicana de Santarem enviaram 190100 réis á commissão academica que trata da reedição da *Cartilha do Povo*.

BENJAMIN, DEODORO, FLORIANO E MORAES

Perguntou Deus quem fizera
Esta Republica assim!
E não sei quem disse que era
O Benjamin...

Foi o Benjamin chamado
Mas, por modestia ou decoro,
Disse: antes fosse escutado
O Deodoro...

Foi o Deodoro... e querendo
Não laborar num engano,
Disse: isso lá... só sabendo
Do Floriano...

Lá vae o Floriano agora,
Prestar contas do que fez:
E assim se foram embora
Todos os tres!

O actual presidente
E Prudente de Moraes...
Uma pergunta prudente:
Demoraes?

MUCIO TEIXEIRA

Sciencias, lettras e artes

O NARIZ DO GENERAL

(TRADUÇÃO DO HESPAÑHOL)

— Anda cá, Bibi, e escuta attentamente o que vou dizer-te. Esta noite temos visitas, entre ellas a d'um general cujo semblante ficou horrivelmente desfigurado na guerra do Ton-kin. Como te conheço e desejo evitar que pratiques alguma das tuas inconveniencias, vou prevenir-te, antes de mais nada, d'uma cousa... Toma bem sentido; se diseres só palavra que seja a respeito do nariz do general Suif os açoites que receberás não de te ficar sempre na lembrança, porque te farão sangue... no sitio onde se dão os açoites...

— Não de fazer-me sangue!... Está sempre a dizer o mesmo, e nunca me fizeram sangue!

— Bem, pois atreve-te a dizer alguma cousa a respeito do nariz do general Suif, e verás o que te acontece!...

— Está bem, descanse; não fallarei do nariz do general.

— Promettes-m'o?

— Não acabei de te affiançar que nada direi?

— E' que eu conheço te muito bem, maganão; sei por triste experiencia que és traquina como poucos, e que em se-lo, achas o teu maior prazer.

Muitas vezes envergonho-me de me irem dizer que tenho um filho malcreado. Por exemplo, outro dia, quando a familia Ru-seek veio almoçar connosco, tú, illudindo a minha vigilancia, foste á sala do jantar e lá fizeste uma garotice imperdoavel... Cada vez que me lembra o que tú fizeste!... Não foi mais nem menos do que espremeres as cerejas para lhes tirares os caroços...

— Já te expliquei que, como os caroços se não comem, julguei poder...

— Cala-te, cala-te!... E o que fizeste quinze dias antes, quando cá veio jantar o director da fabrica onde sou empregado? Nem ao proprio demonio lembraria descascar os pecegos, deixando-os a escorrer na fructeira de crystal... uns pecegos que eram mesmo uma belleza, os melhores pecegos que encontrei no mercado!

— Olha, não andei tão mal como dizes, porque o director disse-me a rir-se: «Como é amavel o menino: quiz evitar-nos o trabalho de descascar os pecegos».

— Um grandissimo porco e desavergonhado é o que tú és, meu tratante... Não te esqueças porém da minha advertencia, Bibi; toma conta, tú a fallares no nariz do general Suif, e a teres uma boa e duradoura recordação do dia d'hoje.

— Quantas vezes sei preciso recomendar-me que não falle no nariz do general?

Poucas horas depois, os donos da casa, o traquina Bibi e varios convidados entre os quaes fallava o general Suif, estavam sentados em volta d'uma mesa bem servida. O general, homem corajoso, que recebera no rosto uma terrivel cutilada, que lhe levou por completo o nariz, era objecto de toda a curiosidade e observação de Bibi, que repentinamente interrompe a conversação das pessoas maiores, e exclama dirigindo-se assim á mamã:

— Não sei porque me prohibiste de fallar no nariz do general Suif. Devias ter comprehendido que não iria fallar d'uma cousa que este senhor não tem!

GABIRU.

Umás ferias em Madrid

(IMPRESSÕES)

V

Um dos factos, que maior impressão causou á viva e espiituosa população madrilenha, foi os estudantes portuguezes andarem sempre em cabello, apezar da fria aragem que tranzia e cortava.

Ouviamos, frequentemente, as creanças perguntarem aos paes—se nós eramos *curas*; porque, pelo vestuario, em nada nos differenciavamos d'elles.

Os paes davam-lhes então esta resposta, que os convenia: *mira que tienen bigotes, no pueden ser curas!*

Quando nos tres primeiros dias, depois da nossa chegada, os olhares das *niñas* nos fitavam persistentes, e nos miravam sorrindo maliciosas, principalmente para alguns *tunos*, formosos e elegantes rapazes, a quem o uniforme academico ficava lindamente, parecia-nos que os seus grandes olhos chispavam lume...

Ouviamos tambem ás vezes, ao passar, graciosos ditos, significativas phrases, lançadas ao vento... mas que soavam aos nossos ouvidos como a mais deliciosa das harmonias, trespassando a nossa alma de Romeus enamorado, que vibrava de intimo contentamento, envolvendo-nos em uma atmosfera de volupia, que nos impellia a seguir as fugitivas Julietas; estas porém desapiedadamente se escondiam numa volta, ou se perdiam no meio da turba multa que as... cubiçava.

Muitos *tunos* vimos andar d'um lado para outro, quasi correndo, acotovellando uns e outros, sem saberem para onde dirigir-se, sem saberem mesmo o que procuravam, perdidos de todo, allucinados...

Mysterios do coração humano, que não nos atrevemos a desvendar, como receio de ferirmos um assumpto que... é melhor deixar nublado.

Ha um outro mysterio, que ainda não pude tambem advinhar, por mais que perguntasse a sua explicação ao Pimentel, o primeiro que nelle fallou, e com que enthusiasmo!...

Dizia-me elle: ora tu, que tão amigo és de saber a razão das coisas, dá-me a solução d'este problema:

Por que é que, a altas horas da noite, os *tunos* augmentavam, e, estando os *tunos* hospedados no *Hotel Colon, calle d'Alcalá*, de manhã, acordavam uns na *calle del Barco*, outros na *calle Peligros*, etc.

Realmente fiquei pensativo, e callei-me; hoje... farei o mesmo, nada posso dizer.

Mysterios da vida humana!

Tudo por causa do coração e do amor... Resignemo-nos; o mundo fez-se assim!

Paravamos de preferencia deante dos luxuosos estabelecimentos de modas e *bijouteries*, pois raro era o recém-chegado que não trouxesse encomendas, para a familia, ou quizesse trazer, de lá, *recuerdos* para os amigos.

Um nosso amigo e inseparavel companheiro de viagem, um portuguez de lei, franco, jovial, aberto e expansivo, trouxe um verdadeiro *arsenal*: parecia, um negociante, que tenha ido ao estrangeiro surtir-se, e voltava completamente descaçado; trazia de tudo, e os freguezes tudo encontrariam no seu estabelecimento.

Na sua mala viam-se: leques e ventarolas de todos os generos, qualidades e tamanhos; objectos d'ouro e prata, pandeiretas pintadas e por pintar; lenços de seda para o pescoço, cabeça e bolso; mantilhas pretas e de côr; côrtes de seda para vestidos... emfim tudo que uma bolsa recheada de boas libras pôde alcançar, terminando por trazer uma boa capa á hespanhola!

Grande foi, porém, quando passámos a fronteira, a sua atrapalhão para esconder tudo aquillo; os bolsos não chegavam; elle atafalhou a cópa do chapéu, as botas, as mangas do seu casaco e as dos amigos que, como eu, se viram de repente mais gordinhos do que o Chaby.

Outro *tuno*, esse então, que trazia uma trouxa tambem assás volumosa, despiu-se, tornando-se um *Seraphim de Samsão*, em alguns minutos.

Mal podia voltar-se; e, coitado! ainda por cima, ouvia constantemente protestos dos companheiros de carruagem, que estavam com receio de serem victimas da gorda e... do contrabando.

Ei-los, assim os dois, enchouraçados, esperando receiosos e desconfiados a chegada dos guardas fiscaes, e recommendando silencio, que se não rissem, que não olhassem para elles, porque os compromettiam, etc.

Os guardas, porém, entram, e contra a expectativa geral, retiram-se sem nada ver nem apalpar.

Os nossos heroes ficaram satisfeittissimos; mas, ao mesmo tempo, logrados.

Tinham tido tanto trabalho para esconderem as encomendas; tinham, apesar do frio, soado tanto!

Vingaram-se levantando vivas á guarda fiscal, numa berraria insurdecadora.

Depois é que foi o bom e o bonito. Nós, os depenados, que nada traziamos para a familia e muito menos para os amigos, por absoluta incapacidade pecuniaria, começámos á *piada*, em quanto elles se desatuhavam, e desenfardavam, sempre elogiando os guardas, em phrases bombasticas d'um patriotismo nephlibata.

Esquecia-me dizer que o A. Pimentel trazia não um *arsenal*, mas um muzeu de pequeninos objectos, os quaes triumphante mostrava a todos, pedindo opinião, e fazendo o panegyrico de cada uma das bugigangas que, imponente e vaidoso, ia expondo aos olhares, mas sempre receioso das unhas dos parceiros...

(Continua).

GABIRU.

‘O PRETO NO BRANCO.

O titulo é bem expressivo e condiz perfeitamente com os artigos que insere o nosso valente collega açoriano que na liça da imprensa apparece audaz e destemida, arvorando a bandeira tricolor, que representa o grande ideal da Republica!

Na sua apresentação mostra o semanario — *O preto no branco* — o pulso tijo de combatente vigoroso. O seu artigo de apresentação — *As nossas credencias* — é escripto a corresponder ao seu titulo — *o preto no branco* sem transigencias, com imparcialidade e energia.

Interessa-o as questões de caracter politico, e como açoreano, não pôde ser indifferente á natureza das instituições constitucionaes da metropole.

Penalisa-nos bastante não termos espaço e sejamos obrigados a limitar as transcripções do energico artigo que põe a descoberto as pustulas dos poderes constituídos; porém, daremos o sufficiente para se avaliar a sua attitude.

Depois declara que não mira á defeza de interesses individuaes, nem á de conveniencias facciosas, trata tão sómente da séria doutrinação dos principios. Diz que em Portugal, a par d'esta politica doutrinaría de convicções, austera e grave, outra ha que, sem idéas definidas, cura apenas de interesses dynasticos e, inspirada pelos méros caprichos realengos, tem levado o Paiz á mais deploravel e vergonhosa das situações — á situação de traficante dolosamente fallido!

Mostra-nos a politica de perseguições, potente para abafar nos peitos valorosos os gritos de indignação e atirar ás enxovias com quem ousa protestar; lá vae medrando ás mil maravilhas, no seu sólo pôdre, fruindo contente o preço das suas veniagias, sem preoccupações se quer das responsabilidades do passado nem das severas condemnações do presente.

E exclama: — tal é a politica do compadrio partidario e do favoritismo que, á sombra e por via do Paço, tem occupado o logar da Politica nacional e verdadeiramente democratica — unico salvaterio para que appellam os elementos sérios, os homens honrados e de boa vontade, que felizmente não escasseam ainda em Portugal.

Na tremenda campanha que enceta contra a politica de corrilho, que a monarchia sustenta, affirma alto e bom som — que os Thronos e as Dynastias — cousas prestadias outr'ora — vão cahindo aluidos ao contacto da rija corrente dos tempos, quando a sua funcção social, tornando-se inconciliavel com o progresso evolutivo das Instituições e, mórmemente com as aspirações dos povos, nem attende a estes, nem aperfeiçoa aquellas.

E sem rodeios avisa os poderes do Estado, que não se violam impunemente as leis naturaes das sociedades; quem governar unicamente pela força, postergando o direito, e conspurcando a honra da sua patria, ha de ser fatalmente victima da violencia.

O que se observa neste momento critico, por toda a parte, é o regime da força bruta, posta ao serviço d'um governo tão odiado pelo seu caracter absolutista, como desprezível pela sua inepcia politica e pela sua immoralidade administrativa.

E diz-lhe com alizez: não ha lei constitucional, nem garantia de direitos. Só domina o arbitrio dos ministros que, sem travancos opposicionistas sérios, sem temor de opinião publica e até com a salvaguarda das leis que suffocam a Imprensa, lançaram ás mãos rotas por todo o paiz os germens d'um cataclysmo sem igual na nossa Historia. Chegará tarde o arrependimento.

Pôde por acaso esperar-se que a situação se pacifique com novas mutações de governo? Não o crêmos; o mal é de raiz —

tronco, ramos, fructos, tudo está a esphace-lar-se de pôdre, ou eivado da seiva que condiz á morte fatal.

Accusa as opposições monarchicas, e com verdade lhes diz que ellas só bramam e vo-ciferam fóra do poder, e que se amanhã forem chamadas aos conselhos da coitôa e seguirão logo a mesma vereda de despotismos e de perseguições, esquecendo-se systematicamente de tudo quanto protestou nas horas mortas da adversidade.

Nun grito de amor patrio, de republicano arreigado á sua causa, termina em brilhantes periodos e vibrantes apostrophes contra os dictadores.

Só os republicanos portuguezes têm auctoridade moral para fallar ao Paiz; só elles estão forros de responsabilidades e, porisso, só elles podem verberar os crimes de que é responsavel o Constitucionalismo portuguez, hoje moribundo.

Não apoiaram dictadores; não entraram em accordos; não fomentaram esbanjamentos; previram a tempo o espectro da bancarrota; bradaram sempre contra a intervenção estrangeira; denunciaram nobremente as fraudes nas questões diplomaticas com a Inglaterra, com a Allemanha, com o Brazil, com a Argentina, com a Italia, etc. Têm, pois, a sua bandeira sem manchas; devem fallar — e as suas palavras são o peso da Verdade, que todos reconhecem e ninguém sabe contradictar.

Ora a Verdade é que o futuro do nosso desgraçadissimo Paiz está dependente do futuro da Democracia peninsular.

Um bravo do *Defensor do Povo* ao novo collega, ao vigoroso combatente, camarada valoroso, que vem á liça de frente levantada e peito a descoberto.

Mil venturas e prosperidades lhe auguramos.

Com muita razão se intitula — *O preto no branco*.

Cuba

O general Martínez Campos quando chegou a Madrid era esperado na estação por uma enorme quantidade de gente. Apenas dois vivos saíram d'entre a multidão.

Ao descer do comboio, Martínez Campos abraçou o presidente do conselho de ministros, recebendo os cumprimentos dos personagens officiaes e amigos que se achavam na estação.

Subiu em seguida para um trem e, quando este partiu, d'um grupo romperam assobios e morras, captorando a policia, que occorreu, os principaes manifestantes.

Durante o trajecto da estação até á *Cuesta de Santo Domingo* repeliram-se os assobios.

Um dos presos por causa da manifestação hostil ao general, querendo aproveitar-se da aglomeração de povo, tentou fugir. Correram sobre elle os guardas civis mas o homem, como que vonva, ganhou logo grande dianteira.

Chegando perto de Lavanderas, um guarda que ali estava e que viu o sujeito perseguido pelos policiaes, deu-lhe tres vezes voz de alto, e como elle não obedecesse á intimação, disparou-lhe dois tiros. Conduzido á Casa de Socorro, o misero expirou pouco depois.

O desgraçado contava 28 annos de idade. Foi preso o guarda que disparou os tiros.

Dizem telegrammas de Nova York para o *Times*, de Londres, que as forças do commando do general Canella foram batidas por Maximo Gomes, em resultado do que perderam 140 homens, que foram mortos.

Dizem telegrammas hespanhoes:

Tem havido varios recontros entre as tropas fieis e os separatistas; estes fizeram descarrillar um comboio de passageiros em Pezo Redondo.

As forças do batalhão das Baleares que o defendiam, bateram-se com bravura. Lamenta-se a morte do major D. Francisco Lopes Tavarnela, um sargento e tres soldados, ficando feridos um official e seis soldados.

Ignora-se as baixas do inimigo. Foi aprisionado o cabecilha *Chelenique*, que vae ser julgado em conselho de guerra.

Diz-se que entre as forças de Maceo e as hespanholas se travou um combate glorioso para estas. Faltam detalhes.

Dizem de Havana que Maceo e a sua partida continuam avançando para a capital.

Verificou-se o sorteio de dezoito capelães para o exercito de Cuba.

O general Marin bateu Maximo Gomes, na provincia do Pinar del Rio.

Os esquadrões envolveram os insurgentes, produzindo panico e um ataque á baioneta completou a desordenada fuga, ficando no campo 20 mortos, armas e munições.

A quasi totalidade da imprensa norte-americana advoga calorosamente o reconhecimento da beligerancia aos insurrectos cubanos.

DR. JOSÉ FALCÃO

A COMMUNA DE PARIZ

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço... 200 réis

A QUESTÃO DO ZAIRE

Preço... 600 réis

Pedidos dos ultimos exemplares d'estas duas obras, que recommendamos aos que a desconhecem, a esta redação.

Pelo correio accresce o porte.

Assumptos de interesse local

Officialidade do regimento 23

Na quinta feira, a officialidade de infantaria 23, de grande uniforme, dirigiu-se em carros ao edificio da camara municipal, a fim de agradecer aos vereadores os cumprimentos, que pessoalmente apresentaram ao regimento, pelas victorias que obtiveram na Africa valentes officiaes e soldados.

A camara para receber os seus visitantes tinha engalanado internamente o seu edificio; principiando a ornamentação ao cimo da primeira escadaria. Principalmente o salão nobre e a sala contigua estavam decoradas a primor, apresentando um surprehendente effeito.

Nas paredes apetrechos militares, escudetes circundados de palmas onde se liam os nomes dos primeiros heroes que souberam defender a bandeira portugueza no continente negro, com tanto valor.

A chegada da officialidade foi annunciada por duas philarmonicas e uma girandola de foguetes.

Foi recebida por toda a camara e seus empregados, e no salão nobre apresentou o sr. commandante, em nome dos officiaes presentes, os seus cumprimentos, agradecendo a visita da camara, congratulando-se com os actos de heroicidade dos expedicionarios. O presidente da camara, sr. dr. Luiz Pereira da Costa, num rapido improviso agradeceu em palavras de entusiasmo o amavel agradecimento do sr. commandante.

Merece uma referencia, o nosso amigo, sr. José Monteiro de Figueiredo, a quem cabe a direcção ornamental dos paços municipaes, revelador d'um apurado bom gosto, que a todos mereceu rasgados elogios. Os nossos parabens.

A Associação Commercial, que tinha a sua vasta sala vistosamente decorada, recebeu bizarramente a officialidade, e entre esta e o sr. presidente trocaram-se palavras de mutuo agradecimento.

Tambem foram ao paço da Universidade, onde os recebeu o sr. reitor, secretario e o corpo docente que estava bem representado.

Justa nomeação

O nosso bom amigo, sr. José de Jesus Simões que exercia interinamente o lugar de amanuense do cartorio da imprensa da Universidade, foi nomeado effectivo.

Não lhe fizeram favor, procederam com justiça; não só pela sua aptidão e zelo com que tem exercido aquelle logar e outros, onde se tem distinguido, mas pela probidade inconcussa dos actos da sua vida e pelas qualidades que fazem do nosso amigo, sr. José de Jesus Simões um homem honrado e um empregado dignissimo.

Receba os parabens sinceros de quem o estima.

«Jornal dos Estudantes»

Está annunciado para amanhã a publicação d'um novo jornal academico, com o titulo acima indicado. E' dirigido pelos srs.: Antonio da Silveira, Baptista de Sousa, Augusto Soares e Carlos Lopes, quartanistas de direito.

Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XI

Apontamentos curiosos

— Tu não te cansas de me fazer saudes, porque não cansas a beber vinho! Se as saudes se fizessem com agua, então o caso era outro, hein? Que dizes a isto?

— Nada, meu commandante.

Os mais marinheiros riram-se muito. O velho guardião foi sentar-se num molho de cabos, meio envergonhado.

Carlos desceu para a camara e entrou no camarim de D. Carlota, depois de lhe pedir licença.

A joven estava sentada junto de uma mesa, lendo com a maior attenção e tranquillidade; ao ver Carlos, sorriu meigamente, estendendo-lhe a mão, que elle levou respeitosamente aos labios.

Theatro-Circo Principe Real

As creanças até 10 annos tem entrada gratuita na *matinée* que hoje se ha de realizar ás 3 horas da tarde, no Circo Principe Real.

Serão escolhidos os melhores successos da companhia, de que é director o insigne professor d'equitação, mr. H. Herzog, que o publico não se farta d'applaudir.

A' noite, ás 8 1/4, nova funcção com novos attractivos.

Voltam os 6 cavallos a executarem os seus maravilhosos prodigios, numero que sempre desperta ruidoso entusiasmo, e tambem apresentarão todos os seus bellissimos numeros m.^{elles} Ella e Zephora; o chevalier Roberto Alfonso; mr. Fillis, e os *clown* Tonito, Cerdani, Broza e August.

O *Barbeiro de Sevilha*, pantomina cheia d'engraçadissimos episodios, fechará o espectáculo.

Quem deixará de assistir a tão esplendidas funcções?

Lyceu de Coimbra

Em portaria de terça feira foram collocados no lyceu d'esta cidade e nas diversas disciplinas, os seguintes professores:

1.º grupo: (Portuguez e latim) — Gaspar Alves de Frias d'Eça Ribeiro, Francisco Maria Pereira, Hermano José Ferreira de Carvalho e Antonio Thomé.

2.º grupo: (Francez e portuguez) — Francisco José Fernandes Costa.

3.º grupo: (Inglez e allemão) — Dr. Francisco Antonio Diniz e Hermann Christian Durssen.

4.º grupo: (Geographia e historia) — Manuel Joaquim Teixeira e Fortunato d'Almeida Pereira d'Andrade.

5.º grupo: (Mathematica e physica) — Dr. Francisco Adolpho Manso Preto e José Adelino Serrasqueiro.

6.º grupo: (Chimica e histosia natural) — Dr. Francisco da Costa Pessoa.

7.º grupo: (Philosophia e latim) — Clemente Pereira Gomes de Carvalho.

Todos os professores já tomaram posse das suas cadeiras.

Te-Deum

E' hoje que se realisa na egreja de S. Martinho, um solemne *Te-Deum*, em acção de graças das victorias ganhas pelas tropas portuguezas.

E' promovida esta festividade pela irmandade e parochia da freguezia, que além do *Te-Deum* a grande instrumental e do sermão, haverá *Tantum ergo* e benção da Eucharistia.

Foram convidadas as auctoridades civis e militares.

Hospitales da Universidade

Movimento geral de doentes de ambos os sexos no mez de janeiro findo:

Existiam.....	335	
Entraram.....	190	525
Sahiram.....	174	
Falleceram.....	21	195

Ficaram existindo..... 330

O movimento do Banco foi de 839 consultants.

— Então em que altura vamos?

— Estamos proximos da bahia de Lourenço Marques. Bem sabes que tivemos de nos afastar da derota que levavamos, para satisfazer a um pedido do capitão Harley, valente marinheiro da nação britannica, que ha mais de um anno me deu uma carta para entregar a um parente d'elle, que está residindo ali.

— E tu, meu amigo, desviaste-te tanto da tua direcção, apenas para satisfazer a um pedido do capitão Harley?

— Certamente, minha querida; nós, os maritimos, aprendemos a ser leaes nos perigos do mar; para nós, uma simples promessa tem o valor de um compromisso de honra.

— Não te censuro; ao contrario, estimo bastante que assim cumpras a tua palavra.

— Para mim, sabes perfectamente que estar a bordo d'este brigue, em Lisboa, na cidade do Rio de Janeiro, ou noutra qualquer parte do mundo, é sempre o mesmo, com tanto que esteja na tua companhia.

— Sei quanto me amas; aprecio o teu amor, o teu character, e sobretudo...

— A minha desventura, não é assim? Tens razão, meu amigo, uma alma como a tua só pôde amar com desinteresse e dedicação. E como a compaixão é principio de amor, agradeço-te com toda a força da minha alma.

Estatistica

A estatistica da população em Coimbra e seu concelho attingiu no anno findo do, 1895 a 48.618 pessoas de ambos os sexos, accusando a mais 236 do que no anno de 1894.

Não está incluída nesta estatistica, elaborada na administração do concelho, a população transitoria, como a academia e os militares.

Auspicioso enlace

O nosso amigo sr. dr. Hermínio Soares Machado, considerado medico de partido em Verride, casou ha dias com a ex.^{ma} sr.^a D. Olympia dos Santos e Silva, gentil e sympathica filha do sr. Joaquim dos Santos e Silva, director do laboratorio chimico da Universidade.

Foram padrinhos por parte da noiva, sua mãe a ex.^{ma} sr.^a D. Hypolita Lopes dos Santos e Silva, e o sr. dr. Joaquim Ramos, meritissimo juiz de direito em Benavente; e por parte do noivo, sua irmã, D. Maria Soares Machado e seu esposo, o sr. dr. João M. d'Andrade, integro juiz de direito em Figueira de Castello Rodrigo.

Depois da cerimonia foi servido a todas as pessoas presentes um abundante e delicioso *lunch*, seguindo os nubentes para Lisboa, onde tencionam passar a *lua de mel*.

Na *corbeille* da noiva viam se numerosas e delicadas das suas amigas e relações.

Desejamos aos noivos todas as venturas de que são dignos, e a sua familia enviamos os nossos sinceros parabens por tão auspicioso enlace.

Associação de classe dos fabricantes de calçado

Está constituída esta nova associação de classe que já elegeu provisoriamente os seus corpos gerentes, dos quaes fazem parte os srs.:

DIRECÇÃO

Presidente, Francisco Xavier Ferreira — *secretario*, José Simões de Carvalho Pio — *thesoureiro*, José da Cunha Junior — *vogaes*, Antonio da Silva e Antonio Izidoro Rodrigues.

CONSELHO FISCAL

Presidente, José Maria da Cunha — *Secretario*, Manuel Maria — *vogal*, Domingos Dias da Cruz.

Para se organizarem os estatutos foi nomeada uma commissão composta dos srs.: João Maria da Cunha, Luiz Baptista Duarte, José Maria do Carmo, Joaquim Martins Velindro e Manuel Adriano d'Almeida, que ainda não conseguiu os seus trabalhos.

Os iniciadores e fundadores d'esta associação merecem justos louvores pelo benemerito serviço que fizeram em reunir a sua classe para a defeza dos seus interesses.

Abuso de confiança

No dia 27 de janeiro foi ao estabelecimento, do sr. José Luiz Martins d'Araujo, Arthur da Silva Nobre, alugar uma bicycleta *Quadrant*, quasi nova, no valor de 90.000 réis, por dois dias e até agora ainda não appareceu. O sr. Martins d'Araujo deu parte no commissariado para ser preso o meliante por abuso de confiança, mas ignora-se para onde fosse.

Procede-se averiguações.

— Va-lha me de Deus, Carlota, quanto mal interpretaste as minhas palavras: o meu amor não é um amor de caridade, é de qualidade.

— Amo-te porque tens uma alma bem formada, uma fronte divina, uma intelligencia culta e elevada!

— Deploro os teus infortunios, a tua orphanidade, o teu isolamento no mundo; porém deves comprehender, que as infelicidades dos nossos semelhantes têm direito á compaixão; d'ahi, porém, ao amor vae uma grande distancia.

— Não penses, meu amigo, que em mim reside a menor porção de orgulho! O que ambiciono, é o teu amor, a tua vida, que é a minha, sem querer devassar ou importar-me com as causas.

— Não sou egoista em cousa alguma; quanto porém ao teu amor, confesso que sou de um egoismo incorrigivel. Tem paciencia; mas amo-te tanto!...

— Morreria se me faltasses! O mundo para mim seria o isolamento, a orphanidade, a eterna ausencia do bem, a dor cruciante da saudade.

— Já vês que a uma tal existencia não se lhe podia chamar vida. A vida é a ventura, é o gozo do espirito, é o amor trajando as suas galas, rodeado das suas seducções, tambem das suas illusões. Deves concordar que todos vivemos de illusões: são nessarias á

DIVERSAS

Consta que a esposa do valente e heroico capitão Mousinho d'Albuquerque reside em Sandelgas, proximo d'esta cidade.

Numa sessão a direcção da Associação dos Artistas resolveu abrir uma subscrição entre os seus associados, para o seu producto reverter em beneficio dos soldados repatriados.

No concelho de Coimbra foram creadas estas escolas de ensino primario:

Sexo masculino: Trouxemil e Oliveira de Fozmeão.

Sexo feminino: Villa Nova d'Anços; mixtas S. Paio de Codesso e S. Sebastião da Feira.

A festividade da imagem do Senhor dos Passos é este anno de grande pompa, empenhando-se a meza em tudo ser superior aos mais annos.

Diz-se que fôra convidado para pregar o sermão do Calvario, na egreja da Graça, o eminente orador sr. conego Alves Mendes.

Para março proximo, faz-nos uma visita a companhia do theatro D. Affonso, do Porto, dirigida pelo maestro Del-Negro, que vem dar a Coimbra tres recitas.

Seguiu para Lisboa com sua esposa o nosso patricio e amigo, sr. Augusto Pinto Tavares Junior, para embarcar no proximo paquete para o Rio de Janeiro, onde residia ha annos.

Ac nosso amigo, sr. João Maria Roque, intelligente cartorario da Misericordia, falleceu uma creancinha, que era enlevo dos extremos paes. E' dolorosa a perda, que sabemos avaliar, porque muito estimavam a filhinha querida.

Para o lyceu da Guarda foi transferido o sr. dr. Manoel da Costa Carvalho, professor aggregado ao nosso lyceu.

A Veneravel Ordem Terceira resolveu que a procissão da Cinza seja feita com toda a pompa e solemnidade.

No recenseamento eleitoral, requereram para serem inscriptos 168 individuos, fundamentando o seu registro no caderno por sabermos ler e escrever.

Brevemente subirá á scena a peça [de despedida do 5.º anno juridico. Está ensaiando o actor Maia, e a musica é do sr. dr. Simões Barbas, que mais uma vez ha de afirmar o seu talento de maestro distincto.

Foi pedida á direcção do Mondego a lagoa ao sul do nosso rio para ser alli estabelecido um viveiro de piscicultura. Oxalá vá por diante este empreendimento.

O movimento da emigração foi, no mez findo, de 199 passaportes, os quaes foram requisitados no governo civil d'este districto.

existencia, são o repasto do espirito, das imaginações ardentes, que não cabem no positivismo da vida.

— Carlota! querida da minha alma! Tu sentes como eu sinto, amas como eu sei amar! Os nossos corações comprehendem-se, as nossas almas unem-se pela igualdade de sentimentos! Conciliam-se todas as circumstancias, para que o nosso amor seja insolúvel.

— Olha, nos meus sonhos, vejo-te sempre, sempre ao meu lado, compartindo, os meus dissabores e as minhas venturas.

— Quando sinto ribombar o trovão e vejo fuzilar o relampago, quando a terrivel procella se desencadeia e embravece os abysmos do oceano, parece-me sempre ver através da ira dos elementos um anjo que me sorri; esse anjo és tu. E se assim não é, então é um ser divino, que tem a tua formosura.

Ora deixa-te d'isso, respondeu-lhe a joven com um sorriso de arrebatador outro, que não tivesse a imaginação ardente de Carlos; deixa-te d'esses arrebatamentos, que já não são proprios da tua idade, nem da tua experiencia.

— Eu não sou anjo, sou mulher; nem tenho a formosura que para ahi estás a dizer.

Carlota, ao dizer isto, estava realmente formosissima, estava tentadora; só uma virtude um character austero como o de Carlos, resistia a tantos encantos,

(Continua)

RECLAMES E ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO
DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO
DE
JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA
50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52
(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.
Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.
Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.
Faqueiros: Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.
Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.
Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.
Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.
Tintas para pinturas: Alviades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.
Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers espingardas para caça, os melhores systemas.
Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torraedores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.
Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.
Pastilhas electro-quimicas, a 50 réis }
Brilhante Belge, a 160 réis. } indispensaveis em todas as casas

JOÃO RODRIGUES BRAGA
SUCCESSOR
17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)
2 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.
Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.
Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS SINGER
Estabelecimento de fazendas brancas
ARTIGOS DE NOVIDADE
ALFAIATARIA MODERNA
DE
JOSÉ LUIZ MARTINS DE ARAUJO
90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

6 O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas **Singer**, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os ultimos aperfeiçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.
Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte gratis para os compradores de fóra da terra e outras garantias. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.
Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto.
Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja **Singer** com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO
Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 6\$300, 7\$000, 8\$000 réis e mais preços, capas e batinas preços sem competencia, varinos de boa catrapianha com forro e sem elle desde 5\$000 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.
Tem esta casa dois bons contramestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.
Sempre bonito sortido de chitas, chailes, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.
Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machinas.
Alugam-se e vendem-se **Bi-cycletas**.

HISTORIA DA BASTILHA
Empreza — Praça do Bolhão, 70 — Porto
EDITOR-GERENTE — ABILIO DE BRITO
A *Historia da Bastilha*, publica-se aos fasciculos de 24 paginas, ao preço de 50 réis cada um, e o seu custo está ao alcance de todas as bolsas, quer do rico, quer do pobre; pois concluida, não importa em mais de dez tostões. A *Historia da Bastilha*, em dez fasciculos semanais, que podem ser pagos ao acto da entrega ou em série de 6 fasciculos, á vontade do assignante. Para a provincia, accresce o importe do correio e a assignatura é paga por series de 10 ou mais fasciculos, adiantadamente.
Os srs. assignantes receberão gratuitamente as capas destinadas á brochura dos dois volumes d'esta importante obra, que se assigna na Praça do Bolhão, 70 — PORTO.

A' venda nas livrarias, papelarias e tabacarias
ROTEIRO ILLUSTRADO DO VIAJANTE EM COIMBRA
Com a planta da cidade e 43 desenhos de A. Augusto Gonçalves
PREÇOS: — Brochado, 300 — Cartonado, 360 — Encadernado, 400.

COLLECÇÃO PAULO DE KOCK
Obras publicadas
O *Coitadinho*, 1 vol. 480 pag. . . . 600
Zizina, 1. vol. illustrado. 600
O *Homem dos Tres Calções*, 1 vol. illustrado. 600
Irmão Jacques, 2 vol. illustrados. . 800
A *Irmã Anna*, 2 vol. illustrados. . 800
No prelo
O meu vizinho *Raymundo*
Para qualquer d'estas obras accetam-se assignaturas em Coimbra na Agencia de Negocios Universitarios de A. de Paula e Silva, rua do Infante D. Augusto.
Toda a correspondencia a José Cunha, T. de S. Sebastião, 3. — Lisboa.

CARROS E ARREIOS
Vendem-se dois phaetons que servem para um ou dois cavallos.
Dois pares de arreios de parelha, um com ferragem branca e outro amarella; um arreio para um só cavallo, com ferragem amarella, tudo em bom uso e preços convidativos.
Para tratar na **Correieira Central** de Adriano Francisco Dias, rua de Ferreira Borges, 9 a 15.
Esta casa continúa a vender por preços commodos arreios de cavallaria e parelha, malas e todos os artigos de viagem, tambem se concertam os mesmos, assim como se incumbe de estofar carros de novo.

PREVENÇÃO
Não confundam o estabelecimento de correieiro, O que tem um jockey com um cavallo á mão, é o que pertence a Adriano Francisco Dias.
9 — Rua Ferreira Borges — 15
COIMBRA

M. RIBEIRO OSORIO
ALFAIATE
185, 1.º — R. Ferreira Borges — 185, 1.º
COIMBRA
Participa aos seus freguezes que recebeu o sortimento de fazendas para a estação de inverno, e por preços baratos para competir com qualquer outra casa.

HOTEL COMMERCIO
(Antigo Paço do Conde)
N'este bem conhecido hotel, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as atenções devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.
Fornecem-se para fóra e por preços commodos jantares e outras quaesquer refeições.

BILHETES DE VISITA
Impressões rapidas
Typos modernos e preços diversos
Typ. Operaria — Coimbra

AOS PHOTOGRAPHOS
Productos chimicos, chapas alemãs, cartões em diferentes generos, prensas, etc., etc.
Preços de Lisboa.
DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª
Mont'arroyo 25 a 33 — COIMBRA

PECHINCHA
Magnificos vinhos de meza a 80, 90, e 100 réis o litro; branco, especialidade a 120 réis o litro.
Vinhos finos do Porto a 250 e 300 réis o litro; emgarrafados, d'esde 240 réis para cima.
Acabam de chegar mais de mil garrafas — de Champagne, Congac, Rhum, Coração, e Yanne, e muitas outras bebidas finas, vindas directamente do estrangeiro: Collares, Bucellas, Carcavellos etc.
Garante-se todas as qualidades, cinco por cento a menos do que em outra qualquer parte.
Experimentem no
CAFÉ COMMERCIO
Rua do Visconde da Luz
COIMBRA

QUEIJO DA SERRA
Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa, das melhores queijeiras do concelho d'Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.
PAPELARIA CENTRAL
2 — Rua do Visconde da Luz — 6

Deposito da Fabrica Nacional
DE
BOLACHAS E BISCOITOS
DE
JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO
COIMBRA
128 — RUA FERREIRA BORGES — 130
N'este deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

3 RÉIS POR HORA
E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.
Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.
Encomendas a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**
COIMBRA
99, Rua do Visconde da Luz, 103
Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

Publica-se ás quintas feiras e domingos
DO POVO
DEFENSOR
JORNAL REPUBLICANO
EDITOR — Adolpho da Costa Marques
Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros
CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)
Com estampilha
Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680
Sem estampilha
Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.
LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.
Impresso na Typographia Operaria — Coimbra

Defensor do Povo

COIMBRA — Quinta feira, 13 de fevereiro de 1896

DE MAL PARA PEIOR

Tem sido este o nosso triste fadario.

Não se nos depára outro destino.

Somos levados aos encontros e aos pontapés de principio em principio.

Quando julgamos que um alçapão se fecha, logo outro nos abrem, cada vez mais fundo, mais temeroso.

Ha muitos annos doente, acommetida ao mesmo tempo e torturada por varias e gravissimas doenças, a olhos vistos definha, e não tardará que, de todo prostrada, caia a pobre e enfezada nação portugueza!

São muitos os medicos; não faltam curandeiros, que, á porfia, se mostram empenhados em reanimar-lhe o combalido arcaboço, empregando já um tratamento energico e usando de uma heroica medicina, já procurando entreter-lhe a vida com panacéas emollientes, minorar-lhe as dores e os soffrimentos com narcoticos e calmantes, distrahir-lhe as maguas e dissipar-lhe terriveis apprehensões com festas ruidosas, com espectaculos divertidos de regosijo patriotico e gala nacional.

Tudo inutil, tudo inefficaz.

O mal progride, e a doença agrava-se.

Os perigos multiplicam-se, accumulam-se, tornam-se cada vez maiores e mais ameaçadores os males, que atrozmente a combatem, e atrophiam.

Vae de mal para peor.

Não se restabelece, não melhora; pelo contrario recrudescce, e dia a dia peiora a crise politica, já com manifestações leprosas e abcessos malignos, sarna e morphêa cancerosa de partidos estragados, de facções crapulosas.

A desgraçada crise economica e financeira, que poz a sociedade portugueza na espinha, que a traz magra como um cão sem dono, e lhe metten os rendimentos e haveres no prégo, augmenta dia a dia, e vae tomando as proporções de tuberculose galopante.

A administração continúa soffrendo velhos achaques, accrescentados com accessos de epilepsia, com fortes ataques de allucinação mental, maluca, desvairada, perdida, inteiramente extraviada em um labyrintho de caprichos e arbitrariedades governamentais e auctoritarias violencias.

Foi-lhe prohibido quasi inteiramente o uso de instrucção e educação nacional. Só lhe permittiam a justiça em pequenissimas doses, e essa mesma de temperada com parcialidade e outras drogas, diluidas em agua destillada no ministerio do reino ou fornecida pelos filtros da corte.

A nação mal se pôde mover se não está de todo paralytica.

Se tenta desviar-se da posição, que lhe prescreveram na cama, que lhe prepararam e fizeram os medicos e enfermeiros da casa real com honras de fidalgos cavalheiros e conselheiros da corôa, pares do reino, ministros e secretarios de Estado honorarios e effectivos, etc., etc., applicam-lhe logo causticos policiaes, revulsivos da Parreirinha, ventosas e sedanhos da Boa-Hora; algumas vezes mandam-na tomar os ares do mar no porão de um arruinado e imundo navio, ou antes *chaveco* de guerra ali para as alturas da Rocha do Conde d'Obidos ou no Porto de Leixões, quando a não empurram pela barra fóra.

Se tenta saltar fóra do leito official, onde a amarraram, e quebrar o collete de forças, que lhe vestiram, sahem-lhe ao en-

contro, saltam-lhe em cima os sabres, calcam-lhe o dorso, e pisam-a, por onde podem apanha-la, as patas dos cavallos da guarda municipal.

É assim, espadeirada, esmagada, ferida, sujeita ao processo de massagem, feita em postas, é a nação mettida na cadeia, e alguns de seus filhos enviados, segundo o Codigo de Justiça militar, para a Penitenciaria ou para os presidios de Africa, e já, em nome do mesmo Codigo, a ameaçam com os fusilamentos summarios.

Se a nação, por meio da sua Imprensa deseja, e tenta fallar, tapam-lhe a bócca; embargam-lhe a palavra, applicando-lhe uma grande rolha, e fazem-lhe pagar cara a ousadia de se queixar, de lamentar a sua triste sorte, a sua desoladora miseria; e, alinda por cima a castigam, apertando-lhe a magra dieta, com a pena de reclusão e com avultadas multas pecuniarias, verdadeiros sequestros em favor do fisco e dos privilegiados, que, nas escondidas e subterraneas mangedoiras do orçamento, se alimentam, engordam, vivem, e gosam á regalona, á grande e á franceza.

Apezar de tudo isto, de tão energicas e sabias providencias, rigorosas cautellas, medidas prophylaticas e repressivas, excitantes, calmantes, revulsivos, distrações e de mais ingredientes e mézinhas, o mal avança, a crise agrava-se, a doença caminha vertiginosamente em sua marcha terrivel, assoladora, ameaçando victimar em breve a nação portugueza, que já não pôde com uma gata pelo rabo.

Para cumulo, vem-lhe á epiderme a erupção anarchista de mau caracter!

Pobre Nação! A que estado te reduziram!

É assim vae tudo de mal para peor.

Rompantes...

O governo, a principio, quiz proceder judicialmente contra a *Patria*, o grande poema de Guerra Junqueiro, que tem produzido a maior sensação no paiz. Afinal, pensando melhor — recuou. Uns valentes!

A pensar morreu um burro...

Considerações d'um monarchico e d'um republicano

As *Novidades*, jornal palaciano, transcreveram ultimamente do livro do nosso eminente correligionario Antonio José d'Almeida, umas passagens, em que elle descreve, com inteira verdade e justiça, a maneira como em Coimbra se prepararam as *coisas*, de fórma a ser nesta cidade secundada a revolução de 31 de janeiro, se, como se esperava, ella triumphasse no Porto.

Coimbra estava disposta a levar com energia ás outras terras circumvisinhas as idéas que animaram esses crentes e extrenuos defensores das liberdades publicas, do progresso social e da moralidade!

Depois de começar por dizer que não pretende chamar o odioso sobre esse grande e heroico acontecimento, que veio quebrar o indifferentismo, já então censuravel e portanto pernicioso para o engrandecimento da patria escravizada, continúa em uma serie de ironias, que nos revoltam e exasperam.

Mais adiante, no fim do artigo, acaba por confessar, pasmando, que tudo aquillo que o livro propala se fizesse com tanta facilidade, e sem que as auctoridades obstassem aos trabalhos revolucionarios que, como hoje se sabe, tinham raizes e prolongamentos por todo o paiz.

Numa apostrophe violenta, aponta aos dictadores o que leu; e aconselha-lhes para o futuro mais prudencia, mais vigilancia, isto é, mais espionagem.

Custa-lhe a crer que se podessem realizar reuniões, por vezes concorridissimas, em

socego e á vontade, em que todas as classes civis e militares se achavam representadas, chegando o proprio regimento a fornecer armas para os paisanos se industriarem no seu manejo, precavendo-se para a lucta que em breve surgiu, e infelizmente foi suffocada, cobardemente, pela traição dos medrosos e pelo despendio do dinheiro corruptor.

Quando os nossos dedicados correligionarios do Porto iniciaram os trabalhos para a organização do partido republicano, como sendo o primeiro passo a dar para a victoria segura e decisiva da Republica, alimentamos grandes e salutareas esperanças.

Applaudimos freneticamente, com o entusiasmo que pôde animar os espiritos convictos, sinceros e desinteressados, essa organização, que vinha prehencher uma lacuna, e rasgar mais amplos horisontes aos trabalhos praticos, que todos por esse tempo reclamavam, e ainda hoje reclamam, factos do nephelibatismo da lucta legal, da banalidade dos comicios, e da propaganda jornalística, valioso auxiliar sem duvida, mas impotente para juntar e varrer o lixo monarchico.

Quando os monarchicos, sabujos da corôa, se acercaram das instituições em perigo, embrulhados na mortalha d'um regimen agonisante, e se esconderam por entre as dobras d'um manto esfarrapado e sujo, receiosos, numa attitude nojenta, pedindo um dique contra a onda revolucionaria que os ameaçava temerosa, levantámos uma campanha contra a alliança monarchica, que os progressistas pediam, ou com outro qualquer grupo ou patrulha constitucional, que tresandasse a realeza e fosse beber inspiração ao paço.

Logo que os governantes entraram, decididamente ás claras, no caminho reaccionario e absolutista em que agora os vemos embrenhados, debatendo-se e afundando-se em manifestações d'um patriotismo piegas, os progressistas, desprezados pelo rei e victimas das tradições e ainda obedecendo ao fatal destino que os partidos podem esperar, quando o que lhes dava vida está morto, se gastou, desacreditando-se em setenta annos d'uma existencia vergonhosa, lamacenta, formaram uma *colligação* appellada de liberal, a que o sr. José Luciano deu seus tons jacobinos e ameaçadores, destacando-se em um fundo vermelho o seu velho e desbotado azul e branco.

Os republicanos deixaram-se embair pelo canto do cysne, e cahiram na esparrella; lançaram-se alvorçados e seduzidos na colligação, que os envolveu, e onde se atascaram com um tal convívio.

Nós fomos dos que mais combatemos a alliança hybrida, e nos indisciplinamos contra a orientação retrograda e funesta, que impensadamente tomou a politica republicana.

Quando, antes das ultimas eleições, vimos a impossibilidade de lutar pela urna contra os desmandos e arbitrariedades do poder, prégramos com valentia e independencia a abstenção; não como ella se fez, mas como deveria fazer-se.

A abstenção devia seguir-se d'outros actos correlativos, que a completariam, alvejados por outros processos e com outros fins, que demonstrariam cabalmente, o que vale e o que pôde a abstenção como arma de combate e como arma politica, levada a cabo com intelligencia e acerto.

Nestas ultimas eleições o partido republicano reconheceu, ainda que tardiamente, a necessidade impreterivel da abstenção, mas não a comprehendeu; deixou-a estiolar nos comicios e em reuniões com a gente progressista, á mistura com os *vencidos da vida*, já com escala e escoraçados por todos os partidos militantes.

Os resultados da abstenção foram poucos, muito poucos.

Ora, como é impossivel dadas as tristes circumstancias em que o paiz se encontra, prolongar-se este estado de miseria e abandono em que ao presente nos vemos, e estamos chegados á hora do perigo, e ao momento propicio para tentarmos um esforço redemptor, convém dizer, sem delongas, o nosso modo de ver a respeito do que ha para fazer e é necessario fortificar.

Não pretendemos censurar; pretendemos apenas fazer echoar a nossa voz, e pedir aos republicanos que completem a sua organização ainda imperfeita e improficua, senão inteiramente esteril.

Os anarchistas

Está ainda alarmada e muito sobresaltada a opinião publica; especialmente em Lisboa, theatro dos ultimos attentados anarchistas; o medo é enorme, os burguezes não dormem descansados, e com razão; as senhoras fazem rezas e sonham com as bombas.

O sr. D. Carlos apesar de ousado ficou receioso, pensando no caso das pedradas, que felismente apenas lhe derrubaram a cartolla, expondo á vista das multidões a sua calva em principio, e dando a conhecer, que apesar de gosar das sympathias populares, a corregedoria devia mandar policiair melhor as ruas, e proteger a real cabeça do seu amo, penhor da felicidade da nação e dos bons costumes.

Os jornaes monarchicos tão vis e indecentes que tollice é descompo-los, continuam a dizer que o Mattos está doido varrido, e que o corregedor Veiga tem esperanças de prender os anarchistas, auctores do attentado devéras lamentavel e profundamente significativo, contra o sr. dr. Joyce, que deu o Mattos por doido, lançando-o em Rilhafoles, apesar dos visinhos attestarem que elle nunca soffreu de alienação mental, nem coisa que tal parecesse.

Ao governo muito conviria que se confirmasse a loucura do Mattos, porque poupava as difficuldades d'um processo d'este genero, e a promulgação de medidas represivas.

O attentado, porém, contra a familia do medico dr. Joyce obrigou-o a publicar um decreto, que o *solar dos barrigas* discutiu á pressa, e que excede em rigor a lei franceza, promulgada depois do assassinato do presidente Carnot.

Somos pouco ou nada apologistas do decreto; veremos os resultados.

A obra de João de Deus

O nosso collega o *Seculo* faz um justo appello a toda a imprensa jornalística do paiz a fim de contribuir com a sua coadjuvação, para que a nova edição dos versos de João de Deus, seja a mais completa; prestando assim um bom serviço ás letras, aquelles que tiverem poesias inéditas do grande lyrico e as enviar ao sr. dr. Theophilo Braga, travessa de Santa Gertrudes, 70.

Conta-se, que o sr. Trindade Coelho se encarregue de escolher as *prosas* de João de Deus, que devem ser publicadas em volume. A primeira obra, a ser publicada, á qual só faltava o prologo e uma nota final, será *A Cartilha e a Critica*.

Para que as obras de João de Deus — em verso e prosa — possam ser publicadas com a possivel exactidão, espera-se o concurso dos seus amigos e admiradores.

Ha muitas poesias em *albums*, artigos dispersos em jornaes, correspondencia particular, etc. — que lastimoso seria continuarem sepultadas no esquecimento: piedosa homenagem prestarão ao auctor da *Cartilha Maternal*, aquelles que poderem offerecer quaesquer esclarecimentos ou escriptos ao irmão de João de Deus, rev. padre Antonio do Espirito Santo Ramos, calçada Nova da Estrella, 13, 1.º

Não se tendo publicado até hoje o volume que devia perpetuar os escriptos em honra do poeta, por occasião da apothose que lhe foi feita em 8 de março de 1895, ha agora quem lembre que se deve reunir na mesma obra o que a imprensa o outras collectividades disseram do grande extinto, depois de 11 de janeiro.

Roga-se ás redacções dos jornaes que se tenham occupado da morte de João Deus, a fineza de mandarem um exemplar de cada numero d'esse jornal para a calçada Nova da Estrella, 13, 1.º ao rev. padre A. E. Ramos.

Consta ao nosso collega o *Seculo*, que o sr. dr. Santos Valente, amigo e discipulo de João de Deus, coadjuvará o sr. dr. Trindade Coelho para que as *prosas* do originalissimo poeta sejam colleccionadas com escrupulosa exactidão.

Noutro lugar damos uma bella poesia, dedicada ao divino lyrico João de Deus, original do distincto poeta, sr. visconde de Alemquer.

Sciencias, letras e artes

NA CORBEILLE DA NOIVA

Casou ha dias a gentil Lucinda
E que linda
E que linda ia a morgada.
Jamais noiva se vira tão formosa;
Tão garbosa
Tão garbosa e festejada.
Jamais, jamais se vira um tal encanto.
Ouro tanto
Ouro tanto em desposada.
Topázios e rubis eram sem conto,
(Era um conto
Era um conto só de fada).
Velludos raros, sedas de mil côres
E lavores
E lavores de princezas,
Perolas finas, lindas cachemiras
E saphiras
E saphiras e torquezas.
O pae brocados deu, custosas rendas:
Eram prendas
Eram prendas sem equal.
A mãe, mais previdente, dera á filha
A Cartilha
A Cartilha Maternal.

VISCONDE DE ALEMQUEM

Não é novidade

Dizem alguns jornaes que se confirma a noticia de que o valente capitão Mousinho não teria aprisionado o Gungunhana, se, por ventura o sr. Ennes, — o *brav'general!* — tivesse permanecido em Moçambique.

O paiz está farto de o saber, apesar do governo querer o contrario e mandar dizer á sua imprensa que fôra o grande rei das Africas — a 50000 réis por dia — que tinha deixado as coisas dispostas para a prisão do seu collega, o rei dos vatuas.

Escusado será portanto a declaração, agora do sr. Ennes, que dizem ser o primeiro a confirmar que o capitão Mousinho, muitas vezes lhe havia proposto aquelle golpe de mão, mas que elle, como commissario regio, — o rei! — se havia opposto *formalmente* não querendo tomar a responsabilidade.

Como não pegaram as bichas das honras que o governo e os amigalhões quizeram arranjar para o sr. Ennes no caso da prisão do rei dos vatuas, sahio-se então com declarações intempestivas.

Se continúa com a sua estada em Moçambique, ainda a estas horas o Gungunhana nos estava a fazer figas...

Os desvarios do Festas

O *Commercio de Portugal* está desempenhando no jornalismo um importante papel, pondo em claro as falcaturas dos ministros, e verberando-os com a energia que merecem.

A proposito da reforma dos officias publica o mesmo jornal um edificante quadro explicativo de quanto custa ao paiz a reforma dos agaloados do exercito, que o sr. ministro da guerra houve por bem — para satisfação dos seus desejos de ser general, — decretar.

Regista o *Commercio de Portugal* o seguinte:

Desde 11 de fevereiro de 1893 a 31 de janeiro de 1896, têm sido reformados 226 officias, sendo:

Gen. de divisão.....	a 180.000	15	2.700.000
.....	a 130.000	18	2.340.000
Gen. de brigada.....	a 90.000	69	6.210.000
Coroneis.....	a 73.500	43	3.160.500
Tenentes coroneis.....	a 67.000	3	201.000
.....	a 66.000	11	726.000
Cirurg. de brigada.....	a 60.000	4	240.000
Majores.....	a 54.000	57	3.078.000
Capitães.....	a 45.000	12	540.000
.....	a 38.500	5	192.500
.....	a 36.000	3	108.000
.....	a 27.000	4	108.000
.....	a 22.500	2	45.000
Tenentes: 1 a 35.000, 1 a 33.000		8	218.500
Alferes: 1 a 30.000, 3 a 18.000		5	69.000
De-peza mensal.....			47.647.100

Não é edificante?
Em tres annos 226 officias reformados! E d'esses 226 officias, notavel coincidência, 102 generaes, sendo 33 de divisão e 69 de brigada!!
Uma modesta despesa mensal de 47.647.100 réis, o que somma no fim do anno a bagatella de 211.765.200 réis!

São estas e outras que estão levando coiro e cabelo ao paiz.

Com os reformados: 211.765.200 réis. Aos professores primarios reduziram-nos ao minimo; quasi morrem de fome.

E tudo isto ha de ficar impune?...

Sarau do Gymnasio de Coimbra

Realizou-se effectivamente, no sabbado passado, o *Sarau* promovido por esta sympathica e util associação, com o fim de inaugurar a sua nova casa da Estrada da Beira.

A direcção despicou-se e deu-nos uma festa deslumbrante, graças á boa vontade dos que trabalharam tão dedicadamente na ornamentação e do auxilio e direcção do nosso amigo José Augusto de Brito, que teve uma grande parte no deslumbramento de tão festivo *Sarau*.

A vasta sala, onde se realisoou o *Sarau* e a *Soirée* estava engalanada com gosto e arte, apresentando um aspecto attraente, ao ver que de entusiasmo e vida ia dentro d'aquelle recinto, embelezado de meninas gentis e formosas.

O nosso dilecto amigo, sr. Victor José de Deus, como presidente da direcção do Gymnasio, que d'elle tem recebido os maiores benefícios, já como monitor de gymnastica, já como director em muitas gerencias, abriu o *Sarau* num breve discurso agradecendo a todos que alli estavam, com a sua presença, a abrilhantar aquella festa, do qual damos somente os topicos principaes:

Minhas senhoras e meus senhores:
Sociedades, que, como a nossa, podem num dado momento reunir no seu edificio uma sociedade tão distincta, tão brilhante, tão formosa, como a que hoje nós vemos aqui, são sociedades que prosperam, são sociedades que têm elementos de vida, são sociedades cujos associados merecem a confiança de toda gente.

E' pois com o coração cheio de alegria e com a alma cheia de alentos, que em nome dos socios do Gymnasio vos cumprimento a todos que viesteis abrilhantar a nossa festa, festa simples, festa singella, onde não encontrais mais que a nossa boa vontade, cheia de sinceridade.

E a vós formosas damas que viesteis completar os unicos attractivos d'esta festa tão humilde, a vós que viesteis dar alegria a esta casa habitualmente feia e triste e que hoje está verdadeiramente encantadora, a vós os nossos mais respeitosos cumprimentos e as nossas mais amaveis saudações.

Oxalá a nossa associação continue a merecer honras semelhantes á que hoje nos dispensasteis e oxalá continuemos a honrar-nos com a vossa visita.

Ao terminar, o nosso amigo, sr. Victor de Deus foi alvo d'uma estrondosa ovação das senhoras e cavalheiros que eram em grande numero.

Decorreu o *Sarau* animadamente. Uma bella orchestra executou magnificos trechos e principiou-se o programma:

Quatro socios alumnos, apresentaram-nos no *trapezio*, trabalhos simples, mas perfectos, dando-nos mais uma prova evidente de que a educação physica das creanças é objecto para uma especial attenção.

Pena é que todos os paes não reconheçam a utilidade enorme a tirar de tal ensinamento e não ajudem com a sua iniciativa esta obra, verdadeiramente humanitaria, a que o Gymnasio se propõe, e tem cumprido, consoante as pequenas forças de que dispõe.

A educação das creanças só será perfeita quando fôr dirigida no sentido de simultaneamente com o desenvolvimento intellectual, impulsional e desenvolvimento physico.

Diremos em seguida dos trabalhos de *parallelas* e *argolas*, onde tivemos occasião de apreciar os trabalhos de gymnastas já conhecidos, correctamente executados.

O Alvaro em *parallelas* tirou *pinos* muito bem feitos; Borges d'Oliveira e Emygdio, em *argolas*, fizeram sobresahir os seus trabalhos, com bastante correcção; tambem o Scabra, ainda principiante, deu boas esperanças e se fôr um alumno insistente, é capaz de vir a dar um bom gymnasta.

O *duplo trapezio* foi executado com uma correcção verdadeiramente admiravel.

Emygdio e Oliveira Fernandes, deram-nos um trabalho que mais parecia de artistas consummados, que de amadores. Foi um numero dos mais applaudidos e com razão.

D'aqui enviamos aos dois gymnastas os nossos mais sinceros elogios, que ovações não lhes faltaram.

Os *exercicios athleticos* executados pelo João d'Azevedo, foram um motivo de assombro e até de receio para os que presenciaaram a herculea força d'esse rapaz, com 20 annos d'idade. Chegámos a julgar-nos transportados a remotas eras em que o terrivel Samsão fez incriveis tropelias, pelo que reza a sagrada Escripura e affirma a versão popular.

No intervallo Carlos Lopes, rapaz alegre e folgasão, que nunca está triste, nem mesmo quando á porta da aula tem as suas *colicas*, disse com infinita graça a cançoneta *Sól-Lá-Si-Dó*... mas, sempre teimoso — ape-

sar das instancias de todos — não disse mais nada. Tambem não teve mais palminhas.
Em seguida ao *Sarau* organisou-se uma *Soirée*, dançando-se animadamente até ás 3 horas da manhã. Os pares eram tantos que se estendiam ao comprido do grande salão, e nas valsas, polkas e mazurkas dividiam-se em turnos.

Da festa ainda se falla o que prova ter agradado, ficando no espirito de todos gratas e saudosas recordações.

Estamos convencidos que o Gymnasio de Coimbra tem hoje elementos de vida para ser uma das melhores associações d'esta cidade e agora com uma direcção zelosa, activa e dedicada, facil lhe é aproveitar a corrente de entusiasmo que se estabeleceu, pois muito deve contribuir para o progresso e desenvolvimento de tão humanitaria associação.

Uma sociedade que tão facilmente pôde conciliar o util com o agradável, merece a coadjuvação de todos, podendo assim prestar grandes serviços á mocidade de Coimbra, que infelizmente até hoje tem descurado d'uma fôrma imperdoavel a sua educação physica, base indispensavel para se formar um bom cidadão.

A prisão do Gungunhana

E' curiosissima uma carta que se recebeu de Lourenço Marques, relatando com minuciosidade os promenores acerca da prisão do rei dos vatuas.

Eis como se conta o heroico caso, e se avalia do quanto vale em valentia o valoroso capitão Mousinho d'Albuquerque, que não regressa á metropole com o Gungunhana, talvez para não offuscar o brilho do ex-rei d'Africa, que nos ficou — a 50000 por dia!

«O celebre potentado mostra-se bastante abatido, mas vai tratando da vida. Ainda ha pouco mandou buscar uma garrafa de vinho do Porto, para afogar as maguas»

«A prisão é um d'estes feitos heroicos que ha de ficar na historia. O capitão Mousinho d'Albuquerque, com o tenente d'artilheria Miranda e quarenta e tantos soldados, saíram de Limpopo a pé, e penetraram nas florestas onde estava o Gungunhana refugiado, no sitio onde está o tumulo, do pae, o grande Muzilla, e ahi o prenderam.»

«Na linguagem da região, Chaimite é designação generica da floresta, e assim se ficou chamando em especial aquella onde o Gungunhana foi capturado, sem que eu saiba o nome particular que pertence a essa floresta.»

«Este novo *kraal* do Gungunhana estava cercado por uma sebe de espinheiros que os soldados escalaram, tendo á frente Mousinho e Miranda. O Mousinho, de espada desembainhada, gritava como um possessão.»

«O Gungunhana e alguns negros apontaram as armas, mas Mousinho não lhes deu tempo ao ataque, precipitando-se sobre elles á espadeirada gritando sempre: *Onde está o Gungunhana?*»

«Um dos negros, amedrontado, indicou a cubata sobre a qual os nossos se arrojaram e que foi num instante esfarrapada, apparecendo então o Gungunhana que Mousinho, sem mais preambulos, seguiu, mandando-o amarrar com as mãos por traz das costas, e obrigando-o a deitar-se ao chão, o que é um signal de humildade que elle nunca fez na sua vida. «Para augmentar o movimento de terror que este ataque produzira, Mousinho mandou fuzilar, *in continenti*, dois dos principaes conselheiros do Gungunhana, e aprisionou tambem o seu filho Godide, que lhe havia de succeder e que foi quem commandou o ataque contra as nossas forças em Coellela.»

«Pouco depois, Mousinho deu ordem de partida para que os negros não tivessem tempo de se refazer do seu pavor.»

«Os vatuas imaginaram que estavam cercados pelo grosso das nossas tropas, e nunca suppozeram que tinham diante de si apenas um destacamento tão reduzido.»

«Antes de partir, o Gungunhana pediu para que o acompanhassem algumas das suas 40 mulheres. O capitão Mousinho consentiu que elle escolhesse 7, obrigando-o em seguida a partir, sem demora, para o Limpopo.»

«Os negros, espantados, não ousaram fazer a mais pequena aggressão.»

Prisão d'um anarchista

Ao fim de longas e difficeis diligencias, e passados 8 dias, foi hontem preso o anarchista Antonio dos Santos.

O preso morava na rua do Bemformoso, 153, e era ha dias procurado pela policia.

A policia, hontem de tarde, passou-lhe uma busca á casa, mas nada encontrou que o compromettesse. Preso e sujeito a repetidos interrogatorios, confessou o crime, eram 3 horas da madrugada, declarando ao mesmo tempo que lhe cahira em sorte, em reunião de companheiros, o deitar a bomba em casa do dr. Joyce, por isso lançou a bomba.

Basofias litterarias d'um Poeta

(Preambulando...)

Por ventura eu quizera, ter neste momento a penna d'oiro de Garrett ou o estyléte de ferro de Camillo, ia mesmo a dizer a ironia brutal e trocista d'um Juvenal ou d'um Archiloco, porque, só assim, haveria verdadeira paridade de circumstancias, no *entender de alguns farólas*.

Tendo de me haver com um critico bilioso e azêdo, que não tem paciencia nem habilidade para discriminar o que ha de bom ou mau em qualquer composição litteraria, vou ver, se por meio da jovialidade grotesca, conseguirei que a sua Musa estafada e rançosa nos dê ao menos o lenitivo da gargalhada franca e demolidôra.

Ha tamanhos arrojos de espirito na prosa seicentista do sr. Carlos de Lemos, que só posso compara-la á do sr. Antonio Pedro Barreiros de Magalhães no livro que intitullou: *Desharmonias Lyricas ou a Velhice do Padre Eterno, poema de Guerra Junqueiro, Por musica, em variações de Rabecão*.

O sr. Carlos de Lemos é um menino-prodigio que, tendo perto de 30 annos, já publicou um livro de versos, que ha de ficar perante a posteridade como documento authenticico d'uma Alma (vá lá com A maizuculo), que se metamorphoseou, no seculo XIX! no espectro seraphico e mystico de fr. Jeronymo Valia.

Ingenuo como um rapazinho de escola, não obstante cursar a Faculdade de Direito ha cinco annos, e petulante como um caixeiro de mercearia, o sr. Cardoso quer por força passar á immortalidade com o estylo plangente e charro das suas extravagancias litterarias, só proprias para os livros de rezas, que as meninas solteironas e hypocondriacas usavam ha meio seculo.

Não contente, ainda, com a fama de que gôsa perante o mundo inteiro, que muitos o consideram como um homem superior ao seu seculo, este gajo vem para ahi vomitar, com ares de grande critico, uma salgahada grosseira, sem urdidura uniforme, mas em que facilmente se vislumbram esgares aguar-dentados de cocheiro e espalhafatos estupidos de varredor de feira. E o Bello, «o precioso alimento que faz o homem semelhante a um Deus», faz do sr. Carlos — ora adivinhem! — um... mau caracter.

Eu conhecia ha muito o sr. Lemos, mas nunca imaginei que esse distincto e conspícuo homem de letras fôsse tão feroz e acintoso. Porque, valha a verdade, esse aranzel archi-destemperado, que eu vi no *Jornal dos Estudantes*, não depõe muito a favor do auctor.

Francamente, se quer que lhe diga, sr. das *Miragens*, eu fiquei de tal fôrma perplexo com a leitura do seu artigo, que o resultado tem sido uma... dyspepsia continua e desacostumada.

Eu bem desejava escrever uma phrase séria, mas não posso, palavra de honra!

Quando um homem d'este feitio, sem ideias definidas sobre Arte, mas julgando-se um mitrado em Portuguez e Latim, vem a publico com um tal acervo de boboseiras e logares communs, dá-me vontade... de lhe chamar caturra.

Vou dar um conselho a s. ex.ª: Olhe, deixe-se de fazer versos e litteratura e aperfeiçõe-se-me no Portuguez e no Latim, se quer reger sem vergonha qualquer d'essas cadeiras. Depois, sabe o que deve fazer, é refundir completamente a sua *Obra*, a começar pelos sonetos, que parecem feitos a *rufo de zabumba e caixa*, como diz Camillo acerca dos sonetos bocagianos, e terminar nesse trabalho de critica, que não tem sequer o merito de ser intelligivel.

Mas se continuar na sua caturrice de querer ser um homem de letras, então peço-lhe que, ou mande verter para portuguez genuino a sua *Obra* ou lhe estampe no frontispicio este dizer:

Io sono uno génio incompriso!

(Continua.)

VILLELA PASSOS.

Um aereolito

No dia 10 ás 9 horas e meia da manhã, caiu sobre Madrid um aereolito, que o observatorio meteorologico diz ter rebentado a 32 kilometros d'altura. O deslumbrante clarão, produzido pelo aereolito, foi seguido d'uma detonação immensa, causando pânico geral na população. Tremeram todos os edificios e quebraram-se muitas vidraças.

O observatorio creê que os fragmentos do bolide cairam nos arredores de Madrid, e foram enviadas varias pessoas em busca dos pedaços.

Calcula-se que a parte solida do bolide deve ter sido insignificante comparada com os gases que encerrava. No observatorio dizem que se o

holide houvesse rebentado a uns 100 metros d'altura, teria causado o desabamento de numerosos edificios. Em Madrid o panico foi indisciplinavel, e algumas pessoas caíram desmaiadas.

A gente supersticiosa cre que é castigo do ceu. Um professor, consultado sobre o caso, differo do calculo do observatorio, e entende que o bolide rebentou a 40 kilometros d'altura. A nuvem tomou a direcção do Oriente.

Em consequencia do panico pela explosão do bolide, os operarios da fabrica do tabaco, suppondo que era um tremor de terra, precipitaram-se para a escada geral, que desabou, ficando feridos 17 operarios, um dos quaes está muribundo. Um rapaz atirou-se da sobreloja para a rua.

Nos collegios e escolas os alumnos fugiram precipitadamente. Numerosas lojas fecharam as portas.

No palacio real suppoz-se que fosse uma bomba lançada por algum anarchista e houve grande alarme, mas o professor do rei socegou os animos.

O phenomeno metereologico, foi sentido num raio de centenas de kilometros. A explosão do bolide sentiu-se tambem em Saragoça, que dista de Madrid 341 kilometros.

Aos nossos assignantes

Por motivo de accidente ao entrarem as paginas na machina, teve o jornal de ser hoje distribuido.

Que nos desculpem os nossos assignantes.

Assumptos de interesse local

«O Conimbricense»

Boa nova damos hoje aos nossos leitores — a publicação d'este nosso collega, na terça feira, apesar do seu illustre redactor, sr. Joaquim Martins de Carvalho, ainda não estar restabelecido, continuando os seus sofrimentos muito pouco amenisados.

Estimamos sinceramente os seus allivios.

Falta de limpeza

Nunca as ruas da baixa estiveram em maior estrumeira, apresentando as valetas um aspecto asqueroso, de quem ha muitos mezes não vê pinga d'agua.

O sr. vereador do pelouro da limpeza faz vista baixa e ouvidos de mercador ás nossas reclamações, mantendo-se no mesmo estado de immundicie em que se conserva ha mezes, a praça do Commercio, pelas ourinas que se vertem junto ás paredes da igreja de S. Thiago e casa da Misericordia.

A junta de parochia de S. Bartholomeu e a meza da Misericordia precisam de pedir providencias á camara contra esta immundicie que se está consentindo na maior indifferença.

E' de necessidade inadiavel que desapareça aquelle fóco de infecção. Chega o abuso de se orinar, de noite e de dia, ao cimo das escadas de S. Thiago, e entre estas e um recanto d'uma casa que está fronteira á igreja!

Este estado de coisas é da responsabilidade da camara que não colloca em diversos pontos da cidade orinoes, não como essas gaiolas de ferro que retiraram da praça, mas

uns ourinoes hygienicos, arejados, como tem a Figueira, que nos dá lições em melhoramentos e commodidades para o publico.

Além d'isso a falta permanente de guardas no serviço de policia a cidade, está dando logar a que os noctivagos andem por essas ruas em algazarras até altas horas da noite, amotinando os habitantes que têm direito ao seu descanso. Pelas ruas do Visconde da Luz, Ferreira Borges, Praça do Commercio e mesmo Sophia, não se vê um guarda.

No largo principe D. Carlos e á entrada da Estrada da Beira, é que costuma estar um policia de dia e dois á noite.

Associação Commercial

Na sua ultima sessão a direcção d'esta sociedade, approvou unanimemente um voto de sentimento pelo fallecimento da extremosa esposa do sr. Alberto Affonso da Silva Monteiro, socio benemerito d'aquella associação.

Te-Deum

Confórme noticiámos, celebrou-se no domingo passado, na parochial igreja de S. Martinho do Bispo, um solemne Te-Deum em acção de graças pelas nossas recentes victorias d'Africa.

Vimos alli representados os officiaes do exercito e guarda fiscal, professores da escola agricola Moraes Soares, outros convidados e muito povo.

Subiu ao pulpito o rev. José Pinto Machado, que em phrases patrioticas pôs em evidencia o valor do soldado portuguez, considerando-o digno herdeiro do sangue dos heroes de Campo d'Ourique, d'Alubarrota e de tantos outros cujos nomes estão gravados nas paginas brilhantes da nossa Historia.

Lastimou o estado de decadencia a que ultimamente tem chegado este velho povo que em tempo foi a admiração de todas as nações civilisadas, as quaes nos consideravam actualmente mortos; mas rejubila-se hoje, por que, graças ao valor do nosso exercito, tivemos mais uma vez occasião de mostrar a essas nações que o velho Portugal não morre, nem poderá morrer, em quanto tiver soldados que, como os que acabam de regressar da Africa, tão alto sabem levantar o pendão glorioso da sua Patria.

Orgulha-se em ser portuguez e ter por compatriotas Galhardo e Machado, que bateram com energia o Gungunhana, terrivel chefe dos vatuas, obrigando-o a abandonar o seu kraal; e Mousinho d'Albuquerque, que com uma força de 46 homens, pôs termo a tão grave conflicto, fazendo-o seu prisioneiro.

Todos os assistentes ficaram bem impressionados com o sermão patriotico do sr. padre Machado.

Durante o Te-Deum fez-se ouvir uma numerosa orchestra composta dos melhores musicos d'esta cidade.

E' digna de todos os elogios a meza da irmandade do Santissimo d'aquella freguezia, bem como o rev. parochio, que se não poupou a esforços para que aquella festa fosse feita com toda a pompa, o que conseguiram.

«O Tribuna Popular»

O nosso estimado collega festeja o seu quadragessimio primeiro anniversario, regosijando-se com a sua idade.

Nós acompanhamo-lo no regosijo, enviando-lhe os nossos cumprimentos. E por muitos annos.

— Pois sim, minha Carlota, seja como dizes; porém deixa-me com as minhas idéas, com as minhas illusões, com o teu amor, que nada mais te peço.

Os dois jovens apertaram as mãos. Carlos levantou-se, despediu-se de D. Carlota, que lhe offereceu a fronte, que elle osculou fraternalmente.

Dirigiu-se para o seu camarote, e foi descansar por algumas horas, porque a noite ia bastante adelantada.

Um mez depois estava o brigue á foz do Tejo; Carlos, depois de entregar os prisioneiros, desembarcou mais D. Carlota, e procurou sua tia D. Margarida dos Anjos.

Contou-lhe a historia da joven, pediu-lhe hospitalidade para ella, que, só e sem arrimo, merecia os maiores desvelos.

Entre D. Margarida, excellente senhora, dotada de educação esmerada, e D. Carlota, estabeleceu-se uma sincera e reciproca estima.

A joven olhava para D. Margarida como para uma parenta proxima, que a estimava pelas excellentes qualidades que lhe reconhecia.

D. Carlota era meiga, dedicada, porém sem exaggero, D. Margarida, de uma virtude austera, sem hypocrisia.

Ao ser apresentada por Carlos a sua tia, tinha-lhe dito em poucas palavras: primeiro, que era a sua desposada; segundo, qual a serie de infelicidades de que era victima.

D. Margarida tudo ouviu e comprehen-

Theatro-Circo Principe Real

Está a despedir-se do publico a notavel companhia equestre, gymnastica, acrobatica e comica, dirigida pelo incomparavel professor d'equitação, mr. H. Herzog. O espectáculo d'esta noite deve ser recebido com calorosos applausos, já pelas novidades que figuram no seu programma, já por ser dedicado ás damas, tendo nelle entrada gratuita toda a senhora acompanhada de cavalheiro.

Mr. Herzog apresentará os seus admiraveis 6 cavallos em liberdade, trabalhos primorosos que tem valido ao celebre artista as mais justas ovações; e o chevalier Roberto Alfonso os seus exercicios de jonglage em que é sempre applaudidissimo.

Tambem mr. Fillis e m.elles Ella e Zephora trabalharão a cavallo, havendo novos intermedios comicos pelo sympathico e popular Tonito Grice e seus companheiros Cerdani, Broza e August.

Com taes elementos a concorrência deve ser extraordinaria.

A'manhã um surprehendente espectáculo a beneficio do publico — meios preços em todos os logares.

Já se annuncia para os dias de Carnaval attrahentes espectaculos e tres magnificos bailes de mascaras.

Gremio Operario

Segundo nos informam, uma commissão de socios d'este Gremio prepara para os proximos dias do Carnaval dois esplendidos bailes mascarados.

A commissão trabalha com actividade para que elles em nada desmereçam dos que alli se têm realizado nos annos anteriores.

Uma indiscripção: — haverão surprezas para os pares que mais se distinguirem na polka, valsa e mazurka.

Já vêm as minhas meninas e meninos, que é necessario ter pésinho leve e bastante agilidade.

Haverá tambem um premio para o mascarado que se apresentar melhor vestido.

Atheneu Popular

Esta proveitosa sociedade que conta já quarenta associados, acha-se definitivamente installada numa vasta sala situada no Pateo da Inquisição.

No domingo ultimo, foi apresentado, pela commissão encarregada da reforma dos estatutos, o seu trabalho, que, segundo nos consta, está organizado de forma, que torna, aquella associação, d'uma grande utilidade, pois que, além da instrucção adquirida pela leitura de bons livros para o que vae em breve inaugurar uma bibliotheca, tenciona igualmente abrir aulas de francez, portuguez, inglez e musica, para as quaes já tem professores.

Para a compra de mobilia e outros pertences, aquella sociedade vae, no dia 22 do corrente, no theatro Afonso Taveira, realizar um beneficio, para o qual pedimos o auxilio do publico.

Lyceu de Coimbra

Foi publicado novamente, na folha official, a relação dos professores do lyceu de Coimbra, declarando vaga a cadeira de desenho, que interinamente lecciona o director e professor da Escola Brotero, sr. Antonio Augusto Gonçalves.

deu. Como tinha uma alma bem formada, só viu uma joven interessante. Não nutriu um mau pensamento. Nada d'isso: essa condição pertence aos espiritos acanhados, aos chatins, que de tudo julgam mal, em toda a parte vêem defeitos, crimes e aleijões moraes.

A alma constituída no bem e para o bem, tem a lealdade por habito: não diz mal, não o comprehende, não o conhece, não o presente nem o inventa. Isso pertence aos espiritos embrutecidos e mesquinhos.

Reunam dois tolos, que levarão toda a sua vida a dizer mal de tudo e de todos; quando não tenham de quem dizer mal, hão de dizelo de si! Pobre gente!

Como dissemos, a mais cordial estima existia entre as duas senhoras. D. Carlota contou detidamente a D. Margarida as suas dolorosas aventuras; a pobre senhora chorou com a joven a morte do benemerito desembargador Vasconcellos, lamentou os seus infortunios.

— Minha filha, disse ella, n'este mundo todos estamos sujeitos ás ingratições dos homens, especialmente aquelles que servem os principes.

«Cristo Senhor Nosso humanizou-se sendo Deus, para nos remir e salvar; mas os homens, raça vil e ingrata, cuspiram-lhe na fronte, encheram-no de injurias e cravaram-no numa cruz.

DR. JOSÉ FALCÃO

A COMMUNA DE PARIZ

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço... 200 réis

A QUESTÃO DO ZAIRE

Preço... 600 réis

Pedidos dos ultimos exemplares d'estas duas obras, que recomendamos aos que a desconhecem, a esta redacção.

Pelo correio accresce o porte.

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

DIRECTOR

EUGENIO DE CASTRO

Colleção de obras primas de todas as litteraturas, antigas e modernas

Sahirão 2 volumes por mez, nos dias 10 e 25

Está publicado o 1.º volume

POESIAS

DE JOÃO DE DEUS

COM UMA CARTA PREFACIO EM VERSO POR

EUGENIO DE CASTRO

100 RÉIS

Preço de cada volume cuidadosamente impresso em bom papel com o retrato do auctor

100 RÉIS

Successivamente serão publicadas as obras-primas de:

Goethe, padre Antonio Vieira, D. Manuel de Portugal, Fr. Antonio das Chagas, Fr. Pantaleão d'Aveiro, Fernão Mendes Pinto, Luiz de Camões, Sá de Miranda, dr. Theophilo Braga, Gabriele d'Annunzio, Leopardi, Enrico Panzacchi, Eugenio de Castro, Edmond de Goncourt, Emile Zola, D. Emilia Pardo Bazan, D. Heraclio Perez Placer, Carlos de Mesquita, Manuel da Silva Gayo, J. H. Rosny, Guy de Maupassant, Armand Silvestre, Catuile Mendes, Pierre Loti, Paul Bourget, François Coppée, Jean Richepin, Gustave Flaubert, Tolstoi, Dostoyewsky, Tourguenneff, Balzac, Diderot, Montesquieu, Molière, Voltaire, Prevost, La Fontaine, Cyrano de Bergerac, Chateaubriand, Bernardim Ribeiro, padre Manuel Bernardes, Fr. Thomé de Jesus, Garcia de Rezende, Diogo Bernardes, Fialho d'Almeida, etc., etc.

Augusto d'Oliveira — EDITOR

LIVRARIA MODERNA

COIMBRA

A venda em todas as livrarias.

«Orae a Deus, minha filha e perdoae aos vossos inimigos; sois cristã, perdoae como Deus perdoou aquelles que o crucificavam.

— Eu, minha senhora, já lhes perdoei, para que Deus perdoe os meus peccados. Não alimento odio algum; tanto assim, que quando seu sobrinho, o meu desposado, me resgatou do poder dos meus perseguidores, pedi-lhe que lhes perdoasse a morte quando elle os mandava enforcar.

— E elle, minha filha, o que fez? perguntou D. Margarida com interesse.

— Carlos é bom e generoso, é um leão nos combates; porém, acabada a lucta, esquece tudo: assim que lhe pedi para salvar frei Rozendo e D. Francisco perdoou-lhes.

D. Margarida mostrou-se satisfeita, e respondeu:

«A minha filha é digna de ser esposa de meu sobrinho; elle é digno de si.

«Carlos é um grande caracter, desconhece a vingança mesquinha. Em tudo são eguaes os meus filhos: até na adversidade, porque bem sabe quantas injustiças lhe têm feito; porém aquella grande alma não nasceu para a humilhação: lucta! luctará até morrer, mas nunca se curvará aos seus inimigos.

— Eu ainda tenho esperanza de restituir o meu desposado ao logar que lhe pertence. Creio que lhe hão de fazer justiça.

(Continua)

«Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XI

Apontamentos ouriosos

Resistia porque amava; podia consagrar-se todo á mulher divina que tinha na sua presença, logo que o hymeneu coroasse o seu amor; pôr isso reprimia toda a idéa que não estivesse nos limites do pudor.

Amava e respeitava; todavia respondeu á joven, que lhe sorria e meigamente lhe estendia a mão:

— Com que então, assim me chamas velho, e a ti feia? Pois nada d'isso é assim: eu não sou velho, tu és muito formosa, formosa como nunca vi mulher alguma.

— Sim na tua imaginação... Nunca ao homem parece feia a mulher que ama... Já vêes que estão justificados os teus arrebatamentos sobre a minha ficticia formosura.

RECLAMES E ANNUNCIOS

ARREMATACÃO

43 1.ª publicação

Pela execução hypothecaria movida por David de Sousa Gonçalves, negociante d'esta cidade, contra Francisco Marques e mulher, de São Silvestre, que corre seus termos pelo cartorio do escrivão Joaquim A. Rodrigues Nunes, hade proceder-se no dia 23 do proximo mez de fevereiro, por onze horas da manhã, á porta do tribunal, á venda dos seguintes predios: — Uma morada de casas situada na rua principal de São Silvestre, a qual comprehende cinco divisões e um forno, a confrontar com herdeiros de Innocencio Pereira do Amaral, D. Maria Augusta Manique Parreira, e estrada publica, avaliada em réis 80\$000. Uma pequena morada de casas terreas, sita na rua principal de São Silvestre, a confrontar com Thereza Cardoso, Francisco Ramalho, João Jorge Gandara, e estrada publica, avaliada em 22\$500 réis.

Pelo presente são citados quaesquer interessados incertos para assistirem á praça e deduzirem o seu direito no prazo legal.

Verifiquei a exactidão.

Neves e Castro.

CASA MEMORIA

ANTONIO JOSÉ ALVES

44 — Rua do Visconde da Luz — 48

COIMBRA

Unico deposito das acreditadas machinas

MEMORIA

para alfaiate, sapateiro e costureira. Vendas a prestações de 500 réis semanais e a prompto pagamento com grandes descontos.

Estas bem conhecidas machinas têm obtido o melhor acolhimento do publico em geral, pela perfeição, solidez e boa execução no trabalho.

São incontestavelmente as melhores até hoje conhecidas.

PEÇAS SOLTAS

para todas as machinas de costura e certos das mesmas.

VELOCIPEDES

Deposito de bi-cycletas Clement, Diana e outros auctores, as quaes se vendem as prestações e a prompto pagamento com grandes descontos.

INSTRUMENTOS MUSICOS

Pianos, instrumentos para philarmónica e orquestras, guitarras, violões, violas, bandolins, harmonias, flautas, flautins, tambores etc., tudo mais barato de que em Lisboa e Porto.

Campainhas electricas, promptas a collocar.

Grande sortimento de oculos, lunetas e binoculos, por pregos limitados.

Acessorios para machinas, velocipedes, instrumentos, etc.

Cordas para rebeca, viola, guitarra, violão e bandolim.

Os pregos da nossa casa são, em tudo, mais limitados de que em Lisboa e Porto, porisso pedimos ao publico que não compre em parte alguma sem primeiro se certificar do que offerecemos.

Nesta casa concertam-se todas as machinas, oculos, e lunetas, a preços resumidos.

FERNÃO PINTO DA CONCEIÇÃO

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

16 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatros, etc.

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS



INGER

Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE

JOSÉ LUIZ MARTINS DE ARAUJO

90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

6 O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas Singer, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os ultimos aperfeiçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.

Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte gratis para os compradores de fóra da terra e outras garantias. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.

Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto.

Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja Singer com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 5\$500, 7\$000, 8\$000 réis e mais pregos, capas e batinas pregos sem competencia, varinos de boa catrapianha com forro e sem elle desde 5\$000 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.

Tem esta casa dois bons contra mestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.

Sempre bonito sortido de chitas, chailes, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.

Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machinas.

Alugam-se e vendem-se Bi-cycletas.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.

Cutilaria: — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras. Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofla, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiaes, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers espingardas para caça, os melhores systemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Pastilhas electro-quimicas, a 50 réis

Brilhante Belge, a 160 réis. } indispensaveis em todas as casas

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

2 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças dourados para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

42 Tendo sido proposta neste Juizo uma acção de separação de pessoa e bens por D. Maria Augusta Saraiva d'Oliveira Baptista, contra seu marido Manuel Lourenço dos Santos, ambos d'esta cidade, foi essa separação decretada por sentença de 6 do corrente, que foi devidamente intimada.

Coimbra, 10 de fevereiro de 1896.

Verifiquei. O juiz de direito,

Neves e Castro.

LIVROS DE MISSA

NEVES IRMÃOS

AOS PHOTOGRAPHS

Productos chimicos, chapas allemãs, cartões em diferentes generos, prensas, etc., etc.

Preços de Lisboa.

DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª

Mont'arroiõ 25 a 33 — COIMBRA

BOM TREM

Vende-se um Landau novo do sistema mais moderno, de boa construcção e muito leve.

Quem pertender pode dirigir-se á rua da Sophia n.º 77 Coimbra.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000

Fundo de reserva 203.000\$000

10 Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45, ou na do Visconde da Luz, n.º 86

FACTURAS

DESENHOS VARIADOS

IMPRESSÕES NITIDAS

Typ. Operaria • Coimbra

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

N'este deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas a JOSÉ MARQUES LADEIRA

COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR — Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

	Com estampilha	Sem estampilha
Anno	2\$700	Anno 2\$400
Semestre	1\$350	Semestre 1\$200
Trimestre	680	Trimestre 600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impresso na Typographia Operaria — Coimbra

Defensor do Povo

COIMBRA — Domingo, 16 de fevereiro de 1896

CAUTELLA. . .

Por mais que digam, e por mais que façam os inclytos varões da governação, esta vae torta, e cada vez mais torta caminha no seu triste fadario.

Já de ha muito que os ministros e servidores do sr. D. Carlos deviam estar convencidos de que o seu plano de governo e systema de administração não presta, de nada vale.

Ha muito que os ministros do sr. D. Carlos podiam estar desenganados de que a politica de torniquete e todos osapparelhos de repressão policial nada conseguem, nada produzem que possa aproveitar aos, sempre mallogrados, intentos e inuteis esforços de sacrificar os interesses da nação as conveniencias da dynastia e os direitos do povo aos privilegios da corôa.

Se as conveniencias da dynastia e os privilegios da corôa podem caber nas algibeiras de um ministro, não seria ministro algum, um milhão de ministros capaz de lá metter a nação e os seus direitos.

São muito grandes os interesses d'uma nação para caberem nos bolsos de uma farda de ministro; pesam muito os direitos d'um povo para lá os encafiar e comprimir, como quem guarda um lenço ou arrecada uma carteira.

Isto de perseguir, de espesinhar um povo e tolher a liberdade dos cidadãos não é tão facil como a alguns patacoadas se afigura.

Tem muitos e serios inconvenientes.

Por mais certa que seja a pontaria, o tiro, se não falhar, vae muitas vezes, de recochete, ferir mortalmente o temerario que aleivosamente o dispára.

Houve tempos, em que o rei e a sua côrte, o clero e a nobreza, os ministros e conselheiros da corôa, quasi sempre recrutados na côrte e escolhidos d'entre os membros do clero e da nobreza, conseguiam, por bem ou por mal, com geito ou á força montar o povo; e assim levantados galhardamente sobre o dorso flexível e valente da plebe, da *besta negra*, da *arraya-meuda*, da *vil canalha*, amordaçada com o freio da religião e castigada com os acicates do *poder absoluto*, podiam, sem receios nem escrúpulos, muito senhores da sua prosapia, á vontade e a capricho, correr a nação em pello e a chicote, dar paucada á direita e á esquerda, desancar á paulada e á pranchada o *arre burrinho popular*, que, ainda por cima, docil, paciente, resignado lhes agradecia e pagava generosamente os beneficios, as *mercês*, a protecção, os maus tratos que lhe davam e os insultos que lhe cuspiam.

Felizes tempos eram esses para a monarchia e seus sectarios, em que só o rei era *pessoa*, e o clero e a nobreza tinham o privilegio de se chamar *gente*.

Não tão felizes, porém, que, uma e muitas vezes, não succedesse que o *burro*, a *besta de carga* sacudisse o freio, quebrasse a barbella e a retranca, e atirasse com barbella e retranca, a albarda e os atafais ao ar, ou deitando por terra o pesado e já insupportavel fardo, pregando-lhe um bom par de coices, e pisando-o como coisa incommoda e desprezível.

Acautelem-se, pois, a realza e os seus ministros, os defensores e partidarios da monarchia.

Não carreguem de mais; não tornem demasiadamente pesada carga do poder e da exploração; não puchem de mais, não retezem a redea da auctoridade, não fustiguem brutalmente o *animal*, que o facto pôde repetir-se, e devêras.

Os tempos mudaram, e são muito outras as circunstancias.

Sejam prudentes, tenham juizo, acautelem-se. . .

O povo de hoje não é um *animal*. O povo hoje são cinco milhões, pelo menos, de homens que sentem, pensam e querem.

O povo hoje sabe muito bem o muito que pôde, e não ignora o pouco que elles valem.

Ora, pois, cautella, muita cautella. . .

Senão. . .

Nos intermedios

Esse espaço azul que velhas lendas piedosas haviam povoado de todo um exercito de entes invisiveis, a cuja força o mundo estaria sujeito, apparece, aos olhos da sciencia moderna, sob um aspecto inteiramente novo. E' um vasto campo, tão vasto que lhe não podemos nós determinar os limites, onde rolam sem cessar os soes e os planetas, e onde os cometas descrevem as suas orbitas irregulares.

Todo elle está semeado de corpos luminosos, mais ou menos volumosos do que o Sol que nos alumia e nos aquece, possuindo, como este, vastos imperios planetarios, systemas que para esses centros gravitam. E todos esses planetas do ceu giram em torno do seu respectivo sol, atraídos por elle como as borboletas pela chamma, e, quem sabe se, como estas, elles não serão um dia consumidos naquelles fôcos ardentes? . . .

Differentes são as orbitas d'esses planetas; differentes as suas velocidades.

Será finito ou infinito esse espaço? . . .

Deante do sabio, apparece a sombria inscripção do templo de Saís: *Ninguém levantará o meu veu*. E, se a nossa razão não concebe o Nada, senão como ideia antithetica da Existencia, sem corresponder a realidade alguma, por isso mesmo que elle seria a privação de toda a realidade; se a Physica não pôde, até hoje, conseguir a realisação perfeita do vazio; haverá, todavia, intelligencia alguma de homem que possa comprehender o infinito? . . .

Esses soes, di-lo a luneta do astronomo, estão a distancias taes que a mente humana se confunde allucinada. Muitos outros deve haver que os telescopios não alcançam; outros que apparecem no ceu, tão pequenos como cabeças de alfinetes. A sua luz intensissima é o unico rastro que os denuncia aos habitantes da Terra. E, entre esses soes, quantos ha que apparecem e desaparecem regularmente, apresentando variações notaveis nas intensidades da sua luz? . . .

Outras vezes são estrellas novas que apparecem cheias de esplendor, e que, depois de terem ido perdendo gradualmente a sua uz, desaparecem para sempre no oceano immenso do ceu. . .

Para se fazer uma diminutissima ideia da vastidão d'esse espaço que nos circunda, todo povoado de mundos, basta dizer que, num arco de quinze minutos da via lactea contou Herschell cento e dezesseis mil estrellas distinctas. Quantas na via lactea inteira? . . . quantas nas duas mil nebulosas, similhantes á via lactea, de que temos conhecimento no ceu septentrional? . . . quantas no ceu do sul? . . . quantos nos permanecem ignoradas? . . .

Se cada um dos soes da via lactea fôr dotado d'um systema planetario igual ao nosso, isso basta para elevar os corpos da via lactea ao numero esmagador de quatro mil billiões de planetas, numero que, em algarismos, se exprime d'esta maneira:

4.000.000.000.000

Quem pôde abranger tal numero, sequer pelo pensamento?

Pois isso é ainda nada perante a grandeza do ceu.

Diz Voltaire que os antigos dávam o nome de *ceu* á região das nuvens. A auctoridade não é segura nestes assumptos. Mis se assim foi, os antigos não erraram senão em tomar a parte pelo todo; por isso que, ele-

vando-se ás nuvens, por vezes, inferiormente ao cume das montanhas, e nunca além das camadas aereas superiores, é evidente que as nuvens não passam fóra dos limites do pequeno imperio da terra; ellas estarão pois ou ceu, visto como a terra é um corpo celeste; mas não são o ceu, de que apenas atravessam uma fracção insignificante, cujo valor é zeor perante a immensidade da criação.

De resto, os antigos tinham, realmente, opiniões bem erroneas sobre o mundo. Supunham a terra chata, suspensa no vazio. Em volta d'ella girariam, como satellites, o sol, a lua e as estrellas, escorregando sobre uma planicie solida, crystalina, cuja estabilidade impenetravel Moysés significou pela palavra *firme*, o *solido*, de que nós fizemos *firmamento*. Nesse *firme* haveria partes para darem vasão ás aguas do ceu. Quando as portas se abriram, cahiam as chuvas. *Romperam-se as cataratas do ceu*, diz a *Biblia*, por occasião do diluvio.

Como se produzia o dia e a noite?

Pois que a terra era plana, não havia antipodas. O sol e as estrellas mergulhavam na orla extrema do horizonte, e por caminhos mysteriosos, surgiam novamente de outro lado.

Hoje estamos longe d'essas phantasias de cerebros inultos, embora dotados de excelente imaginativa.

Não; o espaço celeste é como um grande mar, no qual, de longe a longe, pasmosamente distantes uns dos outros, surgem archipelagos de mundos, sujeitos a movimentos continuos de diversas especies, mas por tal fórma combinados que a harmonia do conjuncto se não perturba.

A força combinada d'esse maravilhoso resultado é a attracção.

Muitas das nebulosas ainda serão por ventura massas incandescentes, no estado gazoso, em cujo seio se estejam fabricando mundos, como succedeu no seio d'aquella nebulosa da qual, segundo Laplace, nós provimos.

Não nos dá tudo isto o sentimento intimo da humildade, que nos leva a desmentir, á face da nossa consciencia, o lemma dictado pelo nosso orgulho irracional, que nos quer proclamar *reis da criação*? . . .

Pequena realza para tão vasto imperio!

HELIODORO SALGADO.

A irmã Collecta

A superiora das irmãs hospitaleiras faz um appello nas *Novidades* em beneficio d'esta virtuosa irmãzinha, a envenenadora da infeliz Sarah de Mattos.

E' para custear as despesas do processo que a condemnou e pelo qual tem cumprido as penas do seu crime na cadeia de Braga.

As irmãsinhas têm muita fé naquelle jornal, o melhor para arranjos de dinheiro.

PIPAROTES

O *Districto de Coimbra* de 14 de fevereiro, informa:

«A academia monarchica afim de inaugurar as salas do seu club, deu hontem um esplendido baile, que correu animadissimo até altas horas da madrugada.»

«Agradecemos a amabilidade do convite.»

Baile de mascaras?

E' boa!

Mas afinal são coherentes. A monarchia é uma mascarada.

Dizem, até que um alto personagem vae usar as vestes do Gungunhana.

O estrudo é, este anno festejado com grande pompa no *Solar dos Barrigas*.

Já nos consta que um illustre qualquer tem prompto e bem feito, um grande discurso para espetar no coração e no entendimento dos illustres *barrigas*.

Dizem que é d'arromba!

Num exame de Geographia:

—O que é bacia hydrographica?

O examinando, atrapalhado, não responde.

Então o mestre, muito senhor do seu nariz:

—«E' aquella parte do rio cujas aguas se inclinam para o outro lado.»

E o cerebro do professor para onde diabo se inclinará?

Mais nos consta que o governo do rei, installou na rua do Norte, d'esta cidade, um viveiro de *obtemperados* (peixe muito exquisito do mar da carolice) para os metter, ás garfadas, nos queixos da Critica.

—O elevador tanto se elevou que se perdeu pelas nuvens.

Diz-me aqui um sujeito do lado:

— Não é tanto assim. . . Você verá que, para as primeiras eleições, hão de tornar á medição das ruas. . .

Consta egualmente que o *Districto de Coimbra* vae, d'aqui em diante, ser collaborado pelas differentes redacções dos melhores jornaes monarchicos.

Pelourinho

XLVI

OS ALGOZES DA IMPRENSA

Não tendo as perseguições, que nos moveram, produzido até hoje, os effeitos que se tinham calculado, pela resistencia tenacissima, que temos opposto no campo legal, entendeu a *camarilha* que havia aqui fraqueza do presidente do conselho, a quem ella commettera o negocio, e tratou de buscar outro procurador, que d'uma vez cumprisse as ordens do poder occulto.

Diz-se mais, que um alto personagem, que se sentê ferido com os nossos tiros, vendo que as intimações do duque de Loulé aos agentes da policia e da justiça, não produziam o effeito desejado, se dirigira ao ministro da guerra, pondo lhe em suas mãos o negocio, que se resume nestas palavras: — morte á *Lanterna*; morte ao *Precursor*; morte a todos os escriptos do auctor da *Lanterna*!

Lobo d'Avila, lisonjeado com o encargo, prometteu desempenhar-se da nobre missão de *algoz da imprensa*, de modo que muito sobressahisse a Loulé, que não poude asphixiar-nos de todo com a mordaza, que nos tem impedido um pouco a voz.

Temos pois Lobo d'Avila a dirigir da cadeira de ministro a perseguição da imprensa. E' elle que manda agora aos esbirros da policia apprehender os nossos papeis. E' elle que tambem ordena á justiça que impeça as nossas publicações.

Achamos proprio de Lobo d'Avila este papel. O herdeiro da lenda de *Soutulho* deve honrar em seus actos as tradições de sua familia.

A nossa consciencia é tão limpida e tão pura, como a do martyr Agostinho Julio, e por isso devemos cahir ás mãos da familia de Chavães nas encruzilhadas da Boa ou da má Hora.

Que vale o assassino da honra depois do assassino da vida?

E' logico que nos firam, que nos matem. Devem mesmo chegar até á tortura. E' preciso que nos arranquem a lingua que falla, o punho que escreve, a cabeça que pensa e a consciencia que julga!

Venham contra ns todos nós ministros. Já veio o duque de Loulé; já veio Luciano de Castro; veio agora Lobo d'Avila, e todos acompanhados de negro cortejo, que segue o prestito funebre da liberdade!

Eis os algozes: são os ministros!

Eis as victimas: somos nós!

Mas as victimas não temem os carrascos do ministerio, que são covardes de mais para que mettam medo!

E quem sabe se os que levantam agora a guilhotina contra a imprensa não terão mais tarde de se verem asphixiados nella!

A justiça dos povos é sempre tardia; mas ás vezes ella é terrivel e fatal para os que foram assassinos da liberdade, assassinos da patria!

Povo! Confiae em nós!

Nós, que ha dois annos fulminamos das trevas raios que vão ferir de morte as *camarilhas*, teremos força para arrostar com a lucta, se acharmos no povo o ponto de apoio, em que só pôde firmar-se a alavanca do progresso.

Que o povo pois nos acompanhe, e nós, a despeito das *camarilhas*, lhe mostraremos o caminho do triumpho, que vae direito á gloria!

(Lanterna.)

Sciencias, letras e artes

NOVA LUZ!

Já vai soando a hora de cair por terra
A sinistra Babel que o obscurantismo ergueu.
Vibram d'um novo Ideal novos clarins de guerra;
Já para nós um novo sol resplandeeu...

Absurdos, preconceitos, rolaram no abysmo
Em que rastejam vis as sombras dos tyrannos,
Que bebiam, numa ancia atroz de despotismo,
O sangue dos vassallos por craneos humanos!

Tomba em cinzas desfeitas a ossada dos imperios
Na immensa ruinaria das tradições mortas...
E os Povos, p'ra espancarem trevas e mysterios,
Abrem á nova luz as bronzeadas portas...

Destroem-se os pergaminhos dos privilegiados,
Arrasam-se os salões das orgias reaes...
E os reis debalde invocam seus antepassados
Que dormem na necropole das cathedraes!

Apagam-se as fogueiras, desabam os thronos,
Do fanatismo hypocrita rasgam-se os veus...
E a velha Inquisição, sem bonzo e sem patronos,
Já não pôde queimar os novos Gallileus!...

GONÇALVES CERREJIRA.

CONTOS

CARTA DE ENTRUDO

Manhã cortante; aspera e pneumoniosa
aragem ia e vinha ao longo da Estrada da Beira.

Via-se ainda illuminado o salão, e lá dentro resfolgava-se um ar quente cheio de segredos de namorados, de olhares mornos e languerosos. Pelas colgaduras que adornavam as galerias, escondidos, aninhados por entre as pétalas de mil camelias, enroscados pelas hastas das heras havia ciúmes negro-rosos a escaldarem fogo; suspiros brancos, meigos carinhos; queixumes estrangulados, feitos postas.

Rapazes enfiados em compridos fracs semilhos negros besoiros, — *zum, zum* em toda a noite!... — e em, *mokings* amarrotados, peitos de camisa amarellecidos pelo suor, botas e sapatos mostrando pisadelas, faziam os ultimos commentarios, amarfanhavam as ultimas recordações saudosas de ha pouco e estendiam-se esfalfados por sobre as cadeiras; faces pallidas, olhos fundos e olheirentos, cilios em nystagmo philosophando traçoicamente sobre a doídice d'uma noite perdida.

Nem uma dama já. Haviam desaparecido por entre a escuridão da noite os ultimos vultos brancos como fadasitas, envoltas as cabeças doidas em *sevillanas* de matar.

Sahi tambem; e a poucos passos da porta do Gymnasio vi no chão um papel que reconheci, apenas lhe lancei mão, ser carta perdida. Dobrado o envelope a formar volume pequeno, conservava ainda certo perfume, um certo calor d'algum seio feminino onde mão carinhosa lhe dera abrigo. Guardei-a. Entrei no meu quarto, e accesso o candieiro, rasguei o envelope; li.

De bom grado cedo este lugar que eu destinava a um conto. Perdõe a meiga dónzella; admiro-a como corajosa e tragica. O quadro final só por si vale uma epopeia. O signatario revela ou um grande atrevimento ou confiança de familia. Eu tomo isto talvez como partida de carnaval. E segue:

Ex.^{ma} Sr.^a

«Emquanto a lua, como se fôra bôcca d'uma cornocopia empunhada por mão de fada invisivel perdida no immenso céu azul-escuro, despejava por sobre o arvoredor que gemia louco uma canção dolente amor, catedupas de luar, olhando-nos magnetica, suspensa do ether d'entre milhões de lagrimas tremeluzentes; em essa noite deliciosa e meiga, casados os nossos olhares de tanto affecto, arvorado o nosso futuro de mil rissonhas côres no altar perfumado das nossas esperanças, dizia-me v. ex.^a, ar de indiscriptivel prazer, voz magica e celestial de cherubim, a esquentar-me a alma: — Que bello romance o nosso amor! Has de faze-lo um dia, sim?

— «Era d'uma vez uma noite muito calma muito estrellada. Respirava-se uma atmospheria d'amor e saudade pela estrada fôra; iam em direcção ao Almeque.

«Coimbra, numa pinha de luzes nictantes erguida sobre a riba do Mondego, e a Universidade, fêra, dura, d'uma severidade inquisitorial contorneavam-se além numa téla immensa de luar. Delgadas como espadas, brancas como pedaços de porcellanas, compridas faixas de nuvens se estendiam lado a lado d'este quadro mysterioso.

«Minha sogra chamava-se Marcia; ou para satisfazer pretensões que eu trocava

pelo coração da filha, D. Marcia F. Carroça. Carroça era appellido de familia, creio por vias do tio da avó da prima Georgina. Quem os conhecia justificava com o entusiasmo ironico que taes prosapias de natureza demandavam, a origem dos Carroças. Fôra varredor o tio da avó da prima Georgina, e porque a Carroça era o seu ganha-pão, — o que têm isso?... — d'ahi o alcunho. A avó da prima fôra farrapeira, e soubera arrecadar no pé da meia, bem escondido lá no fundo da arca por entre maçarocas de rosmarinho e cascas engilhadas de laranjas, um bom punhado de pintos. Quando a Ritta carroça morreu os filhos sonharam uma mina por debaixo da cama da morta, e afôra o respeito devido, lá foram furando por entre a miseria de sapatos velhos, chinellos ratados e novellos de farrapos escavar a linda somma. Houve bulha; esteve para saltar pelos ares o esquife de mistura com escandalo taludo, mas repartido o pé da meia em harmonia, a cousa tomou caminho.

«Pois a D. Marcia, devota predilecta por um D emphatico atraz do nome e por caixinhas com amendoas, era-me favoravel, toda babosa de sorrisos. Barato vendia ella as sympathias; e eu sabia-lhe da historia e do defeito. Fôra creada de servir, tivera tambem o seu derriço mas comia e bebia agora á tripa fôra; tinha casas e quintaes, vestidos espaventosos de seda com fitas ao vento, chapeletas armadas em armazem de vidrilhos e cartaz de rendas, sapatinhos de polimento onde gemiam talvez uns pés latagões, formidolosos, pés verdadeiramente historicos, monumentos recordativos das pedras da rua e das areias do rio. Peorára o cambio quando as Carroças botaram chapeleta. E todos clamavam.

«O pae fazia-me raspapés como quem diz — entre que é da casa. — As irmãs, uma principalmente, — não encontra olhos como os meus!... — ciumenta damnada d'uma collega com dez contos em dinheiro e mais dois em joias, serigaita espevitada, esguia como um cypreste, gemendo afunilada dentro d'um espartilho que lhe deslocava os figados, cheiro pronunciado e suffocante a almiscar e pós de arroz, que trezandava, terrivel *passionné* de carros e cavallos, theatros e palhaços, janella e luxo, as irmãs tambem davam assentimento.

«Mas não tem peias o amor. «Iamos caminhando assim bem juntos, sob um fulgar de estrellas, ora absortos em mysterioso silencio recebendo n'alma o som dorido d'uma guitarra gemebunda e vozes meigas, de prata, chorando a poesia sentida d'um threno d'amor que estudante apaixonado depunha, como se fosse beijos, nas azitas do luar; ora parolando alegres, por tempos esquecidos, phantasiando futuros rissonhos como castellos de alvoradas, mais tarde derruidos como frageis castellos de cartas á bala regateira de odios e pragas da então minha futura sogra que, num momento terrivel em que encafuava na venta esquerda meio kilo de rapé, recebera uma carta minha sem o deficiente e apothetico D, — esquecimento! — causa unica e bastante de pragas e punhados de figas de misturas com desmaios babosos de bilis raiosas. Aquelle cão!...

«Iamos caminhando assim. «Ouve-se a pouca distancia o chocallar soturno e compassado d'um rebanho que pernoitava em algum aprisco á beira da estrada, e um rafeiro ladrava sobre o muro alto da quinta.

«— Vamos ao leite fresco? — propoz D. Marcia.

«— Valeu!

«Entrámos. Talvez uma centena de cabras, gemendo umas numa prostação desolante a ultima dôr da maternidade, dormindo outras sonhos de pastos verdejantes, de campinas d'esmeralda, talvez uma centena de cabras estaria por alli de mistura. Levantam-se os caseiros, tudo se revolve á procura de tigelas onde aparar o leite, e um por aqui, outros por acolá, fomos correndo o redil.

«A lua, grande, placida, embriagante, olhava-nos em cheio.

«... Foi então que eu comprehendí toda a singeleza do seu espirito, toda a simplicidade d'alma da minha Amada; foi então que eu percebi toda a rudeza e dura verdade de quem era a D. Marcia!

«... Parece-me ter ainda frente a mim esse quadro a vermelho e fogo, berrante como o paciente animal em sacrificio horriavel, quadro em que, á luz tremende d'um lampião que a mana de olhos lindos e corpo esguio empunhava com ares de heroína, D. Marcia, olhos escancarados num pasmo de atropalhado se ancorava em posição de quem ordenha; e onde a minha Amada, ingenua e simples como alvorada de primavera, gritando-me a sorrir: *ordenhe lá esta, ó sr. Antoninho*, se agarrava desesperadamente, possante como ferro, aos chavelhos respeitaveis d'um soberbo bode...»

Coimbra
Domingo Gordo
1896

ALEXANDRE DE MATTOS.

Mirandadas

Com justificado motivo dissemos que o nome do moleiro dos Loyos, na lista camarária, era a sombra negra, a mancha que havia de ennochar o que houvesse de bom naquella corporação. E fomos prophetas!

Com maior razão referimos o caso de que os fallecidos dr. Lourenço e Fernando de Mello, bem como o sr. dr. Souto Rodrigues — que nos está a ouvir — nunca o haviam sentado a seu lado, nas cadeiras do senado. Aceitavam-lhe os votos, rejeitando-lhe a camaradagem, que só não suja os da sua egualha.

A extrema bondade do actual presidente da camara, que tanto o prejudica na politica, e a cegueira em que andavam alguns dos vereadores — que só viam a Deus no ceo, e ao moleiro na terra — arrastou-os a aceitar para companheiro um bisborria de tal lote — com gaudío da maioria! — apesar de saberem que elle fizera um olho azul ao sr. dr. Ayres de Campos e aos collegas, que lhe obedeciam e o toleravam — á excepção do sr. Barata, de vez em quando.

Quiz fazer o mesmo a esta camara, e como viu quebrados os *cordelinhos*, encontrando pela frente homens que souberam impôr-se ás suas vontades, a panthera aggredu de costas e ferrou as garras.

O sr. Manuel Miranda, de quem nos vimos occupando, é vingativo, além da embôfia de querer dar-se a ares de superioridade — não em intelligencia, que nada deve a Deus — mas em tricas sujas, em intrigas nojentas de collareja, e em favoritismos torpes.

Veja-se a impudencia do *homem dos cordelinhos*, em face das informações fidedignas que obtivemos.

Suscitára-se conflicto entre o sr. vereador do pelouro do cemiterio, e o sr. Manuel Miranda, que tem o da limpeza — parece epigramma! — pretendendo metter fouce em seára alheia.

Dizem-nos que o sr. Albano Gomes Paes é zeloso pelo seu pelouro, e tem feito bom serviço no sentido de regularisar o estado de quasi desleixo em que deixára a camara transacta o cemiterio.

Quando procedia assim, o que é louvavel, apparece-lhe a cynica figura do *homem dos cordelinhos* — como os collegas o chrismarum — e querendo exercer a politica reles do patronato, pretendia conspurcar a honra d'uma corporação que o repelia.

Trata-se da negativa da trasladação d'um cadaver, que apenas tinha dois annos de sepultura raza, e da prohibição de se fazerem caixões na capella do cemiterio, lembrando ao sr. capellão-administrador a necessidade de se acabar de vez com tão condemnavel abuso.

Foi a isto que se oppôs o moleiro dos Loyos. Como a luz do dia cega as *aves de rapina*, apparecem só de noite. Lá foi elle, altas horas, para intimar o referido capellão a cumprir, *sómente*, as suas ordens e não as do vereador encarregado d'aquelle serviço; e isto sob a sua unica responsabilidade!

Que atrevimento!

Deixo-se estar no pelouro de limpeza — bem precisa lavar a consciencia — e deixe trabalhar os que procedem com rectidão e justiça. Trate das bombas e do esterco, já que a felicidade lhe foi prodiga.

Não falha este principio de physica: — Matéria attrahe matéria.

Fiquem de prevenção os srs. vereadores e convençam-se d'uma vez para sempre: o unico remedio a tão pertinaz epidemia que tem atacado os interesses do municipio é afasta-lo d'essas cadeiras e d'esse logar.

Que o *homem dos cordelinhos* diz que tem na mão uma grande auctoridade! Adivinhem. Voltaremos ao assumpto, que o caso dá para muito — sem o espremer.

Serviço postal

Ao publico

O sr. Antonio Maria Pimenta, digno chefe dos serviços telegrapho-postaes do districto de Coimbra, participou-nos em circular, para conhecimento do publico, que na terça feira d'entruado haverá as seguintes alterações no serviço que tão superiormente dirige.

1.º á 1 hora da tarde suspender-se-ha na estação central d'esta cidade a venda de sellos e os serviços de registro de correspondencias e encomendas e de emissão de vales;

2.º a ultima tiragem das correspondencias dos marcos postaes e caixas parciais, será feita ao meio dia, sendo feitas ás horas do costume as da caixa da estação;

3.º não se farão as distribuições domiciliarias das 5 horas e 8 horas da tarde;

4.º estará fechada nos tres dias do carnaval a estação do Bairro Alto.

Basofias litterarias d'um Poeta

Critica á Critica

CONTINUAÇÃO

Antes de mais nada: alguém me perguntou se a *charge* do sr. Carlos de Lemos seria explosão de odios pessoaes. Nada d'isso. Nunca tive as menores relações com este *genio olympico*, que chega a revestir as formas mais complexas e extranhas. Eu julgo ter acertado com a causa de todas as suas coleras. Neste jornal, publiquei ha tempos um esboço de critica sobre a *Nova Geração* de poetas portuguezes. Claro está que o nome do sr. Carlos de Lemos não veio entre o d'aquelles poetas, que eu então apontei, como verdadeiros homens de talento, na maneira de desencantar mundos novos em que palpitam concepções arrojadadas e exóticas, refinamentos estheticos onde se condensam os grandes soffrimentos e pezâres humanos.

Não veio, nem podia vir: porque o sr. Carlos de Lemos está longe de produzir uma obra d'arte; ou por outra não pôde olhar, senão de soslaio, para a marcha da Alma moderna cada vez mais sedenta de Ideal e de emoções extranhas.

O sr. Carlos de Lemos nada mais faz que repisar as mesmas ideias das gerações já mortas. Não tem rasgos de alma, em que sciitille a faisca creadora de estados ainda não definidos, nem sonhados.

Não seguiu a evolução poetica do nosso seculo, antes se divorciou d'ella, ficando estacionario.

Mas não obstante o seu atrazo em materia d'Arte, julga-se com o direito de forjar a cada passo novos talentos poeticos que, creio-o bem, não passam de insexuados ou, quando muito, se honram de pertencer a um sexo novo ainda não estudado — o sexo neutro; isto é, a um sexo que não é masculino, nem feminino, antes pelo contrario. Ora, é precisamente a estes seres exquisitos que o sr. Carlos de Lemos presta todo o seu auxilio, collaborando com os *ditos* na confecção de quasi todas as obras que por ahi apparecem, sem o minimo valôr intrinseco ou moral.

Eu conheço demasiado os processos do sr. Carlos de Lemos, apesar de nunca ter convivido com s. ex.^a

Uma particularidade extravagante do seu caracter é mostrar um sorriso benevolo a todos os que o vão consultar, dizendo depois coisas do arco da velha, acerca do merito litterario de cada um d'elles. Eu sei mesmo d'um facto que o define perfeitamente como um... *character*. O anno passado, escreveu elle para um jornal muito conhecido um artigo, ou coisa que o valha, em que punha nos côrnos da lua um menino bonito em litteratura e em dandysmo. Nunca vi tantas contradicções e tantos desconchavos em tão poucas palavras. O caso é que, passados dias, perguntando-lhe um amigo se a critica fôra a sério, pois que não acreditava que se dissessem semelhantes coisas d'um Nullo, o sr. Carlos de Lemos respondeu-lhe pouco mais ou menos o seguinte: não é precisamente isso o que eu penso do rapaz, mas se o escrevo é unicamente para o animar...

Quer dizer: o sr. Carlos de Lemos, no artigo em questão, não tinha por fim elevar o criticado mas elevar-se a si, apresentando uma somma consideravel de opiniões litterarias, que espantariam os selvagens mas não a gente medianamente lida em assumptos de esthetica.

E como este, poderia apresentar outros exemplos, não menos caracteristicos e frizantes. Mas não.

Bastante me alarguei já nestas considerações e, por isso, passo a analysar o seu artigo acerca da minha humilde personalidade.

No titulo, foi logo infeliz. 1.º por que julgando que me expõe ao ridiculo e á ignominia, engana-se redondamente; 2.º porque prova mais uma vez a falta de originalidade do seu talento deliquesciente. Era bom titulo para um jornal de provincia, dirigido por um mestre-escola, em lucta titanica com os vereadores da localidade. Nunca para encimar um artigo de critica litteraria.

Vamos agora ao artigo. Começa logo o egregio e inoffensivo critico por querer justificar o merito e o talento do senhor das *Amethistas*, sem que adduza argumento algum em prol das suas affirmações.

O facto é este: eu escrevi ha dias neste jornal uma ligeira critica acerca d'um livro de versos que ahi sahiu com o titulo de *Ametistas*. E, vai o sr. Carlos de Lemos lançando mão d'este pretexto, salta agora no *Jornal dos Estudantes*, a dar-me uma tunda furiosa. Isto é, longe de rebater o que eu disse acerca do livro do sr. Elysió de Lima, cada vez o enterra mais.

Cita o principio do meu artigo, que começa assim: «Elysió de Lima, um novo a quem eu não conheço...» E a proposito

das palavras «não conheço» desanda numa berraria infernal, propria d'um Lunatico, dizendo: «E ao sr. Villela Passos, quem é que o conhece?!...» E digo eu agora; quem tem culpa que o sr. Carlos de Lemos não percebesse o que eu escrevi?! Pois vou-o ensinar já que não entendeu: eu empreguei o verbo conhecer num sentido absoluto, que tem a significação de *distinguir, differenciar*, como o sr. Carlos deve saber, visto que está apto, por meio d'um concurso, para exercer o magisterio secundario.

Não se lhe deve pois attribuir o sentido que o sr. Carlos de Lemos pretendeu insinuar. Não sei se me faço comprehender.

Em todo o caso eu explico: ha conhecimentos pessoais, conhecimentos de vista e conhecimentos de nome. Pois eu refiro-me ás duas primeiras especies de conhecimentos. E não á terceira, por motivos evidentes. Em Coimbra só conheço de nome, litterariamente, um unico individuo.

Vejam lá se adivinham. Dou-lhes uma... dou-lhes duas... dou-lhes tres... Bem, já que não sabem vou dizê-lo. E' o sr. Carlos de Lemos. O seu nome é um triumpho.

Que diz a isto, sr. Carlos de Lemos, está satisfeito? Deve estar. Então, retire lá o seu cavallo, se é égua...

(Continua.)

VILLELA PASSOS.

TRIAGA

LI

Dá-nos *masqué* festival (segundo o que ahí se aranga) nos dias de Carnaval a *Bela* realenga.

Os convites p'ra festança foram só p'ra figurões; gente fina, é quem lá dança condes, viscondes, barões!

O baile é para os da grey não entram os jacolinos... E' em honra do seu rei, da rainha e dos meninos.

P'ra *masqué* ha muitas massas... Se a el rei é devotada e é feita em *acção de graças* de o não ter frido a pedrada!...

À *masqué* d'hoje e amanhã já por ahí se susurra... Que vão dançar o *can-can*... O D. Thomaz... e o Burra!...

Fra-Dique.

Cuba

«Um rico armador de navios, de Londres, diz poder assegurar que, se o governo dos Estados Unidos reconhecer a belligerancia aos insurrectos cubanos, muitos armadores inglezes offerecerão os seus navios ao governo hespanhol, para serem armados em *córsio*. (?)»

O presidente do *Casino Español* do Mexico offereceu ao general Weyler cem cavallos e duzentos muares.

Weyler prohibiu os reporters de acompanhar as tropas em operações.

As partidas dos cabecilhas Castillo e Soubes atacaram a povoação de *Santamaria*, incendiando trinta casas. Por fim tiveram necessidade de retirar-se, com baixas.

Em Trinidad falleceu o capitão de infantaria

D. Valentin Carrasco. Diz-se que tambem morreu o cabecilha Cayo Fernandez.

Quando se effectuava uma entusiastica recepção ao general Weyler deu-se um incidente desagradabilissimo.

O paquete *Guadano* que transportava tropas para Havana, sossobrou. Salvaram-se, porém, as vidas.

Mr. Cameren apresentou ao senado norte-americano uma proposta dizendo que: em vista de não se achar meio algum de assegurar a paz de uma maneira permanente em Cuba, excepto reconhecendo o direito de autonomia, os Estados-Unidos devem empregar os seus bons officios junto do governo da Hespanha, afim de que esta reconheça a independencia d'aquella ilha.

A opinião de mr. William P. Freye, recentemente eleito presidente d'aquella camara, é conhecida de ha muito; attribue-se-lhe a seguinte phrase:

«Se a Hespanha, com a sua conducta, nos der motivos para proceder, entendo que devemos tomar e guardar a ilha de Cuba, ainda contra a opinião seja de quem fór.»

Assumptos de interesse local

Francisco Germano d'Araujo

Depois de doloroso soffrimento finou-se o nosso bemquisto correligionario e honradissimo cidadão, sr. Francisco Germano de Araujo, activo mestre e director das officinas de carruagens, fundição e serralheria, do sr. Manuel José da Costa Soares.

Era um bom companheiro de officina e os operarios tratavam-no como irmão. Inteligente e habilissimo na sua profissão de segeiro, conseguiu levantar os creditos das officinas de serralheria do sr. Soares, que foi premiado com medalhas em diversas exposições.

Como chefe de familia era um virtuoso; todos eram seus amigos, todos lhe queriam muito, pelo seu trato affavel e pela honradez do seu caracter.

Em politica, foi um sincero republicano, sem transigencias, e por ultimo foi eleito membro substituto da commissão municipal republicana que se fez representar no funeral, a que não assistimos por havermos ignorado a sua morte, que muito sentimos.

A' viuva e filhos do infeliz correligionario, a seu cunhado o sr. Manuel José da Costa Soares, os nossos sentimentos por tão grande desgraça.

Absolvição e pronuncia

Os dois estudantes implicados no crime que tanto alarmou esta cidade, Agostinho da Costa Allemão e José Luciano, foram por despacho do tribunal da relação, o primeiro posto em liberdade; e o segundo pronunciado, sob fiança, por ferimentos graves, sem intenção de matar.

Neste processo votou pela confirmação do despacho, do juiz d'esta comarca, o sr. dr. José Pinto da Motta.

Os juizes da relação do Porto que assignaram o accordam foram os srs. José Manuel Chrispiniano da Fonseca, Bento José Pinto da Motta (*votou pela confirmação do despacho de pronuncia*); Joaquim Bernardo Soares, Albino Garcia de Lima (*vencido na segunda parte*); João Baptista d'Oliveira.

O sr. Luciano saiu da cadeia na sexta feira.

partia brevemente. D. Carlota empallideceu; D. Margarida apenas respondeu, com a voz commovida:

— Se assim é necessario, parte, meu sobrinho; que Deus vele por ti.

Oito dias depois despediu-se de sua tia e de D. Carlota. A separação foi dolorosa; mas era urgente partir. Carlos foi para bordo. No dia immediatto o brigue levantou ferro e saiu a barra.

O corsario seguiu pela costa de Portugal; quando chegava ás povoações litoraes, velhos e moços corriam á praia para festejarem a sua chegada, porque, longe de lhes causar prejuizos, fazia-lhes o bem que podia.

Do Atlantico passou ao Mediterraneo, proseguindo na sua vida aventureira, mas sem faltar aos principios da honra.

Tocou em differentes portos do Mediterraneo; achando-se no porto da ilha de Corfu, que pertence ao archipelago Jonio, ahí tomou conhecimento com um individuo que se intitulava armador de um navio commercial.

Dizia que o seu brigue era o melhor e mais veleiro, que sulcava em todos os mares do mundo; que, na qualidade de capitão, apostava com todo e qualquer, que quizesse competir com elle em velocidade.

Estê homem dizia residir na ilha de Chypre. Ninguem lhe acertaria com a idade; era de estatura meã, robusto, espaduado, com um pescoço de touro. Revelava na sua cons-

Theatro-Circo Principe Real

Na quarta feira o espectáculo em beneficio de Antonio Santos Pinto, o engraçado *Tonito Grice*, esteve concorrido e o inimitavel *clown* despicou-se, apresentando intermedios d'um comico que fez rir a bum rir todos os espectadores, que eram numerosos. Nem o Hintze seria capaz de segurar-se.

O trabalho equestre, a dança serpentina, a hypnotisação, o batalhão de guerreiros, rapazes empunhando bexigas, de tudo saiu o que se chama — *uma fabrica de gargalhadas*.

Tambem se lhe pagou bem. Uma casa quasi *au complet*, muitas chamadas e palmas que atroaram os ares. Elle tambem o mereceu.

Hontem, o beneficio do notavel professor de equitação, mr. Herzog, que possui o condão prodigioso de amestrar os seus cavallos, a deixar-nos na expectativa admirativa como de tantos animaes, apesar de intelligentes e docéis, se consegue uma infinidade de trabalhos que seriam difficeis a muitos mortaes que conhecemos incapazes de dançar uma valsa. Um é muito conhecido no Gymnasio.

O trabalho dos seis cavallos é superiorissimo, mas o *Cid*, cavallo com alta escola e o *Almerick*, amestrado em liberdade, não são inferiores; o que hontem vimos fazer a um cavallo é espantoso, pois sómente ao som do chicote veio á arena e saindo o sr. Herzog, fe-lo recuar diante dos espectadores, em continencias.

A noite da sua festa foi de entusiasmo e o distincto *sportman* recebeu em palmas e ovações o premio dos seus trabalhos, se assim se pôde pagar tão extraordinarios resultados.

Ha meios preços em todos os logares no espectáculo de hoje que se realiza no Circo Principe Real. Os desejos da companhia são servir bem o publico e proporcionar-lhe funcções brilhantissimas por preços convidativos.

Para as pessoas que queiram adquirir bilhetes para o *espectaculo e baile* os preços são os seguintes: Camarotes, 2,500; fauteuils, 600; cadeiras, 500, e geral, 200 réis. Como se vê, repetimos, nada mais barato, e mais soberbo.

A esplendida companhia do notavel professor d'equitação, mr. H. Herzog, exhibirá os seus mais apreciaveis numeros equestres e gymnasticos, constando-nos que haverá nos bailes grandes novidades.

Os tres bailes e os tres espectaculos carnavalescos, no Circo Principe Real, promettem ser o attractivo do presente Carnaval.

Consortio

Na igreja matriz da Figueira da Foz, celebrou-se o consortio do nosso bom amigo, sr. José Doria, com a ex.^{ma} sr.^a D. Virginia dos Santos Rocha.

Possuem ambos qualidades distinctas. A noiva, senhora de apreciaveis dotes de bondade, reúne uma educação esmeradissima, condição para ser uma esposa dedicada, e exemplar dona de casa.

O noivo, um perfeito cavalheiro, gosa de tantas sympathias nesta cidade — a sua terra — que difficil é conhecer-lhe um inimigo. Nisto está consubstanciada a hombridade de seu caracter.

Todas as felicidades a que aspirarem lhe desejamos.

trucção uma força herculea e agilidade de gato.

A sua physionomia era antipathica. A sordidez, a gula, e a luxuria e a ferocidade estavam-lhe estampadas nas feições.

O seu traje era exotico. Um grande casacação de panno grosso, que lhe descia até aos calcanhares, uma especie de chapéu de couro envernizado, umas calças largas de listas escuras e umas botas groças de grandes dimenções, completavam o vestuario extravagante d'este extraordinario negociante e marítimo.

Andava sempre acompanhado por um negro nubio especie de selvagem, mais feroz do que um antropophago; o seu vestuario limitava-se, quando ia a terra, a uma especie de calções, que lhe tapavam apenas o corpo, d'esde os quadris até cima dos joelhos; mas quando estava a bordo vestia como os nossos primeiros paes antes de serem expulso do paraizo terrestre.

Um dia estava Carlos escrevendo na sua camara, quando o nosso conhecido João Traquete lhe disse:

— Commandante, acaba de atracar um escaler por bombordo; um individuo que vem nelle disse desejar falar-lhe.

— Quem é, e que vem fazer a bordo? Que qualidade de homem é elle?

— Não sei, commandante; é um estafermo, mal encarado como um tubarão; vem

Expositores

São concorrentes á exposição industrial e internacional de Johannesburg, os seguintes industriaes de Coimbra, srs.: — Antonio Fernandes, uma grande variedade de palitos; Antonio Dias Themido, onze qualidades de licores e cognacs; Adelino Joaquim Bento Ladeira, doces de fructa; Antonio Rodrigues Pinto, exportador de vinhos, envia setenta garrafas de clarete.

Pela segunda circumscripção industrial, d'esta cidade, concorrem expositores de fóra.

Da Covilhã, com lanifícios, srs. Campos Mello & Irmão e Sebastião da Costa Ratto & Sobrinhos; de Espinho com conservas, Brandão Gomes & C.^a; de Oliveira de Aze-meis, com manteigas, José Pinto de Carvalho.

Museu archeologico

Está definitivamente resolvido que a inauguração do Museu archeologico do Instituto de Coimbra — que está sendo reorganizado pelo sr. Antonio Augusto Gonçalves, a quem o saber e competencia não faltam, será inaugurado por occasião da festa mirandina que se realizará em fins d'abril proximo.

Compra de fabrica

A importante fabrica de moagens, que está installada no sitio chamado — *Casa do Sal* pertence por compra aos srs. Antonio Duarte Areosa, João de Mendonça Cortez Junior e José Maria Cudella.

Edificio, machinismo e dependencias da fabrica foi adquirido por 17:000,000 réis, sendo dissolvida a firma proprietaria, Espirito Santo, Machado, Areosa & C.^a.

Syndicancia

Em consequencia do abandono em que o proposto do cartorio do 2.º officio d'esta comarca, deixára o seu logar, o escrivão proprietario sr. José Norberto das Neves, veio a esta cidade para assumir as suas funcções.

Pelos boatos que se tem propalado parece que o proposto se compromettera em importante quantia e não tendo meios para a repôr se ausentára.

O sr. Neves procedeu a uma syndicancia ao cartorio e d'ella se averiguou que é superior a 500,000 réis o alcance do escrivão proposto do 2.º officio, que ha dias se ausentou para o Brazil.

DIVERSAS

Contribuições — As contribuições do estado e municipaes d'este concelho, estão em cobrança voluntaria até fins do mez de fevereiro corrente, porisso que fóra prorogado o praso.

Aviso aos contribuintes.

Por ser pedido ao governo para retirarem da igreja do extincto mosteiro de Santa Clara, um orgão para a igreja de S. Pedro, a meza da irmandade da Rainha Santa, envida todos os esforços para obstar a que o governo defira tal usurpação.

Está de luto pela morte de sua irmã, o sr. Fructuoso Lobo, proprietario do *Café Conimbricense*, a quem damos sentidos peza-mes.

acompanhado por um negro, mais feio que o diabo. Diz ser negociante, armador e capitão de um brigue, que, sympathizando com a construcção e arvoredo do nosso, pedia para o visitar.

— Cuidado, João, com os francezes! Olha que elles temem o nosso brigue por bem saberem o mal que lhes fazemos. E esse homem é francez?

— Não sei, commandante; mas elle falla a linguagem catalã; veste por uma fórma tal, que mais parece um urso dos polos do que uma alma cristã.

«Receio que o intrujão seja algum pirata do litoral. É segundo me contou hontem, esse marinheiro que veio conosco de Lourenço Marques, recommendado pelo irmão do caqitão Harley, anda por estes mares um pirata, que tudo mette a ferro e fogo; para elle não ha sagrado nem profano. Não respeita pobres nem ricos, nem donzellas nem casadas. Não tem crenças, nem fé. E' peor que um judeu, dos que crucificaram a Christo Senhor Nosso.

«Contou-me cousas extraordinarias d'elle; não dá quartel a tripulação alguma, mette no fundo os navios que aprisiona, depois de os roubar.

«Anda sempre acompanhado por um negro de medonha catadura, especie de gigante, com mais força do que uma baleia.

(Continua)

58 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XI

Apontamentos curiosos

— Não pense nisso, minha filha; os seus inimigos são poderosos; o principe está illudido; a não ser assim, teria attendido ás nossas reclamações.

— Não importa, minha senhora, eu hei de fallar ao marquez de Santo Antonio um dos amigos de meu pae.

— O marquez de Santo Antonio é um grande character, mas...

— Mas o que?

— Se elle quizer... alcançar uma audiencia do principe...

— Ha de obter, minha senhora; eu bem o sei.

Quando estavam neste dialogo entrou Carlos, e deu-lhes a triste noticia de que

RECLAMES E ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO
DE
FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO
DE
JOÃO GOMES MOREIRA
COIMBRA
50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52
(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

- Ferragens para construcções:** Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.
- Pregagens:** De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.
- Cutilaria:** Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.
- Faqueiros:** Crystalle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.
- Louças inglezas, de ferro:** Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.
- Cimentos:** Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.
- Cal Hydraulica:** Grande deposito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.
- Tintas para pinturas:** Alvaides, oleos, agua-raz, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.
- Armas de fogo:** Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers espingardas para caça, os melhores systemas.
- Diversos:** Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.
- Electricidade e optica** Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.
- Pastilhas electro-chimicas, a 50 réis }
Brilhante Belge, a 160 réis. } indispensaveis em todas as casas

JOÃO RODRIGUES BRAGA
SUCCESSOR
17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)
COIMBRA

2 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

NOVO DEPOSITO DAS MACHINAS DE COSTURA
SINGER
ESTABELECIMENTO
DE
FAZENDAS BRANCAS
DE
MANUEL CARVALHO
29 — Largo do Principe D. Carlos — 31

Encontra o publico o que ha de melhor em fazendas brancas e um completo sortido das recentes novidades para a estação de verão e que esta casa vende por preços baratissimos.

As verdadeiras machinas de costura SINGER para costureiras, alfaiates e sapateiros, vendem-se no novo deposito em condições, sem duvida, mais vantajosas do que em qualquer outra casa de Coimbra, Porto, ou Lisboa, apresentando sempre ao comprador um sortido de todos os modelos que a mesma Companhia fabrica.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes. A dinheiro, com grandes descontos.

ENSINO GRATIS, no deposito ou em casa do comprador. Na mesma casa executa-se com a maxima perfeição qualquer concerto em machinas de costura, seja qual fór o auctor, tendo para isso officina montada: Ao comprador de cada machina será offerecido, como brinde, um objecto de valor. Dão-se catalogos illustrados, gratis. Vende-se oleo, agulhas, carros d'algodão, torças e peças soltas para todas as machinas.

29 — Largo do Principe D. Carlos — 31

ARREMATACÃO
2.ª publicação
43
Pela execução hypothecaria movida por David de Sousa Gonçalves, negociante d'esta cidade, contra Francisco Marques e mulher, de São Silvestre, que corre seus termos pelo cartorio do escrivão Joaquim A. Rodrigues Nunes, hade proceder-se no dia 23 do proximo mez de fevereiro, por onze horas da manhã, á porta do tribunal, á venda dos seguintes predios: — Uma morada de casas situada na rua principal de São Silvestre, a qual comprehende cinco divisões e um forno, a confrontar com herdeiros de Innocencio Pereira do Amaral, D. Maria Augusta Manique Parreira, e estrada publica, avaliada em réis 80\$000. Uma pequena morada de casas terreas, sita na rua principal de São Silvestre, a confrontar com Thereza Cardoso, Francisco Ramalho, João Jorge Gandara, e estrada publica, avaliada em 22\$500 réis. Pelo presente são citados quaesquer interessados incertos para assistirem á praça e deduzirem o seu direito no prazo legal. Verifiquei a exactidão.
Neves e Castro.

CARROS E ARREIOS
Vendem-se dois phaetons que servem para um ou dois cavallos.
Dois pares de arreios de parelha, um com ferragem branca e outro amarella; um arreio para um só cavallo, com ferragem amarella, tudo em bom uso e preços convidativos.
Para tratar na **Correiria Central** de Adriano Francisco Dias, rua de Ferreira Borges, 9 a 15.
Esta casa continúa a vender por preços commodos arreios de cavallaria e parelha, malas e todos os artigos de viagem, tambem se concertam os mesmos, assim como se incumbe de estofar carros de novo.
PREVENÇÃO
Não confundam o estabelecimento de correiro, O que tem um jockey com um cavallo á mão, é o que pertence a Adriano Francisco Dias.
9 — Rua Ferreira Borges — 15
COIMBRA

HOTEL COMMERCIO
(Antigo Paço do Conde)
11 N'este bem conhecido hotel, un dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as attenções devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.
Fornecem-se para fóra e por preços commodos jantares e outras quaesquer refeições.

BOM TREM
Vende-se um Landau novo do systema mais moderno, de boa construcção e muito leve.
Quem pertender pode dirigir-se á rua da Sophia n.º 77 Coimbra.

M. RIBEIRO OSORIO
ALFAIATE
185, 1.º — R. Ferreira Borges — 185, 1.º
COIMBRA
Participa aos seus freguezes que recebeu o sortimento de fazendas para a estação de inverno, e por preços baratos para competir com qualquer outra casa.

3 RÉIS POR HORA
E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.
Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.
Encommendas a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**
COIMBRA
99, Rua do Visconde da Luz, 103
Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

CASA LEÃO D'OURO
117 — RUA FERREIRA BORGES — 123
COIMBRA
GRANDE ESTABELECIMENTO DE PANNOS E CASIMIRAS
COM
ATELIER DE FATO POR MEDIDA PARA HOMEM E CRENÇA
DIRIGIDO POR HABEIS CONTRA-MESTRES

A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um **EXTRAORDINARIO E VARIADISSIMO** sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais alta novidade, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:
Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2\$500 réis.
Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7\$500 réis.
Dita de casimiras e pannos pilotosou moscovas para **dragues e vestons**, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.
Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8\$000 réis.
Dita de casimiras e outras fazendas proprias para **ulsters** ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em 8\$500 réis.
Dita para **makferlanes, double-capas** ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7\$000 réis.
Explendidos cortes para calças e fatos completos, de **casimiras e chevistes inglezes**, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.
Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais **CHIC** para **smokings**, sobrecasacas e casacas.
Contra o rheumatismo e rigoroso frio. — Excellentes **montagnacs** nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 a 8\$000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para **jaquetões e sobretudos** de agasalho.
Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creança, a principiar em 750 réis o metro.
Chevistes nacionaes para calças ou fatos completos, de 700 réis o metro.
Guarda-chuvas ou guarda-soes de paninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automática, de 450 a 4\$500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO
Um saldo de diversas casimiras de côr que se vendem com o **abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor!!**
Bi-cycletes pneumáticas, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida **com o abatimento de 35\$000 e 45\$000 réis!!**
Uma machina para alfaiate-industrial oscillante de **singer** — que se vende por metade do seu preço.
Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimo figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

Publica-se ás quintas feiras e domingos
DO POVO
DEFENSOR
JORNAL REPUBLICANO
EDITOR — Adolpho da Costa Marques
Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha		Sem estampilha	
Anno	2\$700	Anno	2\$400
Semestre	1\$350	Semestre	1\$200
Trimestre	680	Trimestre	600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Defensor do Povo

COIMBRA — Quinta feira, 20 de fevereiro de 1896

POLITICA COLONIAL

A EMANCIPAÇÃO DE CUBA

IV

Cuba é a maior e, sem duvida, a mais rica entre as ilhas que formam o importante archipelago denominado das Antilhas.

Collocada pela natureza á entrada do Golpho do Mexico, ella reúne condições naturaes de um valor inextimavel, já pelas qualidades e circumstancias do seu sólo, já pela abundancia das aguas e clima, favoraveis a uma prodigiosa fecundidade, capazes de uma produção extractiva, agricola e manufactureira assombrosa e de um commercio universal; a sua população tem crescido periodicamente em uma notavel progressão, e augmentaram, proporcionalmente ao crescimento da sua população, os seus variados e parece que inexgotaveis recursos economicos.

Possuindo um dos mais bellos portos do mundo, passa por ser a mais florescente e rica entre as colonias da America,

Descoberta por Christovão Colombo, logo na sua primeira viagem, ali tambem se estabeleceram os hespanhoes logo no começo do XVI seculo (1511).

Mutilado, se não quasi inteiramente perdido, o seu vasto dominio territorial na America, os Hespanhoes a têm conservado e mantido na sua posse, repellindo e castigando feroz e sanguinariamente, as tentativas, que os cubanos, por vezes, têm feito para alcançar a sua emancipação e proclamar a sua independencia.

A braços com uma d'essas nobres e ousadas tentativas, que talvez agora se converta em facto consummado, lutam desesperadamente os nossos orgulhosos visinhos, sacrificando-lhe a flôr do seu exercito e os ultimos recursos do seu minguado e reduzido thesouro.

Disimadas as tropas, gastas improduttivamente enormes sommas de dinheiro, a campanha já inutilizou o mais prestigioso chefe militar de que dispõe a monarchia em Hespanha, Martínez Campos, e não tardará que outro se inutilise; e, por em quanto, não raio a esperanza de uma victoria decisiva, que ponha termo á insurreição, e garanta, por mais alguns annos, á metropole o dominio e a posse da grande Antilha, para ella verdadeiro jardim dos Hespanhoes, situado no Centro do Novo Mundo, á entrada do golpho do Mexico.

É dizemos por mais alguns annos, porque, já agora, não poderão os Hespanhoes consolidar a sua posse e assegurar, pela força das armas, o seu dominio em Cuba de um modo permanente, sem inquietações e sobresaltos, que, se mais uma vez o conseguisse, multiplicar-se-hiam, e augmentariam em gravidade.

Julgámos, todos devem julgar a emancipação de Cuba um acontecimento futuro inevitavel, e para muito breve. Não é facto que possa addiar-se ou illudir-se por muito tempo. Senão fór agora, se-lo-ha d'aqui a poucos annos.

É esta uma previsão que não pôde fallar; ainda aos espiritos menos penetrantes e mediocremente illustrados soberanamente se impõe.

Todo o mundo assim pensa, toda a gente o diz; neste ponto não ha illusões que nos enganem, sophismas que nos convençam.

Se os Hespanhoes fossem previdentes, se os não cegasse a ambição, se a vaidade, o orgulho e um falso patriotismo os não obsecassem, se quizessem ser nisto, como

em muitas outras coisas são, humanos, generosos, justos e honrados; se tivessem a noção clara dos seus deveres, dos seus direitos, dos seus interesses, e até da grandeza do seu renome e da sua verdadeira gloria, os Hespanhoes deveriam sentir e pensar, a respeito de Cuba, o que muita gente pensa, e fazer a respeito de Cuba o que toda a gente esclarecida e honrada faria, o que a civilização lhes impõe, e a justiça social exige.

As guardas pretorianas

Apesar das farroncas de valentão João Franco não se julga seguro e brevemente vae pedir ao parlamento sejam augmentadas as forças das guardas municipaes.

Cada companhia que agora tem um effectivo de 165 praças, vae ficar com duzentas.

É pela força que se quer segurar a monarchia.

Ha tantos exemplos do contrario, e tão vivos no coração de todos, que nem se precisa relembrá-los.

Comparando...

Dá-nos o passado nome glorioso em estadistas e conselheiros, exemplos de nobreza e honradez que sabiam fallar ao rei com independencia e desassombro.

Hoje a nobreza e a honra são virtudes desconhecidas dos magnates da politica monarchica, sem excepção de classes, nem de posições sociaes.

É prova-o um illustre jornal de Lisboa nestes periodos cheios de verdade:

«No tempo do rei Affonso IV, o Bravo, em pleno seculo XIV, havia conselheiros que diziam ao vencedor do Salado: *Se não, não!*»

Em pleno seculo XIX, em perenne expansão da liberdade e da democracia, os ministros actuaes do sr. D. Carlos só sabem dizer: *vossa magestade manda, nós obedecemos!*

Mas nesse tempo tudo era grande, activo e forte. Rei e côrte endureciam no fragor da peleja, na guerra para conquista de Portugal aos mouros.

Os ministros d'Estado eram homens e como homens falavam de cabeça erguida.

Os de hoje são servis bajuladores de uma monarchia agonizante!

Depois d'isto não são precisos commentarios; o que ali fica basta para avaliar o que vale a monarchia dos Braganças e os seus ministros.

REVEJAM-SE NA SUA OBRA

Continúa o governo a comprometter a nação e a desorganisar os serviços publicos. Ei-lo a caminho do absolutismo.

Os cidadãos, dignos d'este nome, protestam ainda pelos meios legais!

A guarda municipal e a policia crescem em numero e em brutalidade para esmagar o povo, ainda não degenerado e indifferente ás desgraças da patria.

A miseria augmenta todos os dias; a nação está pobre e faminta!

A emigração despovoou os campos; nas aldeãs só mulheres e creanças; os homens, esses, foram demandar longuiquas e ignotas regiões, fiados na sorte, com esperanças de melhor futuro!

Victimados pela febre amarella e outras doenças endemicas e debilitantes, lá morrem ao abandono, longe da terra que os viu nascer, pensando na familia e nos amigos ausentes.

Nas cidades a vida está carissima; o operariado precorre as ruas e as praças publicas á procura de trabalho, e não o encontra. Já não come, enche a barriga de porcarias, que os proprios cães regeitariam.

Os impostos absorvem o dinheiro dos contribuintes; deixam-lhes a camisa que trazem no corpo, a tapar os membros ossudos e emagrecidos.

A fome tortura milhares de portuguezes! Os syndicateiros, esses, enriquecem, riem-se alvarmente dos outros, dos honestos, e cada vez mais enterram a unha nos dinheiros que lhes não pertencem, e tanta falta fazem aos outros!

Os suicidios multiplicam-se. Por toda a parte miseria.

Já não ha pão!

A mesa dos ricos, dos grandes da monarchia, e da camarilha, coberta de iguarias fumegantes; na mesa dos pobres um pedaço de pão duro e escasso!

A monarchia desgraçou-nos; a revolução demora-se tanto... e o indifferentismo mantém-se, apodrece na mais degradante das cobordias.

A corrupção economica, politica e financeira é apontada pela imprensa livre á opinião publica; e ella ouve e calla! Triste symptoma este!...

As cadeias estão desertas de criminosos; abrem-se só para os jornalistas independentes e amigos de dizer a verdade nua e crua, tal como ella é, e é bom que se saiba.

Portugal está nas mãos de dictadores preveros e ignorantes, ajudados pelos reaccionarios que já exultam.

Já não ha leis nem garantias individuaes; o rei, no dizer dos seus interesseiros servidores, é quem governa, dita a lei.

A sua desorientada cabeça dá ordens e elles, os vendidos, executam.

Os chamados partidos monarchicos liberaes, como os factos têm demonstrado sufficientemente, unicamente esperam ser chamados ao poder para se indemnizar dos prejuizos soffridos com a demora, e mais uma vez rasgarem o seu fementido programma.

A ignorancia é cada vez maior; apesar das continuas reformas as escolas primarias continuam desprovidas de tudo; algumas são mandadas fechar, e o professorado morre de fome; o seu ordenado é igual ao d'um cavador de enchada!

A instrucção secundaria e superior é carissima, impossivel mesmo para os que não tem logar á mesa do orçamento.

As escolas na mão dos jesuitas; os coios jesuiticos augmentam, e prosperam á sombra da protecção fidalga e palaciana.

As colonias diminuem a olhos vistos.

Os allemães levaram-nos Keonga, amanhã os inglezes, aliados da monarchia e amigos do sr. D. Carlos de Bragança, roubar-não Lourenço Marques, o melhor porto de mar na costa occidental da Africa.

Na India uma insurreição rebentou originada pela crueldade dos governadores, bons para tudo... menos para se imporem ao respeito e garantirem a tranquillidade e a vida ameaçada dos nossos concidadãos.

O governo entregou o commando da expedição á India por galanteria e sabugisse ao turbulento sr. infante D. Affonso, que persuadido de que tudo se leva como um carro pelo Chiado acima, não tem feito senão asneiras e praticado arbitrariedades.

Phantasiaram-se batalhas para enaltecer o valor do irmão do rei, forjaram-se telegrammas espalhafatosos, os jornaes do subsidio botaram artigos elogiosos e no fim, sabidas as contas, tudo falhou e... quartel general em Abrantes, tudo como d'antes!

Entretanto os nossos valentes e ousados soldados batiam-se nas inhospitas paragens de além mar como leões, e os seus inapreciaveis feitos e serviços á patria são galardoados com medalhinhas e *Te-Deums* e, para premio de consolação, mandam-nos novamente para a fileira; isto quando muitos vêm doentes e achacados, desejando acima de tudo voltar ao seio da familia, ao socego do lar!

Que patriotismo o d'estes senhores! Como isto revolta, causa nauseas, até vomitos! Não se commenta tamanha ingratitude, tão grande injustiça!

Que ministerio o nosso que por uma questão de recompensas esteve prestes a desavir-se, enquanto o povo applaudia aos gritos entusiasticos as glorias que nos reanimaram as forças quebrantadas e o prestigio abalado!

Para onde vamos digam-nos.

Vamos para a ruina, não é verdade?

Onde o remedio?

Na Republica simplesmente.

Porque a não proclamamos então?

Porque a nossa tradicional altivez e energia revolucionaria desapareceu?

Não: nós ainda temos esperanza, a força dos principios ha de triumphar.

Mas esta paz pôde desesperar-nos; vae-nos faltando sangue frio para esperar.

Que vergonha e opprobrio, que baixaza tudo isto revela.

E não havemos de lutar?

Sempre e sempre.

Ou vencemos, ou então a nação partirá da nossa derrota!

Prosperidades...

Da praça do Porto exportaram-se 1:761 libras sterlinas, alem da casa Pinto Leite, que mandou para Londres uma remessa de 3:000 libras.

Bem se vê que o estado financeiro do paiz é prospero e que a situação economica nos dá muitas esperanças.

Vamos cada vez para melhor!

Pelourinho

XLVII

DOS QUE FURTAM COM UNHAS TIMIDAS

Tenho por mais cruéis e daminhas estas unhas, que as passadas; porque os timidos e covardes para se assegurarem, fazem maior estrago que os timidos e valentes, que levam carta de seguro em seu braço. Um leão contenta-se com a preza que lhe basta para aquelle dia, ainda que tenha deante das unhas muito mais em que as possa empregar.

A rapoza quando dá em um galinheiro, tudo degola e espedaça, até o superfluo. Nem ha outra causa d'esta disparidade, senão que a rapoza é covarde, e o leão é generoso e valente.

Taes são as unhas timidas maiores damnos causam com seu temor, que as temidas com sua potencia. E d'aqui vêm as mortes que dão, e as caras que esfolam, ladrões formigueiros por essas estradas: temem o ser descobertos, que lhes dêem na trilha, e para se assegurarem, nada deixam com vida: a mesma arte que os ensina a furtar para sustentarem a vida, lhes deu esta regra para a assegurarem, que arredem testemunhas com as mesmas garras.

Nem param aqui os damnos que a deante passam; porque nas mesmas rapinas executam crueldades, como aquelles de Arrayollos, que, furtando um relógio de ouro que ia de Lisboa para um rei de Castella, por não serem conhecidos pela qualidade do furto, que era notorio, o fizeram em pedaços, e o lançaram d'uma ponte abaixo em um rio.

E os que furtaram a prata de S. Mamede na cidade de Evora, pela mesma causa a enterrarem ameaçada na estrada de Villa Viçosa, junto ao poço de entre as vinhas, sem se aproveitarem d'ella para nada.

Dá um ladrão d'estes timidos em uma alfandega, tira o miolo a duas caixas d'assucar, e não repara em derreter uma duzia d'ellas com agua que lhes botou por cima, para que se cuide que o mesmo caminho levaram as duas, cuja substancia elle encaminhou para sua casa, e que as humidades do mar e do sitio obraram aquelle mau recado.

Tira um marinheiro dois almudes de vinho d'uma pipa, e para que não se sinta a falta, bota-lhe outro tanto d'agua salgada, e faz isto mesmo a vinte ou a trinta, porque assim se foi brindando, e a seus companheiros toda a viagem; e não repara no damno que deu de mais de quatro mil cruzados, por poucos almudes de que se aproveitou, porque no fim tudo se achou corrupto.

Da mesma covardia nasce não reparar um ladrão d'estes timidos, em fazer rachas um escriptorio de madre perola, que vale mais que o recheio, quando não pôde levar tudo debaixo do braço; nem em pôr fogo a uma casa, para que se cuide que se foi no incendio a peça rica com que elle se foi para sua casa, etc.

O remedio singular que ha para todos estes é a força, porque como são timidos, só o medo d'ella os pôde enfrear: e se a nenhum se perdoar, todos andarão compostos, como lá disse um poeta: *Oderunt peccare mali formidine pœna.*

E uma rainha de Portugal dizia, que tão bem parecia o ladrão na força, como o sacerdote no altar. Ainda que eu não sou de opinião que se enforcem homens valentes, quando ha outros castigos tão rigorosos como a força, quaes são os degredos para as conquistadas, onde podem ser de prestimo: e em seu logar discutiremos melhor este ponto, quando tratarmos das thesouras com que se cortam todas as unhas. Agora só digo, que havendo-se de enforçar alguns, sejam os timidos, covardes, gente inutil, que bastarão para documento e freio que sustente em regra os mais.

(Arte de furtar.)

Basofias litterarias d'um Poeta

Critica á Critica

CONTINUAÇÃO

Eu não tenho presumpções de homem conhecido no mundo das lettras como você, seu alma de cantaro, que até pretende menos-cabar o merito litterario do sr. Theophilo Braga, uma das mais possantes individualidades litterarias de Portugal contemporaneo! Continúe a tosá-lo, que você d'alguma fórma tem de pagar as amabilidades que o sr. Trindade Coelho lhe dispensou na *Revista Nova*. Ande, não seja ingrato a quem o obsequiou. Afie o gume da sua critica, e dê para baixo no sr. Theophilo Braga. Dê-lhe quinaus em grammatica e em Historia, preclarissimo e sapientissimo pedagogo.

O sr. Carlos, além de má e ignorante, é atrevido e insolente. Em vez d'uma critica placida e cortez, dá-nos um embroglio indecente e indelicado. Logo na sexta linha do seu artigo usa d'um epitheto bastante réles e plebeu e que não quadra muito a um artigo de critica séria e desinteressada. Não é para admirar, pois, que eu use, ás vezes, d'uma linguagem energica e implacavel contra quem teve a pouca vergonha de se dirigir menos correctamente a um individuo pacato e condescendente.

Mais abaixo, diz o sr. Carlos de Lemos o seguinte: «... entendo que para se ser um juiz rigoroso preciso é que se seja um cidadão honestissimo; que para se ser um critico intransigente (o italico é meu) preciso é que se tenha um grande talento abonado por uma grande obra.» Pois, se s. ex.º assim o entende espeta-se redondamente.

Eu poder-lhe-ia citar muitos exemplos de escriptores que foram criticos aos quinze annos. Visto não ter conhecimento d'este facto, peço-lhe que leia os celebres tratados de Lombroso, Garofalo e Ferri. Que eu não estou para *gastar céra com ruins defunctos*.

Continúa o sr. Carlos de Lemos: «Ora o sr. Villela Passos, obra, tem uma... annunciada de ha tres mezes pelas paredes, mas que no artigo em questão, confessa não estar ainda concluida; talento, pelo que lhe conheço, não lh'o reconheço.» A cerca do livro que tencio publicar, affianço-lhe que sairá em mais breve praso do que o que tem levado para o apparecimento da sua *Palin-genesia*, que está annunciada (para breve) desde 1893, anno em que publicou as *Miragens*. Além d'isso, tenho a notar ao sr. Carlos que o meu livro não está annunciado ha tres mezes mas sim ha dois. E' bom que se saiba.

Agora, uma observação: se o sr. Carlos de Lemos pretende seguir á risca, como bom pedagogo que é, os preceitos do Epiphanio, deve ter em vista o que elle diz relativamente ao diptongo *ão*, no § 266, d: «O diptongo *ão* deve escrever-se com *ão* e não com *am* (v. g. *tão*, *quão*, *são*, *orgão*, *Christovão*). Escrever *tam*, *quam*, *orgam*, etc., é ser menos correcto, por isso que é deixar sem representação a segunda vogal do diptongo e tornar incoherente a escripta dos nomes no plural, sendo que todos escrevem no plural *orgãos* e não *organs*. Todavia nas fórmas verbaes de mais de uma syllaba, quando não são agudas, é mais vulgar escrever-se *am* (v. g. *amaram* por *amárão*).»

E o sr. Carlos de Lemos não seguiu esta regra elementarissima, porquanto, no seu artigo critico, encontrto as fórmas *vejam*, *denotam*, *sejam*, etc., em vez de *vejaão*, *denotão*, *sejaão*, etc., que seria mais correcto segundo o Epiphanio.

Um outro erro muito frequente nas composições do sr. Carlos de Lemos é escrever: *dir-me-d*, *vivel-os-d*, etc., em vez de *dir-me-ha*, *vivel-os-ha*, etc. Aqui, não se me pôde objectar com o erro typographico, porque eu aponto essa falta em dois trabalhos litterarios do sr. Carlos de Lemos: 1.º nessa critica que estou analysando, onde diz: «*Dir-me-d* o sr. Villela Passos...»; 2.º nuns versos dedicados a João de Deus e que vieram publicados na *Vitalidade* de Aveiro. Eis dois:

Senlcos que ello viva,
Ingenuo e bom, *vivel-os-d* cantando,

Estes são dos taes erros crássos, que nem mesmo são permitidos a um rapazito de escolá, quanto mais a um professor de Portuguez e Latim.

Feitas estas ligeiras observações orthographicas, vou continuar a autopsia á critica do sr. Lemos.

Este senhor falando d'um fragmento de prosa, intitulada *Volupia*, que publiquei, em 1894, no *Cenaculo*, diz o seguinte: «... que é a modos que uma espermatorreia litteraria d'um cerebro onanisado...»

Eu sempre queria que o sr. Carlos me dissesse qual era a razão por que tinha introduzido ali, adiante de *modos*, aquelle que. Se fosse antes d'um verbo admitia-se, era

até mesmo necessario. Mas assim... sinto muito dizer-lh'o, mas espetou-se. E, como o sr. Carlos tambem foi infeliz no *definitorio*, (cautela com o Duque) que apresentou d'essa prosa intitulada *Volupia*, acho rasoavel transcrever para aqui o do sr. Rodrigo Velloso, que neste ponto é insuspeito: «*Volupia* (fragmento) devaneio lubrico, canto em prosa ás doçuras do peccado.» Ha de confessar distincto poeta, que o sr. Rodrigo Velloso sempre é mais justo nas suas apreciações que o meu illustre e dedicado collega.

(Continua).

VILLELA PASSOS.

Dois monopolios

Já nos apparecem aos pares — como os frades. Os bemaaventurados da politica lá andam numa roda viva para acabar com a liberdade de mais duas industrias.

Acabe-se com tudo; não ha garantias para coisa nenhuma; estamos num medonho periodo de pilhagem.

Vejam o resultado do *monopolio dos tabacos*: má qualidade de charutos e cigarros, e os pacotes de tabaco roubados.

Do *monopolio dos phosphoros* resultou: a isca a 50 réis o metro, e o phosphoro de pau, que as classes pobres consomem para uso domestico, não apparece no mercado com abundancia, vendo-se o publico obrigado a comprar o phosphoro amorpho com 20 palitos e a 10 réis cada caixa! E' a perfeita rapina.

Nun e noutro syndicato os operarios estão sempre a reclamar, porque os usuarios patrões só querem todo o interesse para si.

Os comilões, sempre á porfia de grandes postas que lhes dêem bons lucros, só pensam em monopolios, e eis que surgem dois — *chapelaria e calçado* — visto que ha a certeza de ganhos importantes, visto que o governo sempre se presta a conceder garantias de farta comedella, e de tal ordem que o syndicato dos phosphoros, depois de fechado o contracto, solemnizou o acto com um jantarão, num hotel de Lisboa. Foi bem notorio este caso!

No Porto, onde mais predominam as fabricas de chapellaria, os industriaes interessados no monopolio têm feito uma activa propaganda fazendo ver aos operarios: que os seus interesses são melhorados, ficando em condições de vida muito superiores ás actuaes.

Não ha maior cynismo que o d'esses especuladores! Querem illudir os operarios com falsas promessas, como se elles não vissem que o monopolio os ha de escravisar!

São taes as desgraçadas condições em que fica a classe manufactureira, que se um dia um operario abandonar a fabrica por qualquer injustiça que se lhe faça, ou por ser expulso, fica inhibido de encontrar trabalho, por isso que todas as fabricas estão na posse do syndicato.

Todos os monopolistas lêem pela mesma *Cartilha da exploração*. Os chapéus, as botas e os sapatos — todos os artigos em fim, que lhe estão annexos — hão de subir de preço; só os salarios dos operarios não terão augmentos. E a quem não servir — *vá ao visinho de baixo!*...

Os monopolios são um estorvo para o aperfeiçoamento d'uma industria, perdendo-se o estímulo pela falta da concorrência; e sobretudo, apresentam um attentado contra a liberdade de industria, que só neste paiz se pratica, no engodo de umas centenas de contos, que o governo recebe para satisfazer aos caprichos do paço e ás necessidades dos escaimados, que enchameiam as secretarias e a côrte.

A situação está bem definida nesta phrase: — *Estamos em crise de ladrões!*

TRIAGA

LII

Quem te viu!... Tem paciencia,
ó moleiro!
Cahis-te em decadencia,
meu brejeiro!

De tudo tu és capaz,
rico *bongal*
q'rias só dar sota e az
na candonga!...

Pazada agora apanhas,
'té dares urro!
pois te conheem as manhas,
meu casmurro.

Fazes em ti flocos-pé
mas ao cabo,
vaes levando pontapé...
nesse rabo,

Fra-Dique.

A QUÉDA DO MOLEIRO

RETRACTAÇÃO

Houve hoje sessão da camara. Tratava-se d'um assumpto importantissimo: a solução do conflicto provocado pelo *Bonga*, de Sernache, que, na qualidade de vereador da *limpeza*, quiz ter interfeerencia no pelouro do cemiterio. De-feitos de *mandão* e *galopin*.

Assistiram á sessão da camara bastantes individuos e não faltou a comitiva — o estado maior do *Bonga* — gente para tudo, escrava e obediente ao seu *sinhá*. Estão-lhe na mão... e na gaveta — d'isso se ufana elle!

Aberta a sessão e no fim de se tratarem de outros assumptos, procedeu-se á leitura d'um relatório apresentado pelo sr. administrador do cemiterio em que expõe circunstanciadamente e com precisão o caso que se dêra da imposição formal — *com ameaças de demissão* — feita pelo sr. Manuel Miranda, para conseguir, pela ameaça, realisar a exhumação, que fôra prohibida pelo sr. administrador do concelho; por que um officio recebido por elle recebido do governo civil, melhor informado, dava por nulla a licença que se havia passado, reconhecendo-se no logro intrigado pelo *Bonga*, a falsidade da primeira informação.

Abrimos um parentese: nesta diligencia o sr. dr. José Miranda, administrador do concelho procedeu com discernimento, cumpriu com isempção os deveres d'uma auctoridade recta, na intimação ao sr. administrador e capellão do cemiterio, exigindo-lhe o cumprimento do regulamento, que não consente a exhumação de cadaveres que tenham só dois annos de sepultura! Esta intimação foi lograda pelas infames arteirices do Manoel Miranda, compromettendo o capellão que foi suspenso por alguns dias. O que esse palife urldu!

Reatemos: — feita o leitura do relatório, o sr. vereador José Antonio Lucas apresentou a seguinte

PROPOSTA

Em vista do relatório do administrador do cemiterio, que expõe d'um modo claro e expressivo o abuso commettido pelo vereador Miranda, proponho:

1.º A camara lastima profundamente o procedimento incorrecto e abusivo do vereador Miranda.

2.º Propõe que o dito relatório do administrador, assim como a presente proposta sejam exaradas na acta.

Fallaram sobre a proposta, no sentido de ser approvada, alguns srs. vereadores, intervindo o sr. presidente que disse desejar a conciliação neste conflicto, por isso pedia para a proposta ficar para a sessão seguinte, a fim de averiguar se será da competencia da camara esse assumpto.

Suspensa a sessão os srs. vereadores recolheram a outro gabinete para decidirem sobre o grave acontecimento das accusações feitas pelo capellão e administrador do cemiterio. Um dos vereadores apresentou o alvitre: — pedir-se ao sr. Manuel Miranda uma formal retractação, a qual deve ficar exarada na acta, para conhecimento publico.

Como não houvesse quem se prestasse a apresentar esse alvitre ao vereador, que por vindicta profanou uma sepultura! — o sr. presidente instou com o sr. vice-presidente que se dirigiu immediatamente ao sr. Manuel Miranda, a communicar-lhe o que se acabava de decidir e se aceitava a condição imposta. Que sim.

E foi accete a retractação! — que admira?! — Só pediu ao sr. presidente que lh'a fizesse em seu nome, pois o estado de exaltação em que se achava não lhe permitia o poder fazê-lo vocalmente. São d'esta massa os cynicos e os cobardes.

Ao continuar-se a sessão o sr. presidente lembrou o estar presente a proposta do sr. Lucas, e por isso julgava de conveniencia ficar para a sessão seguinte.

Nesta altura o sr. vice-presidente pediu a palavra e consubstanciou o pedido do delinquente neste sentido:

Que em nome do sr. Manuel Miranda ia declarar que não fôra sua intenção offender ou desprestigiar o sr. vereador do pelouro do cemiterio e se houve desacato ás ordens do mesmo vereador o fizera por simples equivoco ou ignorancia.

Oh! ceus!

Os assistentes espantaram-se e os seus alcioes ficaram aturdidos com o estrondo do baquear do grande colosso, o *Bonga*. Só lhe faltou, rojar-se no chão, como o Gougnhana, em frente de Monsinho. Elle, o vencedor — derrotado! Cahido por terra! Ó manes de Canea, acudi!...

E acudiu o sr. Themido, a quem o sr. presidente mandou calar. Foi uma lição das regras da ordem, da cordura, do bom senso e educação, que falta a muita gente.

Foi posto fóra por boas palavras — nem tempo teve de dizer... sapê!

O sr. Albano Gomes Paes acceteu a retractação do sr. Manuel Miranda. Perguntando-lhe o sr. presidente se estava satisfeito — que sim, principalmente por consideração a s. ex.º, e em seguida pediu ao sr. Lucas para retirar a proposta.

Assim terminou a sessão.

Coitado do moleiro!

Expositores

A' exposição internacional de Johannesburg, concorreram os seguintes expositores:

Districto de Coimbra — Coimbra, Basilio Xavier d'Andrade, Gonçalo Christovão de Meirelles, Antonio Rodrigues Pinto e Leandro José da Silva, com licores e cognacs do seu fabrico; Figueira da Foz, Ernesto Gaspar (successores), Costa Pereira & Filhos, Joaquim Antonio Simões, Ignacio Augusto Carriço (successores), José dos Santos Pereira Jardim & C.ª, Antonio Regalheiro, Manuel José de Sousa & Filhos, Bernardino Augusto Lopes & C.ª, Joaquim Gomes Ribeiro & Irmão, João Maria Rocha Junior, Alfonso Ernesto de Barros, Fernandes Aguiar & C.ª; Murte, Joaquim Pereira Machado; Oliveira do Hospital, Antonio Toscano Tinoco e Joaquim Emilio Ribeiro do Amaral; Soure, dr. Alfredo de Moura Mattoso; Condeixa, padre Francisco Xavier de Carvalho.

Districto de Vizeu — Santa Comba-Dão, dr. Fortunato Vieira das Neves, e Antonio das Neves Andrade.

Districto de Aveiro — Mealhada, dr. José de Vasconcellos Lebre.

Estes expositores têm em armazens, conforme a exigencia dos regulamentos do cortamen, mais de cem pipas de vinho igual ao do mostruario.

Grande incendio — Mortes

De Santarem ha noticias atterradoras, narrando o incendio que se ateára no Club Artistico, na noite de terça feira quando se realisou o terceiro baile do carnaval onde se reuniram mais de duzentas pessoas.

Conta-se assim o horrivel caso que a cidade de Santarem chora dilacerada pela dôr ao ver tão horrivel espectáculo e tantas vidas torturadas pelo incendio.

Cerca da meia noite, quando a animação attingia o seu maior auge, rompeu um violento incendio na escada do Club, incendio a que deu causa a chamma produzida por um pequeno balão de papel dos muitos que ornamentavam e illuminavam a escada, communicando-se rapidamente aos arbustos ressequidos e aos reposteiros que enolduravam a porta de entrada do salão, tomando assim, por completo, todas as sahidas do interior do edificio para a rua.

O panico foi indscriptivel. — Muitas senhoras que tinham os seus filhinhos dormindo no gabinete do *toilette*, para ahí se precipitaram na intenção de os salvar, mas foram logo cercadas pelas chammas que invadiram tudo rapidamente, não podendo realisar o seu intento, succumbindo muitas nessa occasião e precipitando-se outros das janellas para a rua, ficando gravemente feridos e ainda outras, mais infelizes ainda, que encontraram morte horrorosa entre as chammas e os escombros.

A's quatro horas da madrugada as corporações de bombeiros tanto municipaes como voluntarios principaram a trabalhar no rescaldo e procurando os cadaveres, sendo até esta hora já encontrados 36, na sua maioria senhoras e crianças em horroroso estado de carbonisação. — Santarem está de luto, por esta tão grande desgraça. — Todas as repartições publicas e estabelecimentos commerciaes da cidade estão fechados.

O aspecto da cidade é tudo quanto ha de mais commovente.

Nas ruas passam-se scenas tristissimas. Ouvem-se constantemente gritos lancinantes de pessoas de familia chamando pelos entes queridos que encontraram a morte no meio d'aquella horrorosa catastropho.

O numero de feridos é enorme sendo alguns de muita gravidade. Continua-se no rescaldo que ainda durará muito, ignorando-se a quantidade de cadaveres que ainda lá se encontrará.

As casas proximas do Club foram tambem attingidas pelo pavoroso incendio.

DR. JOSÉ FALCÃO

A COMMUNA DE PARIZ

E
O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço... 200 réis

A QUESTÃO DO ZAIRE

Preço... 600 réis

Pedidos dos ultimos exemplares d'estas duas obras, que recommendamos aos que a desconhecem, a esta redação.

Pelo correio accresce o porte.

Assumptos de interesse local

Originaes

Somos obrigados a retirar a chronica — Umas Férias em Madrid (impressões) — por absoluta falta de espaço, como se teve de retirar a noticia da recita do Entrudo e outros escriptos.

Calote nos professores

Podem-nos para podermos descobrir qual o motivo porque até hoje, 20 do corrente, se não tem pago o ordenado do mez de janeiro aos professores primarios d'este concelho; pois que em outros d'este districto, não só pagaram o ordenado respectivo, mas o que lhe pertence segundo a classe em que foram classificados.

Indagar um caso tão bicudo é bem difficil, porém, já ouvimos uns rumores a proposito d'uns dinheiros das juntas de parochia que a camara transacta devia ter em cofre...

Procissão da Cinza

Hontem realisou-se esta procissão, que ha quatro annos se não fazia.

La numerosa e com muita ordem, levando nos seus andores imagens de santos de diversas ordens religiosas.

Das freguezias ruraes concorreu immenso povo e nas ruas e janellas por onde passou a procissão, muita gente assistia ao desfilar do cortejo.

Tocava marchas funebres a philharmonica *Boa-União*, fechando um piquete de policia.

Theatro-Circo Principe Real

O publico de Coimbra vae ter tres noites de regosio neste theatro, pois o empresario contractou a companhia do theatro D. Affonso, para nos dias 29 d'este mez, 1 e 2 de março dar tres magnificos espectaculos d'assignatura, com as seguintes peças: *Capitão Lobishomem*, *Guerrilheiros* e *Uma aventura regia*. São tres operas-comicas de primeira ordem, com soberbos numeros de musica, muitos côros, lindissimo scenario, etc., etc.

Os preços da assignatura são: camarotes, 2400 réis; fauteuils, 560 réis; cadeiras, 400 réis; geral, 200 réis.

Avulso, preços da casa.

Ferimentos com arma de fogo

Antonio Miranda de Valle de Linhares, freguezia de Santo Antonio dos Oliveaes, dirigiu-se hontem pelas 7 horas da manhã, a casa de sua tia Maria d'Assumpção, que aquella hora ainda se achava na cama, bem como sua filha Ritta Maria de 28 annos.

A mãe ao abrir a porta encontrou-se com o sobrinho que de revolver na mão lhe perguntou pela filha, dizendo-lhe que a pretendia matar, visto ella recusar-se a casar com elle.

Quando a mãe o pôz fóra de casa, este disparou-lhe um tiro no seio esquerdo, dando em seguida outro na filha na mesma região.

O aggressor foi preso e as mulheres feridas recolhidas ao hospital, onde ficaram em tratamento, sendo grave o estado de Maria d'Assumpção.

Que a justiça se incumba de dar o castigo que merece assassino tão covarde.

66 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XI

Apontamentos curiosos

«Nas abordagens vae o negro sempre na frente, armado de um grande martello de ferro; cada vez que o descarrega é mais uma alma que se despede d'este mundo.

— Acho singular o que me dizes, respondeu Carlos meditando seriamente nas palavras de João Traquete; no entretanto vamos receber esse capitão que nos procura.

Levantou-se e subiu á coberta, aonde se achava o estrangeiro.

Carlos ficou impressionado ao ver aquella physionomia selvagem; não pôde deixar de notar a extravagancia do vestuario. Soffreu uma especie de calafrio; sentiu uma instinctiva antipathia por aquelle homem; porém dominou-se, e disse-lhe na mais pura linguagem vasca:

Serviço de comboios

Foi restabelecido entre as estações de Taveiro e Formoselha, o serviço de comboios que estava interrompido pelo desabamento no pontão, que obstruía a linha, tendo os passageiros de fazer trasbordo.

Hospitales da Universidade

Na semana finda foram praticadas em diversos dias, as seguintes operações:

Na clinica cirurgica de homens, o professor sr. dr. Daniel de Mattos fez a amputação da coxa direita a um doente, motivada por um osteo-sarcoma.

A uma doente da clinica cirurgica de mulheres, a extirpação de um papiloma, implantado na mucosa do labio inferior. Foi auxiliado por alguns alumnos do 4.º anno.

Na enfermaria n.º 5, o professor sr. dr. João Jacintho, auxiliado pelos alumnos do 3.º anno fez a ablação da glandula mamaria direita, motivada por um carcinoma, a uma doente.

DIVERSAS

O rendimento dos impostos indirectos municipaes de Coimbra, durante o mez de janeiro ultimo, foi de 1:3827133 réis, mais 4127021 réis do que em igual mez de 1895.

No matadouro d'esta cidade durante o mez de janeiro proximo findo, foram abatidos para consumo publico 129 bois, 24 vitellas, 319 porcos e 2:867 carneiros e chibatos com o peso liquido de 64:295 kilos.

O rendimento do imposto do real d'agua neste concelho, durante o mez de janeiro do corrente anno, foi 3:2397789 réis, mais 2527773 réis do que rendeu em igual mez do anno de 1895.

Constou no commissariado do que no logar de Palheiros está atacado de hydrophobia o lavrador Sebastião Borges, que ha tempos fóra mordido por um cão raivoso, recusando-se a ser tratado no instituto em Lisboa, para não fazer despezas, pois que, como tem rendimentos teria de gastar o seu dinheiro.

Sordida creatura!

O sr. José dos Santos Donato, foi nomeado guarda e machinista do observatorio astronomico d'esta cidade, logar vago pelo fallecimento do sr. Antonio Maria do Rego.

Vae requerer a sua aposentação o antigo professor, sr. Hermann Christiann allemão, professor de francez e allemão no lyceu de central d'esta cidade.

A's irmandades e confrarias: Termina no fim da mez o prazo para estas corporações revalidarem, sem incorrer na multa, os seus livros, que não tenham sello algum.

Consta que o sr. Emilio Yock, austriaco, vae resignar a cadeira de physica e mecnica da Escola Brotero, no fim do anno lectivo, retirando para a sua patria.

— Em que posso ter a honra de o servir? Sou o commandante d'este brigue, e como o senhor é entendedor, creio que o achará soffrivel. Poder-me-ha fazer a honra de dizer o seu nome.

O capitão recémchegado prestará pouca attenção ás palavras de Carlos; analysava com severa minuciosidade o navio, como perito que era, o que não passou despercebido a Carlos e João Traquete, que disse para o guardião:

— Mestre guardião, o alma do diabo não vem aqui por bom! Olá que sim! Nada é; por minha vontade já o encafua na porão ou dava-lhe um mergulho.

O capitão maltez respondeu á pergunta de Carlos; porém a sua voz parecia o sarrido de uma fera.

— Sou maltez, mas resido na ilha do Chypre, aonde tenho o meu negocio; sou tambem proprietario de um brigue, que commando. Actualmente está cruzando nas costas da Corsega. E affianço-lhe, commandante, que é um dos navios mais veleiros, que melhor singra por esses mares.

«Mas verdade, verdade, capitão o senhor possui um formoso barco! Eu que julgava o meu bigue o primeiro navio do mundo, em belleza e força de construcção, tenho apenas o segundo. Quer vender o brigue?»

Carlos ficou surpreso com a proposta, e respondeu-lhe:

— Este brigue não se vende nem se apri-

Cemiterio da Conchada

Na semana finda em 15, enterraram-se os seguintes cadaveres:

Malsueta Simões Barreirinhas, filho de Antonio Simões Barreirinhas e Maria Joaquina, de Valle do Tronco, de 43 annos. Falleceu no dia 26 de Janeiro.

Leonora da Conceição, filha de Henrique Clemente Miranda e Rita da Conceição, de Coimbra, de 17 mezes. Falleceu no dia 30.

Francisco Antonio, filho de Manoel Borges Coelho e Thereza Rita de Jesus, de Ceta, de 64 annos. Falleceu no dia 31.

José Borges, filho de Adelino Borges e Maria de Jesus, de Coimbra, de 45 annos. Falleceu no dia 1 de fevereiro.

Esther, filha de João Maria Ferreira Roque e Maria José Mesquita, de Coimbra, de 1 anno e oito dias. Falleceu no dia 2.

Receinasido, filho de Theotónio Joaquim Jacob e Constança da Conceição Silva, de Coimbra, de 20 dias. Falleceu no dia 8.

Total dos cadaveres enterrados neste cemiterio — 18:857.

Carteira da policia

De domingo para segunda feira, pelas 2 horas da madrugada, foi dada na 2.ª esquadra uma denuncia de que em S. Martinho do Bispo havia sido morto um homem com um tiro d'arma caçadeira, e que alli se achavam detidos dois como auctores do crime.

Para o local marchou logo o cabo n.º 10 e os guardas n.ºs 21, 28, 41 e 51; não chegando alli por já se encontrarem no caminho com os cabos d'aquella freguezia que conduziam os presos.

Na 2.ª esquadra, fizeram declarações algumas testemunhas acerca dos dois presos, João Aleixo, solteiro, pedreiro, e José d'Oliveira, solteiro, sapateiro, ambos de S. Martinho, dizendo que elles tinham ido passar a noite para os lados dos Casaes do Campo, na pandega e chegaram á Bemcanta entraram na taberna do Henrique para beber vinho.

Achava-se o morto, Antonio de Moraes, carpinteiro, casado, tambem de S. Martinho, tocando viola na companhia de Joaquim Pereira.

Sairam os tres e seguiram d'alli até proximo á casa do morto. Este e João Aleixo tiveram aspera altercação, ao que o Moraes correu a casa a munir-se d'uma arma caçadeira e com ella correu sobre o Aleixo e Oliveira. Depois d'algumas altercações sentiu-se uma detonação e logo em acto continuo a mulher do Moraes gritava contra João Aleixo que lhe tinha morto seu marido o qual já era cadaver.

A arma tem o cão forçado e duas amoladellas na extremidade do cano; está na 2.ª esquadra.

A policia procede a averiguações e o cadaver foi para o theatro Anatomico para ser feita a competente autopsia.

O morto deixa mulher e tres filhos todos menores.

Regulamento do recrutamento militar

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua da Atalaya, n.º 183 L.º, Lisbon, tem breve a sair do prelo a edição do ultimo *Regulamento dos serviços do recrutamento militar*, approvado por decreto de 26 de dezembro de 1895. Nesta edição acompanha o Regulamento um copioso *repertorio*, para facilitar a consulta, poupando assim tempo e trabalho a quem o compulsa.

siona. E para que precisa o senhor um navio como este? Pois não vê que tem pouca capacidade para carregamento, que é um navio de guerra?

— Vejo, sim, senhor; vejo tudo muito bem. Mas nós, os maltezes, os maritimos do Levante somos uns grandes maganões...

O capitão maltez tentou sorrir, mas apenas conseguiu fazer uma careta.

— Não o comprehendo, respondeu Carlos seriamente.

— Pois o senhor não me comprehende? Oh! Julgava-o com mais espirito!... Mas não, o senhor comprehende, o que não quer é entender.

Ao dizer isto, tornou a rir, mas de uma maneira zombeteira.

— Em conclusão, diga o que quer, capitão?

— O que quero? Já lh'o disse. Mas o senhor não quer...

— Explique-se.

— Da melhor vontade. Eis o caso: O senhor é um corsario, pois não é?

— Não o nego. Tenho carta de corso passada pelo governo britanico; a minha missão é metter no fundo todos os navios francezes e os dos seus alliados.

— E mais nada? perguntou o maltez.

— Ah! sim; esquecia-me dizer-lhe: tambem uso enforcar no lais da verga grande os ladrões.

— Sim?... Diabo! O sr. não é de meias

O SELVAGEM

Dos acreditados editores Belem & C.ª de Lisboa, recebemos a caderneta n.º 7 da nova obra, **O SELVAGEM**, de Emile Richebourg, cujo resumo do entreccho é como segue:

Raul de Simaise jurara que Joanna lhe pertenceria a despeito de tudo, e uma noite introduz se no quarto da joven, que despertando em sobresalto, brada por soccorro. Ninguém poderia valer-lhe. Mas subito apparece um homem que a salva. Joanna desmaiara, e ao recuperar os sentidos, vendo o **SELVAGEM** na sua frente, imagina ter sido elle o miseravel. Não querendo sobrevir á vergonha de que se julga victima, corre a precipitar-se nas agoas do rio. O **SELVAGEM** segue a, mas chega tarde. Joanna tem desapparecido levada pela corrente.

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

DIRECTOR

EUGENIO DE CASTRO

Collecção de obras primas de todas as litteraturas, antigas e modernas

Sahirão 2 volumes por mez, nos dias 10 e 25

Está publicado o 1.º volume

POESIAS

DE

JOÃO DE DEUS

COM UMA CARTA PREFACIO EM VERSO POR

EUGENIO DE CASTRO

100 RÉIS

Preço de cada volume cuidadosamente impresso em bom papel com o retrato do auctor

100 RÉIS

Successivamente serão publicadas as obras-primas de:

Goethe, padre Antonio Vieira, D. Manuel de Portugal, Fr. Antonio das Chagas, Fr. Pantaleão d'Aveiro, Fernão Mendes Pinto, Luiz de Camões, Sá de Miranda, dr. Theophilo Braga, Gabriele d'Annunzio, Leopardi, Enrico Panzacchi, Eugenio de Castro, Edmond de Goncourt, Emile Zola, D. Emilia Pardo Bazan, D. Heraclio Perez Placer, Carlos de Mesquita, Manuel da Silva Gayo, J. H. Rosny, Guy de Maupassant, Armand Silvestre, Catuile Mendès, Pierre Loti, Paul Bourget, François Coppée, Jean Richepin, Gustave Flaubert, Tolstoi, Dostoyewsky, Tourguenneff, Balzac, Diderot, Montesquieu, Molière, Voltaire, Prevost, La Fontaine, Cyrano de Bergerac, Chateaubriand, Bernardim Ribeiro, padre Manuel Bernardes, Fr. Thomé de Jesus, Garcia de Rezende, Diogo Bernardes, Fialho d'Almeida, etc., etc.

Augusto d'Oliveira—EDITOR

LIVRARIA MODERNA

COIMBRA

A venda em todas as livrarias.

medidas!... Mas sempre lhe digo que não faz bem; porque, emfim, pôde um dia imaginar que dá caça a uma toninha, e apparecer-lhe um tubarão! Isto é, julgar certa uma presa, e ella desmascara-lhe seis ou oito peças por banda: um par de cachoros, dos que não admitem graças.

«Ora já vê, que em vez de um cordeirinho apparece-lhe um lobo com boas unhas e melhores dentes; em vez de caçar, pode ser casado. Olhe que não é das melhores cousas...

— Não importa, senhor, respondeu Carlos, medindo de alto a baixo o seu interlocutor: eu e a minha companhia não usamos contar as presas certas pela sua fraqueza, mas sim pelo valor dos nossos. Atacar indefezos, só o fazemos quando não temos d'aquelles que nos podem responder.

«Mas a que respeito veio a observação que me fez? Com que fim, pode dizer-m'o?»

— Não duvido respondeu-lhe; o meu fim é prestar-lhe um serviço.

«Aqui, nestes mares, consta que cruza um celebre pirata, que lhe chamam o pirata negro. E' um homem temivel, tem adquirido muita fama. Contam-se muitas façanhas d'elle, por exemplo: um navio de guerra inglez deu-lhe caça, quando lhe passava a barlabento; chamou-o á falla, mas elle não lhe respondeu.

(Continua)

RECLAMES E ANNUNCIOS

CASA MEMORIA
ANTONIO JOSÉ ALVES
44—Rua do Visconde da Luz—48
COIMBRA

Unico deposito das acreditadas machinas

MEMORIA

para alfaiate, sapateiro e costureira.
Vendas a prestações de 500 réis semanais e a prompto pagamento com grandes descontos.

Estas bem conhecidas machinas têm obtido o melhor acolhimento do publico em geral, pela perfeição, solidez e boa execução no trabalho.

São incontestavelmente as melhores até hoje conhecidas.

PEÇAS SOLTAS

para todas as machinas de costura e concertos das mesmas.

VELOCIPEDES

Deposito de bi-cycletas *Clement, Diana* e outros auctores, as quæ se vendem as prestações e a prompto pagamento com grandes descontos.

INSTRUMENTOS MUSICOS

Pianos, instrumentos para philharmonica e orquestras, guitarras, violões, violas, bandolins, harmonias, flautas, flautins, tambores etc., tudo mais barato de que em Lisboa e Porto.

Campainhas electricas, promptas a collocar.

Grande sortimento de oculos, lunetas e binoculos, por preços limitados.

Acessorios para machinas, velocipedes, instrumentos, etc.

Cordas para rebecca, viola, guitarra, violão e bandolim.

Os preços da nossa casa são, em tudo, mais limitados de que em Lisboa e Porto, porisso pedimos ao publico que não compre em parte alguma sem primeiro se certificar do que offerecemos.

Nesta casa concertam-se todas as machinas, oculos, e lunetas, a preços resumidos.

LIVROS DE MISSA

NEVES IRMÃOS

AOS PHOTOGRAPHOS

Productos chimicos, chapas allemãs, cartões em diferentes generos, prensas, etc., etc.

Preços de Lisboa.

DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª

Mont'arroyo 25 a 33 — COIMBRA

PECHINCHA

Magnificos vinhos de meza a 80, 90, e 100 réis o litro; branco, especialidade a 120 réis o litro.

Vinhos finos do Porto a 250 e 300 réis o litro; emgarrafados, d'esde 240 réis para cima.

Acabam de chegar mais de mil garrafas — de Champagne, Congac, Rhum, Coração, e Yanne, e muitas outras bebidas finas, vindas directamente do estrangeiro: Collares, Bucellas, Carcavellos etc.

Garante-se todas as qualidades, cinco por cento a menos do que em outra qualquer parte.

Experimentem; no

CAFÉ COMMERCIO

Rua do Visconde da Luz

COIMBRA

FACTURAS

DESENHOS VARIADOS

IMPRESSÕES NITIDAS

Typ. Operaria — Coimbra

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS



INGER

Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE JOSÉ LUIZ MARTINS DE ARAUJO

90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

6 O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas *Singer*, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os ultimos aperfeiçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.

Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte *gratis* para os compradores de fóra da terra e outras garantias. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.

Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto. Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja *Singer* com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 65500, 75000, 85000 réis e mais preços, capas e batinas preços sem competencia, varinos de boa catrapalha com forro e sem elle desde 55000 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.

Tem esta casa dois bons contra mestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.

Sempre honito sortido de chitas, chailes, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.

Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machinas.

Alugam-se e vendem-se *Bi-cycletas*.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria *Rodgers*.

Faqueiros: Cristofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro *Agate*, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiaes, oleos, agua-raz, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores sistemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os sistemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Pastilhas electro-chimicas, a 60 réis

Brilhante Belge, a 160 réis.} indispensaveis em todas as casas

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

2 **Armazem** de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**
COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

CASA LEÃO D'OURO

117 — RUA FERREIRA BORGES — 123

COIMBRA

GRANDE ESTABELECIMENTO DE PANNOS E CASIMIRAS

COM

ATELIER DE FATO POR MEDIDA PARA HOMEM E CRENÇA

DIRIGIDO POR HABILIS CONTRA-MESTRES

A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um

EXTRAORDINARIO E VARIADISSIMO

sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais alta novidade, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 25500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 75500 réis.

Dita de casimiras e pannos pilotosou moscovs para *dragues* e *vestons*, feitos por medida, a principiar em 75000 réis.

Dita para paletots ou *pardessus*, feitos por medida, a principiar em 85000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para *uistens* ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em 85500 réis.

Dita para *makferlanes*, *double-capes* ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 75000 réis.

Explendidos cortes para calças e fatos completos, de *casimiras* e *cheviotes* *inglezes*, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais *CHIC* para *smokings*, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio. — Excellentes *montagnacs* nacionaes e estrangeiros, de 13800 a 85000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para *jaquetões* e *sobretudos* de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creança, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos, desde 700 réis o metro.

Cuarda-chuvas ou guarda-soes de paninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automaticas, de 450 a 45500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr que se vendem com o abatimento de 20, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor!!

Bi-cycletas pneumaticas, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 355000 e 455000 réis!!

Uma machina para alfaiate-industrial ossilante de *singer* — que se vende por metade do seu preço.

Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimo, figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR — Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

	Com estampilha	Sem estampilha
Anno	28700	Anno 28400
Semestre	15350	Semestre 15200
Trimestre	680	Trimestre 600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impresso na Typographia Operaria — Coimbra

Defensor

do Povo

COIMBRA — Domingo, 23 de fevereiro de 1896

POLITICA COLONIAL

A EMANCIPAÇÃO DE CUBA

(CONCLUSÃO)

Ha muito que os Hespanhoes, se, como nós, infelizmente não ignorassem os verdadeiros principios e desconhecemos os bons processos de politica e administração coloniaes, deveriam ter dado e garantido á sua colonia americana de Cuba, pelo menos, a autonomia administrativa, a liberdade economica e civil.

E quando a sociedade cubana, por haver alcançado as condições da sua capacidade politica, ou attingido a sua maioridade legal perante a civilização, viesse pedir a sua independencia, o exercicio pleno da sua liberdade, como Estado, distincto e autonomo, a Hespanha deveria ser a primeira a reconhecer os seus incontestaveis direitos, a applaudir e a festejar, como grande e glorioso facto nacional, a data da emancipação e da maioridade da sua filha mais velha, da sua primeira colonia, por ella creada e educada nas regiões da America central, no seio do vasto Oceano Atlantico.

E' assim que se costuma fazer no seio das familias; assim procede um bom pae de familias, em harmonia com o Direito e com as leis, que, em conformidade com as da natureza organica e moral da especie humana, regem a capacidade juridica dos individuos, os quaes não podem nem serem violentados a ficar perpetuamente sujeitos ao patrio poder, ou toda a vida submettidos a uma tutela mais do que importuna e odiosa, degradante e exploradora.

E assim como os filhos maiores ou emancipados, adquirindo o direito de reger suas pessoas e administrar seus bens, não perdem o amor e a gratidão para com seus progenitores e educadores, assim os Cubanos conservariam o affecto, e guardariam o reconhecimento, que, natural e historicamente, os ligam aos Hespanhoes e á sua mãe-patria a Hespanha.

Por seu lado, a metropole, concedendo a emancipação, ou aceitando o facto da maioridade, á sua colonia de Cuba, bem poderia ficar a ella intimamente preza pelos vinculos do parentesco e pelos laços da federação, mediante certas e rasoaveis condições de cooperação e solidariedade, dictadas não pelo sordido egoismo do interesse e da exploração de um patrimonio alheio, mas inspiradas por natural e sincera affeição, impostas não pela força das armas, mas determinadas pelo sentimento patriótico, pela identidade nacional, que nas colonias se expande e vigorosa, se continúa, propaga e, muitas vezes, se aperfeiçoa.

Porque, em todo o caso e sem contestação, Cuba é filha da Hespanha; os Cubanos são descendentes e irmãos dos Hespanhoes.

Nós, por exemplo, temos, durante setenta annos, tirado mais e melhores ventos do Brazil, depois que elle se tornou independente e livre, do que durante os seculos em que foi nossa colonia, e torpemente o exploramos.

Ainda assim é necessario attender a que o Brazil, em 1825, não tinha alcançado o desenvolvimento e grau de civilização, que a florescente Cuba offerece, e de que, em 1895, se mostra orgulhosa, e justamente se vangloria; devendo notar-se, além d'isso, que o Brazil não deveu a proclamação da sua independencia a um sentimento de dignidade propria, a um nobre esforço da sua razão collectiva e da sua

consciencia nacional, mas ás combinações egoistas e aos calculos ambiciosos de uma dynastia em perigo, ás intrigas de uma cõrte corrompida e medrosa, acolhidas e sancionadas pela diplomacia condescendente e interesseira de algumas potencias da Europa.

Querer, á força e por meio dos horrores da guerra e das crueldades do extremismo, manter agrihoada ao seu desnecessario dominio e abusiva tutela uma colonia, em condições de por si se governa na esphera independente e livre da sua autonomia, com o unico proposito de gosar e explorar o seu patrimonio, não é justo, não é digno, não é nobre, não é humanitario nem glorioso.

E' a mais flagrante das injustiças, é uma indignidade, a mais sordida de todas as baixezas; é um crime de lesa humanidade, é uma deshonra; não passa de uma chimera.

O dia de uma tal victoria não será para a Hespanha um dia de regosijo publico, de gloria nacional; será um dia de tristeza e lucto, que nas paginas da Historia projectará, para todo o sempre, a mancha indelevel de uma enorme vergonha, as negras sombras de um nefando crime!

Onde está esse nobre espirito de fidalgo cavalheirismo, do qual tanto se orgulha o Povo Hespanhol?

Aonde foi parar, a que mesquinhas proporções estão reduzidas a grandeza e a generosidade do seu austero e magnanimo caracter?

Para ser nobre, fidalgo, generoso, magnanimo e austero é condição necessaria, assim aos individuos, como aos povos e ás nações, ser justo, equitativo, humanitario; ter a coragem e a abnegação que só a virtude e a caridade podem produzir, e não a soberba, a philautia, a vaidade, fundadas na força e no desejo, muitas vezes illusorio, de dominar os outros, a ambição de os opprimir.

Já agora os governos e os partidos da monarchia não poderão recuar na arada e escabrosa veréda em que se metteram — na questão de Cuba.

Tem de avançar, custe o que custar, na via dolorosa da repressão e da guerra civil, para onde louca e barbaramente os arremessou a sua anachronica e desastrosa politica, para onde vão alirando aos pedaços o seu valente e patriótico exercito, e aos milhões o seu dinheiro, no termo da qual será talvez crucificado o seu tradicional orgulho e com elle immolado o seu proverbial cavalheirismo.

Só haveria um meio de salvar o que tão imprudentemente arriscaram; só um esforço poderá faze-los voltar a traz para recuperar o seu posto de honra de nação liberal e civilizada, retomar a sua posição digna, lavar a noção, remir a vergonha de uma feia e condemnavel acção, de uma injustiça, de um attentado devéras repugnante:

—Proclamar a Republica federativa.

—Convidar Cuba a occupar o seu lugar na Republica federal ao lado dos outros Estados da Hespanha.

A ordem é rica...

Participaram telegraphicamente de Loanda ao governo, pedindo auctorisação para a compra de fatos ao Gungunhana e sua gente, o que era de absoluta necessidade.

Está doido quem expediu o telegramma pois que o seu custo daria para comprar muitas roupas.

Forte azar!

Repressão á imprensa

Nunca a nação, no periodo de maior despotismo, nem nos ominosos tempos em que imperava a atrocidade da força e do fuzilamento, brandindo-se o cacete para os espancamentos aos *liberaes* e *patulêas*, viu a imprensa e os jornalistas tão esmagados com leis escriptas e decretadas por corruptos ministros, assassinos das nossas liberdades — conquistadas a ferro e fogo — como o são todos aquelles que sancionaram com o seu voto e apoio, a infame monstruosidade da lei contra a imprensa.

Que é um acto illegal nas suas disposições penaes, um crime de lesa-constituição, di-lo e prova-o a superior competencia do distincto juriconsulto, sr. dr. Fernando Martins de Carvalho, numa extensa carta que o nosso collega da *Vanguarda* publicou e da qual extractámos alguns periodos para se avaliar quanto é criminoso o decreto dictatorial, principalmente quando trata da retroactividade da lei, que julga inadmissivel, em quanto não existir uma organização politica baseada sobre a divisão dos poderes.

E continuando, diz que «legislar com effeito retroactivo, legislar para factos consummados e conhecidos, é julgar, é invadir o poder legislativo as funções do poder judicial. Não se deveria deixar surprehender o parlamento por uma ostentação mais ou menos opportuna d'um ou outro trecho d'um sectario da anthropologia criminal, doutrina que aliás parece destinada a morrer... na flor da idade. E não são admissiveis reformas especiaes baseadas na anthropologia criminal, sem se remodelar fundamentalmente o nosso direito penal.

«Mas ha uma razão mais grave a que se deveria attender.

«O principio da não retroactividade da lei é uma disposição constitucional (art. 144.º e 145.º § 2.º da carta), que, só por cõrtes constituintes e nos termos dos artigos 141.º e seguintes da carta, é revogavel. Os poderes constituintes, conferidos ás cõrtes pelos eleitores, são especiaes e limitados á reforma de determinados artigos constitucionaes (art. 140 e 142).

«O decreto de 25 de setembro de 1895, que quero por agora suppor legal, deu ás actuaes cõrtes poderes especiaes e constituintes para deliberarem e resolverem sobre as alterações decretadas pelo governo nas leis constitucionaes (art. 5.º).

«Será, portanto, inconstitucional toda a deliberação do actual parlamento, que envolver qualquer restricção ao principio da não retroactividade.

«Nesse ponto a lei não deverá ser applicada pelos tribunaes, que nem sequer poderão invocar o pretexto futil de que se serviriam para a applicação dos decretos dictatoriales. Esse pretexto forneceu-o o art. 139.º da carta, segundo o qual no principio das suas reuniões as cõrtes devem examinar se a constituição tem sido exactamente observada.»

Bem frizantes ficam as illegalidades e atropellos que fazem lei, em affronta á Carta Constitucional, na mordaza á imprensa e na prisão aos jornalistas.

O projecto de lei que publicamos em outro lugar é obra do famigerado dr. Moncada, o corrupto delegado a quem accusaram de venal e de protector de larapios, salvando o governo da trama do Nyassa, que lhe pagou com choruda *posta*.

São d'esta laia os legisladores que o raioso João Franco aluga e arvora em carrascos da imprensa!

Sempre tripudiando esse governo de bandidos pondo e dispondo d'este paiz á sua vontade e gosto.

Não se lhe dá affronta a liberdade, nem usurpar as regalias e direitos concelhos; e para cumulo de tantas villanias ameaça um povo soffredor, que vive na doce esperança dos que lhe juraram a salvação da patria...

Vêem-se das alturas, de braços cruzados, a supportarem, sem um esforço, e tolerando, as provações constantes que o capitão-mór do reino lhes tem lançado em rosto.

Com razão o venerando jornalista, sr. Joaquim Martins de Carvalho, diz no seu *Conimbricense*:

«Ao mesmo tempo que vemos na imprensa collegas corajosos, que comprehendem a sua missão, vemos com o maior pezar a indifferença com que a maioria do jornalismo presencia os attentados do governo; havendo até quem os elogie!

«Ainda ultimamente nós vimos muitos nossos collegas encherem as suas paginas de pulhismos carnavalescos, em vez de as encherem, como deviam, dos mais vehementes protestos contra a tyrannia que se está exercendo em Portugal sobre a imprensa livre e independente.

«Que differença faz a generalidade da imprensa de hoje, com a de outr'ora!»

Cita os nomes de quatorze jornaes em Lisboa, Porto, e em Coimbra, *O Observador*, e diz que elles se não occupavam com futilidades, atacando de frente e sem cessar o governo, com a maxima energia, pelos seus attentados e actos arbitrarios.

E seguem estes periodos:

«O jornalismo era então um verdadeiro sacerdocio, emquanto que hoje é o que todos estão vendo, com muito raras e louvaveis excepções.

«O actual governo folga com esta decadencia da imprensa, por que vê que nada tem que receiar.

«Com os seus esbirros por um lado e com o falseamento da nobre missão da imprensa pelo outro, faz tudo quanto quer, pôde até proclamar officialmente o absolutismo.»

Conclue dando o nome de illustres redactores que combateram os Cabraes, os quaes ficariam assombrados se presencessem o que vae na imprensa d'este paiz, em comparação com a imprensa do seu tempo!

«Triste situação esta!

Grandes verdades que não serão ouvidas pela surdez que ataca os *nossos maiores*.

Dá vontade de pedir mais repressão, visto que os actos d'um governo, quasi absoluto, não tem servido de estimulo a um rompimento sério.

Cambalacho

Para que o sr. cardeal patriarcha votasse o *bill* na camara dos pares, o governo obrigou-se á nomeação do sr. padre Senna Freitas para conego da Sé, mais dois beneficiados e oito capellães-cantores.

E' o estado maior, a cõrte do sr. cardeal, que ha de custar annualmente 3:400.000 réis.

E' um luxo d'operetta, d'esses falsos apostolos de Christo, que nunca viveu no deslumbramento, ostentado presentemente pelos seus apregoados representantes na terra.

E os professores primarios sem receberem a miseria dos seus honorarios.

Santos ministros do Senhor!

Pelourinho

XLVIII

A REPUBLICA

Republica! Já esta palavra não é um sonho de poetas! Já não é uma ambição de loucos! Já não é uma utopia de espiritos desvairados, perturbadores da ordem publica!

A republica é agora um facto, bello, grandioso, sublime!

A republica é o grito de salvação para a França; para a França que o imperio moribundo abysmou ante os exercitos da Prussia, audaciosos na invasão, ambiciosos na conquista!

A republica será amanhã para a Hespanha para todas as nações do Occidente da Europa, o governo da regeneração dos povos ante as monarchias que desabam ao peso de seus crimes!

As corôas dos monarchas vacillam já todas em suas cabeças.nesta hora suprema, em que a verdadeira soberania dos povos abysma a falsa soberania dos reis!

Despedaçada a corôa do imperador, partiram-se os sceptros das monarchias, e nem a thiara do pontifice está segura em sua cabeça, no meio do torbilhão, que vale revolver os fundamentos da sociedade para fazer d'um mundo velho um mundo novo!

E toda esta transformação social se opera á voz da republica! Povo! Saudemos a França! Saudemos a liberdade! Saudemos a republica!

Umás ferias em Madrid

(IMPRESSÕES)

VI

As gloriosas conquistas do progresso, em todas os variados ramos do saber humano, estão centralizadas ha muitos annos, ha seculos talvez, em França, na Allemanha, na Inglaterra e em outras nações, centros indiscutíveis da maior cultura e adiantamento nas sciencias, nas lettras e nas artes; cultura e adiantamento que nós, portuguezes e hespanhoes, apenas tarde conhecemos, e de que mais tarde ainda fazemos applicação.

A Hespanha, nação por indole essencialmente artista, com qualidades steticas de primeira ordem, dotada d'uma população imaginosa e trabalhadora, jaz ha muito tempo estacionaria.

Os grandes mestres na pintura, taes como Murillo, Vellasques, Goya e tantos outros prepetuaram indelevelmente o seu nome, a sua grande alma, evidenciando a sua poderosa individualidade em telas d'um valor inestimavel, d'um brilho offuscador, fizeram sobresahir a vida, os movimentos, a alegria e a dôr da combinação das côres, da perfeição da fórma e da belleza dos ideaes pintados; transmittiram á posteridade, em quadros maravilhosos os feitos que mais illustraram e ennobreceram o Povo Hespanhol.

Essas telas, muitas as melhores do mundo, impõem-se á admiracão dos estrangeiros, e são o justificado orgulho dos nossos visinhos e collegas de infortunio.

Suggestionados pelas tradições que, como balsamo redemptor, nos alliviam e adormecem o soffrimento e as recriminações, vivendo quasi exclusivamente d'ellas, os hespanhoes, taes como nós, foram esquecendo as artes; não pensaram em crear discipulos para no futuro continuarem a obra tão genialmente empreendida pelos mestres fallecidos, e irem, se possivel fosse, enriquecendo-a e aperfeçoando-a.

Existem hoje monumentos d'uma architectura medieval, d'uma architectura remota e grande como esses tempos d'outr'ora; mas a architectura moderna?

Na antiguidade levavam-se a cabo obras gigantescas; nos tempos modernos tambem, mas o que possuímos de melhor vamos encontrar-lo nas egrejas, nos conventos, nos museus de velharias e pouco mais.

Essas riquezas artisticas, verdadeiros thesouros, que nos relembram essas epochas passadas de actividade, esse movimento effizaz e renovador, chamado a renascença, o qual, pondo ao alcance da idade moderna os preciosos e originaes modelos da arte classica da antiguidade, devia servir de estimulo e provocação a novas e, se possivel, mais grandiosas creações artisticas, e revolucionar a arte como revolucionou em todas as espheras a actividade collectiva e individual, lançou a intelligencia e a imaginação dos nossos visinhos em uma especie de plagiato e imitação d'esses modelos.

A Hespanha moderna vae decahindo pouco a pouco pela incuria dos governantes, pela estreiteza dos principios que a regem, e pelas tolices em que se gastam milhões e milhões, unicamente para sustentar um throno, e o tradicional orgulho de *mestros hermanos*, offuscado pela ordem natural das coisas e pelo alvorecer e caminhar incessante das idéas de liberdade e independencia...

A arte, que em Hespanha tinha onde se inspirar como em poucos paizes, vive atropiada; foi perdendo o cunho nacional e a originalidade, e mais se vae perdendo ao contacto com o estrangeirismo, que no presente a deslumbra, e já soffoca.

A feição característica dos pintores hespanhoes é assumpto para muito estudo a quem se queira dedicar a tão interessante trabalho; nós, porém, profanos nas bellas artes, nesta ligeirissima e mal alinhavada chronica queremos apenas dizer as nossas impressões de momento, e incitar os nossos artistas a progredirem, e a evitarem os perigos que deixamos esboçados, e que tão desastrosamente se fazem notar alli.

Mas a que vêm tantas e tão fastidiosas considerações?

Tivemos sempre em vista as chronicas que temos escripto, e já bastante atrazadas vão, descrever a largos traços, do que vimos em Madrid, o que mais agradável impressão nos deixou.

Então para que demoramos a parte descriptiva?

Quem tiver paciencia para ler até final a nossa chronica verá que não são descabidas, massadoras sim, mas creiam, bem ou mal, julgámo-las indispensaveis para entrar na descripção do magnífico *Museu de Pintura*.

Além de que nos saltaram dos bicos da penna insensivelmente, e os nossos leitores não de desculpar a demora.

Até á semana.

(Continua).

GABIRU.

Basofias litterarias d'um Poeta

Crítica á Crítica

CONTINUAÇÃO

Em seguida transcreve o sr. Carlos de Lemos tres ou quatro linhas d'esse trecho intitulado *Volupia*, e a proposito d'esta phrase: «... rodeados d'um silencio geral apenas interrompido por um suspiro vago das coisas que nos rodeavam», começa a ornar como um jumento em Maio, ignorando o *supradito* cujo que frequentes vezes se encontra construcção identica em fr. Domingos Vieira, padre João de Lucena, fr. Pantaleão de Aveiro e outros classicos portuguezes. Pena tenho eu de não poder transcrever para aqui algumas das passagens dos referidos escriptores, para que o *insigne* poeta das *Miragens* não tivesse o trabalho de ir folhear detidamente as obras d'esses classicos.

Mas, por outro lado, (sem allusão ao *El-rei damnado*) julgo conveniente e fructifero que o sr. Carlos de Lemos compulse com attenção os livros dos mestres da lingua, visto que pretende ser professor de Portuguez.

Agora outra coisa, sr. Carlos de Lemos: diz-me você, ainda, que eu usei muito de *coisas* nesse trecho, e que isso basta para justificar a alcunha. Em compensação, o meu amigo usa e abusa das opiniões e sentenças dos escriptores que têm a infelicidade de lhe cair debaixo dos olhos. Cautela e muita prudencia, seu Carlos, com a applicação d'essas maximas que, apesar de elasticas, podem partir facilmente.

Passa, depois, o meu extraordinario critico a analysar um soneto que, igualmente, publiquei no *Cenaculo*. Para que os leitores d'este jornal possam avaliar o seu merito, vou transcrevê-lo por inteiro. Ei-lo:

A minha casta Noiva, a minha doce Amada,
A Ophelia seismadora, que a minha Alma chora,
A meiga Aparição, a branca Flôr d'uma hora,
Ha muito que fugiu p'ra a Noite constellada.

Ao longe, vagamente, en ouço ainda agora
Essa canção divina, essa etherea bullada,
Como o gemer longinquo de uma errante Fada,
Que a sua alma vibrava pelo Azul em fóra.

E agora, quando á noite é silencioso o Mundo,
Levanto o olhar dorido para o Cen profundo,
E lá procuro ainda a minha Estrella-santa!...

Então, ouço de novo uma canção dolente...
Um vulto vaporoso desce lentamente...
E o meu coração chora, enquanto a Illusão cantia!

Lêram, não é verdade? Pois o sr. Carlos de Lemos espantou-se extraordinariamente com os tres primeiros versos, dizendo: «Que riqueza d'epithetos! que originalidade d'invoções! E sobretudo que emoção não escalda estes versos (olha lá, não te escales!...) o desespero d'um Vate abraçado ao cadaver da sua *Ellal*...»

Imaginem que critico! Por aqui se vê a pujança do seu cerebro e a subtileza metaphisica do seu intellecto.

Já agora, quero que os leitores conheçam qualquer coisa em verso do *grandiloquo* e *nunca assáz louvado* Carlos de Lemos. E' do seu livro — *Miragens* —, que antes se de-verá chamar *Euganos*, o que passo a transcrever:

Senhor:

Depois de lêr os seus Sonetos,
—Amphoras ou thuribulos repletos
D'incenso e d'ambrosia,
Senti vibrar da alma a voz dolente
E em ondas explôsi rapidamente
D'espontanea poesia.

Antes de continuar, preciso é que se diga que o Poeta se dirige a Anthero de Quental. Não acham que são uns bellos versos para embrulhar rebuçados?

Aquelle quarto verso que diz:

Senti vibrar da alma a voz dolente

ficará para ser analysado em momento opportuno. Vamos ao quinto e ao sexto. Estes dois versos, em si, são *admiraveis*: 1.º pelo arrojio e profundeza do pensamento; 2.º pelo emprego d'aquelle verbo *explôsi*, que eu não encontro em dictionario algum, (nem mesmo em Constancio); 3.º por dizerem que a poesia do sr. Carlos de Lemos é *exponctanea* (quando nunca lhe encontrei essa qualidade).

Mas, sobretudo, o que mu fez móssa é aquelle verbo *explôsi*, oh! minha flor, oh! meu jasmim do cabo. *Explôsi* é que devia ser. Mas, naturalmente foi engano ou erro typographico. Não admira. O sr. Carlos ainda não tinha entrado a concurso, para escrever correctamente; ainda não tinha consultado o Constancio. Por isso desculpo-lhe esse erro.

Vamos continuar a ouvi-lo:

Roubando ao seu thesouro finas perolas,
Fui dedilhando algumas notas querulas
Na destemp'rada lyra:
Anhelos de quem sonha um impossivel...
De quem chegar não pôde ao intangivel...
— Vozes de quem aspira!

Nunca o sr. Carlos foi tão sincero como agora. Effectivamente, alguma coisa de aproveitavel que têm os seus sonetos não é original. Pertence ao grande Mestre, a quem você aneia por seguir as pisadas. Baldado intento!

Lá vem o sr. Lemos com mais o seguinte:

Digne-se o Mestre receber bondoso
O pouco que lhe offrece respetos,
Quem leu os seus Sonetos:
E' nada; mesmo nada! — Sons dispersos...
Mas, assim mesmo, são meus pobres versos
De gratidão repletos.

Nesta parte, o Poeta foi bastante modesto em dizer que era *pouco* o que offercia ao Mestre. Nunca Anthero de Quental publicou uma tão volumosa collecção de poesias. O seu primeiro livro apenas continha uns 22 sonetos. Já vê, portanto, o sr. Carlos de Lemos que se *estendeu* muito mais do que Elle. Só com uma differença: qualquer dos sonetos de Anthero vale mais que tudo o que você tem escripto.

Bem disse Boileau:

Un sonnet sans défaut vaut seul un long poème

Emfim, ao ler o quarto verso, fartei-me de rir. Lembra-me aquella poesia de Junqueiro intitulada — *A sêsta do sr. Abade* — quando o padre sonha vêr desfilar diante de si:

Os grandes carroções da Congrua e pé de Altar,
Puxados a duas mil parelhas de jumentos,
Zurrando esta epopéa heroica aos quattros ventos:

Senhor Parocho, toda a freguezia,
Uns quattro mil onagros,
Muito magros,
Vem trazer isto a Vossa Senhoria.
Desculpe, senhor Parocho, a ousadia...
A offerta é bem mesquinha, é desgraçada.
Uns oitenta moios simplesmente
De milho, de feijão, trigo e cevada.
E nós sabemos que um tão mau presente
Para o seu dente

Não chega a nada! Não chega a nada!
Mas é boa a intenção...
Nós reservamos para si o pão,
E para nós a palha unicamente.

(Continua).

VILLELA PASSOS.

Beneficio

Trata-se de organizar em Lisboa um baile em beneficio do instituto ultramarino. A ideia é benemerita e o auxilio dos patriotas não faltará a coadjuvar tão philantropica instituição.

E' na *sala do risco* que se projecta o baile, onde se vão gastar, em reparações, a bagatella de 10 contos de réis!

Quem afinal bem a ser beneficiado é o governo, á custa dos que subscreverem para semelhante despauterio.

De quem será a genial ideia de promover uma festa de beneficio em que as despesas montam a 10 contos de réis?

Que patusco beneficio!

Previsão do tempo

O boletim meteorologico de Noherlesom dá as seguintes indicações para a segunda quinzena do mez corrente: E' pouco accidentada, não se vislumbando um termo anormal, a situação meteorologica, que pouco differirá da quinzena anterior, excepto nos ultimos quattro dias, por causa da mudança produzida por uma depressão procedente do Atlantico. No dia 16 produzir-se-ha uma depressão no Mediterraneo, que chegará do Oriente causando uma acção pouco sensivel na Peninsula, destruindo a influencia das correntes aereas, cujo minimo barometrico se approximará do archipelago inglez; a 20 abordará á Irlanda outro minimo, que penetrará no mar do Norte a 22, estendendo-se pelo Mediterraneo, atravez da Europa e formando um nucleo, de baixa depressão que mudará no Baltico, actuará na Europa, produzindo ventos na região septentrional e um abaixamento de temperatura na Peninsula: a 23 chegará ao oriente, diminuindo o vento do 1.º quadrante.

A mudança principal occorrerá de 26 a 29, produzindo uma depressão ao centro do Atlantico entre os Açores e Portugal, onde chegará a 26, estendendo-se pela Europa occidental, começando o regimen chuvoso de aguaceiros e de ventos entre o S. O. e o N. O., que serão mais intensos a 27, creando nas nossas costas o centro da depressão do Atlantico, menos chuvosa do mez: o seu nucleo encontrar-se-ha a 28 no golpho e Gasconha, propagando a sua influencia ao continente e continuando-se os aguaceiros e com menos intensidade os ventos anteriores; a 29 mudará o tempo, desaparecendo as chuvas anteriores, devido á approximação do minimo barometrico na Escocia; essa influencia propagar-se-ha á Europa, produzindo ventos na região septentrional da peninsula, e baixas temperaturas.

CARTAS DE LONGE

Agueda, 18.

O Carnaval. Em pleno carnaval. Mas um carnaval reles, pulha, como o que officialmente se representa ha muitos annos a esta parte. Tudo isto é uma indecente mascarada. Uma parodia ignobil, esta scena politica, este espectáculo miseravel que estamos dando á Europa estupefacta.

Mas deixando para melhor occasião o carnaval politico, vamos dizer a traços rapidos alguma coisa do Entrudo nesta villa que todos os annos costuma a ser divertido e festejado e que em 1896 se apresentou semsaborão ao extremo.

Umás danças esfarrapadas, poucas, meia duzia de mascaras sem espirito e sem novidade e algumas desgraças e bebedeiras — eis quasi tudo.

Quasi tudo, porque se destacou unicamente uma brincadeira dos rapazes artistas d'esta villa. Uma brincadeira cheia de novidade. Uma diversão patriótica. Foi no domingo gordo. O simulacro da prisão do Gungunhana.

Um dia de sol brilhante. O extenso campo de Assequins foi o escolhido para a acção.

E' uma vasta planicie de alguns kilometros quadrados. Pelas 2 horas da tarde os pontos dominantes acharam-se já coalhados de gente. Muitas centenas de pessoas acotovelam-se por todos os lados para assistir á representação. No meio do campo, uma cabana de salgueiros era o *kraal*.

O *Gungunhana*, com traços característicos achava-se lá com as suas *mulheres*. Um exercito de pretos fazia evoluções em torno do *kraal* e do Agueda, o meu formoso rio que naquella acção representava o Limpopo.

Pelas 3 horas da tarde um troço de *cavallaria* portugueza cercando o campo ao lado do Pegueiro, foi postar-se ao sul das terras do *Gungunhana*, formando em linha, a duzentos metros. Era de um effeito surpreendente o brilho das suas fardas e espadas sobre o fundo d'aquelle extenso lençol de verdura.

O exercito do *Gungunhana*, voltando para alli as suas attensões deixou-se a descoberto da *artilheria* portugueza que fóra posta ao nascente.

Pouco depois ouviu-se o troar da artilheria no rio. Era um barco transformado em canhoneira que subia o *Limpopo* com o grosso do exercito. O pavilhão das quinias tremulava no topo. A' prôa uma peça de artilheria de grosso calibre annunciava pela sua bucca a destruição da pretalhada.

O desembarque deu-se no Botareu, na melhor ordem, marchando silenciosamente para o sul. Perto do acampamento negro, rufaram os tambores e soaram gritos de guerra pela voz dos clarins. O capitão *Mousinho* ia radiante de bravura. Os negros occultos numa ribanceira fizeram um disparo de frechelas, soltando vivas de vingança. Dos portuguezes partiu uma descarga que fez estragos enormes no campo inimigo.

Depois uma carga á bayoneta calada auxiliada pela approximação da cavallaria decidiu da sorte do *Gungunhana* que, preso com seu filho e as suas sete mulheres veio no meio das tropas vencedoras percorrer as ruas da villa.

O exercito ao passar em frente do estabelecimento do sr. Castella foi muito victoriado pela multidão dos espectadores, e recebido com vivas e foguetes.

O *Gungunhana* foi julgado summariamente e condemnado a morrer. A execução da sentença terá lugar em sabbado de Alleluia na praça nova. Tal foi a peça que os artistas d'Agueda pizeram em scena, unica coisa boa d'este carnaval.

No mesmo domingo gordo, pelas 9 horas da noite, uns rapazes de Recordães, retiraram, já meio embrigados, d'esta villa onde tinham vindo assistir á prisão do *Gungunhana*, para Recordães.

Entre elles ia José de Figueiredo, d'alli, condemnado ha alguns annos por instigador do nefando crime de homicidio na pessoa da infeliz Maria Rina.

Ao chegarem á volta da estrada de Oliveira, em frente da propriedade dos srs. Graças, o chapéu do Figueiredo cahiu-lhe e o desgraçado, mal podendo ter-se de embriaguez, ao apanha-lo, despenhou-se pela ribanceira, indo cahir lá no fundo, na propriedade dos srs. Graças.

Foi encontrado de cabeça para baixo, mergulhado numa regueira, com o rosto quasi negro, olhos esgaziados e feições descompostas pela afflicção. Era horrivel! Os assistentes recusavam-se a auxiliar a auctoridade a remover o cadaver.

O infeliz morreu alli em frente, a poucos passos do logar onde um tiro arrancára a vida á sua victima Maria Rina. Causava horror e murmurava-se em torno d'elle: — *Castigo de Deus*. Fugir ao dever que o pagar ao certo!... etc.

De segunda para terça feira, Antonio Antunes, o Gago, por alcunha o *Saragocano*, um septuagenario divertido e devoto apaixonado do Deus Bicho, tendo recebido o pagamento de uma quinzena de cantoneiro aposentado, combinou com a sua mulher festejarem ambos o entrudo com alguns quartilhos.

Dito e feito. Ambos ao lume, como dois patriarchas, attestados como tunneis, talvez gaguejando recordações da sua mocidade, já finda ha mais de meio seculo. . . eis senão quando a chama pega na roupa da mulher do Antunes e logo se ateia. O Antunes poude ainda arrastar-se até á porta da rua. Gritou, mas a rouquidão não lhe deixava ser ouvido pelos vizinhos. Estes só deram pelo desastre, quando as chamas já sahiam pelo telhado da casa do Gago.

Correram. Triste espectáculo! Havia um cheiro activo a auto de fé. Reduzida a uma massa infórme, foi encontrada a infeliz esposa, completamente carbonizada. Uma lastima! A casa reduzida a cinzas. . .

Eis o que de mais notavel se deu nesta formosa villa á qual cada carnaval que passa deixa tristes recordações.

ROVIN.

TRIAGA

LIII

Diz o moleiro Manoel que a sua retractação, saída cá no papel. . . não a fez por sua mão!

Fra-Dique.

Lei contra os anarchistas

Artigo 1.º Aquelle que por discursos ou palavras proferidas publicamente, por escripto de qualquer modo publicado, ou por qualquer outro meio de publicação, defender, applaudir, aconselhar ou provocar, embora a provocação não surta effeito, actos subversivos, quer da existencia da ordem social, quer da segurança das pessoas ou da propriedade, e bem assim o que professar doutrinas de anarchismo, conducentes á pratica d'esses actos, será condemnado em prisão correccional até 6 mezes e, cumprida esta, será entregue ao governo, que lhe dará o destino a que se refere o artigo 10.º da lei de 21 de abril de 1892, ficando sujeito á vigilancia e fiscalisação das auctoridades competentes, e o seu regresso ao reino dependente de despacho do governo, depois de feita a justificação indicada no artigo 13.º da mesma lei.

§ unico. A pena comminada neste artigo deixará de ser applicada quando ao delinquente fôr imposta por outros crimes pena mais grave; cumprida, porém, esta, applicar-se-ha o disposto na parte final do mesmo artigo.

Art. 2.º Se nos casos declarados no artigo precedente não houver publicidade, a pena de prisão correccional não excederá a 3 mezes, mas depois de cumprida será o delinquente entregue tambem ao governo, para os effeitos consignados na disposição final do mesmo artigo.

Art. 3.º Serão julgados em processo ordinario de querrela, mas sem intervenção de jury, e escrevendo-se os depoimentos em audiencia, os reus incurso na disposição do art. 15.º da citada lei de 21 de abril de 1892, e bem assim os de attentados contra as pessoas, como meio de propaganda das doutrinas do anarchismo, ou como consequencia de taes doutrinas.

§ unico. Em todos os casos previstos por esta lei os reus poderão ser presos sem culpa formada, sendo conservados em custodia,

sem admissão de fiança, até ao julgamento ou decisão definitiva.

Art. 4.º A impensa não poderá occupar-se de factos ou de attentados de anarchismo, nem dar noticia dos debates que houver no julgamento de processos instaurados contra anarchistas.

§ 1.º No caso de infracção d'este preceito, commettida por imprensa periodica, a auctoridade policial poderá apprehender os numeros do periodico que contenha a infracção, e o editor deverá ser intimado para que, desde logo, fique suspensa a publicação e venda do mesmo periodico.

§ 2.º D'esta diligencia será lavrado um auto e remetido ao respectivo juiz de direito, a fim de que, ouvido o editor, declare por sentença, dentro do prazo de 8 dias, contados da recepção do auto, a suspenção do periodico, se houver razão justificativa do procedimento da auctoridade policial, ficando no caso contrario sem effeito a intimação ao editor.

§ 3.º No caso de infracção do disposto no corpo d'este artigo por imprensa não periodica, os escriptos serão apprehendidos pela auctoridade policial, e o seu autor, ou na falta o proprietario da typographia onde se fez a impressão, será condemnado na multa de 500\$000 réis.

Art. 5.º As disposições d'esta lei são applicaveis aos auctores dos factos nella incriminados, ainda que praticados anteriormente.

Art. 6.º E' o governo auctorisado a augmentar o quadro do corpo de policia civil de segurança de Lisboa com mais um official, sete chefes de esquadra, 33 cabos de secção e 300 guardas.

Art. 7.º Fica revogada a legislação em contrario.

HERNANI

Foi a opera escolhida para a costumada recita de amadores, que um grupo de bellos rapazes, promovem ha dois annos no theatro de D. Luiz.

E que não foi somenos á do anno passado, nos affirmam.

A sala, regorgitando de espectadores, e os camarotes embelezados de formosas damas, com as suas vistosas toilettes de lavadeiras, ajudavam a dar realce ao decorativo da sala. Os peitoris dos camarotes, engalanados de colgaduras de damasco recamadas de flores e heras, mascaras, e ventarolas, dava um bonito effeito. Do tecto pendiam compridas tiras de lenços, que iam poisar nas varandas das galerias.

Tudo era alegria, expansão.

Principiou a representação do *Hernani*, opera em 3 actos e 5 quadros. O libretto, é uma engraçada parodia do nosso dilecto amigo, sr. dr. Augusto da Costa Pereira. Tem o condão das fadas e da sua penna saú-lhe a boa phrase, o espirituoso dito, e a inoffensiva piada, muito ligeira, mas appetitosa.

Em todos os actos nos deu o auctor chistosas facecias, que fizeram rir a bom rir, os mais conspicuos espectadores — e as senhoras não choraram.

Subtil nas referencias pessoas, dá-lhe um tom de *réclame*, sem beliscar, só a fazer pruridos, com delicadeza — como está nos seus habitos.

«A remo, tomando todas as medidas para não serem presentidos, atracaram a fragata; subiram por estibordo dois lobos marinhos, negros como tições, levando cada um o seu punhal atravessado nos dentes, e um par de pistolas na cinta.

«Quando as vigias quizeram chamar, correram-lhes a voz com uma punhalada.

«Fecharam a escotilha, para que a guarda não sáisse; fizeram um grande rombo abaixo da linha de agua, deixaram-na em paz, até que arreventou com a grande quantidade de agua que bebêra! . . . Hein! Que lhe parece isto?

— Não me parece nada; todavia as prevenções nunca vem fóra de tempo, respondeu Carlos.

— Acha isso? Olhe que não deixa de ter razão: homem prevenido vale por dois; visto que teve a bondade de me mostrar o seu excellente brigue, tenho a honra de lhe offerecer os meus leaes serviços e agradecer-lhe o favor que me fez. Tenho casa na ilha de Chypre; ahí o capitão Ronoscki offerece-lhe uma franca hospitalidade.

Ao dizer isto, Ronoscki despediu se de Carlos e desceu para o escaler com a agilidade d'um gato, bradando:

— Romaca, mãos aos remos! Larga breve!

Quando acabou de dizer estas palavras, tinha d'um pulo saltado para o escaler, que se pôz ao largo num momento, impellido pelos

Valeu-lhe o seu trabalho ruidosas ovações dos seus admiradores e amigos.

A musica de Verdi, Macedo, Cyriaco, Audran, Frondoni e um anonymo, foram executadas com maestria, pela grande orchestra, que foi applaudida.

Francisco Macedo compôz para o *Hernani*, numeros de musica lindissimos, que lhe valeram calorosos applausos. A partitura era uma bella *miscellanea* artisticamente coordenada e muito caracteristica: canções populares, trechos de operettas, etc.

Macedo teve ovações durante os 3 actos, pela maestria com que regeu a grande orchestra e pela unisona harmonia com que foram cantados todos os côros. Chegou o entusiasmo a ergue-lo nos braços; e conduzido aos corredores, foi effusivamente abraçado, pelos seus admiradores e amigos, que os tem.

A parte dramatica teve um bom desempenho. Só ha que dizer bem — e sem favor.

No grupo de amadores ha cantores-artistas: Mario, Ferraz e Roque. Por vezes se revelaram com dotes especiaes para a scena. Roque é que se resentiu da voz, pelo esforço que fez em cantar de *baixo*, quando a sua voz é de *tenor*.

A ex.^{ma} sr.^a D. Palmyra Cunha, coube o papel de *Elvira*. Possui uma voz de *soprano* bem timbrada, cantando deliciosamente a cavatina, duettos e tercetto, com muito mimo e expressão, vocalizando com muita segurança. Sobrelevasse em tudo — até nos fortes do *concertante final*!

Tem uma voz muito agradável, de *mezzo-soprano*, a ex.^{ma} sr.^a D. Bertha dos Santos, que cantou o seu papel de *Aurora*, muitissimo bem.

Mario tem uma bella voz de *barytono*, boa presença, figura insinuante, bem posto, um rei ás direitas, *Carlos de Hespanha*, amoroso e tyranno. O seu canto sae melodoso, e no duetto com *Elvira*, sobresahiram, e receberam muitos applausos. No prelude e cavatina, Mario teve ovações.

A Ferraz, coube o papel de protagonista, era o *Hernani*, capitão de salteadores, assaltando o coração de *Elvira*, que não lhe desejava sezões. Correcto no canto, duetto, tercetto e aria. Tem uma voz agradável de *tenor*, e do seu personagem soube tirar partido em algumas scenas, valendo-lhe estridentes palmas.

Roque, muito bem no *D. Ruy*. Um velho frascario a querer casar com a sobrinha, que o despreza e ama o seu *Hernani*. Cantou de *baixo* a sua aria e o tercetto, com esmerada corrección, e foi actor. Não se pôde exigir mais d'um tenor. Agradou e foi alvo de repetidos applausos.

Emfim, até o Francisco Martins brilhou no seu papel de *Verdugo*, adjunto do *Hernani*. — Um salteador, crédo!

Os côros de uma afinação irreprehensivel; sobresahindo o *côro dos salteadores*, e o *côro das aias*, pelas senhoras.

Extraordinario de execução — o *concertante final*! Quarenta e tres vozes, num unisono que extasiava a todos, foram ouvidas no meio d'um intimo silencio; não se perdeu uma nota da magistral inspiração de Verdi. Mario foi um artista, cantou admiravelmente a sua parte. Ao terminar, uma estrondosa ovação soou por todo o recinto da sala. Pediram *bis* e cantou-se segunda vez com um êxito superior. Ao findar tudo se levanta-

bracos de seis herculeos marinheiros, trajando todos camisas de alcache de côr escura.

Carlos ficou estatico e como fulminado junto á amurada do brigue, seguindo offegante o escaler, que ao longe se divisava apenas, como um pequeno ponto escuro.

Para elle era de fé, e não admittia duvida, que o temivel pirata negro e o capitão maltez Ronoscki eram uma e a mesma pessoa. Teve um terrivel presentimento, e exhalou um suspiro. Viu ao longe uma grande fatalidade. Porém muitas vezes os presentimentos fallham.

João Traquete não ficára menos impressionado; chegou-se para Carlos, e disse-lhe:

— Commandante, porque não prendeu aquelle urso? Olhe, quem o seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre. Aquelle homem não veio aqui com bons pensamentos. Raios me comam se elle não é o pirata negro!

— Isso não tem duvida, respondeu Carlos; aquelle homem veio reconhecer as forças do brigue, os nossos meios de defeza e a nossa tripulação. Mas não o temo.

Carlos, ao dizer isto, já não era o mesmo homem que por momentos vergára debaixo d'um mau presentimento.

Os olhos tomaram o brilho do diamante; todas as suas feições exprimiram valor decidido, uma energia ferina! Ergueu a cabeça alto, e disse em tom solemne:

— Vieste provocar-me, capitão Ronoscki

tou, rompendo uma estridente salva de palmas e bravos delirantes.

No final chamadas especiaes aos artistas, a Costa Pereira, Francisco Macedo, a José Doria, o ensaiador que nos deu um *mise-en-scene* superior, Eduardo Ferraz e João Francisco dos Santos, scenographos.

Guarda roupa — uma riqueza.

Foi uma festa deslumbrante que bem gravada deve ficar no coração de todos.

As nossas saudações á commissão.

E muito obrigado.

c.

Assumptos de interesse local

Calote aos professores

Devido ao digno secretario da administração do concelho, podemos dar ao queixoso as seguintes informações que nos prestou aquelle funcionario.

Tem-se pago o ordenado mensal áquelles professores que o tem contado na folha do mez de janeiro e que não tinha augmento.

Mais. Se a folha do mez passado não está paga pela totalidade, dá motivo a isso a falta de approvação d'essa folha na *repartição de contabilidade*, relativamente á differença do vencimento pelas classificações ultimamente feitas.

Porisso, se não foi pago a todos no principio do mez, como é costume, foi pelo motivo da differença nas classes, ser mandada incluir, por ordem superior na pmesma folha de janeiro, não dando isto logar a que o sr. administrador do concelho e o secretario da administração, podessem fazer o pagamento mensal.

E aqui está em que cahos andam as repartições superiores por Lisboa, pois foram as pautas nos principios d'este mez e ainda não foram recebidas nesta administração. Que mandriões.

E são os funcionarios que mais ganham, que menos trabalham.

O Thaumaturgo

Começaram no theatro Affonso Taveira, os ensaios para a proxima representação da oratoria — *Gabriel e Lusbel* — *O Santo Antonio*, em 3 actos e 6 quadros, original de Braz Martins.

E' desempenhado pelo *Grupo dramatico Adelino Veiga*, e contam que a primeira recita seja ainda no periodo quaresmal.

Oxalá que o Santinho faça o milagre de muitas enchentes. Rezem-lhe.

Propaganda jesuitica

No convento das Therezinhas proximo de Coimbra, muito conhecido e muito afamado pelo beaterio fanatico, dão-se predicas, exhortando os fieis um frade varatojano, que prégou nos dias de Carnaval.

O padre nos seus sermões avivou com carregadas côres as labaredas do inferno para aquelles que devendo estar alli, na casa do senhor, andavam por toda a parte em folias desenfreadas. Tambem vós ganhareis o ceu, vós que aqui estaes.

Não era desarrasoado que a auctoridade interviesse para evitar qualquer conflicto que se possa dar.

Este cura de almas merece ser admoestado, se o fradalhão não está sob a protecção d'alguma influencia mitrada.

ou pirata negro! Pois fizeste mal. Não é o filho de meu pae que no mar teme outrem além de Deus; nós nos encontraremos! Então ver-se-ha qual é o mais forte? . . . João! João!

— Prompto, commandante!

— Estavas ahí? Então ouvistes tudo?

Bem sei que nutres as minhas desconfianças.

— Certamente, commandante; só um tolo não comprehenderá que aquelle maldito, com dentes de bezerro marinho, é o pirata negro.

— Pois bem! Em tres dias levantaremos ferro! Não digas nada á tripulação; emprega a maior vigilancia, para que não tenhamos a sorte da fragata ingleza.

«Até á vista, pirata negro: uma lueta de morte fica levantada entre mim e ti. O resto pertence a Deus.

Tres dias depois, a tripulação do brigue corso mettia barras ao cabrestante e suspendia o ferro com grande faina.

O brigue largou o panno todo; singrou com a velocidade do raio, deixando um rasto de alvejante espuma atrás de si.

A tripulação seguia satisfeita, emquanto Carlos e João Traquete, á ré, não perdiam de vista um individuo, que d'um escaler pintado de preto seguia com a vista o famoso brigue, que, com as suas brancas e elegantes vélas, parecia um cysne esvoaçando pela superficie das aguas.

(Continua)

77 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XI

Apontamentos curiosos

«A fragata de Sua Magestade Britannica largou todo o panno: singrou como um cysne; porém o brigue do pirata fugiu-lhe como se fosse uma enguia, mandou-lhe de presente um par de balas tão certeiras, que uma quebrou-lhe a canna do leme, a outra o mastro da mezena.

«O navio, sem governo, adornou á mercê das ondas e do vento. A tripulação tratou de remediar como pôde as avarias; á noite foi fundear junto de Candia. E sabe que lhe succedeu?

«O pirata tinha embriado com a curiosidade da fragata; pela alta noite dois escaleres foram arriados dos turcos e lançados ao mar.

RECLAMES E ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA COIMBRA

50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.
Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.
Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Hodgers.
Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.
Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.
Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.
Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.
Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.
Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.
Diversos: Bandejas, oleados, papel para moer carne, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.
Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.
 Pastilhas electro-quimicas, a 50 réis } indispensaveis em todas as casas
 Brilhante Belge, a 160 réis }

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crús. — Faz-se desconto nas compras para revender.
 Completo sortido de coroas e houquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.
 Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS



SINGER

Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE

JOSE LUIZ MARTINS DE ARAUJO

90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas Singer, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os últimos aperfeiçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.
 Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte gratis para os compradores de fóra da terra e outras garantias. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.
 Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto.
 Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja Singer com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 6\$500, 7\$000, 8\$000 réis e mais preços, capas e batinas preços sem competencia, varinos de boa catrapianha com forro e sem elle desde 5\$000 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.
 Tem esta casa dois bons contramestres, deixando-se ao freguez a preferéncia de optar.
 Sempre bonito sortido de chitas, chailles, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.
 Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer pega solta para machinas.
 Alugam-se e vendem-se **Bi-cyeletas**.

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

N'este bem conhecido hotel, situado na praça do Commercio, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as atenções devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.

Tambem recebe duas ou tres pessoas, a quem dá de comer em mesa particular, por preços commodos.

Já ha e continúa a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito razoaveis, responsabilizando-se o proprietario d'este hotel, por qualquer encomenda que lhe seja feita, tanto para esta cidade, como para fóra.

CARROS E ARREIOS

Vendem-se dois phaetons que servem para um ou dois cavalos.

Dois pares de arreios de parelha, um com ferragem branca e outro amarella; um arreo para um só cavallo, com ferragem amarella, tudo em bom uso e preços convidativos.

Para tratar na **Correiria Central** de Adriano Francisco Dias, rua de Ferreira Borges, 9 a 15.

Esta casa continúa a vender por preços commodos arreios de cavallaria e parelha, malas e todos os artigos de viagem, tambem se concertam os mesmos, assim como se incumbe de estofar carros de novo.

PREVENÇÃO

Não confundam o estabelecimento de correiro, O que tem um jockey com um cavallo á mão, e o que pertence a Adriano Francisco Dias.

9 — Rua Ferreira Borges — 15

COIMBRA

VIOLEIRO

Augusto Nunes dos Santos, (sucessor de Antonio dos Santos), premiado na exposição districtal de Coimbra em 1884 com a medalha de prata, e na de Lisboa de 1890.

Com officina mais acreditada d'esta arte participa que faz toda a qualidade de instrumentos de corda concernente á sua arte; assim como os concertos com a maxima perfeição, como tem provado ha muitos annos.

Tambem vende cordas de todas as qualidades.

Preços muito resumidos.

Rua Direita, 16 e 18 — Coimbra.

COMPANHIA DE SEGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

SÉDE EM LISBOA

Capital réis 1.344.000\$000
 Fundo de reserva 203.000\$000

Esta companhia, a mais poderosa de Portugal, toma seguros contra o risco de fogo ou raio, sobre predios, mobílias ou estabelecimentos, assim como seguros maritimos. Agente em Coimbra — Basilio Augusto Xavier de Andrade, rua Martins de Carvalho, n.º 45, ou na do Visconde da Luz, n.º 86

JULIÃO A. D'ALMEIDA & C.ª

20 — Rua de Sargento Mór — 24

COIMBRA

N'este antigo estabelecimento cobrem-se de novo guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se magnificas armações para guarda-soes, o que ha de mais moderno.

QUEIJO DA SERRA

Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa, das melhores queijeiras do concelho d'Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

PAPELARIA CENTRAL

2 — Rua do Visconde da Luz — 6

COIMBRA

BOM TREM

Vende-se um Landau novo do systema mais moderno, de boa construcção e muito leve.

Quem pertender pode dirigir-se á rua da Sophia n.º 77 Coimbra.

M. RIBEIRO OSORIO

ALFAIATE

185, 1.º — R. Ferreira Borges — 185, 1.º

COIMBRA

Participa aos seus freguezes que recebeu o sortimento de fazendas para a estação de inverno, e por preços baratos para competir com qualquer outra casa.

BILHETES DE VISITA

Impressões rapidas

Typos modernos e preços diversos

Typ. Operaria — Coimbra

FERNÃO PINTO DA CONCEIÇÃO

CABELLEIREIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

16 Grande sortimento de cabelleiras para anjos, theatros, etc.

AOS PHOTOGRAPHS

Productos quimicos, chapas allemãs, cartões em diferentes generos, prensas, etc., etc.

Preços de Lisboa.

DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª

Mont'arroyo 25 a 33 — COIMBRA

LIVROS DE MISSA

NEVES IRMÃOS

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E DISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

N'este deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas a JOSÉ MARQUES LADEIRA

COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR — Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

	Com estampilha	Sem estampilha
Anno	2\$700	Anno 2\$400
Semestre	1\$350	Semestre 1\$200
Trimestre	680	Trimestre 600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Defensor

do Povo

COIMBRA — Quinta feira, 27 de fevereiro de 1896

O QUE NÓS QUEREMOS

Não cessa a Imprensa Republicana de discutir e condemnar os abusos, as escandalosas arbitrariedades, as prepotencias e até os crimes dos governos da monarchia.

Lamenta a Imprensa Republicana, fazendo côro com as gazetas da opposição monarchica, que o actual governo ande e se mostre empenhado em restaurar, em nome do rei, o absolutismo, e para o conseguir reprima, recalcine pela força, e esmague, por meio de violentas compressões, nas garras da mais infrene e despótica dictadura, os direitos populares e as generosas aspirações da Democracia, em proveito da velha e gasta realza dynastica, em beneficio de uma odiosa oligarchia de ambiciosos sem escrupulos, os quaes, alheios a todos os principios de verdade e justiça, divorciados com o que se chama sentimentos de honra e dignidade, pessoal e publica, só procuram enriquecer e gozar á custa dos outros, empobrecendo e espezinhando os outros, a quem por todos os modos os mais repugnantes, por todos os processos os mais ignobes exploram, privando-os da liberdade de se queixarem, cortando-lhes os meios, tolhendo lhes todos os processos legais de reagirem contra tão barbara e infame exploração.

Á força de pizar e repizar, de moer e remoer este velho e estafado thema, esta commum e vulgarizada cantilena, a qual já todos sabem de cór e salteada, vae a opposição governamental cahindo no descredito e no indifferentismo, a ponto de que já são poucos os leitores do artigo de fundo e da chronica politica.

A repetição fatiga, a monotonia aborrece, a inanidade desalenta.

Todo o mundo sabe, e de sobejo conhece o que é hoje e o que vale a monarchia; toda a gente affirma, porque ninguem o ignora, que o actual governo, como todos os que, á sombra da monarchia e por eleição da corôa, se formarem e constituírem, é inepto, abusivo, oppressor, immoralissimo, funesto e desastroso para a causa politica.

Ninguem ignora que o actual governo é fonte e origem dos nossos males; e que todos, todos os governos, que, dentro da monarchia e por escolha do paço, se organisarem para lhe succeder, não farão mais nem melhor, antes accrescentarão e aggravarão os nossos males, e mais funda e vergonhosa cavarão a nossa total ruina.

Não é pois nos governos, nos homens, que dirigem a politica e a administração dentro e fóra do paiz, que reside o germen, a fonte inexgotavel, ou antes o pantano deletorio, a lagôa impura d'onde se evolvem os nossos males e se levantam as nossas desgraças, miserias e vergonhas.

A causa de todos esses males, a origem de todas essas desgraças e miserias, está, reside inteiramente na monarchia, na realza, que tudo perverte, que tudo corrompe, que tudo absorve, e nos rouba desde a liberdade até ao suor do nosso rosto; que para andar cheia e farta nos deixa morrer de fome; que para se vestir ricamente e cobrir de sedas, velludos e ouropeis, para se installar sumptuosamente em vastos e opulentos palacios, ella e a sua côrte, os seus favoritos e apaniguados cortezãos e partidarios, arranca ao povo os pobres andrajos que o cobrem, e lhe disputa a camisa, lhe sequestra os moveis e a casa da habitação.

Todos sabem isto; todos o dizem, pro-palam, e publicamente affirmam.

O que porém se não tem dito, o que a

Imprensa Republicana ainda não declarou nem expoz, senão de um modo vago e confuso, mas que é preciso dizer claramente e expôr de um modo positivo, o que todo o mundo com anciedade pergunta, é—o que querem, o que pretendem, o que tencionam e hão de fazer e religiosamente cumprir os Republicanos?

E' o que nós vamos tentar, procurando por nossa parte, responder á motivada e anciosa pergunta, cumprindo o nosso dever, e varrendo as nossas responsabilidades.

O que desejam pois, o que pretendem, o que tencionam fazer e querem fazer os republicanos?

E' necessario que o digam, que o declarem de um modo terminante e positivo.

E' o que, por nossa parte, vamos dizer, sem hesitações nem reservas.

Os janizaros

Anda afadigado o *grand marchal Festas* para reforçar a guarda municipal, que os collegas lhe pedem com urgencia.

Já foram expedidas circulares aos commandantes das quatro divisões militares, dando-se-lhes ordem para que façam constar ás praças, que os que quizerem passar para a guarda municipal, façam os requerimentos, que deverão ser entregues com a maxima brevidade nas secretarias dos corpos, ás quaes darão rapido seguimento.

A policia tambem foi reforçada em 300 guardas, o que faz crer que o governo anda tranzido de medo e não se julga seguro com os guarda-costas da policia e dos *municipaes*. Julga-se no tempo da arma de pederneira. Não sabe que estamos a transpôr o seculo XX. Bemaventurados são os que choram...

Presagios

De vez em quando o *Universal* está a mal com o governo que já defendera; e fallalhe com duas pedras na mão, nestes termos:

«O ministerio vae morrer carnavalescamente; da mesma maneira como tem vivido. Não podia escolher melhor época do anno para fazer as suas despedidas e preparar-se para bem morrer. Parte alegre para melhor vida, levando consigo as impressões da folgança do estruendo.
«E' singular esta coincidência! Morre no estruendo um ministerio cuja politica teve um grande fundo carnavalesco.»

Não morre tal, que diabo ruim não tem perigo; mas se morrer não se salva do inferno.

No céu fica o paiz — com os progressistas... Depois — a eternidade!

Outro monopolio

Peores do que as pragas do Egypto são os monopolistas em Portugal. Não sonham senão em usurpar o bem estar ás classes operarias, a titulo de beneficio, as quaes reduzem á maior miseria.

Pede-se ao governo o exclusivo da pesca na possessão de Lourenço Marques, o que corresponde a decretar-se a fome aos indigenas, que vivem do mister da pesca e d'isso sustentam a sua prole.

Queixem-se depois que o gentio se revolta...

E' muito capaz o petionario de obter do governo tão horrenda concessão. E' questão de dinheiro.

Já não ha justiça de Fafe!

Manifestação a Mousinho

Na Africa Oriental os officiaes do navio de guerra allemão *Seadler*, offereceram ao glorioso capitão, Mousinho de Albuquerque, um jantar de honra ao heroismo do valoroso militar, pela prisão do regulo Gongunhana.

Tambem a *Press*, do Transvaal, referindo-se ao feito de armas de Mousinho teve esta phrase: «é a mais maravilhosa e a mais heroica da historia negra.»

Todos glorificam o heroe conquistador.

Colligação republicana em Hespanha

E' um accôrdo entre familia, paz entre irmãos, não entra a madrastra das facções monarchicas, a dar-se a democratica—é o republicano genuino, embora esteja fraccionado, que trabalha para o mesmo fim, para a mesma causa, qual é a emancipação do povo, a proclamação dos direitos do homem—a Republica, em fim!

Vae entrar em um periodo de accção o grande partido republicano hespanhol; vão unir fileiras os batalhões dos diversos chefes republicanos, e isso se depreheende pela extensa mensagem dirigida pelo directorio do Centro republicano, aos corpos dirigentes do partido republicano federal, da esquerda progressista e do partido republicano nacional.

Leiam:

«A assembléa do partido republicano centralista; attendendo ao clamor unanime da opinião, que reclama a união de todos os elementos que em Hespanha aspiram á instauração da republica, impôz a este directorio o dever de propôr a fusão ou de estabelecer pactos de união e de concentração, de concordia com todos os organismos republicanos.

«Em obediencia ao mandato e constituída a junta nos termos indispensaveis, cumpre-lhes lidar na solução dos seguintes problemas:

«Um programma commum e a suppressão de todos os actuaes orgaunismos, recompondo-os em um partido unico;

«A formação de um directorio unico, no qual estejam representados todos os partidos republicanos, dado que uma completa fusão não chegue a realizar-se: dissipando por tal modo o temor de que possam surgir dissidencias e conflitos, e conquistando a adhesão dos elementos afastados;

«O processo a seguir por que nem na Imprensa, nem na tribuna, a unidade de accção não prejudique os respectivos ideaes das diversas forças republicanas;

«A compatibilidade dos dois elementos, legal e revolucionario, por modo que, longe de se contrariarem, concorram para o mesmo fim — determinando a propaganda o exacto conhecimento da hora em que deve aproveitar-se a revolução;

«A legalidade interina que deve estabelecer-se, desde a proclamação da republica até que a soberania nacional, representada pelas côrtes constituintes, decrete os destinos da patria;

«O compromisso do acatamento da constituição decretada pelas côrtes, sem assomos de força no sentido de fazer prevalecer aspirações peculiares, e abstenção de colligações, para tal fim, com os nossos adversarios.»

Responderam á mensagem que lhes dirigiu o directorio do partido centralista, convidando-os á união de todas as forças republicanas do paiz visinho, os partidos republicanos, progressista, federal e nacional.

Por indicação do sr. Esquerdo, reunirá brevemente a junta central do partido republicano progressista para designar os diversos individuos do seu gremio, para o fim de estabelecerem com os representantes dos outros partidos as bases da união.

Foram designados cinco membros do seu conselho pela assembléa federal, para que na reunião que deve brevemente celebrar-se sustentem o criterio do partido federal acerca da união sobre as bases do procedimento revolucionario.

Pelas informações dadas pelo *Liberal*, aquelle mesmo criterio será mantido pelos representantes do partido progressista.

O partido republicano nacional recebeu com extremos de satisfação a mensagem do directorio centralista, propoendo-se tambem designar a sua representação no sentido de procurar a união de todos os partidos republicanos, por todos os meios possiveis.

A questão que mais será discutida pela junta de conciliação é a do *procedimento*

Pela sua parte, os republicanos centralistas farão toda a especie de sacrificios para realizarem a união almejada.

A mensagem é assignada por vultos importantes do partido republicano, srs.: D. Nicolao Salmeron, D. Gumersindo, de Azcárate, D. Raphael Cervera, D. José Fernando Gonzalez, D. Raphael M. de Labra, D. Manuel Pedregal e D. Raphael Prieto y Caules.

E' de alta importancia esta colligação, pois que a divisão republicana tem sido um erro, com o que só está ganhando a monarchia.

Assim responderam os republicanos hespanhoes ao governo despotico de Canovas del Castillo que na sua intensa furia aprisionou no *Carcere Modelo* os nossos valentes collegas e correligionarios do jornal—*El Pais*.

Um frizante exemplo, e um ensinamento nos dá a Hespanha, ao silencio que estamos guardando, perante a attitude infame do governo e as brutalidades e ameaças do ministro do reino.

A engenharia

Em linha de relação poucas serão as nações que tenham mais engenheiros que Portugal.

Por toda a parte ferve a engenharia. Foram-se os frades, e vieram os engenheiros! Mais prejudiciaes, porque muitos têm deturpado, em reformas, as melhores obras d'arte: como o monumento da Batalha, Alcobaça, e por Coimbra ia indo a Sé Velha, e em sacrilegio latente está agora o templo de Santa Cruz. E o mais que não sabemos.

São estas competencias o *bijou* da engenharia, a *pedreirada*, que por conta do governo dirige as reformas das nossas principais obras d'arte!

O governo, porém, que lhe entrega a reforma dos monumentos, não lhe serve a *prata da casa*—d'entre os milhares de engenheiros que se procriam e mantêm—para os serviços de remodelação do arsenal de marinha!

Está contractado um engenheiro francez que esteve no Japão montando os arsenaes d'aquelle paiz.

Comparados ao Japão!

Vê-se que a engenharia por lá — com-pensa.

Pelourinho

XLIX

Pandega da côrte

Continúa a deosa *Pandega* a *reinar* nas praias.

Esta divindade, com quanto não tivesse logar no Olimpo dos idolatras romanos, está hoje com grande veneração no templo da orgia, onde celebram seus cultos as *fadistinhas* da côrte!

Toca a folgar, a saltar, a *reinar*!

Toca a pescar, a caçar, a dançar!

Toca a jogar, a cantar, a fumar!

Esta é a voz de chamada a sentido nos arraiaes da *camarilha*, onde os homens jogam a *parada* e as mulheres tocam a *guitarra*; onde os homens conspiram, e as mulheres intrigam; onde os homens bebem; e as mulheres fumam; onde os homens são *Satyros* e as mulheres são *Dianas*.

Esta é a côrte do famoso *Ulysses*; *Ulysses* festejado outr'ora no cimo da *Cutovia*, e hoje nas praias do Atlantico, ao som da mesma guitarra, e na melodia d'aquella musica tão classica, tão portugueza, que se chama — o fado — e que faz as delicias das matronas da mais alta sociedade d'esta nossa dissoluta *Jerusalem*!

Pois a côrte quer-nos salvar no *festim de Balthazar*!

Hontem baile em Cascaes!

Hoje baile em Paço d'Arcos!

Baile sempre! sempre baile!

Baila o *filho*, baila o *pae*, baila a *cantora*; bailam D. *Quichote* e *Sancho Pança*! Bailam o *louro* e mais a *loura*! Bailam *todos quantos estão*!

Isto é que é *reinação*!

As duas côrtes estão em rivalidade.

Paço d'Arcos quer levar a palma a Cascaes.

A *rainha do palco* tem presumpção de ser mais bonita do que a *rainha da côrte*, e então quer mostrar-se ao seu povo em todo o luxuoso esplendor de um baile nas praias!

E a côrte lá está toda aos pés do antigo *pagem*, em vergonhosa humildade!

Vejam como dageneram as raças!

Os velhos fidalgos portuguezes, esquecidos da honra de seus pergaminhos, lá estão acurvados á cantora, beijando-lhe até a mão, em ridicula baixaza, e revoltante cynismo!

Como a cantora não rirá ao vêr aquelles miseraveis, beijando-a nas salas, onde nunca deviam entrar, se tiveram a dignidade da antiga nobreza d'estes reinos e cujos titulos representam para os infamar e deshonorar!

Povo! A côrte está perdida. Ella mesma o julga e o confessa.

Estes bailes são os ultimos arrancos da agonia de uma vida que se esvae!

O negociante arruinado, a vêr se pôde manter-se, dá ainda ás vezes um baile, na vespera de quebrar!

Pois aquella *casa de Orates* está fallida, e já os bailes a não podem salvar!

Será uma fortuna para o paiz, que o espolio é seu!

(Lanterna.)

NOS BAILES DO CARNAVAL

Centro Commercio e Industria

Ser estudante é muito agradável; mas em certas occasiões... é... o demonio!

Desejava assistir nos animados bailes dados no Centro Commercio e Industria, onde se reúne um publico numeroso e escolhido, onde todos se divertem; sou porém estudante... barreira insuperavel para alli entrar.

Emfim, dizia Beaudelaire: «Le paradis est des élus» (o paraíso é dos eleitos).

Re-signemo-nos: façamos de conta que assistimos aos bailes, que dançamos com as amaveis e jovias frequentadoras do Centro Commercio e Industria, e contemos, a medo, os mysteriosinhos, que durante as noites de domingo e terça feira passadas, nasceram, se desenvolveram, e agora esperam anciosos occasião propicia para sahir da sombra, desabrochar em familia, florescer em publico e... colher os fructos, com auctorisação do parcho da sua freguezia ou do administrador do seu concelho.

Animadissimos, cheios de verve, os bailes de Carnaval no Centro Commercio e Industria.

Como sempre, que esta sociedade promove qualquer diversão em honra de Therpsychore, a estreita e pouco azeitada rua onde se acha instalada, dá passagem a muitas meninas bonitas, a rapazes vaidosos e sympathicos, de mistura com algumas mãos rabujentas e alguns papás, impacientes e caturras, torturados pelos attractivos do santo descanço da cama, em guerra aberta com os fatos domingueiros, e mandando ao diabo os papelinhos, os pó, as bisnagas, com que os filhos e as filhas se troteiam á custa da sua bolsa e da sua grande paciencia... Elles que já não dançam, e, quando muito, vão alli como verbo de encher, salvo se ha *sandwichs* e *pasteis de nata* para destroçar a rôdo!

Quantos sorrisos tentadores e suspiros abafados se não trocaram por baixo das mascaras, que tão cruelmente occultavam a formosura e os encantos das suas possuidoras!?

Havia lá caras tão lindas, rostos tão perfeitos, olhos tão seductores, bocas tão graciosas e pés tão pequeninos, que tanto e tanto redemoinharam nas valsas, nos *pas-de-quatras*, nas mazurkas e nas polkas... mãos tão delicadas e macias, que só tocar-lhe causava calafrios...

O vasto e espaçoso salão de baile passou ultimamente por muitas transformações, e soffreu muitos melhoramentos.

Quando lá fomos, no anno passado, pelo S. João, estava, não diremos feio, mas descuidado; os seus adornos consistiam em festões de luxo entrecidos com flores, e, principalmente, em abrigar debaixo do seu telhado a descoberto um rancho de esbeltas meninas, lindas como os amores, que com as suas frescas e variegadas *toilettes* de côres claras, com as suas gargalhadas francas e estridentes, tão proprias da mocidade e com os seus meigos sorrisos nos embriagavam a alma, e nos perturbavam os sentidos.

Agora, tudo mudou; a ornamentação foi mais vistosa, as côres melhor combinadas, mais artistica.

Muita verdura, milhares de camélias e rosas entrelaçadas em massiços de verdura, espirituosas allusões ao Carnaval; aqui um boneco levantando-se em pino, servindo-lhe de cabeça um prato pintado; ali um trophéo carnavalesco; além uma grinalda desprendendo-se preguiçosamente do tecto, e vindo vestir as paredes brancas e cobertas de quadros; uma profusão de espelhos e muita luz. Tudo isto produzia um effeito surpreendente, maravilhosos.

Mascaras muitas, de gosto, e, o que raras vezes acontece, algumas com chiste.

Predominavam as *gandarezas*; os rapazes em geral vestiam casaca, e em costume apresentou-se, digno de menção, o Barbosa, todos o conhecem, escuso pôr mais na carta; parecia, dizem-me, um *paliteiro das Caldas*, phantasiado pelo Raphael Bordallo, engraçadissimo e original, o maganão.

Deixemos porém os homens; passemos a occupar-nos das meninas, que, espero, se não zanguem commigo; olhem que sou bom rapaz, sem receio de ser immodesto...

Por exemplo: — uma creaturinha, no desabrochar da adolescencia, *minhone*, pequenina na altura, mas grande pela graça e desenvoltura com que se meneava, e pela ligeireza com que mechiá os seus hem calçados e pequeninos pés, tornou se a estrella do baile.

Arrebatada nos delicados braços do seu par, por onde passava todas as bocas se entreabriam para lhe dizerem phrases repassadas de amabilidade, que aos seus ouvidos tantas vezes devem ter soado: que formosa, como é galante, como lhe fica bem o *costume*... As mães, essas, diziam: que prazer ter uma filha assim...

Contaram-nos o seguinte caso succedido com ella: quando dançava e conversava animadamente, esperando que lhe competisse a vez, pois, como os pares eram muitos, organizaram-se turnos.

Acercou-se d'ella um rapaz, não rigorosamente um rapaz, porque o seu cabelo havia voado já para engrossar talvez a trança d'alguma elegante, e virando-se para o par d'ella diz-lhe:

— Dá-me licença que dê duas voltinhas com o seu par enquanto descança?

Resposta: isso não é commigo, se esta senhora aceder...

Resposta d'ella ao alvejar-lhe a calva luzidia, irradiando claridade: não senhor, não quero, obrigadissimo.

Que lhes parece? Se eu fosse tira-la para dançar era capaz de me dizer o mesmo, ella é tão mázinha...

No salão espanejavam-se dois formosos *Canarios*, (femeas) os quaes com os seus cantares perfumados e envoltos no amiculo alvissimo da innocencia, nos faziam sonhar acordados...

Uma outra valsista tambem pequenina, vestia um garrido *costume* turco, que lhe ficava a matar; que olhos tão fascinadores de formosa odalisca...

Um casadinho de fresco, (parece impossivel mas foi verdade), disse-me no dia seguinte: sabes, pratiquei um enorme peccado; olhei muito para uma valsista; mas sempre de longe se tu a visses... enlouquecias

Uma outra de olhos sonhadores, cabellos negros, elegante, amiga de cantar e presentear com *bêlhôs*, feitos pelas suas mãosinhas de fada tentadora, estava tambem linda.

Um meu antigo condiscipulo bem podia orgulhar-se...

O Abreu marcou garbosamente uma quadricula; os pares distraídos enganavam-se, obrigando-o a cada instante a gritar: *grand confusion a ses places*.

Que olhares lhe revirava o Euprosino... O José Antonio, discipulo do grande mestre Justino Soares, amigo da ordem, não estava satisfeito, soava e... enraivecira-se, dizendo comsigo: se fosse eu...

O Rochita, felicissimo no *cotillon*; na marca do espelho... calla-te bocca, que indisciplino!

Ao Alvaro, no *cotillon*, apateceram-lhe *pasteis de Tentugal* mas chuchou no dedo; não são para todos; ora o lambareiro... Percebem?

Para terminarmos esta longa chronica, diremos, que um *macareno*, que habita para os lados da Sophia, amigo de dançar, não descançou nem um momento; andava num vae-vem continuo, ora mandando tocar o pianista, ora incitando os pacatos e encolhidos; a elle se devem principalmente a animação e a ordem em que correram os dois bailes no Centro Commercio e Industria.

Elle não era só o fiscal, era um mestre de cerimonia, um padre Ignacio sem corda. Parecia um dono de casa inexcedivel em amabilidade e attentões para com os seus numerosos convidados. Uma belleza o diacho do *macareno*.

Aos presentes foi servido abundantemente pela noite adeante, — chá, vinho do Porto e doce, retirando se todos reconhecidos para com a commissão promotora do baile, que foi verdadeiramente incançavel.

O sr. commissario Ferrão assistiu e foi coberto de papelinhos. Ai se elle estivesse nos seus vinte... Quem o aturaria... Então ia tudo raso!

Perdão: Num céu onde fulguram tantas estrellas, todas as tempestades se acalmam; porque emfim, um homem não é um santo...

NUMA SALA

Á hora em que isto se passava na rua Nova estava eu dançando animadamente numa casa na rua das Fangas, cercado de raparigas lindas e mimosas como os lyrios, ao som das violas e dos violões.

Devo dizer, que estas encantadoras nymphas costumam ir aos bailes de que vimos fallando; a este, porém, não foram... preferiram divertir-se em sua casa; não quizeram ornar o salão com a sua belleza peregrina.

Não especializamos nenhuma porque, como convidados, a nossa opinião seria suspeita; em o todo caso apresentaremos o perfil d'uma com quem dançamos e móra numa rua da *baixa*.

Quando passa parece respirar mocidade, os seus grandes e bem rasgados olhos brilham extraordinariamente, a sua bocca parece sorrir sempre, muito embrulhadinha no seu chale azulado, muito seriasinha, é apontada, quando passa, como uma das bellezas de Coimbra, a terra das *costureirinhas bonitas*! Dizem uma verdade os que assim pensam.

GABIRU.

GREMIO OPERARIO

Dizem muitos que o entrudo se apresentou sensaborão. Concorde, nas ruas foi enfadonho.

Não, porém, nos bailes, onde cheio d'alegria e de episodios espirituosos, deixou á mocidade muitas recordações perfumadas pela saudade.

Assim o baile de segunda feira correu animadissimo, mais animado que o de sabbado.

A sala estava repleta e a atmosfera morna de tanto olhar faiscante.

Nisto (e haviam de ser 9 horas), ouvem-se as palminhas do bom do Adolpho, mestre-sala, immediatamente comprehendidas pelo Sampaio, um pianista distincto, que nos deliciou os ouvidos com uma brilhante polka. Uma alegria doida e entusiastica empolga todos os convidados; tudo dança,

á excepção, d'uma linda *gandareza* d'olhos traveiros.

Só esta não dançava. A um cavalleiro que a desejava para par disse ella, e nos olhos sempre um relampago, e nos labios sempre o seu sorrisinho estonteante:

— Polkas e mazurkas são para os velhos e as danças populares para as sopeiras. O meu ideal é a valsa.

E tinha razão a linda *gandareza* d'olhos seductores. A valsa, dá nos uma impressão estonteante, embebeda nos de loucura.

E por fallar em impressões, a da sala era, na verdade, extraordinaria. Lembrava-nos um céu immensamente constellado por onde a imaginação do observador fosse, ao acaso, por que todas as estrellas eram brilhantes.

Fallaremos, contudo, d'algumas.

Uma turca portoguesa, principalmente, chamou-nos a attenção. Meiga, muito meiga, rosto angelical, tinha uns olhares muito doces para o cavalleiro com quem dançava frequentes vezes. Elle fingia não comprehender, mas comprehendia, segundo nos disseram; e aquelle olhar irascivel proprio d'um autocrata de todas as Russias perante o seu povo escravizado e ajoelhado, não era mais do que modestia. Tambem só sendo de rocha... nem, talvez, assim.

Pela felicidade, brilhava um principe (como eram dois, diremos o da capa encarnada) para quem os olhares iam, ás dezenas, febricitantes como faiscas electricas em céu de trovoadas.

Nem sei como não ardeu, santo Deus! Demais, elle é um bello rapaz, immensamente sympathico, apresentação distincta denotando ter pisado o palco.

Ai, que lá nos escapou!

Algumas vezes o vimos nós embaraçado sem saber qual d'ellas devia tirar para par: se a *tuna*, se a *gandareza*, uma moreninha d'olhos negros.

Poderá, porém, o principe ser perturbado, em tão grande felicidade, pelo João Maria do Zé Bento e do Virgilio Travassos.

E' com bastante magua que a *tuna*, uma esbelta rapariga um pouco atacada com a febre das aspirações, se recorda ainda d'uma valsa que tanta vez dançou com o principe.

A proposito de aspirações diremos que a primeira *gandareza*, a inimiga das polkas, não fica devendo nada á *tuna*.

Outra vez paciencia, mas nós é que não podemos calar estas coisas. Andavamos com tão pouca sorte...

No marca do *cotillon*, do vinho e agua, deram-nos dois copos d'agua e vimos um outro beber o vinho. Não nos calamos.

Junto com o nosso vae o protesto do Saraiva, que não foi melhor contemplado.

Em maré de infelicidades, notámos tambem um cavalleiro com fato de linho, que durante a noite se não cançou de fazer declarações á tal moreninha, sem que ella a nada se movesse. Algumas vezes o vimos retirar da sala tri-te, melancholico, dirigindo um olhar terrivel aos que o fitavam. Julgámo-lo louco e chegámos a nutrir o receio de que, no meio d'aquella festa tão sympathica, tivéssemos a lamentar algum suicidio.

Uma vez, não sei a que proposito, perguntámos-lhe se era apologista do suicidio; respondeu-nos serenamente que não, que *achava até uma covardia*.

Ficámos d'alli descançados...

Apesar da indifferença com que eram recebidas as suas palavras, o cavalleiro do fato de linho não desistiu; e pela madrugada, já dominado por Morpheu e cansado pela dança, ainda lhe ouvimos pronunciar esta phrase num tom de desanimo:

— A mesina é muito cruel... tem um coração cheio de espinhos.

Escusado será dizer que a moreninha riu a bom rir.

Até o Pedro Cardoso... elle que é todo danças populares, lá andava a dançar o *pas-de-quatras*!...

Elle... que pelo S. João não falha com a sua chronicasinha para o jornal, dizendo coisas extraordinarias das pequenas que mais se maneiam e das que melhor cantam, lá andava muito satisfeito da sua vida a deitar papelinhos nesta ou naquella, o que todas muito apreciavam.

Resta-nos saber se d'esta vez elle tambem pediu o *vira*.

Naquelle meio tambem se vive bem, sr. Pedro Cardoso!

Do *cotillon*... nada diremos para não recordarmos certos peccados... Se Nosso Senhor souber!

A sala, devido ao bom gosto do Saraiva, achava-se vistosamente engalanada com mascaras e outros enfeites carnavalescos.

E' digna de todos os elogios a commissão dos bailes pela forma brilhante como se houve no desempenho da missão, que a si propria incumbira.

O serviço das duas noites foi bom, attendendo aos poucos recursos de que podia dispôr.

A commissão está satisfeita, e a prova é que, segundo nos segredam ao ouvido, prepara uma *soirée* na quarta feira da *cerração da velha*.

Até lá.

Coimbra, Carnaval de 96. SOTRAS.

TRIAGA

LIII

Um gentil principe, de capa azul, pede, num baile, a uma *gandareza* para dançar uma polka, ao que ella responde: — Polkas e mazurkas, são para os velhos e as danças populares para as sopeiras. O meu ideal é a valsa.

O gentil principe encavacou — não é cruel — e na chronica dirige-lhe este galanteio:

«E tinha razão a linda *gandareza* de olhos seductores. A valsa dá-nos uma impressão estonteante, embebeda-nos de loucura.»

No baile — GREMIO OPERARIO

Quem será a *gandareza* que nos bailes se realça? É dama de alta nobreza, pois diz que a polka, a franceza... é p'ros velhos. — Dança, a valsa!

Tem feitos singulares, olhaduras feiticeiras, diz que as danças populares são danças só p'ras sopeiras... Nunca dançou em fogueiras!

O principe delirante vae-lhe na mesma vareda; diz que a valsa emocionante dá-lhe impressão 'stonteante... De loucura... se embebeda!

... Sente o moço um calafrio e o seu amor desabrocha... quando a vê num rodopio, (a *gandareza* trahi-o!...) a dançar polkas — co'o Rocha!!!

Embora seja peccado sou p'lo *Malhão* — que admira? troco a polka — pelo *Estalado*; mesmo sendo mal tocado, troco a valsa pelo *Vira*.

Cá 'stou sempre, rijo e flego p'ra vos tocar nas pavanias e lavar o meu protesto contra as Fúlias que eu detesto, em defeza das tricanas!

Fra-Dique.

Navarro, o «puro»

Tudo são blandicias para o governo, bichinhas gatas ao Hintze, e a todos em geral. Vão nos ficar muito caras as novidades que nos dá o ganha pão do Bañhaut portoguez.

Como elle já sabe que no conselho de ministros o Rodolpho e o Fervilha e o Festas, estão todos concordes em desviar para longe a doce hypothese das modificações ministeriaes. A doce!... está em ponto...

Tambem se sabe que o relatorio da fazenda, edição melhorada do *Almocreve das Petas*, do lord Rodolpho, só virá á luz para março. As *Novidades* colhendo dados, como quem colhe alhos no campo, diz que o relatorio de fazenda, ha de produzir o melhor effeito no paiz, pois se traduz em factos incontestavelmente animadores para a economia nacional.

O puro navarro a fallar em economias — que sopapo nas algibeiras!

Já está de cócoras o paiz para os *factos animadores*... e para o informador.

Desafinados

Chega a *Ilustrado* da imprensa da laia da *Tarde* e do *Illustrado* a metter nojeira ao publico as suas defezas aos patrões que a sustentam.

Entendamo-nos: — Este diz: que foi causa do fundo externo portoguez de 3%, subir, um artigo do *Financial News*; o outro affirma que se subiu, foi pelo desmentido da crise ministerial.

Andam ao desafio a ver qual ha de servir melhor os patrões.

A gorjeta sevandija-os.

Os prisioneiros de guerra

Eis o nome dos prisioneiros de guerra que veem a bordo do *Africa*:

São: Mundagaz, vulgo o Gungunhana: Godide, seu filho; Mohungo, seu tio; Mohhejaria, vulgo o Zichacha; as mulheres do Gungunhana, por nome Namatuco, Fussi, Palihina, Mugamussi, Maxaxa, Xesipe, Dabonde; as mulheres do Zichacha, que são Pambane, Oxaca e Debeja.

E mais os seguintes prisioneiros, gente mais ou menos importante no governo dos territorios de Gaze: Roberto, Domissa, Naba, Pangache, Debarezas, Mahota, Chati, Samecuba, Umbini, Joanassi, Canena, Cabuasse, Dick, Sama, Maconana, Govine, Macampanha, Jangue, Fifente, Thaine, Jin 1.º, Chalice, Chambine, Blutfulle, Naboiete, Jague, Xasso Xifaca, José Alberto, Jin 2.º, Caha.

Todos os ultimos prisioneiros ficam em Cabo Verde, para onde foram deportados,

Carta Commemorativa

Recebemos d'um nosso patricio residente no Brazil a carta que segue:

Sr. redactor. — Longe da minha Patria e filho de Coimbra, a poetica Lusa-Athenas, a mais bella das terras portuguezas, venho prantear a morte do que foi arrebatado pelo braço d'um cobarde, o qual se perdeu para sempre.

Impressionado bastante pela triste nova que recebi no paquete que aqui chegou a 24 de janeiro, e pela leitura da fatal e horrorosa noticia do crime praticado na pessoa do meu sempre chorado e leal amigo, Abilio José Marques. Não tenho palavras, neste momento, que possam expressar a immensa dôr que senti, ao ser ferido pela noticia do seu jornal.

Magoado por tão rude golpe lanço mão da penna para traçar estas sentidas linhas, e junta-las aos sentimentos nobres dos meus patricios que hão de saber cumprir os seus deveres.

Lamento estar longe da minha querida Patria porque não faltaria a dizer-lhe o adeus de despedida á beira da sua sepultura, collocando-me ao lado d'aquelles que por elle tiveram uma dedicacão sincera. Offereço a minha adhesão a tudo quanto os meus amigos fizeram em protesto contra o criminoso cobarde, que arrancou da vida e da sociedade o bemquisto e honrado trabalhador, o honesto amigo — Abilio José Marques.

Paz á sua alma.

Estado do Amazonas-Manaus — 24 — 1.º — 96.

João Ramos de Vasconcellos.

Mais um...

O sr. José Luciano se não obtem do chefe do Estado a deposição do actual gabinete e a sua ascensão ao poder, vae para as malvas e o seu partido.

Vão-se-lhe á formiga, para os regeneradores, as melhores peças que o seu partido possuia.

Quantos já lá estão! E quem havia de dizer tal do Francisco Barahona. Vae ser par levado pelos regeneradores.

Está babadinho pelo pariato. Não pôde recusar.

Dá-lhe a honra sua magestade que o quiz fazer conde e elle rejeitou — por lealdade ao seu partido.

Vejam que lindos sentimentos!...

Assumptos de interesse local

Medico-dentista

O sr. dr. Herculano de Carvalho, que durante a sua carreira de estudo foi alumno distinctissimo da Faculdade de Medicina, tem consultorio aberto conjunctamente com o sr. Caldeira da Silva, eximio cirurgião-dentista, que gosa de subidos creditos e de muitas sympathias nesta cidade e Figueira da Foz.

Infelizmente, devido a uns incomodos que o desviam do trabalho fica no seu logar o sr. dr. Herculano de Carvalho, que tem recebido todas as instrucções para um bom cirurgião-dentista, estando já experimentado nos tra-

balhos dentarios, pelo ensino que tem recebido nesta especialidade, de que é eximio o sr. Caldeira da Silva:

Sentimos sinceramente o motivo que obriga o nosso amigo, a retirar-se do labor diario da sua profissão, mas anima-nos a ideia de que um descanço prolongado ha de minorar-lhe os soffrimentos.

Depois, o sr. dr. Herculano de Carvalho ha de ser um digno successor que honrará os bons creditos profissionais do antecessor. A sua extrema bondade, a nobreza do seu character, o zelo e dedicacão com que exerce a sua profissão de medico, são segura garantia para merecer as sympathias d'esta terra, onde já conta bastantes amigos.

Ha consultas todos os dias para tratamento de molestias de bôcca e operacão dentarias, das 9 horas da manhã, ás 4 da tarde.

O consultorio é na rua de Ferreira Borges, 174.

Associação Commercial

Em prova de profundo pezar pela grande catastrophe succedida em Santarem, onde foram torturadas pelo fogo tantas victimas, esta associacão exarou na acta um voto de profundo sentimento, participando-o em officio á Associação Commercial de Santarem.

Resistencia

Este estimado collega entrou no segundo anno da sua publicacão prestando bons serviços á causa republicana de que é devotado defensor.

Comprimentamo-lo cordealmente, e muitas prosperidades lhe desejamos.

Promenores do assassinato em S. Martinho

Tem sido interrogado no commissariado José d'Oliveira, a unica testemunha ocular do crime, pois acompanhára os dois, da taberna do Henrique, na Bemcanta, até proximo da cruz de pedra, onde se deu o conflicto.

Seria 1 hora da madrugada quando a conversação entre o Moraes e Aleixo, se azedára muito recordando-se umas velhas rixas. O Moraes, em certa altura da contenda, disse: «O João, nem eu faço mal a ti, nem tu a mim!» Indo em seguida a casa, voltou rapidamente, munido d'uma espingarda. O João Aleixo correu a elle, travando-se uma renhida lucha frente a frente e instantes depois ouviu-se a detonação d'um tiro e o Moraes caia na estrada, e, como ainda estivesse estrebuchando, o seu assassino vibrou-lhe duas bengaladas na cabeça! Diz tambem o Oliveira que o tiro fôra dado com a pequena arma do morto, a quem o seu contendor a arrancára, e explica o estado de damnificacão que ella apresenta nos fechos por uma pancada violenta que ella soffrêra ao ser depois do crime arremessada a distancia.

Faculdade de Direito

Em congregação d'esta faculdade foram designados os dias 18 e 25 do mez d'abril e 2 do mez de maio, para os actos de licenciatura dos concorrentes ao magisterio universitario, srs. J. Fernandes, Mamoco e Villela.

Alegrem-se os estudantes da faculdade de Direito, pois apanham tres feriados.

Era portuguez, d'aquelles que não contam o numero dos seus inimigos.

Portugal é uma nação briosa; os seus filhos têm a lealdade, a bravura e o amor patrio por divisa; quem os quizer conhecer experimente-os com revezes. E' na escola da adversidade que se criam os grandes homens, que se rebustecem as nações.

Carlos salvou sempre as vidas que pôde; os seus prisioneiros eram no futuro os seus maiores amigos. Era assim que elle conciliava a sua difficil missão, duplamente difficil, porque o seu fim era fazer mal.

Deixemos Carlos entregue ao ardor dos combates, seguindo as phases da guerra; vamos saber o que fizeram frei Rozendo e D. Francisco de Sarmento a bordo do navio arruinado em que ficaram.

Os momentos para os dois malvados foram terriveis! Arrancaram os cabellos com desespero, gritaram, blasphemaram, mas as suas palavras perderam-se através do espaço: apenas lhes respondeu o zumbido dos ventos e o medonho fragor das vagas.

Era a justiça de Deus que se servia da mão do homem para punir os criminosos.

Era a condemnação do vicio, do crime que se lhes apresentava com a imponencia do castigo merecido. O que eram e tinham sido aquelles homems? Dis perserversos, sem pudor, sem crenças, sem fé.

Para elles nada existia de sagrado, tudo sacrificavam aos seus impuros desejos.

Um pertencia a uma importante familia

Autopsia

Foi autopsiado no theatro Anatomico, o cadaver de Antonio Moraes, assassinado, em S. Martinho, no domingo passado, e d'esse exame directo, que foi feito pelos clinicos, srs. drs. Quim Martins e Annibal Maia, concluíram:

Que a morte foi produzida por um tiro de chumbo que feriu o coração pelas aurículas e grossos vasos na sua origem. Entrou adiante, fracturando o externo, abaixo do manubrium, levando os fragmentos do osso partido, os quaes foram lacerar o pulmão direito, encontrando-se alguns incrustados com a carga do chumbo atrás, no quarto espaço intercostal, perto do angulo das costellas, fracturando a quarta costella, destruindo parte da quinta e incrustando-se a carga na espessura dos musculos, sem passar para fóra da parede toraxica.

Nestes dias têm-se procedido a interrogatorios, não dando os criminosos entrada na cadeia.

Rectificação

Dissémos, por mal informados, que o sr. administrador do cemiterio, fôra suspenso pelo caso que se dêra de se deixar coagido pelo manôel miranda. Não é verdade; o zeloso administrador fez a sua defeza no relatorio e a camara accitou-a.

Falta de espaço

Por esta razão somos obrigados a retirar um artigo do nosso amigo e distincto collaborador, sr. Villela Passos, que temos em nosso poder, e publicaremos no proximo numero.

Novo Club

O grupo dos *Irmãos Unidos*, que ultimamente publicaram um espirituoso programma, tencionam, como vão ver, cumpri-lo á risca.

Acabam de instalar um club em um espaçoso e bem arejado primeiro andar, na rua Infante de Augusto, que para esse fim acaba de ser preparado convenientemente, e está sendo mobilado a capricho.

Alli esperam em breve tomar as mais transcendentes resoluções, e levar a cabo o engrandecimento da patria vilipendiada; e o das suas illustres pessoas.

Longa vida e mil prosperidades.

Oh *lambanças realengos* da rua do Norte, ide-vos rir agora, e chamae aos *Irmãos Unidos* pandegos; sempre heis de concordar, que elles valem bem mais do que vocês; ao menos não precisaram pedir ao José Guilherme, que lhe emprestasse uns tarecos velhos, para mobilarem a casa onde se aborrecem e massam.

Ao poeta anonymo

Recebemos umas quintilhas para publicar, sem indicacão do nome da pessoa que se nos dirige.

Como não damos publicidade a escriptos d'esta natureza — anonymos — queira o poeta descobrir-se-nos, pois lhe garantimos o maior sigillo.

Depois verá em letra redonda a sua producção.

Antes d'isso — não pôde ser.

patricia, o outro descendia de uma velha aristocracia, intransigente, polluida por uma soberba, aonde o ridiculo e o crime se confundiam.

Alli se achavam aquelles dois homens entregues ao capricho das aguas, á furia dos ventos, aos ardores do sol á solidão terrivel do oceano!

Acima das suas cabeças tinham o infinito! O futuro ignorado, a expiacão dos seus peccados, a ira de Deus que os abandonava.

Entregues á mercê das ondas olhavam horrorisados para a sua situação, que não podia ser mais delorosa!

Sentiu a madeira estalar: era o cavername do navio, que se desconjunctava! As aguas entravam com furia no porão!

O navio adornava, gemia, como o arvoredo quasi despedaçado. Tinha o leme partido, não tinha governo algum, voltava para differentes lados, porém sem avançar além do impulso que lhe davam as correntes...

Frei Rozendo e D. Francisco de Sarmento, depois de passarem por terriveis accessos febris, caíram num profundo abatimento de espirito, que muito os approximava da morte.

O mar estava manso e sereno; o horizonte avistava-se a uma grande distancia. O navio balouçava ligeiramente; se uma vez se erguia, outra sossobrava, conforme o movimento das vagas.

O vento agitava as vélas, que batiam descontraidamente pela falta de cabos e dri-

Sobre o Mondego.

Esta *valsa* para piano, é a estreia musical do sr. Annibal Dias, que a offerece aos heroes de Lourenço Marques. A musica é bonita e para estreia dá esperanças de produzir muito melhor, pois mostra aptidão.

O preço é de 400 réis. Veja-se o annuncio.

Cemiterio da Conchada

Na semana finda em 26, enterraram-se os seguintes cadaveres:

Amelia Candida Marques da Trindade, filha de José Joaquim Candido e Maria Trindade, de Oliveira do Hospital, de 14 annos. Falleceu no dia 17.

D. Anna Clementina Ferreira Jordão, filha de João Jordão e D. Joanna Maria Ferreira, de Coimbra, de 72 annos. Falleceu no dia 18.

Maria do Lino, filha de pae incognito e Rosaria Maria, de Coimbra, de 70 annos. Falleceu no dia 21.

Sebastião Borges Lousado, filho de José Borges Lousado e Ruardina Fortunata, de Santo Antonio dos Olivares, de 43 annos. Falleceu no dia 21.

Total dos cadaveres anterrados neste cemiterio — 18:837.

A GRANEL

Vae ser auctorizado o ministro portuguez em Paris a representar Portugal no congresso da propriedade litteraria que alli se realiza em 15 d'abril proximo.

Foi remettida para o tribunal da Boa-Hora a mobilia que pertenceu á infeliz actriz Fantony, que se achava no Arieiro, na casa pertencente ao enfermeiro sr. Julio de Carvalho.

O governador de S. Thomé contractou ensaios de plantação de arroz de sequeiro na praça de Vallor. Espera-se que a adopção de tal genero de cultura trará grandes beneficios á ilha.

DECLARAÇÃO

Aproveito a occasião para prevenir o publico, de que algum se lembrou de ver se descreditava este estabelecimento, alcançando por alguma forma cartões d'esta casa, e nelles tem pedido a varios cavalheiros e por termos muito baixos e ordinarios, quantias que estes cavalheiros nunca deveram, isto com o esclusivo fim de prejudicar os interesses d'esta casa, por isso previno as pessoas que tenham recebido ou recebam, d'estes cartões lhe não deem importancia alguma, e muito me obsequiem enviandomos.

Coimbra, 26 de fevereiro de 1896.

Adriano Francisco Dias.

AVISO

Previnem-se o commercio e industria de Coimbra, de que em casa do secretario da direcção da Associação Commercial, rua de Ferreira Borges, 146, se acham em reclamação, a fim de que os interessados os possam examinar, os requerimentos feitos ao governo por intermedio da repartição d'industria, pedindo patentes d'invenção e fabrico exclusivo de diversas industrias.

Coimbra, 21 de fevereiro de 1896.

ças, que se achavam feitas pedaços pelo fogo da fuzilaria e da metralha.

Frei Rozendo arrancou os cabellos e bradou como o condemnado, que vê a gloria eterna, mas é precipitado nos abysmos do inferno:

— Não ha Deus! Não ha céu! Não ha crime, não ha virtude!

«Aqui minado pelo desespero, renego essa religião estúpida, mentirosa, que ensina e sustenta haver um Deus, um Deus do bem!

«Mentira, falsidade. Não lia bem nem mal! Se me salvar d'esta situação, venderei a alma ao diabo, cuspirei nas faces do mundo! Tudo farei para me vingar d'esse homem, que se collouco adiante de mim!

«Maldito seja elle, e tudo quando d'elle é.

D. Francisco de Sarmento, comquanto fosse mau não tinha o cynismo do frade, nem a sua impiedade; ao ouvir as suas blasphemias, levantou-se horrorisado e disse-lhe:

— Por piedade, homem! Cala-te, que podem abrir-se as aguas, e sermos precipitados nesse terrivel abysmo! Não prosigas! Já que te revoltas contra Deus, não me arrastas na tua maldição, tu estás maldito.

D. Francisco ficou entregue a uma profunda melancolia.

Frei Rozendo, já cansado de blasphemar, calou-se, D. Francisco fez o mesmo. Seguiram com os olhos o brigue corso; quando o perderam de vista exhalaram um profundo gemido. Era a primeira agonia do crime; uma amostra dos tormentos eternos...

(Continua)

88 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS FIALTO DE ALMEIDA

CAPITULO XI

Apontamentos ouriosos

Quem era aquelle homem? Era o capitão maltez Ronoscki, o pirata negro, que jurára a perda de Carlos, da tripulação e do brigue. E porque? Porque eram valentes, porque o corsario era portuguez e o pirata um renegado, que trocára Christo por Mahomet e o evangelho pelo alcorão, continuando a não ter religião alguma, e a pertencer ao diabo!

Mas era só por ser renegado que odiava Carlos? Não; era porque o seu orgulho se achava offendido pela reputação de valente, que o corsario merecidamente alcançara.

Carlos lançou-se na vida aventureira que seguia ha bastantes annos; teve novos combates e outras tantas glorias, porém sempre o mesmo, generoso e humano para com os vencidos, e só terrivel na hora do combate.

A sua bravura chegava á temeridade!

RECLAMES E ANNUNCIOS

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS



SINGER

Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE JOSÉ LUIZ MARTINS DE ARAUJO

90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas **Singer**, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os ultimos aperfeiçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.

Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte *gratis* para os compradores de fóra da terra e *outras garantias*. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.

Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto.

Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja **Singer** com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 6\$500, 7\$000, 8\$000 réis e mais pregos, capas e batinas pregos sem competencia, varinos de boa catrapianha com ferro e sem elle desde 5\$000 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.

Tem esta casa dois bons contramestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.

Sempre bonito sortido de chitas, chailes, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.

Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machina.

Alugam-se e vendem-se **Bi-eyeletas**.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatório e cozinha.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaides, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os maisapparehos concernentes.

Pastilhas electro-chimicas, a 50 réis } indispensaveis em todas as casas
Brilhante Belge, a 160 réis }

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e houquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

CORREARIA CENTRAL

DE

Adriano Francisco Dias

9—Rua de Ferreira Borges—15

COIMBRA

Distinetivo da casa Jockey com um cavallo á mão.

O proprietario da *Correaria Central*, que durante trinta e quatro annos teve o seu estabelecimento na rua do Visconde da Luz, 105 a 111, o qual trespassou por successos imprevistos, teve de se estabelecer novamente, e tem hoje um grande sortido de tudo quanto diz respeito ao seu antigo commercio e industria.

Encontram-se magníficos selins e apparehos á *Releas* e á *Campina*, cadeirinhas para senhoras andarem a cavallo, cabeçadas, freios bridões, lóros, estribos, escovas, camurças, esponjas e todos os mais utensilios necessarios para limpeza de cavallos e carros, lanternas para carros, e pingalins.

Grande sortido em malas e todos os mais utensilios para viagem.

Espingardas para caçadores, cintos, colletes, cartuchos, e todos os precisos aos amadores de caça e pesca.

Gaiolas para canarios e brinquedos para creança.

Tudo vende por preços baratissimos.

Vende um *phaeton* em bom uso que serve para um e dois cavallos, dois pares de arreios de parella, um com ferragem amarella e outro branca, um arreio de ferragem amarella para um só cavallo, tudo em bom u-o e por preços convidativos.

Tambem executa na sua officina bons arreios para parella ou para um cavallo; assim como se encarrega de estofar *Coupés*, *Landaus* e *Caleches*, para o que tem um empregado habilitadissimo, não havendo em Coimbra competidor neste genero.

Offerecida aos heroes de Lourenço Marques

SOBRE O MONDEGO

VALSA PARA PIANO

POR

ANNIBAL DIAS

Preço 400 réis

Vende-se na *Casa Memoria*, rua do Visconde da Luz, 44 a 48 — Coimbra.

1:500\$000

A Associação de soccorros mutuos dos Artistas de Coimbra, tem nos seus cofres esta quantia, que empresta a juro sobre hypotheca.

O secretario da direcção

Manuel Rodrigues d'Almeida

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

N'este bem conhecido hotel, situado na praça do Commercio, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as attenções devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.

Tambem recebe duas ou tres pessoas, a quem dá de comer em mesa particular, por preços commodos.

Já ha e continúa a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito rasoaveis, responsabilizando-se o proprietario d'este hotel, por qualquer encomenda que lhe seja feita, tanto para esta cidade, como para fóra.

FACTURAS

DESENHOS VARIADOS

IMPRESSÕES NITIDAS

Typ. Operaria • Coimbra

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo **GARANTIDO** do **BICO AUER**.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas a **JOSÉ MARQUES LADEIRA**
COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

CASA LEÃO D'OURO

117 — RUA FERREIRA BORGES — 123

COIMBRA

GRANDE ESTABELECIMENTO DE PANNOS E CASIMIRAS

COM

ATELIER DE FATO POR MEDIDA PARA HOMEM E CREANÇA

DIRIGIDO POR HABEIS CONTRA-MESTRES

A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um

EXTRAORDINARIO E VARIADISSIMO

sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais **alta novidade**, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima colleção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2\$500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7\$500 réis.

Dita de casimiras e pannos pilotosou moscovs para **dragues** e **vestons**, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8\$000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para **ulsters** ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em 8\$500 réis.

Dita para **makferlans**, **double-capes** ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Expleadidos cortes para calças e fatos completos, de **casimiras e cheviotas inglezes**, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magníficos diagonaes e piqués pretos, estrangeiros, o que ha de mais **CHIC** para **smokings**, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio. — Excellentes **montagnacs** nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 a 8\$000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para **jaquetões** e **sobretudos** de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, bem assim para fatos de creança, a principiar em 7\$0 réis o metro.

Cheviotas nacionaes para calças ou fatos completos, de 700 réis o metro.

Guarda-chuvas ou guarda-soes de paninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e automatic, de 4\$0 a 4\$500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr que se vendem com o **abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor!!**

Bi-cycletas pneumaticas, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida **com o abatimento de 35\$000 e 45\$000 réis!!**

Uma machina para alfaiate-industrial oscillante de *singer* — que se vende por metade do seu preço.

Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confecções executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimo, figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR — Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha

Sem estampilha

Anno 2\$700

Anno 2\$400

Semestre 1\$350

Semestre 1\$200

Trimestre 680

Trimestre 600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impresso na Typographia Operaria — Coimbra

Defensor do Povo

COIMBRA — Domingo, 1 de março de 1896

O QUE NÓS QUEREMOS

(EM POLITICA)

Nós queremos, primeiro que tudo, suprimir a realza e abolir as instituições monarchicas, que julgamos inúteis e prejudiciaes, funestas á ordem publica, ao bem estar e ao progresso nacional.

Desejamos, e queremos isso mesmo; porque a eliminação da monarchia, a abolição da realza é condição primordial e impreterível da nossa regeneração, base de todas as reformas, que possam restabelecer a ordem, profundamente perturbada, provocar o desenvolvimento progressivo do nosso combalido e atrophiado organismo social, que um parasitismo esgotante e monstruoso, do qual a realza fórma a principal cabeça, invadiu, e absorve.

Queremos, franca e honradamente o dizemos aos nossos adversarios e proseguidores, queremos, e, por isso, promovemos a queda da monarchia e das instituições monarchicas; por que, dentro d'ellas e com ellas, inúteis serão todos os esforços, baldadas todas as reformas, annullados todos os homens, embora dotados de talento e saber, illustres pelo seu elevado character, nobres pela sua irreprehensivel e exemplar moralidade, ornados de todos os meritos e virtudes, que sejam chamados aos conselhos do governo, e de boa vontade e com as melhores intenções desejem, e queiram presidir aos destinos da Nação, dirigir os negocios publicos do Estado, tanto internos como externos, guardar a independencia e zelar a honra da Patria, garantir os direitos e respeitar a propriedade e a liberdade dos cidadãos.

Com a monarchia, com as oligarchias monarchicas, gastas e corrompidas, tudo se corrompe, tudo se perverte, tudo se arruína ou, pelo menos, se annulla.

Queremos, e promovemos a eliminação da realza e a queda das instituições monarchicas, bem alto o publicamos, por que só assim poderemos reformar os nossos habitos politicos.

E queremos o desaparecimento da monarchia e dos seus apanhios e accessorios, sem que todavia em nós exista ou passa alimentar-se odio contra alguém, sem declarar e fazer guerra a pessoa alguma.

A religião da justiça é tolerante e generosa.

O culto da liberdade é o culto do amor e da paz entre os homens; não semeia odios, não accende guerras de exterminio.

O culto da liberdade politica e da equaldade civil aperta os laços da concordia, e alevanta em suprema lei a fraternidade humana, firma a sincera alliança, activa, e afervora a cooperação, garante a solidariedade entre os filhos da mesma Terra e do mesmo Povo, cidadãos da mesma Patria.

Não se trata de odios pessoases, de inimizades particulares, de paixões politicas, de interesses e ambições partidarias.

Trata-se de salvar uma gloriosa Nação em perigo imminente; de remir e desaffrontar um Povo benemerito da humanidade, hoje humilhado, empobrecido, des-honorado.

Que culpa temos nós de que a necessidade urgente e impreterível de abolir a monarchia tenha formado em nosso espirito e gravado em nossa consciencia uma convicção inevitavel, um ponto de fé irresistivel?

Queremos, desejamos a abolição da monarchia. E porque?

Porque a historia nos diz que monarchia é hoje um anachronismo revoltante.

Porque a sciencia politica nos ensina — que as instituições monarchicas são hoje uma exerescencia perigosa, um appendice incommodo, que embaraça e, muitas vezes, tolhe os movimentos a perturba as funcções normaes, o desenvolvimento natural e evolutivo do organismo nacional portuguez.

Porque a sciencia economica nos mostra — que a monarchia e os seus accessorios são e representam um enorme desperdicio de forças e recursos nacionaes, improdutivo e consumidos, loucamente desbaratados.

Porque a sciencia da administração nos adverte — que a monarchia gera a centralização, concentra a actividade dos governos locais, reduz, e chega a supprimir a autonomia das Provincias, dos municipios, das parochias e até das familias.

Porque a sciencia juridica torna patente — que a monarchia é hoje o mais odioso dos privilegios, a completa violação da equaldade perante a natureza e perante a lei.

Porque a sciencia moral brada bem alto — que a monarchia, que a realza dos principes é hoje para os subditos a maior das humilhações, a mais flagrante das injurias á dignidade do homem e do cidadão, o maior estorvo, o obstaculo insuperavel ao aperfeiçoamento de todas as condições de existencia e de todas as relações do Estado social.

No solar

O padre mestre dos Planos leva a piparote os *barrigas*, que o governo arranjou para os côros dos apoiados.

Assim dizia o sr. Mariano de Carvalho na sessão do dia 27, referindo-se ao imposto industrial:

«— Até affecta a respeitavel classe dos alugadores de jumentos, como o sr. Costa Pinto... muito bem sabe... por conhecer as coisas de Cacilhas.»

Sobre o assumpto da mesma sessão: «— Eu até vejo mettida como industrial a respeitavel classe dos alugadores de jumentos, animaes que a Hespanha nos manda em tão grande copia, e pelos quaes me parece que a camara tem tido um carinho quasi *fraternal*»

Acharam-lhe graça e os *barriguinhas* riram-se a bandeiras despregadas.

Coitadinhos! É de quem mais não sabe... Chamou-lhe burros, o Mariano — e elles riram-se.

Que burros!

Bellezas do monopolio

Os operarios manipuladores dos phosphoros em Lisboa, passaram a trabalhar de empreitada por menos 4 reis em cada grossa do que está estipulado na tabella ultimamente approvada pelo governo.

E tudo foram promessas de melhorias de salarios.

Agarrem-lhe com um trapo quente.

PELAS COLONIAS!

Possuimos colonias muito adiantadas em civilização taes como: os archipelagos dos Açores e Madeira, e na Africa, a riquissima provincia de Angola.

Todas têm reclamado perante os governos da metropole para que lhes conceda a autonomia administrativa; todas as suas reclamações foram, porém, sempre despresadas, o que, segundo nos parece, tem sido um grave erro politico e economico.

Tendo-se manifestado nestes ultimos tempos um mal-estar continuo, e sabendo-se que existem inumeros partidarios da idéa separatista, muito differente da idéa de autonomia administrativa, julgamos prudente que a imprensa trate d'estes assumptos, os queas,

principalmente para o partido republicano, são d'uma importancia capital.

O partido republicano deve preoccupar-se com a questão colonial, para que, dada como é provavel uma perturbação de character revolucionario no paiz, as colonias, aproveitando-se da confusão natural em acontecimentos d'esta ordem, se não revoltem tambem, e Portugal veja ir pela agua abaixo, o que ainda conserva, que o engrandeceu, justamente envaidece, e com razão as outras nações cubiçam.

A Hespanha, na actualidade, evidencia-nos claramente os perigos da negligencia e costumado desprezo a que ordinariamente são votadas as colonias pelos governos da metropole. Desperdiçando, em seu proveito, em caprichos e futilidades verdadeiramente intoleraveis, os rendimentos que de lá nos vêm, e nos valem nos momentos angustiosos de crise, despertam desejos que melhor seria continuarem na sombra.

Nós republicanos, politicos do futuro, talvez governantes amanhã, honrados, que não vemos as coisas pelo mesmo prisma interesse e egoista dos monarchicos, temos stricta obrigação de pensar seriamente nestes problemas a resolver, e cuja solução, em um futuro mais ou menos proximo, nos pôde ser fatal.

Tratemos pois de nos precaver.

Vemos a nossa visinha Hespanha luctando, talvez inutilmente, contra os insurrectos cubanos; vemos a campanha que ella corajosamente sustenta ha mezes; vemos a ruina financeira prestes a degenerar em bancarrota; vemos, finalmente, na formosa Antilha o cemiterio de milhares de hespanhoes, de milhares de vidas, immoladas ao altar do dever e da honra.

Se queremos evitar eguaes desastres, tão grandes prejuizos, tanto lucto e tanta dôr, preparemo-nos para afugentar bem para longe os tristes presagios de que nos vimos fazendo echo; vejamos se os podemos attenuar caso elles se produzam.

Devemos ainda notar que, nas colonias portuguezas, a corrente separatista e muito forte e decidida; principalmente se Cuba conseguir libertar-se, e os nossos governos continuarem a opprimi-las, estamos certos de que em breve estaremos a braços na Africa, com outros Macéos e Maximos Gomes.

Lembem-se d'isto.

Não se fiem nas tradições que durante seculos se arraigaram, e nos laços que unem as filhas ás mães, laços que nunca se quebram inieiramente, mas que afrouxam quando ellas attingem a maioridade, ou se casam...

Então esses laços enfraquecem, e quando os esticam demais partem. E' a ordem natural das cousas, o que a sciencia ensina, e a pratica demonstra todos os dias.

Se querem conservar unido o emporio colonial, que os nossos antepassados nos legaram como titulo de gloria, padrão de coragem e de antigas grandezas, se não querem perder aquillo que os estrangeiros, especialmente os nossos fieis aliados inglezes cubiçam, torna-se indispensavel e urgente uma reforma radical nos processos de governo, de fórma a imprimirem uma nova feição á politica colonial. Demos-lhes garantias de vida e prosperidade, concedendo-lhes a desejada autonomia administrativa, preferivel cem vezes ao desmembramento, o qual se nos affigura inevitavel.

Não nos alcunhem de anti-patriotas e necios; temos um exemplo frizante no Brazil.

Em quanto esteve unido e sujeito a Portugal, não tirámos os proventos que se deviam esperar de tal poderio; logo que elle se emancipou da mãe patria, temos encontrado n'elle não só recursos inexgotaveis, e um pae adoptivo para todos aquelles que, desgostosos e empobrecidos, para lá emigram em busca de trabalho, de riqueza e hoje tambem de liberdade.

Enormes capitaes têm sido arrancados pelos braços possantes dos nossos compatriotas áquelle fertiissimo solo; enormes subscrições tem sido cobertas na Republica do Brazil, sempre que a metropole dos outros tempos pensa em levantar monumentos, ou levar a cabo qualquer obra de caridade.

A subscrição nacional foi principalmente engrossada pelos valiosos donativos vindos da Republica do Brazil.

Contudo este governo, que se arrasta vergonhosamente pelo poder, esteve em risco de levantar uma barreira de odio entre Portugal e o Brazil!

Valeu-nos o patriotismo dos nossos diplomatas e muito principalmente a dedicação da colonia portugueza.

Já vêm que temos razão em advogar os interesses das colonias, que representam os nossos.

Como sempre bradaremos no deserto: em todo o caso ahi ficam expostas, ainda que confusamente, as nossas opinões.

Pelourinho

LX

A MISSÃO DO INFANTE

Já é do dominio publico a missão do infante á India.

O principe não foi portador de perdão, foi mensageiro de vingança.

Não o levou á India a amnistia, foi lá para ser o sacerdote magno da perseguição.

Para isto icommodam as *camarilhas* um principe!

Para tão triste papel reservavam os monarchicos um gotha!

Triste fatalidade persegue os reis e os principes!

Fatidica missão incumbe aos mais fanaticos monarchistas!

O *Diario do Governo* de segunda feira é que decifrou o enigma.

Estão desolvidos pelo governo da metropole os batalhões n.º 1, 2, 3 e 4 de Bicholim, Pondá, Margão e Mapuçá, do Estado da India.

Vae-se instaurar processo contra os commandantes d'estes batalhões, e contra os officiaes e praças de pret que se averiguar terem sido cabeças de motim.

Extinguiu-se a escola militar e de mathematica de Goa.

Que parte tomaria na revolução goana a pobre mathematica?

Será bom expediente para prevenir revoltas, roubar a illustração aos militares, principalmente na sciencia mais util para o exercito — a mathematica?

E a organização do exercito da India?

Foi reformada, profundamente reformada, sabiamente reformada, dictatorialmente reformada!

Agora o exercito da India já não se compõe dos batalhões indianos que se revoltaram, compõe-se dos batalhões fieis, e do *corpo expedicionario da metropole*.

E no relatório do decreto, lança-se o insulto á face da milicia da India, dizendo que no exercito d'aquella provincia esta inveterado o vicio da revolta, como meio de obter vantagens!

Bravissimo!

Quaes são então os soldados fieis da India, se a censura do joven ministro da marinha vae ferir a todos!

Tem caturreiras os litteratos do curso superior de letras!

Mas a organização *bismarkina* que se esperava?

A fanfarronada de Fontes, mandando marchar o caçadores 1, em que ficou para a legislação militar?

Pois decreta-se uma medida de dictadura, nas vespuras de abrir o parlamento, para deixar tudo no mesmo estado?

Comprehendia-se a exorbitancia de poderes, para tornar obrigatorio para todo o exercito portuguez o serviço do ultramar, como o é o serviço do continente!

Mas para ficar tudo como esta va, santo Deus!

O exercito da India já não tem os cipaes revoltosos; mas tem todos os cipaes que se não revoltaram.

Como, porém, na India todos suspiram pelas revoltas, como meio de engrandecimento, é de crer que em breve tenhamos outra revolta, porque no exercito indiano fica subsistindo o mesmo vicio, que o ministro accusa plangentemente no seu estirado relatório!

Have-mos de tratar detidamente este assumpto, para o que nos não sobra agora espaço.

Por hoje limitamo-nos a exclamar: Parabens, senhores ministros! A corda que lhes agradeça o favor; o infante D. Augusto que lhe dê os agradecimentos pelos desserviços á dynastia de que vv. ex.^{as} fizeram agente o irmão do rei!

Lanterna.

Basofias litterarias d'um Poeta

Critica á Critica

CONTINUAÇÃO

Chego agora mesmo da Baixa. Sento-me á banca do trabalho, e lembro-me que tenho de continuar uma autopsia fedorenta e enjoativa. Abro a janella para respirar desafogadamente e entra-me pelo quarto, como um clarão divino, o Luar humido e vacillante. Não resisto á tentação de ficar alguns minutos a olhar o vago. Ha uma poesia mystica indefinida nos longes pardacentos. Nestas noites luarentas é que é bom viver entre as oliveiras. A nossa Alma parece alar-se para um paiz remoto, algo phantastico, onde não chega a inveja nem o egoismo humano. E, como eu detesto o ruido da cidade, sinto um prazer immenso em contemplar, solitario, as linhas inquietas e nervosas das montanhas distantes.

Volto a sentar-me. Está-me a morder cá dentro um não sei quê. Talvez saudades. Saudades de quem? Ah!... já sei. E' de não ter visto o meu muito amado Carlos de Lemos. Para espalhar estas magoas vou conversar d'aqui com o Poeta. Como é sempre dóce para mim, quando estou longe d'Elle, lêr os seus versos extraordinarios.

Palpita nelles uma Alma exquisita, adalgçada pelos grandes soffrimentos desconhecidos do vulgo. Senão vejamos:

Mulher?! Chamei-to eu?! Que semelhança
Has tu com essas que tal nome têm?!...
Tu mulher?! Tu?!... Ah! não! Casta cecem!
Viva estrella d'amor e confiança!

Tu és um anjo bom: anjo d'esperança,
Que vens lembrar-me em sonhos minha mãe!
Que vens fazer-me ouvir a voz do Bem
Nos arrulhos ideaes da pomba mansa!

E's anjo: não ha duvida. Serena,
Tu passas, sem os vêr, pelos abrolhos
D'este mundo peor que uma Gehenna!

Vives na terra, sim; mas por tal arte,
Que mostras ser do ceu, Luz dos meus olhos!
Anjo! deu-te o Senhor um mundo á parte!

Ahi têm um soneto do poeta mais inspirado da moderna geração coimbrã. Querem vêr como elle tambem é prodigo de epithetos? Leiam outra vez o soneto.

Lá encontram: Casta cecem... Viva estrella d'amor
e confiança... Anjo bom... Anjo d'esperança... Anjo...
Luz dos meus olhos...

e ainda o ultimo verso (que é d'um soneto de Anthero) tem mais um Anjo... E depois, que originalidade! Nunca ninguem se lembrou de chamar anjo a uma mulher. Só o sr. Carlos de Lemos.

Mas no que os leitores ainda não repararam foi na pontuação.

Ora contém os pontos de admiração e interrogação. Quantos? Ao todo, se me não engano, 20. E' pequeno numero num soneto, não acham? E isto ainda não é nada. Parece-me que não ha nenhum poeta (a não ser o Rosalino) que gaste tantas interrogações e admirações. Uma cousa rara nos sonetos do sr. Carlos de Lemos é um ponto final. Se os leitores não quizerem acreditar, folheiem as *Miragens*.

Agora outro ponto: Leiamos com attenção aquelle verso:

Nos arrulhos ideaes da pomba mansa!

Francamente: não pôsso comprehender aquelles *arrulhos ideaes*. Parece enigmatico. Em todo o caso o Poeta lá teve a sua razão, para assim escrever. Ninguem melhor que elle conhece os arrulhos das pombas. E' raro o soneto que não falle nellas.

Outro verso:

Tu passas, sem os vêr, pelos abrolhos...

Sem os vêr?! Os homens? Os nabos ou o quê? Ah! já percêbo: Tu passas pelos abrolhos, sem vêr os ditos... abrolhos. E' extraordinario como essa mulher caminha pelos abrolhos sem se ferir ou pelo menos sem os sentir. Naturalmente, atrahida pelo lindo olhar do sr. Carlos de Lemos, nem sente o que lhe vae por baixo... dos pés.

Pondo de parte, por um momento, os versos do sr. Carlos de Lemos, vou continuar a critica á sua critica.

Reatemos. Para que se entenda bem o que o sr. Carlos de Lemos diz ainda do meu soneto — Morta! —, preciso é que se transcreva, de novo, esta parte do soneto:

Ao longe, vagamente, eu ouço ainda agora
Essa canção divina, essa etherea ballada,
Como o gemer longinquo de uma errante Fada,
Que a sua alma vibrava pelo Azul em fóra.

Agora ouçam: «Antes de mais: pois não faz dó, coitadita! aquella *errante Fada*?! porque andar ella a gemer lá por longe, a Mal-fadada!! Não sabem? eu cá julgo ter

acertado: é que a sua alma (a alma da *Ella* do Poeta, alma pequenina que não merece A maiusculo, como ali a Alma do sr. Villela Passos — vide: *que a minha Alma chora*, no segundo dos tres primeiros versos transcritos — que, essa sim, é maiuscula a valer!) é que a sua alma d'Elle anda a vibrar a pobre da *errante Fada* (os typographos ainda uma vez se me enganam com as letras!...) pelo Azul em fóra! vejamos que requinte de malvez o d'aquella alminha! e como não ha de ouvir-se o gemer longinquo d'aquella Fada, assim vibrada, assim arremessada aos cornos do Infinito, que, de tão esfrangalhadinha que fica, nem a ponta do nariz se lhe aproveita!... sim; porque aquelle que (que a sua alma vibrava pelo Azul em fóra...) é um relativo conjunctivo cujo antecedente é Fada; isso é claro. Basta, que já féde. Que réles tudo isto! Nem parece d'um homem que tem fumos de litterato e de poeta. Mas como a gente se engana! Eu nunca julguei que podesse sahir do toutiço do sr. Carlos de Lemos uma coisa tão desconchavada. Esta prosa lembra-me uma rapariga que todos os dias vejo mais deslavada e hysterica. Não obstante, ella carmina-se com todo o cuidado para vêr se consegue atrahir o olhar do transeunte.

Mas, o que passa olha para ella, compassivamente, e diz dentro em si: não vae longe; essa anemia leva-te qualquer dia... O mesmo digo eu da prosa do sr. Carlos de Lemos. Se não trata de lhe insuflar mais vida, era uma vez... um escriptor que se chamou Carlos de Lemos. Só ferruginosos e cordiaes pôdem fazer rejuvenescer o arcabouço da sua prosa.

O sr. Carlos de Lemos ri-se d'aquella *errante Fada* que anda a gemer lá por longe; e eu vou mostrar a este senhor que a alma da sua *Ella* tambem foge pelo azul. Querem ouvir? Lá vae:

Seguindo a trajectoria luminosa
Que a tua alma desdobra pelo azul, etc.

Isto é d'um soneto, que vem a pag. 54 das *Miragens*. Só estes dois versos quanto não valem? E depois aquelle verbo *desdobar*? Já folheei o dictionario de Roquette, de João de Deus e de Moraes Silva, mas não encontro lá semelhante verbo. O que encontro é: *desenovelar, desenrolar, desdobrar* e mesmo *desemboar*.

Mas que tem lá isso, se o sr. Carlos de Lemos, soube constituir se em auctoridade? Está claro que não tem de dar satisfações aos dictionarios, nem a ninguem, seja elle o Constancio ou o Epiphanio.

(Continua).

VILLELA PASSOS.

Desmentido

Que as *Novidades* e a *Tarde* emparelham, falseando tudo, negando factos verdadeiros, e são dois perfeitos fajardinhos, d'isso não resta duvidas a ninguem.

D'esta vez irritaram o bravo general Festas a ponto de declarar no Solar dos Barrigas, que era falsa a noticia dada pelos dois jornaes — *Novidades e Tarde* — de ter consultado alguns officiaes do exercito, sobre a sua proposta de promoções por distincção.

E vão-se lá fiar nesses dois marmarros que estão a toda a hora e instantes como as mulheres de má lingua e maus costumes, a inventarem coisas que não são sonhadas, nem pensadas.

O Festas, descalvou-os — que o Navarro já o está permanentemente.

Graves noticias da India

Os jornaes do Porto noticiam em telegrammas de Lisboa, que as forças europeas foram vencidas, recusando-se a marchar, e que os revoltosos vão progredindo até Canácona, não tendo o governo tropas para as conter.

Noutro telegramma da mesma data, mas chegado depois diz:

Assegurava-se hoje que os ranes tinham entrado em Canácona, não soffrendo grande resistencia por parte das nossas tropas que estão cada vez mais dizimadas pelas doenças.

O governador insta para que lhe enviem mais forças. Segundo se afirma vão ser-lhe enviadas, comquanto a *Tarde* diga ser inexacto que o sr. Raphael d'Andrade pedisse a exoneração. Confirma-se a noticia de que o presidente do conselho, antes da assignatura regia, tivera demorada conferencia com o sr. Ferreira do Amaral, que se tinha indigitado para succeder ao gatuno do Raphael d'Andrade, no governo geral da India.

Ahi está em que deram as valentias do sr. D. Afonso, de quem as gazetas disseram *trancos e marancos*.

Nem tudo é para todos...

Frisante confronto...

De Southampton, no vapor *Danube*, vieram duas caixas com uma espingarda e cartuchos, no valor de 130 libras!

E não pagou direitos — aposta-se? O real caçador tinha tanta necessidade da espingarda, como o paiz de pão para a bocca... Não tinha com que atirar aos *tor-dos*...

Deus permitta que d'essa arma não venha o caso — dar corda...

Ha falta de trigo no Alemtejo o que está constituindo um verdadeiro flagello para a pobreza. Nos mercados o pouco que apparece apenas se pôde obter ao preço de réis 730,750; e mais por cada 15 litros e que difficilmente está ao alcance das bolsas da pobreza.

E o sr. D. Carlos a gastar-nos 130 libras!

Pelo ultimo contracto com a casa Her-sent o governo portuguez obrigou-se a pagar 2:800 contos de indemnisação em cinco annos, ou 560 contos annualmente.

E' quanto custa ao paiz o silencio que o governo paga ao empreiteiro das obras do porto de Lisboa — o *Navarro* bem sabe do lodo do Tejo, d'onde surgiram uns *bonds* — para que o judeu não bata com a lingua nos dentes e não se chegue a saber das virtudes dos ministros do rei.

Que não é por vergonha... E o sr. D. Carlos a gastar-nos 130 libras!

A alfandega de Lisboa rendeu ha dias 50:491,7470 réis, correndo para esse rendimento os direitos de 1.468.481 kilos de trigo de New-York, na importancia de réis 29:379,432!

Quanta esta que sairá do paiz em bellas libras sterlingas. Entra pela porta do escoa-doiro do governo e hade sair da minguada bolsa do povo.

E o sr. D. Carlos a gastar-nos 130 libras!

O sr. A. J. da Silva, de Lisboa, despachou na alfandega, afim de seguirem para Londres 2:500 libras sterlingas. Estamos riquissimos.

E o sr. D. Carlos a gastar-nos 130 libras!

O proprio *Seculo*, que tem andado ás boas com o governo, descarga assim a consciencia:

«Continua desanimadora a situação da praça de Lisboa e nada se apresenta de molde a prometter melhoras. Nem mesmo as ultimas noticias de Africa conseguem animar os que tantas esperanças tinham nas especulações ultramarinas.»

E o sr. D. Carlos a gastar-nos 130 libras!

Não se cala o *Diario Popular*, que falla agora ao governo com quatro pedras na mão; assim:

«As noticias commerciaes do Porto são muito desfavoraveis, continuando o desanimo dos negocios e baixando os preços, por que os detentores de mercadorias se vêem compelidos a liquidação forçada de *stocks* paralyzados. A situação inspira sérios receios.»

Nadamos em felicidades. E o sr. D. Carlos a gastar-nos 130 libras! Mas temos um rei!...

Os eternos Gungunhanas

Estão-se dando bonitas scenas de usurpação na Africa e o governo mette-se ao silencio, não mandando fallar a imprensa ás suas ordens, para socegar os animos que estão irritados contra tal attitude de indifferença por assumpto de tanta importancia e transcendencia.

Saibam, se affirma, que Cécil Rhodes, vae a caminho da Africa, com a ideia de tratar, com todo o empenho, de completar a linha ferrea que da Beira, se dirige á fronteira, e d'ahi ha de seguir para Salisbury. Córta esse caminho de ferro o nosso territorio, abrindo a saida para o mar ao territorio de Machona e a companhia que o vae construir e explorar é *ingleza*, dominada, dirigida e quasi inteiramente absorvida por aquelle poderoso aventureiro.

Acredita-se na possibilidade de que ainda surja alguma complicação séria de *absorção* ou *tentativa d'ella* nos territorios atravessados por essa linha, se não nos fortalecermos em Africa, tornando bem definidos e solidos os nossos direitos, e tirando a maior somma possivel de beneficios nas vantagens da nossa situação geographica.

Demais está-se procedendo a estudos de obras a fazer no porto de Lourenço Marques, mas esses estudos, segundo as informações que chegam, estão subordinados a recommendações tão estreitas de economia que, quando se converterem as obras, não poderão satisfazer o fim a que se destinam.

E' assim que o governo cuida e trata das nossas colonias. Aqui está o seu patriotismo! E verá a nação que, se Lourenço Marques fór devorada sósinha pelas fauces da nação de piratas, a presa será dividida pelas grandes potencias!

Para estes Gungunhanas não ha Mousinhos, em quanto houverem monarchas que acciteem *Jarreteiras* e visitem os que nos vexaram em Keonga.

Depois se verá.

Aviso aos emigrantes

Telegrapharam do Rio de Janeiro para o *Temps*, noticiando-lhe que em consequencia dos grandes calores a epidemia da febre amarella toma este anno naquella capital proporções assustadoras. O commandante e seis marinheiros do cruzador italiano *Lombardo*, ancorado no porto, já succumbiram ao vomito. Muitos officiaes enfermaram. No hospital ha trinta doentes, alguns d'elles em estado gravissimo.

Com muita razão se diz que o Brazil tem sido o açougue de Portugal — sem já ser *Brazil*.

TRIAGA

LIV

No coio das Therezinhas estão-se fazendo missões... ha predicas e ladainhas, ditas por dois fradaldões!

Anda a seita em funçanatas em rezas de dia a dia, em exploração ás beatas e honra da Virgem Maria!

Vendem-se lá relicarios e a padralhada chupista benze santos e rosarios e agua benta p'ra dar vista!

Andam a pastorear ovelhas p'ro seu evil... mas um dia — sem o esperar salta-lhe *lobo* ao redil.

Fra-Dique.

Assumptos de interesse local

88.º anniversario

E' bem conhecido por todo o sr. conego Manuel Marques Pereira Ribeiro, sempre alegre, muito affavel e bello conversador, tendo relações com meia Coimbra, onde é querido e respeitado por todas as classes.

Completo ha dias 88.º annos e ainda conserva bom aspecto, caminhando muito perfilado com desembaraço, dirigindo cumprimentos a todos e tendo sempre engatilhado um dito gracioso.

Em passando, todos o recebem com satisfação — porque o bom sacerdote é quasi considerado uma reliquia d'esta cidade.

Que a vida se lhe prolongue é o nosso sincero desejo, como desejamos poder feicitá-lo por muitos annos.

Procissão

É hoje que sae da Sé Cathedral, processionalmente a imagem do Senhor dos Passos, recolhendo á igreja da Graça, d'onde saiu hontem á noite acompanhada da sua irmandade.

Diz-se que a meza está animada a tornar imponente este acto religioso e que para isso tem convidado muitas irmandades e espera-se que a procissão seja numerosa.

Acompanha a philarmonica *Boa-União*.

Principio de incendio

Houve principio de incendio na sala occupada pelo archivo do governo civil, ar-dendo parte de uma taboa do guarda-vas-soura e de um barrote junto ao soalho.

Valeu-lhe o porteiro, sr. Marques, que ao abrir a porta, e reparar em tanto fumo, teve coragem, ainda que suffocado pela fuma-ceira que fazia, para conseguir apagar o fogo que se propagaria por toda a casa, se tão promptos não fossem os soccoros.

O rompimento do cano d'um fogão da repartição de fazenda, que passa quasi junto da superficie interior da parede, deu causa a este principio de incendio que podia dar sérios prejuizos, principalmente na destruição do archivo.

O sr. Francisco Marques deve ser contemplado pela sua abnegação, e isso lembra-mos ao digno chefe da repartição de fazenda,

Incrível patifaria

O sr. Adriano Francisco Dias está sendo victima d'uns anonymos que pretendem des-acredita-lo com os seus freguezes.

Temos em nossa presença as provas da infamia! — dois cartões de *réclame* ao seu novo estabelecimento escriptos por detraz do annuncio: um dirigido a José Maria Gama, para Arganil, de Feijão, pedindo 90000, resultante de arreios comprados na sua loja em junho do anno findo; — outro a Antonio Agostinho, de Villa Cova (Sub-Avó) dizendo-lhe que mandasse satisfazer a importancia de 90000 réis, resultante de arreios comprados na sua loja em julho do anno findo.

Ambos os cartões tem as abreviaturas dos cumprimentos, uma rabisca e um traço a fingir a assignatura.

Estes bilhetes deram o seguinte resultado: — o sr. Adriano Dias ser insultado em bilhetes postaes e cartas por esses individuos, que affirmavam nada dever-lhe e que elle ao pedir-lhes taes contas não estava no seu estado normal.

A violenta impressão moral que o sr. Adriano soffreu tem-o abatido, pois a sua idade e vida trabalhosa, não é para brutalidades tão infames, de patifes que aggridem um homem velho, servindo-se dos cartões do seu estabelecimento para o indispor com toda a gente.

Felizmente que se acudiu a tempo e os chamados *devedores* ficaram sabendo que o sr. Adriano Francisco Dias foi victima d'uma grande infamia, que ficará impune como sempre fica a mão que assassina a honra alheia.

Limpeza publica

Com tal vereador é escusado gastar cera. Estão vendo em scena o moleiro dos Loyos, o Manuel Miranda, que tem o pelouro da limpeza, a deixar a cidade em desleixo e as ruas em constante immundicie.

Não sabemos se á falta de pessoal — economias do macambusio do vereador para o luxo da escada-esqueleto — o que sabemos é a pouca limpeza que estão tendo as ruas.

Foi o diabo entregar-se a *limpeza* a quem é pouco limpo — na consciencia e no caracter.

Abalroamento de carros

Felizmente que não aconteceram desgraças de maior, no abalroamento que se dá na ladeira de S. Jorge, com o *char-á-banc* da diligencia para Goes e um *phaeton* que conduzia a passeio os srs. dr. Quim Martins, Madureira, Manuel Gaspar e outros companheiros, sendo guiado pelo alquilador, Manuel Ferreira Camões.

Numa carreira a todo o panno, sem trava, descia a diligencia a ingreme ladeira da Conraria e ao dar volta, não se podendo desviar nenhum dos cocheiros, pela surpresa do encontro e velocidade que trazia o *char-á-banc*, foi este de embate ao *phaeton*, cahindo a uma ribanceira.

Do carro foram impellidos, o cocheiro e todos os que iam; soffrendo o sr. dr. Quim uma contusão numa perna e os outros ergueram-se bastante contudidos pelo corpo, rasgando-se-lhes os fatos pela violencia da queda.

O mais infeliz foi o Manuel Camões que quebrou uma perna, prestando-lhe os primeiros socorros os srs. drs. Maximino Mattos de Carvalho e Quim Martins.

Os bombeiros Voluntarios ao terem co-

nhecimento do desastre conduziram-se em carro uns quatro, com a maca, acompanhando-os noutros, muitas pessoas. Chegadas a esta cidade, a pé, dirigiram-se ao hospital e alli ficou em tratamento o infeliz Camões.

Se não fossem os benemeritos bombeiros Voluntarios, por certo não haveria tanta promptidão em proporcionar ao enfermo tão commodo meio de transporte.

Não tem fundamente a *supposição* do correspondente de Coimbra para a *Gazeta da Figueira*, de que os bombeiros Voluntarios receberam a gratificação de 500 réis.

E temos um corpo de bombeiros municipaes com quem se dispense dinheiro e um inspector bem remunerado, para vermos que se não fosse a iniciativa particular, não teriamos, devido ao desleixo e á incuria dos que nos ganham o dinheiro sem incommodo, quem acudisse a estes e outros desastres, aos quaes accorrem sollicitos os que, pelos sentimentos humanitarios prestam os seus serviços aos que se encontram em perigo de vida.

Por absoluta falta de espaço e tardamente recebermos a carta do sr. José Simões Paes, digno commandante dos bombeiros Voluntarios, não a podemos publicar neste numero. Porém, na noticia que antecede esta nossa explicação, haviamos, por moto proprio, declarado infundada a *supposição* em que ficara o correspondente de Coimbra para a *Gazeta da Figueira*.

Bandos de ciganos

Assentaram arraiaes nesta cidade dois bandos de ciganagem — no Rocio de Santa Clara e na estrada da Figueira, um pouco para cá da ponte da Cidreira.

Este caminho é muito transitavel indo e vindo muita gente dos logares proximos, que se assustam com a presença d'aquella malta. Os moradores de S. João do Campo e circumvisinhanças andam tambem sobresaltados.

Muitas mulheres que vêm todos os dias á cidade, deixam em casa o seu oiro com receio que lh'o roubem.

Para socego d'essa pobre gente o sr. commissario bem podia ordenar a saida dos dois bandos, que estão ha muitos dias nesta cidade, e é raça que não conhece o primeiro mandamento — *amar o proximo*...

Que o sr. commissario nos atenda a bem da vida e dos bens de cada um.

Jardim Botânico

Nesta estancia da flora, uma das mais importantes do paiz, está-se preparando milhares de sementes para a permuta com outros estabelecimentos congeneres da Europa e America.

O Jardim Botânico tem sido enriquecido de variadissimas plantas, devido á actividade que o director, sr. dr. Julio Henriques, tem dedicado a esse vasto estabelecimento, que é o recreio dos habitantes de Coimbra e a damiração dos nossos visitantes.

Ao poeta anonymo

Recebemos umas *quadrás* do mesmo autor das *quintilhas*; umas e outras têm graça e estão bem feitas, mas o poeta continúa, a guardar o mesmo incognito e nós continuamos a guarda-las na gaveta — até se resolver.

Sem empenho.

os nossos esforços para lançar ao mar o unico escalor que se conserva inteiro. Que diz a isto?

D. Francisco estava aterrado! Via-se sobre o abysmo, não concebia a idéa de que podia ainda salvar-se. Olhou estupidamente para frei Rozendo, cruzou os braços e não lhe respondeu.

— Então que diz, homem? proseguiu elle com exaltação, o senhor não vê o perigo que por todos os lados nos cerca? Pois não entende que nesta conjunctura, desanimar é ir para o fundo? Falle senhor D. Francisco, chame toda a sua coragem, para que o auxilio nesta occasião, a mais perigosa em que nos temos achado.

Despertou como de um lethargo, e respondeu:

— Mas que poderei eu dizer ou fazer! Frei Rozendo, vou crendo na justiça de Deus, na grandeza dos nossos peccados.

O frade não lhe respondeu; dirigiu se para a murada do navio e principiou a analysar o escalor, que se achava preso nos turcos. Voltou em seguida para junto do cabrestante e disse:

— Preciso que me ajude a sair do embaraço em que nos achámos! Ajude-me a salvarmos as vidas, olhe que não faltará tempo para se voltar para Deus! Mais vale uma vida impenitente no seio dos prazeres, do que erguer as mãos ao céu, pedir misericor-

Theatro Principe Real

Foi hontem a primeira recita de assignatura que a companhia do theatro D. Affonso do Porto, superiormente dirigida pelo maestro Thomaz del-Negro, veiu dar a este theatro.

Abriu, como se havia annunciado, com a peça — *Capitão Lobis-homem* — que agradou, e foi desempenhado com a mesma distincção com que o fôra pela outra vez merecendo todos os interpretes os bravos do publico numeroso, que enchia o theatro.

Hoje outra peça de grande espectáculo, e de novidade para Coimbra, a operetta — *Os guerrilheiros* — que fizeram grande successo no Porto.

Segunda feira sobe á scena a graciosa opereta — *Uma aventura regia* — pela primeira vez apresentada no Porto, em beneficio do sympathico e intelligente maestro Thomaz del-Negro.

Foi muito applaudida, e estamos certos, que o publico conimbricense hade cobrir tambem de ovações a musica que é lindissima e variada, e o desempenho primoroso por parte de todos os actores e actrizes, entre as quaes scintilla e occupa o primeiro logar a espirituosa e endemoinhada *chanteuse*, Mercedes Blasco.

A sua aptidão mais uma vez se evidenciou, pela naturalidade e precisão como interpretou o seu difficil papel.

Na verdade, se lhe faltasse o relevo artistico que Mercedes Blasco lhe imprimiu, nunca teria obtido um successo tão entusiastico.

No canto, deliciosa; na *serenata* do 1.º acto, nos *couplets* do 2.º e nos do 3.º, para que ella escreveu a letra, é inimitavel de *savoir dire* e de malicia.

O publico amanhã terá occasião de verificar a veracidade das nossas palavras e dos nossos elogios.

Ao vereador competente

As escadas de S. Thiago, de muito transito entre a praça do Commercio e a rua de Ferreira Borges, estão merecendo a attenção do sr. vereador respectivo, pois que os degraus acham-se em tal estado de desgaste que facil é uma queda.

A não se assentarem os degraus já apparelhados, que deixou a camara transacta, bom seria ao menos mandar picar a cantaria.

Banco Commercial de Coimbra

Á assembléa geral, reunida, representada por muitas acções foi presente o relatório e parecer do conselho fiscal, tendo approvação.

Foram reeleitos os corpos gerentes e na acta ficou exarado um voto de louvor aos directores, srs. Basilio Augusto Xavier de Andrade e Antonio Clemente Pinto, os quaes fizeram administração zelosa.

DIVERSAS

Aviso — Em virtude da nova lei do sello, as irmandades e confrarias só têm que sellar dois livros: receita e despeza, e deliberações da junta.

Pela repartição dos serviços agronomicos d'este districto ja foi feita toda a distribuição das plantas americanas requisitadas em tempo competente.

dia e descer contrito para o fundo do mar.

«Forte loucura! Estes parvos que crêem em Deus, têm a mania de se identificarem com a morte! Esperam pela bemaventurança, patrimonio legado aos tolos pelos espertos, que reservaram para si os bens da terra.

«São mais solidos, eu opto por elles.

«Se deseja morrer senhor D. Francisco, morra, que com isso nada tenho, mas ajude-me primeiro a sair d'este aperto; depois agarre-se aos remorsos, faça por trepar ao céu pela escada da penitencia, a primeira de todas as tollices d'este mundo!

Não respondeu; proseguiu na mesma posição, conservando a cabeça apoiada nas mãos.

— Então que é isso, homem! O senhor está como o macaco? Tome animo! Veja como procuro salvar-me: lutemos até irmos para o fundo. E sabe a razão por que de-sejo viver? E' porque creio tanto na eternidade, como nas chinelas do grão Lama de Tibet! Não acredito nessas patranhas; se creio nalguma cousa, é nos prazeres do mundo! Oh! nesses sim, porque tenho gosado muito... Então, que faz?

«Levante essa cabeça, homem, proseguiu elle com voz arrebatada, ajude-me a safar o escalor; aliás trabalharei eu só como poder, deixo-o entregue ao capricho das ondas e aos seus sentimento, piedosos.

D. Francisco levantou-se machinalmente e respondeu:

Nos dias 28 e 29 do corrente serão arrematados na repartição de fazenda d'este districto varios bens pertencentes á irmandade de Nossa Senhora da Assumpção, da freguezia de Ceira.

A direcção da *Associação dos Artistas*, exarou no livro das actas das suas sessões, um voto de profundo sentimento pela enorme desgraça que enlutou Santarem.

Em comemoração pelo anniversario da coroação de Leão XIII haverá na Sé Cathedral espaventoso *Te-Deum*.

Aviso aos catholicos, apostolicos romanos.

Ganham-se indulgencias, o que é uma riqueza.

A GRANEL

Não se confirma a noticia da morte de Maceo. Houve equívoco. Quem foi morto em combate foi o cabecilha mulato Guerra.

De resto as noticias de Cuba são boas. As tropas continuam desenvolvendo a maior actividade, e entre os insurrectos ha mostras de desalento.

Um bando de insurrectos atacou a aldeia de Hoyo Colorado a cinco leguas de Havana; foi, porém, dispersado por uma columna de tropas hespanholas. O grosso dos insurrectos invadiu a provincia de Matanzas, mas ficam ainda algumas guerrilhas na provincia da Havana. Presume-se que á insurreição será inteiramente vencida no anno proximo. O cabecilha Inglesito, que caiu prisioneiro, provavelmente será fuzilado.

Diz-se que a empreza Hersent vae finalmente construir os caes em Alcantra, Santos, Santa Apollonia e em frente á alfândega, cobertos com telheiros ou *hangars*, destinados a depositos de mercadorias, a que é obrigada pela letra do contracto.

Os coches do marquez de Vallada, vão ser vendidos ao estrangeiro, por não obtirem em Lisboa um preço razoavel. O leilão da bibliotheca começará brevemente.

A commissão de pescarias tratou apenas de simples expediente, deixando para quando chegar d'Aveiro o naturalista sr. Girard, occupar-se do banco das ostras, encontrado agora na ria.

Chegaram no transporte *India* as caldeiras do vapor *Vilhena*, dado por incapaz de servir na estação, sem lhe ser remetido novo material.

Dois tripulantes do transporte *India* surto no Tejo cahiram d'uma verga, facturando um os pés e outro um braço, de tal modo que foi preciso amputar-lh'o.

Tendo o ministerio do reino apresentado duvidas sobre as remissões do serviço militar, foi-lhe respondido pelo ministerio da guerra que as remissões devam fazer-se como determina o regulamento ultimamente publicado no artigo 143.º

A VISO

Previnem-se o commercio e industria de Coimbra, de que em casa do secretario da direcção da Associação Commercial, rua de Ferreira Borges, 146, se acham em reclamação, a fim de que os interessados os possam examinar, os requerimentos feitos ao governo por intermedio da repartição d'industria, pedindo patentes d'invenção e fabrico exclusivo de diversas industrias.

Coimbra, 21 de fevereiro de 1896.

— Sim, vamos trabalhar! É isso que quer?

— É isso mesmo, respondeu o frade; precisamos trabalhar muito.

O sol escondia se; apenas alguns pequenos raios reflectiam ao longo no vasto horizonte, A corveta gemia, descia visivelmente, o que não passava despercebido ao espirito sagaz do frade.

D. Francisco mais frei Rozendo, depois de um grande trabalho, arranjaram uma vela; tentaram dar rumo ao navio, que com o auxilio do vento, que soprava rijo, ainda singrou alguns minutos, mas abatendo muito.

Frei Rozendo, comquanto dotado de um character energico, reconhecia a dolorosa situação em que se achavam, e mau grado seu, feios presentimentos lhe assaltavam a imaginação gasta e abatida.

Anoiteceu; com as trevas augmentou o perigo. O navio abatia cada vez mais, como não lhe podiam dar direcção, seguia ao capricho do vento. A canna do leme tinha quebrado á primeira guinada que deu, por estar muito arruinada. A corveta proseguiu oscillante entre as vagas; levada pelas correntes não tinha rumo, nem lh'o podiam dar.

A situação aggravava-se cada vez mais! O navio descia consideravelmente; os estalos da madeira produziam um estrondo medonho.

(Continua)

30 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ**ROMANCE MARITIMO**

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XI**Apontamentos curiosos**

Frei Rozendo levantou se como impellido por uma potencia superior! O seu aspecto era medonho; tinha os olhos envidraçados, os cabelos hirsutos, e as feições demudadas. D. Francisco olhava para elle estupidamente; aguardava as palavras do seu companheiro.

Não era menos perverso do que frei Rozendo, mas o que estava era longe de ter a sua intelligencia e resolução.

Frei Rozendo, depois de guardar o mais profundo silencio, disse-lhe:

— D. Francisco, o mal está feito, é irremediavel. Este navio está arruinado, nós não podemos governa-lo! Empreguemos, pois, todos os meios de salvação; applicuemos os

RECLAMES E ANNUNCIOS

PRATICANTE

Precisa-se de um com 4 annos, pelo menos, de boa pratica e que dê boas informações, para pharmacia em Coimbra. Dão-se esclarecimentos na drogaria Villaça, rua de Ferreira Borges, 146.

MARÇANO

Com pratica, proximo a ordenado. Admitte João Vieira Lima.

COIMBRA

NOTICIA HISTORICA DA

VENERAVEL ORDEM TERCEIRA

Da Penitencia de S. Francisco da cidade de Coimbra e do seu Hospital e Asylo

Um volume de mais de 200 paginas.

Preço..... 400 réis

A' venda na livraria Franca Amado—rua de Ferreira Borges, Coimbra.

JULIÃO A. D'ALMEIDA & C.ª

20—Rua de Sargento Mór—24

COIMBRA

13 N'este antigo estabelecimento co- hrem-se de novo guarda-soes, com boas sedas de fabrico portuguez. Preços os mais baratos.

Tambem tem lãsinhas finas e outras fazendas para coberturas baratas.

No mesmo estabelecimento vendem-se magnificas armações para guarda-soes, o que ha de mais moderno.

PECHINCHA

Magnificos vinhos de meza a 80, 90, e 100 réis o litro; branco, especialidade a 120 réis o litro.

Vinhos finos do Porto a 250 e 300 réis o litro; emgarrafados, d'esde 240 réis para cima.

Acaham de chegar mais de mil garafas—de Champagne, Congac, Rhum, Coração, e Yanne, e muitas outras bebidas finas, vindas directamente do estrangeiro: Collares, Bucellas, Carcavellos etc.

Garante-se todas as qualidades, cinco por cento a menos do que em outra qual- quer parte.

Experimentem no

CAFÉ COMMERCIO

Rua do Visconde da Luz

COIMBRA

1:500\$000

A Associação de socorros mutuos dos Artistas de Coimbra, tem nos seus cofres esta quantia, que empresta a juro sobre hypotheca.

O secretario da direcção

Manuel Rodrigues d'Almeida

HOTEL COMMERCIO

(Antigo Paço do Conde)

11 N'este bem conhecido hotel, situado na praça do Commercio, um dos mais antigos e bem conceituados de Coimbra, continúa o seu proprietario as boas tradições da casa, recebendo os seus hospedes com as atenções devidas e proporcionando-lhes todas as commodidades possiveis, a fim de corresponder sempre ao favor que o publico lhe tem dispensado.

Tambem recebe duas ou tres pessoas, a quem dá de comer em mesa particular, por preços commodos.

Já ha e continúa a haver lampreia guisada e de escabeche, a qual se fornece por preços muito razoaveis, responsabilizando-se o proprietario d'este hotel, por qualquer encomenda que lhe seja feita, tanto para esta cidade, como para fóra.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20—(Atraz de S. Bartholomeu)

2 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus.—Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofa, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvalades, oleos, agua-raz, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systems.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systems. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica: Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Pastilhas electro-quimicas, a 50 réis

Brilhante Belge, a 160 réis.} indispensaveis em todas as casas

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS

SINGER



Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE JOSÉ LUIZ MARTINS DE ARAUJO

90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

6 O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas Singer, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costareira, com os ultimos aperfeçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.

Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte gratis para os compradores de fóra da terra e outras garantias. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.

Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto.

Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja Singer com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 65500, 75000, 85000 réis e mais preços, capas e batinas preços sem competencia, varinos de boa catrapianha com forro e sem elle desde 55000 réis para cima, garante se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.

Tem esta casa dois bons contramestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.

Sempre bonito sortido de chitas, chailes, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.

Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machinas.

Alugam-se e vendem-se Bi-cyelotas.

ADS PHOTOGRAPHS

Productos chimicos, chapas allemãs, cartões em diferentes generos, prensas, etc., etc.

Preços de Lisboa.

DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª

Mont'arroyo 25 a 33 — COIMBRA

QUEIJO DA SERRA

Chegou nos ultimos dias, e está-se sempre recebendo, grande remessa, das melhores queijeiras do concelho d'Oliveira do Hospital que se vende por preço relativamente barato.

PAPELARIA CENTRAL

2—Rua do Visconde da Luz—6

COIMBRA

FERNÃO PINTO DA CONCEIÇÃO

CABELLEIRO

Escadas de S. Thiago n.º 2

16 Grande sortimento de cabeleiras para anjos, theatros, etc.

BOM TREM

Vende-se um Landau novo do sistema mais moderno, de boa construcção e muito leve.

Quem pertender pode dirigir-se á rua da Sophia n.º 77 Coimbra.

BILHETES DE VISITA

Impressões rapidas

Typos modernos e preços diversos

Typ. Operaria • Coimbra

LIVROS DE MISSA

NEVES IRMÃOS

M. RIBEIRO OSORIO

ALFAIATE

185, 1.º—R. Ferreira Borges—185, 1.º

COIMBRA

Participa aos seus freguezes que recebeu o sortimento de fazendas para a estação de inverno, e por preços baratos para competir com qualquer outra casa.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas a JOSÉ MARQUES LADEIRA COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

Deposito da Fabrica Nacional

BOLACHAS E BISCOITOS

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

[COIMBRA

128—RUA FERREIRA BORGES—130

N'este deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encommendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR—Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração—Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha

Sem estampilha

Anno 2\$700

Anno 2\$400

Semestre 1\$350

Semestre 1\$200

Trimestre 680

Trimestre 600

ANNUNCIOS:—Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS:—Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impressa na Typographia Operaria—Coimbra

Defensor

do Povo

COIMBRA — Quinta feira, 5 de março de 1896

COISAS E LOISAS

UMA PERGUNTA EM FAMILIA

Parece dar grande cuidado, e não sabemos se grandes inquietações, a varios nossos correligionarios que seja o rei o unico que manda, e governa em Portugal.

Gritam indignados: que só o rei faz e acontece, que só o rei nomeia e demitte, que só o rei resolve e ordena; que os ministros, que o parlamento, neste paiz de pataratas e ficções constitucionaes, são apenas um *trambolho*, atado a esta *chave de toda a organização politica* com o *vencelho do poder real*, chamado, por decencia, *poder moderador*, segundo ensinavam os publicistas contemporaneos da *Carta*, e a propria *carta*, muito alegre e prasenteira, nos pespega no artigo 71 da *mesma*.

Ora, francamente, que nos importa a nós, republicanos, que espanto, que maguas ou cuidados pode causar-nos que sejam o rei ou os ministros ou o parlamento, ou todos de cambada que nos governem?

Em quanto houver rei, isto é monarchia, hade haver ministros, privativa e livremente escolhidos pelo rei; em quanto houver ministros da exclusiva escolha e livre nomeação do rei hade forçosamente haver tambem parlamento, escolhido e nomeado pelos ministros do rei.

Rei, ministros e parlamento formam um todo indivisivel; é tudo o mesmo.

Formam estas tres entidades a trindade politica d'esta falsa e mentirosa religião do constitucionalismo monarchico.

O rei é o pae, o ministerio é o filho, o espirito santo é o parlamento; mas todos tres formam uma e a mesma entidade, *uma só pessoa*.

Tanto vale o pae, como o filho, como o espirito santo; tanto póde um d'elles, como todos juntos; reunidos ou separados, para nada servem.

Em todo o caso é sempre o pae, que está no alto throno, que ordena, que manda, que soberanamente governa.

Foi e ha de ser sempre assim.

Ora que vantagens, que beneficios poderia auferir a Nação Portugueza, se em vez do pae (o rei) governasse o filho, gerado por elle (o ministerio); e em vez do filho governasse o espirito santo (o parlamento), que procede de ambos, e com ambos está consubstanciado?

Com a maior sinceridade, não sabemos, não somos capazes de o advinhar, por mais voltas e reviravoltas que demos á micleira.

Elles mesmos, os republicanos, que tanto se inquietam, e mortificam, porque neste paiz só o rei governa, o ignoram.

Se o sabem, não nos farão o favor de o dizer para descargo e soeego do nosso espirito e descargo de suas consciencias?

Combater, sustentar a abolição da monarchia, dizer sapos e lagartos da realeza, porque só o rei governa, e não deixa governar os seus ministros, arguir e trogar o parlamento de sua magestade, só porque os ministros não ouvem, não consultam, não respectam o seu parlamento, ou o suspendem, e dissolvem, e só executam o que o rei deseja, quer, e lhes manda, censurar e patear o parlamento, porque este só diz, delibera, resolve, e vota o que os ministros pretendem, e lhes insinuam, é um circulo vicioso, ou antes um *circulo bicudo*, d'onde poderá sair tudo quanto desejarem e quizerem os nossos correligionarios, menos a Republica.

A BELLIGERANCIA

Manifestações hostis

Foi reconhecida pelos Estados-Unidos a belligerancia aos Cubanos, o que produziu em Hespanha a maior indignação, quasi colera, contra os Estados-Unidos da America do Norte, por conceder aos cubanos, um direito sagrado, desde que existia um estado publico de guerra entre o governo hespanhol que já ha algum tempo foi proclamado e mantido, pela força das armas, pelo povo de Cuba.

Toda a Hespanha está em effervescencia em protestos contra as deliberações do senado americano, praticando desacatos na embaixada, e quebrando os vidros nas janellas. O governo deu ordem para reprimir as manifestações hostis á grande republica, a fim de evitar conflictos.

Os estudantes fazem manifestações, arvorando as bandeiras das facultades e a nacional, dando vivas á Cuba hespanhola á Hespanha e morras aos Estados-Unidos.

Por todas as terras de Hespanha se levanta o espirito publico e não será para admirar que a exaltação chegue a ponto de proceder tão violentamente contra os naturaes americanos, que se provoque um serio conflicto, o qual venha a ter por epilogo, uma guerra exterminadora entre as duas nações.

Os insurrectos

Apesar de varios recontros em que as tropas hespanholas tem a registar vantagens, os jornaes madrilenos affirmam que a insurreição se vae generalizando, apparecendo todos os dias novos bandos de insurrectos armados, que lutam pela independencia cubana, com a coragem e presteza com que nós expulsámos os francezes.

Os revoltosos conseguiram entrar em Cárdenas, importante povoação na provincia de Matanzas, e que conta mais de 20:000 habitantes.

Os voluntarios que estavam preparados para a resistencia, foram desarmados pelos insurrectos. Não se sabe ainda quem os capitaneava. Esta noticia causou muita sensação em Madrid.

Os insurrectos concentram actualmente as suas principaes forças na provincia de Matanzas.

Por outro lado os ultimos despachos noticiam que a provincia de Havana, que o general Weyler já tinha dado como limpa de insurrectos, continúa a ser cruzada em todas as direcções por partidas muito numerosas.

A opinião geral dos jornaes hespanhoes chegados hontem, mostra-se pouco satisfeita com a marcha dos acontecimentos.

A sessão do senado

Para esclarecimento dos nossos leitores do que se passou no senado dos Estados-Unidos, e as causas que levaram aquella grande nação a reconhecer os cubanos como belligerantes, daremos algumas das informações, mais importantes, que colhemos.

«O sr. Lindsay diz que o estado de cousas existente em Cuba justifica uma intervenção activa dos Estados-Unidos, a fim de restabelecer a ordem em nome da humanidade.»

«O sr. Sherman pede a annexação de Cuba ao Mexico, por ser esta republica um povo da mesma raça. Acrescenta que chegou o momento de uma intervenção que ponha fim (palavras textuaes) a um crime que não se descreve. Sustenta que a organização dos insurrectos é tão completa e perfeita como a dos rebeldes dos Estados-Unidos durante a ultima guerra civil. Affirma que os cubanos não têm dado mostras de ferocidade, e que, em troca, os hespanhoes preferem a guerra de repressão enérgica. Por isso, exclama, foi exonerado o general Martínez Campos, que fazia uma politica humana, sendo substituido pelo general Weyler, a quem qualifica de carniceiro, e cujas mãos estão manchadas de sangue de homens e mulheres indefesas (sic).»

«A camara applaude estas phrases.»
«O orador prosegue dizendo que se o general Weyler continúa em Cuba vda impedirá que os Estados-Unidos expulsem d'elle os barbaros. (Grandes applausos). «Não queremos que exista uma Armenia na America.»

«E no resto do seu discurso o sr. Sherman é victorioso por todo o senado.»

«O sr. Lodge sustenta que o general Weyler começou por facilitar a gente indefesa. Espera que a attitudé dos Estados-Unidos será approvada por todo o mundo civilizado.»

«Outros senadores fallam em favor d'uma resolução que denuncie a Hespanha como uma nação que não merece o respeito dos demais paizes.»

«Só um senador, o sr. Laferri, pretenda oppôr-se á corrente do senado. Diz que não ha razão nem mo-

tivo algum para que se reconheça a belligerancia dos insurrectos cubanos.

«Estas palavras, porém, não encontram eco no senado.»

«E' apresentada em seguida uma proposta para que o presidente reconheça a Republica de Cuba.»

«O sr. Sherman observa que se o congresso approvar esta proposta, o presidente Cleveland vér-se-ha obrigado a tomar uma resolução dentro do prazo de dez dias. Por tanto é preferivel que se approve a sua proposta que é approvada por 64 votos contra 6. E' do theor seguinte:

«O senado decide, de accordo com a camara dos representantes; que, segundo a opinião do congresso (ambas as camaras) existe um estado publico de guerra entre o governo hespanhol e o governo que ha algum tempo foi proclamado e mantido pela força das armas pelo povo de Cuba, e que os Estados-Unidos devem observar stricta neutralidade entre as potencias belligerantes e conceder a cada uma d'ellas todos os direitos correspondentes nos portos e territorios dos Estados-Unidos.»

«O senado resolve que os bons officios dos Estados-Unidos devem ser offerecidos pelo presidente ao governo hespanhol, e fim de que reconheça a independencia da Cuba.»

O general Weyler, por causa das injurias que o senador Sherman proferiu contra elle na sessão de sabbado no senado americano, enviou dois dos seus ajudantes a Washington a desafia-lo.

— Acaba de se receber um telegramma de Washington, que annuncia ter a camara dos representantes approvado tambem a proposta que considera como belligerantes os insurrectos cubanos.

— Considera-se inevitavel um conflicto entre Hespanha e os Estados-Unidos, em consequencia do ataque á legação norte-americana em Barcelona.

Contra a imprensa

Os janizaros da monarchia não cessam na perseguição aos jornalistas independentes e vigorosos, que lhe cauterizam as chagas corruptas que os corroem.

Condemnado a 10 dias de prisão e réis 30000 de multa, o nosso querido amigo, Antonio Pedro Vieira de Menezes, redactor e editor da *Opinião*, de Oliveira d'Azemeis.

O processo foi instaurado porque o tyrannete do delegado quiz ver offensas num artigo publicado naquella jornal, ás inviolaveis instituições, representadas por um governo de bandidos.

A sua attitudé de perseguidor *manquêe* ha de garantir-lhe gorda gorjeta. Que a servições tão prestantes, os patrões costumam te-los em muita conta.

Está na carreira — cuspo e graxa — e a vida são dois dias.

Parabens ao velho amigo por ter incitado as raivas dos zoilos. E' bem que os ladrões que as justicias protegem, gozem da impunidade e que sejam condemnados os que, por missão honrosa, protestem enérgicamente contra o existente.

Ao antigo camarada, ao companheiro nas lides da officina — um abraço d'alma. Cedo chegará o momento em que a verdadeira justiça, de olhos desvendados, castigará os tyrannos de todos os feitos.

Contas serão saldadas.

«O Povo da Figueira»

Este valente collega, órgão da commissão municipal republicana da Figueira da Foz, completou o seu primeiro anniversario, deixando bem gravadas nas suas paginas os altos serviços prestados á moralidade, condemnando a podridão monarchia, fustigando os devassos e os ladrões, com persistencia e energia.

Não trepidou ante a perseguição que lhe foi movida, e numa incessante luta, soube sair vencedor na questão de moralidade contra uma auctoridade da Figueira, que para gloria da politica e honra da dignidade do governo, ainda está administrando o concelho.

Comprimentamos o nosso collega numa saudação sincera, abraçando a todos os que têm contribuido para o levantamento do ideal republicano naquella cidade, tão nossa afeiçoada pelos amigos que alli contamos. E não esqueceri Sanches Barreto, o luctador audaz, o valente jornalista, portuguez de lei, a quem o *Povo da Figueira* deve dedicados serviços e o partido republicano a sua completa adhesão, que muito tem contribuido para a propaganda republicana naquella cidade.

Solidariedade das republicas

A camara dos representantes reconheceu, por 263 votos contra 16, a belligerancia dos cubanos.

Tudo leva a crer que a maior parte das republicas americanas seguirão os Estados Unidos no reconhecimento da belligerancia dos cubanos. O conflicto agrava-se.

O *Rappel* publicou uma *interview* com o dr. Betances, representante dos insurrectos cubanos em Paris, na qual elle affirma que a attitudé do congresso dos Estados Unidos assegura o proximo triumpho dos cubanos.

«A Obra»

É um jornal de classe, órgão dos carpinteiros civis, com publicação em Lisboa. Entrou no seu 3.º anniversario.

E' muito bem escripto e de collaboração variada. Tem prestado bons serviços á sua classe, e em geral á grande familia operaria.

Defende as doutrinas socialistas e assim, em tão santa propaganda, vae educando o operario, illustrando-lhe o espirito e retemperando-lhe a alma para a conquista da sua emancipação.

E' seu director o nosso amigo Guedes Quinhones, trabalhador incansavel, companheiro leal. Conhecemo-lo desde a *Officina* — ha 13 annos! — combatendo sempre e ainda nos não desviámos da nossa conducta, na defeza do operariado contra a oppressão dos exploradores.

Receba Quinhones e os seus companheiros de luctas na imprensa pela emancipação operaria, vivas ovações pelo 3.º anniversario da — *A Obra*. Que o operariado saiba corresponder aos seus sacrificios para o progresso e desenvolvimento do jornal.

Felourinho

LXI

DOS QUE FURTAM COM UNHAS ALUGADAS

Toleradas são tambem estas unhas, pois se alugam; mas são peiores nas correrias, que fazem, como mulas de alquiler. Os doutores theologos tem para si, que não ha maior maldade, que a que se ajuda de forças alheias, quando as proprias não lhe bastam para executar sua paixão, e esta em boa razão, porque sae de esphera e limite d'aquillo que póde: e obrar uma pessoa mais do que póde para o mal, é grandissima maldade, assim como obrar mais do que póde para o bem, é grandissima virtude.

Não póde um ladrão arrombar a porta de um mercador á meia noite; que remedio para lhe pescar um par de peças sem estrondo, nem difficuldades? Aluga um trado, e com elle, como com lima surda, faz um buraco, quanto caiba uma mão; mette um gancho agudo tão comprido quanto baste para chegar ás peças, que esmou de olho ao meio dia: fisa-lhe uma ponta, e como camisa de cobra as revira, e escoa todas pela talisca.

Mas não são estas as unhas alugadas, que fazem os maiores damnos na Republica. Outras ha, de que Deus nos livre, mais nocivas: estas são as serventias de quantos officiaes de justiça ha no mundo; corre-los todos é impossivel: direi sómente de varas e escrivanihas, o que vemos e choramos, e não remediamos, porque não ferem seus damnos, a quem poderá dar-lhes o remedio.

Que coisa é a vara d'um meirinho, ou d'um alcaide, no dia de hoje? Se Aristoteles fóra vivo, com todo o seu saber não a havia de definir ao certo; mas eu me atrevo a declarala com a de Moysés. A vara de Moysés na sua mão vara era; mas fóra da sua mão era serpente.

Tal é qualquer vara d'estas que fallámos: na mão de seu dono vara é, se é bom ministro; mas fóra da sua mão é serpente infernal, e se anda alugada, é todos os diabos do inferno; porque um diabo não tem poder para se transformar em tantos monstros, como uma vara de serventia alugada se transforma: e elles mesmos o confessam, que não póde tal ser, para pagarem ao orphão, ou á viuva, cuja é, e ficarem com ganho que os sustente a todos á custa das perdas de muitos.

(Continua.)

Arte de furtar.

A MEU PAE

No anniversario da sua morte

Requiem eternam...

Qual a folha, que o vento desprende,
é por elle arrastada na campina,
assim andou tua alma, perigrina
sacudida dos gélidos tufões
da Desgraça fevz, do teu sadario.
E, gemendo e chorando a vida inteira,
foi preciso findar tua carreira
para fugires, emfim, a taes baldões...

Foi tormentoso o mar da tua vida!
Nem uma hora sómente de bonança!
Quando esperaste, mentida foi a esperanza;
e, quando creste, a fé foi-te mentida...
Tal o destino nosso neste mundo!
soffrer, sempre soffrer, sem remissão!...
— E mostra encantos mil a criação!...
e é dadia de Deus a nossa vida!

Infeliz, procuraste, no deserto,
uma pedra em que a fronte repousasses?
— A Doença exigiu-te que velasses,
emquanto não chegava o somno eterno...
Eis-te liberto, oh! triste, da Existencia!
Ai! não te choro a morte redemptora...
tu, para quem jamais luziu a aurora,
tu, cuja vida foi perpetuo inferno!...

Ai! dorme em paz! descança finalmente
do sepulchro na eterna quietação
Não te pulsa, febril, o coração
torturado nas luctas da Existencia.
Feliz quem dorme nos teus braços frios,
na tua sombra impenetravel, Nada!
Feliz quem chega à meta desejada,
que nos reduz a zero a Consciencia!...

Aqui jaz, aqui jaz um coração!
Aqui jaz, aqui jaz um pensamento!
Aqui jaz uma vida, esse tormento!
Aqui finda, de vez, todo o soffrer!
A suspensão do sonho que embalou
nossa alma neste engano — a realidade!
Eis a eterna, ideal felicidade,
que realizas, Morte! no Não-Ser!...

Porto, 3 de janeiro de 1896. (1)

HELIODONO SALGADO.

(1) Faz hoje 26 annos que numa aldeia do Minho falleceu meu pae, Eduardo Salgado, traductor de Renan, e um dos ultimos abeneçrregens do poeta Castilho. Na inconsciencia feliz que produz a morte, elle não verá os versos que en, na illusão da realidade lhe dedico. Mas como a realidade subsiste ainda para mim, que remedio senão alimentá-la d'estas ficções!...

H. S.

Previsão do tempo

O boletim de Noherlesoom, para a primeira quinzena d'este mez é o seguinte:

Desde o dia 3 até ao dia 6 predominará na Peninsula a influencia das correntes aereas procedentes do Mediterraneo e da Argelia e ventos da região oriental, estendendo-se o zona das chuvas.

Do dia 7 ao dia 10 dominarão as correntes do Atlantico, alimentando os ventos da região occidental; haverá aguaceiros, principalmente em Portugal.

Uma depressão no Atlantico, vinda das ilhas Britannicas, affectará pouco a Peninsula, chegando a 2 ao mar do Norte o nucleo das baixas no Mediterraneo, e com maior força no dia 3, formando novos elementos procedentes de Africa, que, unidos, actuarão na Peninsula com ventos de NE e SE, acompanhado d'algumas chuvas no Mediterraneo e centro d'ella.

A 4 a depressão apoiar-se-ha na Argelia, com ventos e chuvas menos intensos.

A 6 nova depressão no Mediterraneo e Argelia, com influencia na Peninsula, igual ás precedentes.

A 7 chegará da Irlanda outra depressão pouco notavel, excepto na duplicidade de forças, o que impede o predomínio de qualquer d'ellas.

A 8 dirigir-se-ha para NE, sendo menos reflectida.

A 9 retrocederá o nucleo dos baixos ás ilhas Britannicas, com o centro a SO da Inglaterra e NO da França, com uma area extensa abraçando os Açores e o mar do Norte, actuando a NO e SE da Peninsula, com ventos do Oeste e do Norte e alguns choviscos no Oceano Cantabrico.

A 10 sentir-se-ha a influencia da depressão no centro proximo, estendendo-se a SO da Madeira, havendo choviscos accentuados pelos ventos de SO e NO.

A 11 o centro da depressão encontrar-se-ha a leste da França, sendo sentida a influencia dos ventos do 1.º quadrante e dos restantes com pequenas alterações de desequilibrio produzindo a NE e E, da Europa; a zona das depressões do Atlantico reflectir-se-ha em 14 e 15 no mar Cantabrico, affectando a região septentrional da Hespanha,

Umás ferias em Madrid

(IMPRESSÕES)

VII

Fomos obrigados a interromper a publicação d'estes despreziosos artigos por varios motivos, que nos abtemos agora de expender. Esperamos que os nossos amáveis leitores nos relevem a demora, e que mais uma vez tenham a sufficiente paciencia para arcar com a massada, que talvez, lhes vamos infligir, caso se dêem ao incommodo de ler aquillo que vae seguir-se.

Depois de feitas umas breves considerações no artigo antecedente, que escrevemos subordinado a esta mesma epigrapha, julgando-as indispensaveis para entrarmos na descripção do notavel Museu de Pintura, passamos, sem maiores delongas, a descrever, ainda que palidamente, o que naquello soberbo e magestoso templo da Arte vimos, e admirámos, satisfazendo assim um desejo vehemente, que ha muito tempo abrigavamos em o nosso espirito amante das Bellas-Artes, e tambem a curiosidade natural dos que nos lerem, fartos já, sem duvida, de considerações previas e palavriado desnecessario talvez.

Não é facil dar uma idéa sequer aproximada da funda e viva impressão que sentimos, do pasmo intraduzivel de que nos deixamos possuir, em quanto percorremos os extensos e espaçosos salões do Museu de Pintura, e nos demoramos em frente dos bellos e inspirados quadros, para os quaes nos chamavam constantemente a attenção, apontando-nos as bellezas que encerravam, e fielmente traduziam em traços firmes e seguros, que os grandes mestres alli deixaram como para no futuro immortalisarem o seu nome glorioso, a sua alma creadora e genial!

Esses bellezas talvez nós, leigos em pintura, as deixassemos inconscientemente escapar, se não tivéssemos ao nosso lado uns estudantes da Escola de Pintura, que foram incançaveis em nos acompanhar na visita de seis horas, que fizemos ao museu.

Andavamos inteiramente absortos d'um lado para o outro, com os olhos muito abertos; aqui paravamos demorando a vista nalgum painel extraordinario de Murillo ou de Rubens; além retrocediamos como para mais uma vez fixarmos a attenção sobre uma paisagem ou uma phantasia caracteristica de Ribera ou Van-Dick.

Os divertimentos esqueceram-nos completamente; apenas nos preocupavamos com que estavamos vendo; parecia que um denso véu escondera a vida risonha e alegre da capital hespanhola, da qual pelas janellas abertas vinha até nós, um confuso e longinquo ruido, uns murmúrios suaves e tentadores...

Se bem que a nossa memoria seja bastante fiel, não podemos comtudo reter o que desejaríamos, para o deixar aqui, nestas mal ordenadas phrases lembrado, para vós outros, que ainda não tivestes a suprema dita de visitar o Museu de Pintura, podésseis avaliar a grandeza e o deslumbramento que todos, sem excepção, experimentam logo que alli dêem entrada.

O Museu de Pintura, que estavamos ansiosos de visitar, não desmentiu em nada a opinião que levavamos de Portugal, creada pela fórma elogiosa como sempre ouviamos fallar d'elle, e mesmo, pelo que haviamos lido nessas guias baratas, que o acaso por frequentes vezes nos collocou deante dos olhos, e curiosos, nos entretivemos folheando.

E' sem duvida, no seu genero, um dos melhores museus do mundo, tanto pelo grandioso edificio onde se acha installado, como, e muito principalmente, pelos surprehendedentes originaes que encerra, verdadeiras preciosidades artisticas, d'um valor inextimavel, d'um brilho ofuscador.

A todos os estrangeiros que visitem Madrid, recommendamos que dirijam os seus primeiros passos para o Museu de Pintura, não só para recrear a vista, mas tambem para deleitar a alma. Faz bem o ar que alli se respira.

Encontra-se alli reunida a obra que tantos genios e privilegiados talentos accumularam durante seculos, para inspirarem os seus successores, e impulsioarem os continuadores d'aquella monumental e immorredora Arte.

Seria um verdadeiro crime de lesa-arte, indisciplinavel, ainda para aquelles que pretendam apenas recrear-se, retirarem-se de Madrid, sem verem o Museu de Pintura.

Todos, todos lá devem ir em piedosa romaria educar e adquirir o gosto pelas Bellas-Artes, prestar culto ás grandiosas manifestações do trabalho e da imaginação da humanidade!

Situado nas praças de Murillo e Philippe IV, tem tres vistosas fachadas, representando os Reinos da Natureza.

O edificio, como atraz dissémos, é magestoso; os vastos salões em que se reparte estão decorados appropriadamente, produzindo uma impressão impolgante em todo aquelle para quem a Arte não seja uma banalidade, ou um dandismo.

As riquíssimas telas, em uma successão interminavel, vêm-se ao longo das paredes e suspensas em cavalletes.

Descobrem-se originaes dos mais celebres pintores tanto nacionaes como extrangeiros, predominando, é certo, os nacionaes, dos quaes hoje, infelizmente, pouquissimos vivem já.

Apezar de nos demorarmos seis horas no museu, não podemos fixar detidamente, como desejavamos a nossa attenção a não ser em um ou outro quadro, que os nossos amáveis hespanhoes, collegas no estudo, nos apontavam como sendo os melhores, se selecção era possível entre cousas tão boas.

Os tunos, que me acompanhavam, entre os quaes estavam alguns amadores de pintura, disseram-me á sahida: olha, sabes, não torno a pegar em pinceis; nem ao menos chegaria a aprender de qualquer d'elles...

Natural desfallecimento o seu; mas estamos a vê-los mais tarde, em Lisboa, depois de socegado o espirito, a mudarem de opinião, e a resolverem aprofieçoar-se, trabalhando com mais afinco e vontade.

Porque lá diz o latim: Labor omnia vicat.

Concluiremos a descripção do museu no proximo numero.

(Continua).

GABIRU.

Navegação aerea

O sr. Mendonça Cortez em carta aos jornaes de Lisboa informa ácerca dos seus trabalhos e estudos sobre a navegação aerea, declarando:

«O abaixo assignado declara, para que conste, que desde 1858, que construiu o seu primeiro aerodynamo, se tem dedicado, quanto lh'o permittiam as suas occupações, ao estudo do problema da navegação aerea, e que, depois de uma infinidade de experiencias e de trabalhos, conseguiu, em agosto de 1891, resolver definitivamente aquelle problema alterando a forma do *aero dynamo* a disposição dos seus appparelhos de populsão e, sobretudo, achando um novo motor, em que cada cavallo vapor de força, corresponde a dois kilos de peso, incluindo *aprovisionamento* para uma hora de trabalho util.

Não torna desde já publica a sua invenção porque só o quer fazer quando estiver em circumstancias economicas de realizar a demonstração publica e indiscutivel de que aquella invenção é pratica e industrial Nisso trabalha.

Lisboa, 23 de fevereiro de 1896.

J. J. de Mendonça Cortez.»

Bombeiros Voluntarios de Coimbra

Sr. redactor do Defensor do Povo. — Peço a v. a fineza da publicação, no proximo numero, da carta junta que hoje regettei á redacção da Gazeta da Figueira, agradecendo mais este favor, do seu assignante

José Simões Paes.

Sr. redactor da Gazeta da Figueira. — Devido ao favor d'um amigo, acabo de ver, na sua Gazeta de 26 do corrente, publicada uma carta d'esta cidade, com data de 25, em que alludindo-se ao desastre occorrido no dia 24 do corrente, na ladeira de S. Jorge, proxima á Conraria, distante quatro kilometros d'esta cidade, e do qual ficou com uma perna fracturada o cocheiro Manuel Ferreira Camões, se diz: «sendo o doente conduzido mais tarde ao hospital, onde ficou em tratamento, na maca dos Bombeiros Voluntarios. Supponho que os bombeiros que a conduziram receberam cada um a gratificação de 500 réis.»

Como sob a palavra *supponho* se vae dando publicidade a uma noticia menos verdadeira, que bem pôde ser tomada como ignorancia ou má fé, peço licença a v. para observar, em abono da verdade, que os bombeiros da minha corporação nenhuma gratificação receberam d'este serviço, visto que todos são prestados gratuitamente e da melhor vontade e rapidez; sei comtudo que a gratificação, a que se allude, foi dada a particulares que ajudaram a conduzir a maca, entrando nesse numero, Alfredo Tavares que é bombeiro municipal, mas que na occasião estava á pazana e sem distinctivo algum.

Pela publicação d'estas linhas, no proximo numero, se confessa reconhecido

Coimbra — 25 — 2 — 96.

O Commandante dos Voluntarios,

José Simões Paes.

Theatro Principe Real

No domingo representou-se a opera comica em 3 actos — *Os Guerrilheiros*.

E' traducção do hespanhol e a musica do maestro Gamateos, provando que é um artista de muito valor e distincção.

A peça está bem architectada, não desmente a nacionalidade; tem scenas engraçadissimas, muito comicas, demais quando o Santitos nos dá personagens como o Rufo — limpo de esgares — tão perfeito como se vissemos o real.

Não ha senões a pôr; o desempenho da parte dos principaes artistas foi correctissimo: Santos Mello deu-nos um Alcaide rispido e despota, como uma pessoa que nós conhecemos. A' sua voz tudo se calava e obedecia. Teve repetidos applausos.

Luíz e Gerondio, dois estudantes ladinos, fizeram um olho azul ao Alcaide, improvisando um destacamento militar, para lhe roubar a Maria. Sahu-lhe cara a brincadeira, pois os soldados — que eram tunos — foram descobertos pelo Alcaide, que de surpresa, reuniu uns camponios e lhe rufaram nas costas com bons varapaus.

Medina de Sousa, por vezes, foi actriz; e o seu papel de Maria teve um desempenho que agradou. Os outros personagens não desmereceram. Como se diz — *afinaram*.

No canto, foi ella quem se distinguia com mais brilhantismo; nunca assistimos a tão prolongada e estridulante salva de palmas quando terminou a romanza de Maria, no 1.º acto, e depois no duo, com Luíz. E ouvi-la então no grande concertante, onde a sua voz se distinguia tão distinctamente, como se fosse sóinha a cantar! E com a mesma execução e arte disse o tercetto com Luíz e Alcaide, do 2.º acto, e a aria, primorosamente, do 3.º. Teve muitos applausos e repetidas chamadas.

No duo de Maria e Luíz, o sr. Virgilio cantou bem e apesar da sua fraca voz, sabe-a modelar e diz com methodo. Não é um leigo.

Os côros de execução irreprehensivel. O ensemble e copias de Rufo, Gerondio e côro do Rataplan, e os concertantes finaes, superiores.

Muitos applausos e a grande maioria do publico fez a Medina de Sousa uma entusiastica ovação, com pesar de alguém que tinha, por sua conta, uma pequena *claque* que pateava a distincta cantora! Ha *pequinhos* para tudo, até para pedirem *reclames*...

Na segunda feira, a annunciada *Aventura regia*, operetta original do sr. Francisco Antonio de Mattos e musica do maestro Del Negro. Dois artistas, braço dado, e ambos se comprehenderam.

A peça está bem disposta, personagens caracteristicos da côrte do rei de Provença, e magnificas scenas entre o rei e Felisberto, porque Olivier, o pagem, rapta a camponeza que os dois pretendiam e sobre isto dão-se episodios d'um comico e d'um ridiculo, que fazia rir a bom rir. Depois apparece Djerid, á procura de sua filha, em palacio; entra numa sala ás escuras, e dá-se então um *qui pro quo* engraçadissimo. Felisberto, suppondo que tinha Margarida no quarto, agarra-se ao velho notario, julgando-o a camponeza. E' uma scena de gargalhada, e em duetto comico, o Santitos e Santos Mello, cantam uma caracteristica composição, que foi bisada, pelo picaresco da musica.

E assim desliza a peça, e o auctor vae encadeando uma serie de peripecias, que fazem rir os carrancudos.

A musica é composta por mão de mestre. Del Negro se não tivesse feita a sua reputação de maestro distincto, tinha na deliciosa musica da operetta — *Uma aventura regia* — a sua palma de artista.

Todos os variados numeros d'esta linda composição nos deixaram, e a todos, uma impressão agradabilissima, pela contextura da partitura, pela harmonia da orchestra tão unisona na execução.

Na lenda dos Salgueiraes e côro do grande final do 2.º acto, cantada ao longe; na arieta do 3.º acto, em todos os numeros, Medina de Sousa se sobrelevou. Foi superiorissima no canto, a poder supplantar os que quizessem offuscar-lhe o seu brilho.

O confronto, de face a face, no duettino de Margarida e Olivier, do 2.º acto, deixou bem frizar a supremacia de Medina, e melhor ainda no preludio e canção do 3.º, com as mesmas figuras.

Mercedes deixou desazados os seus admiradores, cantou como ha tempos, no mesmo theatro, as *malagueñas*, distinguindo-se apenas no preludio e couplets do 1.º acto; no resto sempre a affectação, e para agradar ao publico a *piada brejeira*, que já lhe valeu, no fado, o protesto do tacão.

A sua voz nega-se ás notas graves; das agudas não podemos dizer que tem *rouxinões*.

na garganta, quando tem galinholas, que lhe saíram, bem vivas, no final da serenata.

Opina um poetaastro:

Já não é chão que dá vinho...
voçes todos hom o vèdes
é artista no Fadinho,
e uma sombra de Mercedes.

Para terminar, diremos que em todas as operetas o guarda-roupa era primoroso, e o actor Pires esmerou-se no *mise en scene* de maneira muito distincta.

O publico premiou a todos e os applausos e bravos não faltaram.

Hontem, repetiu-se com bom exito, a opera-comica — *Os Guerrilheiros*. Agradou pelo correcto desempenho dos artistas. Ainda que faça d'êr os amanteticos do *astro scintillante*, Medina, teve hontem uma ovação estrondosa, que a devia deixar bem commovida, pela imponencia da manifestação.

Cochicha-nos o mesmo:

Quasi todos deram palmas,
o facto aqui escarrapacho:
sômente uns almas damnadas
bateram com as mãos — de baixo.

«Jornal de Viagens»

Sob a direcção do sr. Emygdio d'Oliveira, que pela segunda vez se encontra á frente de um jornal d'esta natureza, vaé começar a sair no Porto, desde o dia 15 do corrente uma publicação áquelle titulo subordinado.

Narrativas de viagens; referencias historicas; descrições das maravilhas da natureza; estudos de costumes dos diversos povos; confrontação de ritos; parallelas de instituições politicas; assumptos coloniaes; tudo alli será tratado por escriptores já conhecidos no mundo das letras.

Uma publicação d'esta natureza não pôde deixar de despertar interesse, sobretudo agora que os assumptos africanos constituem a questão do dia entre portuguezes, cuja gloria historica renasce, erguida nos braços do audacioso capitão Mousinho d'Albuquerque.

Nós agouramos á nova publicação um brilhante futuro, pois que, julgando-a, no nosso meio, d'uma flagrante necessidade, o seu exito não padece duvida.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso amigo Deolindo da Costa, rua das Taipas, 29, Porto, ou ao sr. Costa Carregal, proprietario da Typographia Occidental, na rua da Fabrica, d'aquella mesma cidade.

Esperamos o apparecimento do *Jornal de Viagens* para mais ampla referencia.

Assumptos de interesse local

Victimas da hydrophobia

Nunca se atravessou nesta cidade e freguezias, um periodo tão perigoso, em que cada cidadão soffre o risco de ser hydrophobizado, e de succumbir a essa horrivel molestia, porisso que o Instituto bacteriologico de Lisboa está provando a sua inefficacia, devido, sem duvida, á incompetencia dos operadores.

E com justificada razão o affirmamos, pois que as pessoas nossas conhecidas, d'esta cidade e d'outras localidades, que foram a Paris, ao Instituto Pasteur, ha mais de 10 annos, ainda não tiveram manifestação alguma hydrophoba, nem houve a mortalidade

60 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS VINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XI

Apontamentos curiosos

O vento principiava a sibilar mais rijo; o mar agitava-se produzindo pequenas oscillações, que se quebravam de encontro ao navio, que adornava ao menor movimento.

As aguas iam crescendo... crescendo, augmentando a cada momento.

Os dois naufragos dos espectros, ouviam com terror o fragor das ondas, que parecendo ao principio grandes rolos, impellidos pela superficie das aguas, foram augmentando de intensidade, de volume e de força... E elles mudos, cruciados pelo desespero, seguiram esta scena de horror, sem poderem pronunciar em palavra! Frei Rozendo já não blasphemava! Tal é o respeito que a justiça de Deus inspira...

que está hoje dizimando os infelizes tratados em Lisboa.

Ha muitos casos que comprovam a inutilidade d'este posto anti-rabico, que está cercceando o orçamento sem vantagens nem resultados para os atacados do virus mortifero.

Um filho de 8 annos, de Antonio Gomes, do logar do Cabouco, freguezia de Ceira, succumbiu, accommettido de hydrophobia, apesar de receber tratamento no Instituto, poucos dias antes.

Maria José Pecegueira de Pereira, de 26 annos fôra ferida por um cão raivoso, no rosto, seguindo nesse mesmo dia para Lisboa a receber curativo. Ha doze dias que morrera atacada do virus rabico.

Neste paiz tudo corre á matroca. E o governo nem ainda indagou a causa da inefficacia da vaccina rabica.

Sejamos francos. D'estas muitas desgraças cabem bastantes responsabilidades ás autoridades administrativas, policiaes e municipaes. Estas, porque não fazem cumprir o estatuido nas posturas do imposto sobre os cães, já no que diz respeito ao uso do açamo, já na disposição que obriga os donos dos cães de fóra do concelho a traze-los presos; e aquellas porque não obrigam os seus subordinados a cumprirem os seus deveres.

Temos sempre tratado este assumpto, com insistencia, por ser elle de grande importancia para a conservação da vida dos habitantes de uma cidade, que não encontra na policia, nem no sr. commissario, um serviço permanente, na extincção dos cães, nem uma exigencia constante aos seus donos, para que os conduzam sempre com açamo; não o açamo de *ceremonia*, só correias; mas o açamo de rede que o iniba de morder.

Estas duas necessidades urgentissimas, só lembram e se executam quando succedem uma e mais desgraças, depois tudo passa, até que chegam novos desastres... e assim successivamente.

Lembra o caso — *Resar-se a Santa Barbara, quando fazem trovões.*

«Anuario da Universidade»

Vae ser distribuida esta semana a curiossissima publicação que a imprensa da Universidade edita, para distribuir pelo corpo docente e empregados da Universidade, repartições publicas, e pelas redacções dos jornaes de Coimbra.

Não poude o *Anuario* ser distribuido no passado mez de dezembro, como costumam, pelo engano que se deu, seguindo os paquetes, que conduziam o material typographico de Hamburgo, e o papel de Milão, para o Rio de Janeiro, d'onde depois de se dar pelo erro, foram reenviados ao seu destino.

E' pois de esperar que a edição para este anno lectivo de 1895-96 seja luxuosa.

Contenda

A sr.ª baroneza de Paranhos, proprietaria do edificio annexo á igreja da Estrella, que foi destruido por um grande incendio, julgando-se ser a possuidora, oppôz embargos á concessão da posse que o governo fizera á junta de parochia da Sé Velha, d'aquella igreja da invocação de Santo Antonio da Estrella, e suas dependencias e alfaias.

Corre o processo nos cartorios d'esta comarca.

Seriam duas horas da madrugada, D. Francisco estava assentado sobre um montão de cabos com a cabeça apoiada nas mãos parecia uma estatua. Frei Rozendo não estava menos absorto, tinha mais pratica do mar, conhecia melhor o perigo.

Quem analysasse aquelles dois homens, julga-los-ia espectros! Em menos de vinte e quatro horas o terror da morte tinha-lhes cavado as faces, reduzido as feições a uma heidiondez repellente.

A's cinco horas da manhã principiou o sol a raiar, atmospheria estava clara.

Frei Rozendo ainda quiz tentar o ultimo esforço para se salvar, assim que amanheceu disse para D. Francisco:

— O navio abate, o porão está um lago, a nossa salvação depende de deitarmos ao mar, quanto antes, o escaler. Vamos tentar fortuna!

D. Francisco levantou-se; ambos se deitaram ao trabalho com a energia do desespero. Os cabos que prendiam o escaler foram cortados, a pequena embarcação balouçou sobre as ondas.

Mas quando porém lhe lançaram um sacco com alguns mantimentos, sentiram um estrondo pavoroso, terrivel, como nunca tinham ouvido! O navio adornou, principiou a abater!

Abatia visivelmente! A mais! Cada vez mais se sumia nas aguas... Abatia uma pollegada por minuto! A morte lenta, cruel, desa-

Usurpação de terreno

Sob este titulo nos referimos á escandalosa usurpação, que a camara transacta havia auctorizado — *a capucha* — a um tal Manuel Lopes Diniz, da Povoá de S. Martinho, muito das graças do grande Manuel Miranda e do sr. Fonseca Barata, que dizem acolytôu e disse o — *Amen*.

Esta meada havemos nós de desembrilhar, a seu tempo, pois que ha mais vereadores comprometidos na maróscia, o que fez queimar foguetes ao Manuel Lopes.

Havemos tambem deitar uma girandola!

Consta-nos que a camara municipal, que reúne hoje, deve estar de posse d'um requerimento de José Fernandes, da Povoá de S. Martinho, pedindo o alinhamento da estrada municipal e a reparação d'um comoro e terreno que lhe foi usurpado por Manuel Lopes Diniz, da Povoá, com auxilio e protecção do vereador Miranda, que consentiu que o amigo galhote, para construir um poço na sua propriedade, cortasse a estrada e destruísse o comoro, apossando-se d'outro terreno, na propriedade de José Fernandes, o queixoso, ficando a estrada com a mesma largura, á custa d'este pobre homem.

Confiamos na justiça e rectidão com que a camara vae proceder e esperamos que o Manuel Lopes seja obrigado, judicialmente, a indemnisar o municipio do terreno que lhe usurpou e a pagar perdas e damnos a José Fernandes, da destruição do comoro e outros prejuizos: como atrancar arvores de fructo, videiras, servindo-lhe ainda a terra para a sua propriedade. Ha dezenas de testemunhas.

A justiça que proceda contra um criminoso que, sem temor, assaltou uma propriedade, confiada na protecção do *Moleiro*.

Operação cirurgica

Na clinica cirurgica de mulheres, o professor, sr. dr. Daniel de Mattos, auxiliado por alguns alumnos 4.º anno, fez a extirpação dos ganglios da axilla direita a uma doente, em consequencia da recidida d'um carcinoma da glandula mamaria.

Palavras deshonestas

Somos informados que uns vendedores ambulantes andam por essas ruas a offerecerem cintas, que querem fazer passar por hespanholas e quando alguém as recusa, por as conhecer nacionaes, insultam essas pessoas com palavras as mais obscenas.

Chamamos a attenção do sr. commissario, que por certo dará as suas ordens.

Hospitales da Universidade

Movimento geral de doentes de ambos os sexos no mez de fevereiro findo:

Existiam em 31 de janeiro	330	
Entraram.....	167	497
Sahiram.....	133	
Falleceram.....	24	157

Ficaram existindo..... 340

O movimento do Banco foi de 1:059 consultantes.

piedade approximava-se medonha! Subia com as aguas... o perigo crescia, a esperanza de salvação para aquelles dois homens, era um problema duvidoso, quasi negativo senão impossivel... Olharam um para o outro, tinham envelhecido em poucas horas!...

Estavam sobre a abysmo! Sentia-se como o estrondo de uma medonha catadupa, acompanhada de grandes estalos da madeira, que se quebrava e desconjunctava.

Frei Rozendo e D. Francisco ficaram fulminados, lividos como o espectro da morte! Disseram em delirio febril:

— E' o mar que entra! O navio abysma-se... A morte... E' a morte! Oh! como ella é feia...

Neste momento, porém, cobraram animo, agarraram-se ao cabo em que estava preso o escaler, saltaram para elle; forçaram os remos, na occasião que a corveta dava uma grande volta e se desconjunctava pelo cavername!

Estavam salvos! quando olharam viram apenas fóra da agua as pontas dos masteirões da bella corveta franceza, que tantos combates heroicos sustentou.

Os dois naufragos principiaram a remar; mas faltando-lhe os instrumentos nauticos, seguiram ao acaso, até que a morte os visstasse, se algum navio os não soccorresse.

Tinham decorrido oito dias sem novidade, ao nono porém o mar principiou a reventar

Theatro Affonso Taveira

Já noticiámos que voltava á scena neste theatro a apparatusa oratoria de Braz Martins — *O Santo Antonio*, representado pelo *Grupo dramatico* — *Adelino Veiga*, coadjuvado por outros elementos, que completam o numerooso pessoal que figura nesta peça.

Os ensaios já vão muito adiantados e a primeira recita é no dia 7 do corrente mez de março.

E' de crer que a reaparição da oratoria reuna áquelle theatro grande concorrência de espectadores, pois que a peça está posta em scena com muito apparato, tanto no que diz a scenario, como em guarda roupa, *mis-en-scene* e corpo coral.

O desempenho deverá ser correcto por parte dos artistas amadores. A orchestra é dirigida pelo sr. Bernardo d'Assumpção, que já se distinguiu na primeira epocha, dandonos uma magnifica orchestra.

Que o publico *devoto* e *profano* não falte, ganhará as indulgencias do milagroso santo e obterá o reino da gloria — comprando os bilhetes para a representação do dia 7 de março.

Os bilhetes de camarote, cadeira e superior, podem desde já marcar-se nos estabelecimentos dos srs. Adelino Ferrão, rua da Calçada e Antonio José Lopes Guimarães, rua do Visconde da Luz.

A GRANEL

No dia 6 de março partirão de Lisboa as praças do exercito que se inscreveram para servirem no corpo policial do Moçambique.

As notas em circulação, em 19 do corrente, eram na importancia de 33:121 contos menos 433 do que na semana anterior; a conta com o thesouro publico diminuiu 340 contos, ficando em 14:005.

Ainda já por cerca de 500 viticultores e negociantes portuguezes que tem enviado os seus productos para Lisboa, com destino á exposição de Joannesburg.

Está marcada para 15 do corrente a saída do transporte *India* com os productos nacionaes que devem figurar na referida exposição.

Nas diversas faculdades de Paris estão matriculadas este anno 236 alumnas. Na faculdade de medicina ha 167, na sua maior parte russas. Na faculdade de letras 61 e nas restantes 8.

DR. JOSÉ FALCÃO

A COMMUNA DE PARIZ

O GOVERNO DE VERSAILLES

Preço... 200 réis

A QUESTÃO DO ZAIRE

Preço... 600 réis

Pedidos dos ultimos exemplares d'estas duas obras, que recommendamos aos que a desconhecem, a esta redacção.

Pelo correio acresce o porte.

e a crescer com violencia; as ondas que levantava eram medonhas. O vento soprava rijo, as nuvens rasgavam-se e vomitavam um diluvio de raios, acompanhados de grandes detonações.

Frei Rozendo e D. Francisco achavam-se exhaustos de forças; os mantimentos estavam consumidos, a fome e a sede já os opprimia.

A fome era medonha, mas a sede era terrivel. Tinham os beiços gratados, as frentes queimadas pelo sol! Uma febre interior os minava, os consumia lentamente.

D. Francisco sentia grandes picadas por toda a epiderme. Um fogo interno o abraçava; o corpo cobriu-se-lhe de ulceras, por onde saíam vermes! Era ainda a justiça de Deus a castigar os criminosos, com uma morte lenta e medonha. Era a voragem da ultima agonía desapiedada, sem esperanza...

A tempestada proseguiu violenta por quatro dias consecutivos, sem que do céu cainse uma pinga de agua! E como D. Francisco era de construcção mais fraca do que frei Rozendo, adoeceu mortalmente.

Estendido ao longo do escaler, deu em breve poucos signaes de vida! ao seu lado estava frei Rozendo, pallido e cadaverico, mas naquella frente não transparecia o arrendimento. Estava impassivel como o criminoso convicto, que desconhece o remorso.

(Continua)

RECLAMES E ANNUNCIOS

NOVO DEPOSITO DAS MACHINAS DE COSTURA



SINGER

ESTABELECIMENTO

DE

FAZENDAS BRANCAS

DE

MANUEL CARVALHO

29 — Largo do Principe D. Carlos — 31

Encontra o publico o que ha de melhor em fazendas brancas e um completo sortido das recentes novidades para a estação de verão e que esta casa vende por preços baratissimos.

As verdadeiras machinas de costura para costureiras, alfaiates e sapateiros, vendem-se no novo deposito em condições, sem duvida, mais vantajosas do que em qualquer outra casa de Coimbra, Porto, ou Lisboa, apresentando sempre ao comprador um sortido de todos os modelos que a mesma Companhia fabrica.

Vendas a prestações de 500 réis semannas. A dinheiro, com grandes descontos.

ENSINO GRATIS, no deposito ou em casa do comprador.

Na mesma casa executa-se com a maxima perfeição qualquer concerto em machinas de costura, seja qual for o auctor, tendo para isso officina montada.

Ao comprador de cada machina será offerecido, como brinde, um objecto de valor. Dão-se catalogos illustrados, gratis.

Vende-se oleo, agulhas, carros d'algodão, torças e peças soltas para todas as machinas.

29 — Largo do Principe D. Carlos — 31

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

2 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 • RUA DE FERREIRA BORGES • 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferroAgate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crês, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais aparelhos concernentes.

Pastilhas electro-chimicas, a 50 réis } indispensaveis em todas as casas
Brilhante Belge, a 100 réis. }

LAMPREIAS

Vendem-se guisadas e de esca-beche, por preços commodos. Hotel Comercio — Coimbra.

VINHO SEM COMPETENCIA

EM PREÇO E QUALIDADE

44 Vinho da Beira novidade de 1894 a 90 réis o litro

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrado — garrafa 100 réis o litro.

Quem comprar de 20 litros para cima tem 10 o/o de abatimento.

Taberna á Sê Velha junto ao arco da rua da Ilha.

Exames de admissão ao Lyceu

Sendo no corrente anno de 1896 a epocha d'estes exames (como os jornaes annunciaram) depois dos secundarios, isto é, em Julho ou Agosto, o director do collegio — *Corpo de Deus* — promptifica-se a leccionar para os ditos exames.

Os alumnos a quem seus professores tenham dissuadido, são admittidos mediante a modica quantia de 1\$000 réis mensaes, pagos adiantadamente.

Os chefes de familia que se quizerem aproveitar podem quanto antes matricular seus filhos, cuja matricula não passará além do dia 15 do corrente mez.

O director do collegio

Fabricio Augusto M. Pimentel.

VENDA DE CASAS

Vendem-se umas, na rua dos Militares, n.º 11 a 13, com loja e tres andares. E' livre de onus.

Quem a pretender pôde procurar na mesma casa, onde se fará o contracto.

ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS MUTUOS MONTE PIO CONIMBRICENSE MARTINS DE CARVALHO

AVISO

Por ordem do ex.º sr. presidente, é convocada a assembléa geral do Montepio Conimbricense Martins de Carvalho a reunir na sala das suas sessões, no dia 8 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã.

ORDEM DOS TRABALHOS

Discussão do projecto de reforma dos Estatutos.

N. B. As sessões continuam todos os dias seguidos, ás 7 e me a horas da noite, até concluir a discussão.

Coimbra, 1 de março de 1896.

O Secretario,

Antonio d'Oliveira e Sá.

PRATICANTE

Precisa-se de um com 4 annos, pelo menos, de boa pratica e que dê boas informações, para pharmacia em Coimbra. Dão-se esclarecimentos na drogaria Villaça, rua de Ferreira Borges, 146.

MARÇANO

Com pratica, proximo a ordenado.

Admitte João Vieira Lima.

COIMBRA

1:500\$000

A Associação de soccorros mutuos dos Artistas de Coimbra, tem nos seus cofres esta quantia, que empresta a juro sobre hypotheca.

O secretario da direcção

Manuel Rodrigues d'Almeida

LIVROS DE MISSA

NEVES IRMÃOS

5 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encommendas a JOSÉ MARQUES LADEIRA
COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

CASA LEÃO D'OURO

117 — RUA FERREIRA BORGES — 123

COIMBRA

GRANDE ESTABELECIMENTO DE PANNOS E CASIMIRAS

COM

ATELIER DE FATO POR MEDIDA PARA HOMEM E CREAÇA

DIRIGIDO POR HABILIS CONTRA-MESTRES

A este bem conhecido estabelecimento acaba de chegar um

EXTRAORDINARIO E VARIADISSIMO

sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, e da mais alta novidade, para as estações d'outomno e d'inverno, a saber:

Grande e variadissima collecção de cortes de calça, de casimiras nacionaes e estrangeiras, a principiar a calça feita em 2\$500 réis.

Dita de flanelas e casimiras para fatos completos, a principiar o fato feito em 7\$500 réis.

Dita de casimiras e pannos pilotosou moscows para dragues e vestons, feitos por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Dita para paletots ou pardessus, feitos por medida, a principiar em 8\$000 réis.

Dita de casimiras e outras fazendas proprias para ulsters ou casacões com romeira, feitos por medida, a principiar em 8\$500 réis.

Dita para makferlances, double-capas ou capas talmas, feitas por medida, a principiar em 7\$000 réis.

Explendidos cortes para calças e fatos completos, de casimiras e cheviotes inglezes, o que ha de melhor e mais distincto neste genero.

Magnificos diagonaes e piquês pretos, estrangeiros, o que ha de mais CHIC para smokings, sobrecasacas e casacas.

Contra o rheumatismo e rigoroso frio. — Excellentes montagnaes nacionaes e estrangeiros, de 1\$800 a 8\$000 réis o metro, o que ha de mais superior neste genero e de melhor para jaquetões e sobretudos de agasalho.

Grande variedade de pannos, flanelas e outras fazendas de novidade para capas e casacos de senhora, hem assim para fatos de creança, a principiar em 750 réis o metro.

Cheviotes nacionaes para calças ou fatos completos, de 700 réis o metro.

Cuarda-chuvas ou guarda-soes de paninho, alpaca, setim e de seda nacional, com armação elastica e aautomatica, de 450 a 4\$500 réis.

PARA LIQUIDAR COM GRANDE ABATIMENTO

Um saldo de diversas casimiras de côr que se vendem com o abatimento de 30, 40 e 50 por cento, ou por metade do seu valor!!

Bi-cycletes pneumaticas, de 10 a 15 kilos de peso, ultimos modelos para passeio e corrida com o abatimento de 35\$000 e 45\$000 réis!!

Uma machina para alfaiate-industrial oscillante de singer — que se vende por metade do seu preço.

Esta casa responsabilisa-se pelo bom acabamento de todas as confeccões executadas no seu atelier d'alfaiate, as quaes são confeccionadas pelos melhores e ultimo, figurinos ou ao gosto do freguez, e debaixo da direcção do contra-mestre.

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR — Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

	Com estampilha	Sem estampilha
Anno	2\$700	Anno 2\$400
Semestre	1\$350	Semestre 1\$200
Trimestre	680	Trimestre 600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impresso na Typographia Operaria — Coimbra

Defensor

do Povo

COIMBRA — Domingo, 8 de março de 1896

BERNARDINO PINHEIRO

Morreu.

Já não pertence ao numero dos vivos o benemerito Cidadão.

Apagou-se, como se fôra rutilante astro cadente, depois de fazer o seu rapido trajecto de luz nos horisontes da vida, o seu brilhantissimo espirito.

Emudeceu a sua palavra energica e persuasiva, deixando em nossos ouvidos e gravadas em nossas consciencias os sons cadenciosos, as harmonias suaves de uma doutrina, de uma persistente e redemptora evangelisação de liberdade e justiça, de fraternidade e patriotismo.

Não mais o veremos empenhado na lucta, prégando e commandando, como um dos intrepidos e prudentes chefes, a cruzada contra a realza, a guerra santa contra a monarchia, contra as suas funestas instituições e desastrosos governos.

Tudo com elle foi esconder-se nas sombras da eternidade.

Não.

Não se apagou, nem jámais se apagará na consciencia dos que lhe sobreviverem e da posteridade o rasto luminoso da sua intelligencia.

Os seus livros, os jornaes e a tradição o guardam, e recolhem como em um fóco inextinguivel.

Se os seus labios para sempre se calaram, e não mais nos será permittido ouvir o seu ensinamento, os seus conselhos salutaros, a sua eloquencia franca e singella, ardendo em fé, explosivo de verdades, vencendo e dominando com o poder invisivel de convicções inabalaveis, vibram ainda em nossos ouvidos, e hão de propagar-se por muitas gerações os acentos da sua palavra magnetica, os ecos da sua voz tribunicia.

Não mais o veremos batalhando heroicamente, denodadamente no campo da Democracia, pela Republica e em defeza da Republica; ficou-nos todavia o seu nobre exemplo e o modelo das suas acções para imitar, para seguir e continuar a sua obra, que foi grande, generosa; porque foi libertadora e justa.

Perdemos é verdade um dos sabios mestres, que nos esclarecia e doutrina, falta-nos um dos mais energicos e ao mesmo tempo prudentes directores; a sua memoria porém e o respeito que lhe é devido não nos deixarão esquecer, um só momento, os preceitos que nos legou, nem se perderá a direcção que por vezes imprimiu, e quiz dar ao partido republicano, que elle ajudou a formar e a constituir em Portugal.

Morreu Bernardino Pinheiro.

É mais um que falta na velha guarda dos republicanos portugueses, cujas fileiras vão rareando, cahindo os seus mais eminentes e prestigiosos vultos.

Foi reunir-se a outros tão dignos, tão honrados e tão prestimosos como elle; e, como o d'elles, ficará o seu nome registrado na Historia e as suas nobres acções glorificadas na lembrança dos que o conheceram, amaram, e applaudiram; e passarão santificados na tradição e nos monumentos á posteridade, que lhe gravará sobre a campa, e communicará aos vindouros o nome, e fará a apothose de um homem que, ao despedir-se do mundo e no momento solemne de lavar o seu testamento, declara ao Mundo:

«Morro na profunda crença da Republica, nessa fé politica que professei desde que tive o uso de razão.»

As proezas do sr. infante na India

Continuam na tela da discussão os negocios da India, que, segundo as ultimas noticias, cada vez mais se embrulham, e ameaçam dar em agua de bacalhau.

Nada aproveitámos com o dispêndio da expedição organisação pelo governo, e superiormente commandada pela turbulento sr. infante D. Afonso, que tem feito, como era de esperar, um fiasco em toda a linha.

Pelo que vae seguir-se poderão facilmente avaliar os nossos leitores a maneira desastrosa e imprevidente como têm sido dirigidas as operações militares, e a pandega, a grande reinação a que a viagem do sr. infante deu lugar e provocou, apesar de tudo permanecer no mesmo pé e uma grave revolta ameaçar as vidas e os bens dos nossos concidadãos de além-mar.

Têm sido oferecidos ininterruptamente a sua alteza banquetes monstros, esplendidos e deslumbrantes bailes, a que elle, sempre amavel, tem assistido; innumerous passatemplos lhe tem sido proporcionados, a ponto de trazerem em uma continua roda viva, aqui te apanho, acolá te agarro, não tendo mãos a medir, não sabendo para onde voltar-se; pois os convites fervem, constantemente, d'um lado e d'outro, para toda a casta de festas e diversões, organisadas em sua honra e da sua comitiva.

Os factos que vamos narrar são uma senda de vergonhas para juntar a tantas outras, que a monarchia e seus sequazes nos tem infligido, deixando-as, é claro, eternamente impunes; pois, a tomarem-se contas a alguém, a ella deveriam ser tomadas em primeiro lugar, porque tem sido o factor da desordem, e a principal culpada de tudo, que nestes ultimos annos nos tem humilhado e empobrecido.

Todos os castigos seriam poucos para considerar expiada a sua tremenda culpa e os seus desvarios.

Sentimos o que vae na India, porque, antes de mais nada, somos portugueses, amantes desinteressados do paiz, e, ao mesmo tempo, porque prevemos, em um futuro muito proximo, novas calamidades e complicações, mais graves e mais difficéis de resolver, levantarem-se, e toldarem de nuvens o céu purissimo da nossa patria!

A revolta que ha mezes embaraça o desenvolvimento do commercio e das industrias, a marcha regular e constante dos negocios pendentes na India, está longe de tocar o seu termo.

A colonia portugueza está ainda ausente das suas casas, temerosa dos insurgentes, e á mercê dos caprichos de meia duzia de mandões tolos, ignorantes e faltos de sympathias, a ver o mal agravar-se todos os dias, sem que lhe seja applicado um remedio eficaz ou cauterio na ferida aberta e que sangra.

No campo de batalha nunca alguém viu o sr. infante, como as circumstancias exigiam; não obstante, na metropole, os jornalistas do governo, e os jornaes do subsidio, affirmam o contrario; entretêm-se a phantasiar combates e encontros terriveis, perigos incalculaveis, etc., para enaltecerem os feitos do irmão do rei, a sua estrategia e sangue frio incomparavel!

Só elle era capaz de tanto! Só um illustre descendente de D. João VI poderia praticar tão gloriosos feitos, dignos de um moderno Cervantes!

É claro, a parte ajuizada da população indiana, commenta com palavras da mais sentida indignação, tanta loucura, tão grande descaro.

Não se comprehende tanto desleixo, tanta imprevidencia por parte das auctoridades, e sobretudo regosijo, quando na India as populações estão sobresaltadas pela revolta ainda não sufocada, e receiosos pela crescente audacia dos rebeldes.

Para tão pouco, não valia a pena desprezar tanto dinheiro com a expedição, sacrificar os officiaes e soldados que foram incorporados nella, cumprindo um dever sagrado, e deixando cá as familias ao desamparo e na triste solidão da ausencia.

Em vez de combaterem como era seu desejo, têm andado em bolandas com o sr. infante D. Afonso, que só pensa em divertir-se, e não tem capacidade sob qualquer ponto de vista para arcar com as tremendas responsabilidades, que pomposamente lhe lançaram sobre os hombros, e elle vaidoso e inconsciente, aceitou.

Em bailes, em jantares, almoços e patuscadas não se planeiam victorias, nem se organisam soccorros para acudir ao perigo, que se pretende e urge debelar.

Olhem para a Hespanha...

Tantos jantares lhe tem sido oferecidos que deve trazer para Portugal o estomago estragado, e o ventre deformado; este não segue os processos de S. Benedicto...

Diz a carta de Pangim para as *Novidades*, que têm sido tantos os obsequios que o sr. D. Afonso tem recebido do povo?! d'além-mar, que está cansado, aponto de recusar um convite para um banquete feito pelos habitantes de Bardez, na impossibilidade absoluta de a elle assistir.

Concorreu a um baile nos *paços municipaes* de Bardez, onde, o seu porte distincto, e a sua *lucida intelligencia* fizeram furor!...

Quem tal havia de dizer!...

Os fogos e os vivas, as musicas e os brincos nativos têm sido tão animados e atoadores, que, diz o mesmo correspondente, não podem descrever-se!

Como vêm o sr. infante tem sido tratado como menino em mãos de brucha, como um Santo Antoninho onde te porei.

Até lhe chamam já, no estylo peculiar ás terras do Oriente: «o astro-rei que veio anniquillar os phantasmas e os monstros da noite!»

Lá que elle anniquile os phantasmas e os monstros da noite, acreditamos; mas os rebeldes... isso agora!...

E... oh suprema ventura! Eureka!

Nunca mais, diz ainda o mesmo correspondente, se ouviram queixas ou recriminações contra o governo, ou qualquer funcionario do Estado!

Se... «no ai um baliente que se quiera bater con otro baliente»

As incriveis violencias que se vêm relatadas nos jornaes indianos, não passam de refinadissimas mentiras, d'uma especulação torpe e repugnante!

Porque na India, tudo corre em mar de rosas e és mil maravilhas.

Os nossos mortos

Assistindo á derrocada d'um paiz já esphacelado, mercê d'uma monarchia fraca que o arrasta á ruina, quando precisamos de luctadores que conosco venham engrossar as fileiras dos que militam no partido do futuro, é que a morte se nos apresenta mais cruel, roubando-nos luctadores strenuos.

Falleceu em Lisboa o sr. dr. Bernardino Pinheiro, trabalhador incansavel e um devotado apostolo do ideal republicano.

O sr. dr. Bernardino Pinheiro era natural d'esta cidade, que se orgulha pelo ter como um dos seus dignos filhos, formando-se em direito em 1862, tendo feito um curso brilhantissimo.

O seu funeral que se realisou na sexta feira, foi um dos mais concorridos que tem havido em Lisboa.

Associamo-nos á dôr que compunge a familia do illustre extinto e d'aqui lhe enviamos a expressão sincera do nosso pesar.

Em Barcellos, falleceu após uma prolongada enfermidade o sr. Manuel Francisco de Sousa Vianna. Filho d'um dos bravos do Mindello, aprendeu com seu pae a amar a liberdade; e amava-a denodadamente.

Luctador incansavel, espirito forte, amava freneticamente a causa republicana de que elle era um devotado apostolo.

Devido á sua iniciativa, fundou-se — *A Idéa Nova*, vigoroso órgão democratico de Barcellos, e o *Club Democratico* da mesma villa.

Foi nessa aggremação que principiaram os seus trabalhos de propaganda republicana.

Possuidor d'um bello caracter, era estimado por todos que o conheciam, a quem elle prodigalisava milhares de beneficios.

Como politico era prestante e o partido republicano, deve-lhe serviços relevantes.

Ainda novo, o levou a morte, sem ver implantado o seu grande ideal.

Descança já na paz eterna da sepultura, a sua prosa stigmatizante não mais fustigará os despotas que se vangloriam com a morte dos apostolos da democracia.

Não importa ficamos ainda nós para continuarmos propagando o ideal que elle tanto amava.

Desfolhando sobre a sua campa um ramo de saudades, enviamos á familia enlutada a expressão do nosso grande pesar.

A viagem regia

O valente campeão da democracia, em Loanda — *Correio de Loanda*, a proposito da memoravel viagem d'el-rei ao estrangeiro, diz com justificada razão:

«A responsabilidade, portanto, d'essa desastrosa viagem, pertence ao governo que a aconselhou ou impôz. Redundou em mais um fiasco para a nossa diplomacia e mais um vexame para a nossa dignidade. Os seus resultados immediatos não podiam ser mais funestos.

Quas as vantagens que advieram para nós d'essa viagem impolitica e impopular?

Aplanaram-se algumas difficuldades, celebrou-se algum tratado importante ou lançaram-se as suas bases? Infelizmente nada d'isso succedeu.

Bem ao contrario, essa viagem foi causa d'um conflicto diplomatico com a Italia, ficando a corda a descoberto por falta de tino politico do governo e soffrendo o paiz o desdouro do se apresentarem desculpas á Italia depois d'uma nota insolente d'esse paiz.

E para cumulo de vergonha para nós, o rei D. Carlos accete a ordem da Jarreteira, esquecendo, em pouco mais de cinco annos, a affronta mais aviltante cuspiada á face d'um povo livre e honrado — *O ultimatum de 11 de janeiro de 1890!*

Depois a Allemanha arrebatou-nos Keonga e agora o sr. D. Carlos é nomeado *coronel honorario d'um regimento de infantaria prussiana!*

D'esta forma vae o governo cavando a largas enxadadas o sepulchro da monarchia, sacrificando o rei aos seus caprichos e desatinos e arrastando o paiz a um mar immenso de baixezas e ignominias!»

Verdades como punhos. O peor é que a Allemanha apesar de ter por coronel o sr. D. Carlos, vae-nos incommodando. Penteava-se para que a China lhe cedesse a ilha da Lapa. Parece que recuou nos seus desejos, pelas difficuldades que se levantaram.

Pelourinho

LXII

DOS QUE FURTAM COM UNHAS ALUGADAS

(CONCLUSÃO)

Olhae para a vara de um aguazil damnhinho, parecemos vaqueta de arcabuz, e ella é espingarda de dois canos; porque vae por esses campos de Jesus Cristo, a melhor marrã que encontra e o melhor carneiro, aponta nelles, e quando volta para casa, acha-os estirados na sua loja, sem gastar polvora, nem dar estoiros.

Tambem é canna de pescar fóra da agua: vae á Ribeira, lança o anzol, na melhor pescada, e no melhor congro, ou savel, e sem cedella que puxe, dá com elles no seu prato.

Tambem é besta de peloiro, que mata galinhas aos pares, e pombos ás duzias; perdizes nenhuma lhe escapa, se as acha nos açougues, porque no ar erra a pontaria. Tambem é cadela de fila e quando a açula a uma vitella, mas que seja a uma vacca berrando a leva aonde quer.

Tambem é covado e vara de medir e quanto mais comprida, tanto melhor: assim como é, entra em casa do mercador, e mede como quer panno e seda.

Tambem é gravato de colher fruta, e sem se abalar por hortas, nem pomares, colhe e recolhe canastros cheias.

E vêdes aqui, irmão leitor, a vara de condão com que nos embalavam antigamente, que fazia oiro de pedras, e pão de palhas, e da agua vinho; e esta ainda faz mais, porque faz e desfaz, quanto quer quem a alugou.

O mesmo e muito mais pudera aqui dizer das escrivatinhas alugadas; mas não quero nada com pennas mal aparadas, não acerte de lhes vir a pelo este nosso Tratado, que no-lo depenem, ou jarretem com alguma sentença grega, ou desalmada. Só direi, que são alguns, ou quasi todos, tão fracos officiaes, que é grande valentia seber-lhes lêr o que escrevem.

Eu sei um que o fizeram vir de Evora a esta côrte, para que lesse o que tinha escripto em um feito que não era pequeno, e não se achava em toda a Lisboa, quem em tal escriptura atinasse com boia, como se fora a de el-rei Balthasar.

E com estes gregotins alimpam as bolsas ás partes, e sujam quantas demandas ha no reino, escrevendo sexta por balhesta, e alhos por bugalhos; e já lh'o eu pedoára, senão succedera muitas vezes tirarem dos feitos as sentenças por tal estylo, que não se dão á execução, porque não intende-las.

Muito ha que reformar nas officinas e cartorios destes senhores, como em todos quantos officios andam no reino arrendados,

Arte de furtar.

Basofias litterarias d'um Poeta

Critica á Critica

CONTINUAÇÃO

Ora agora, querem ver um outro argumento do sr. Carlos de Lemos?

Accusa-me de pouco generoso para com a alma da minha *Ella*, por eu ter escripto alma com a minúsculo, quando devia ser com *A* maiúsculo, visto que assim escrevi fallando da *minha Alma*. Isto é simplesmente nojento e infame.

Pois cabe lá em qualquer cerebro que eu escrevesse assim no original? Claro que não. Mas para este escrupuloso sacrista, para este ignobil parvoeirão, qualquer lapso, por mais insignificante que seja, é um disparate e uma ineptia. Não admira. A ignorancia é petulante e safada.

Mas espera lá, oh! alarve, oh! inoffensivo patarata, se te é licito dizer que eu cometti um erro, eu vou-t'o mostrar tambem nos teus sonetos.

Por exemplo: a pag. 25 do teu livro, as *Miragens*, procura o soneto em que te diriges á mulher amada por esta fórma:

Mais anjo que mulher.....

e lá verás que, igualmente, escreveste alma com a minúsculo, não obstante pertencer essa alma a uma joven, que era *mais anjo que mulher*. Encontras isso no 5.º verso:

Punge a tua alma um intimo desgosto,

Em quanto a pag. 70, encontrarás escripto Alma com *A* maiúsculo, quando fallas da tua Alma de que eu proprio chego a duvidar. Senão ouve:

Eleva-te, minha Alma! Fogo ao Erro!

Parece-me que isto é claro e convincente. Passando a outro ponto: observa o conspicio e douto pedagogo que eu erreii igualmente no emprego do relativo conjunctivo *que*.

Brrr! Isto faz-me bolir com os nervos! Arre, idiota! Ter de ensinar um homem que foi approved num concurso de Portuguez e Latim! Eu pendo a crer que o sr. Carlos de Lemos passou por algum milagre.

Ora olhe: já que não sabe ou não conhece uma regra grammatical, que explica a quem se pôde referir o relativo conjunctivo, vou-lh'a ensinar. Mas para isso (perdoem-me os leitores) necessario se torna transcrever de novo aquella mal-fadada quadra, onde se encontra o tal relativo conjunctivo *que*.

Ao longe, vagamente, eu ouço ainda agora
Essa canção divina, essa etherea ballada,
Como o gomer longinquo de uma errante Fada,
Que a sua alma vibrava pelo Azul em fóra.

Agora ouçam a que elle diz: «porque aquelle que (*que a sua alma vibrava pelo Azul em fóra...*) é um relativo conjunctivo cujo antecedente é Fada; isso é claro. O que não seria muito claro é que o relativo *que* tivesse por antecedente a *ballada* do final do segundo verso da quadra; se o sr. Villela Passos não sabe porque, vá ao Epiphanio que lh'o ensine.» Esta, só de cabo de esquadra! Com que então, seu Carlos, você acha extraordinario que aquelle relativo conjunctivo *que* tenha por antecedente a *ballada*? Pois eu vou-lhe já pôr isso mais claro qu'agua.

O terceiro verso da quadra em questão exprime simplesmente uma observação accessoria ao segundo verso, como é facil de vêr. Além d'isso, se eu quizesse que o relativo conjunctivo *que* se referisse a *Fada* e não a *ballada*, não collocaria o terceiro verso no meio de virgulas.

Porque lá diz o Epiphanio a pag. 144: «Separação-se por virgulas: as orações relativas que não vão precedidas immediatamente do antecedente da palavra relativa...» Ora foi exactamente isso que eu fiz. Mas o ignaro e soez pedagogo nunca comprehendeu nem comprehenderá os profundos mysterios da grammatica. Não admira, portanto, que elle encontre amphibologia em qualquer cousa. Se até elle é... amphibologico!

Tambem mostra um grande espanto ao deparar com aquelle verbo *vibrar*, que vem no quarto verso. Diz elle: «... como admitir a propriedade no emprego d'aquelle verbo *vibrar* que aqui o Constancio (é sujeitinho que o sr. Villela Passos á certa que não conhece...) que aqui o Constancio me dá como derivado de *vis e bra*, radical de *brachium*: d'onde a significação de arremessar, com a ideia de força que por sem duvida conserva mesmo no sentido figurado?»

Oh! grande latinista e pedagogo! oh! maravilha fatal da nossa idade! como és fulminante, estupendo e esmagador nos teus incomparaveis escriptos! Quem havia de dizer que o mestre-escóla d'antigas éras chegaria a ser ainda a mais phenomenal e prodigiosa besta... meu Deus! como a penna me

foge para a verdade!) perdão! queria dizer capacidade critica! Pois quem ha ahí que conhece, a não ser o sr. Carlos de Lemos, o celebre Francisco Solano Constancio, auctor do *Novo Dictionario critico e etymologico da lingua portugueza*? Ninguem.

Mas, seriamente: você acha que eu errasse, no emprego d'aquelle verbo *vibrar*? Então nem mesmo no sentido figurado poderá passar? Que pena!

Na verdade, muito me espanta que o sr. Carlos tenha essa opinio acerca do verbo *vibrar*, quando o emprega a cada passo nos seus versos.

A pag. 19, por exemplo:

Senti *vibrar* da alma a voz dolente, etc

quer dizer: senti *arremessar* da alma a voz dolente, não é assim seu chédas? Como você se espetou!

Ainda mais: Guerra Junqueiro diz a pag. 61 do seu soberbo livro — *Patria* — o seguinte:

Inda em hymnos de bronze, em ostroses marmoreas
Vibra eterno o clangor d'essas passadas glorias...

Ahi tem outra vez o verbo *vibrar* no mesmo sentido em que eu o empreguei. Se fosse como você diz, então teria graça; não se perceberia o que Junqueiro queria dizer naquelles dois versos.

O sr. Carlos imaginou ter-me filado num erro; e eu acabo de lhe provar que se errei, igualmente errou o sr. Carlos de Lemos e ainda Guerra Junqueiro.

Já vê, portanto, o meu amigo que não foi feliz por este lado nas suas arremetidas litterario-linguisticas.

Por ultimo, o sr. Carlos é para commigo d'uma bizzarria que confunde, escrevendo ainda acerca do meu soneto o seguinte: «E muito haveria ainda que dizer sobre aquelle ouço ainda agora... e agora... então ouço de novo; embroglio este que não nos deixa perceber se o que o sr. Villela Passos então ouve de novo é aquillo mesmo que o sr. Villela Passos ouve ainda agora; e que, quando muito, o que nos deixa perceber, mas isso em toda a evidencia, é que o sr. Villela Passos, em verso como em prosa, ... faz coisas!»

Acredite, seu Carlos, que lhe agradeço sinceramente essas finezas, sentindo só que não fosse mais justo e imparcial nas suas criticas. Isto de ir a um soneto lançar mão de tres ou quatro expressões, a esmo, e apresenta-las depois reunidas, como se estivessem num mesmo verso, é uma biltraria que revolta.

Emfim, já agora quero mostrar ao sr. Carlos de Lemos o que um jornal, que tem apreciado conspicuamente a obra do sr. Eugenio de Castro, disse d'este soneto e do outro que vem subordinado á epigraphe — *Ao vir da Noite*.

E' da «Vida Nova», (n.º 355) tri-semanario de Vianna do Castello, o que passo a transcrever: «*Ao vir da Noite*, de Villela Passos, poderá dizer-se que são dois sonetos divinos, sem macula, d'uma fórma hodierna em extremo, encantadores e, que bastariam, em nosso apoucado entender, para lhe crear o nome que vem fruindo.»

(Continua).

VILLELA PASSOS.

Contra a lei de imprensa

Escreveu o venerando decano dos jornalistas, sr. Joaquim Martins de Carvalho, um protesto contra as leis de repressão, que está obtendo assignaturas de muitos jornalistas e homens de letras.

Apesar das suas avançadas ideias, o protesto, que é energico e vigoroso, não se apresenta com caracter politico. Póde ser aceite por todos os homens democratas, por todos aquelles que estão afastados da politica immoral do governo.

E' de crer que este protesto alcance uma enormidade de assignaturas, como é de crer que a desvergonha do governo, o seu cynismo, não respeite a solemnidade d'este acto.

DECLARAÇÃO

Constando-me que o meu nome é insidiosamente proferido por varias pessoas, que me attribuem as ultimas correspondencias de Coimbra publicadas no jornal *A Gazeta da Figueira*, entendo por bem declarar que essas correspondencias não são escriptas por mim, pois ha proximamente um mez que não escrevo para esse acreditado jornal.

Outro sim declaro que me responsabilizo pessoalmente pelas correspondencias publicadas d'esta data em diante no jornal, *O Povo da Figueira*.

Coimbra, 6 de fevereiro de 1896.

Antonio Angelo de Mella

Piparotes e duras verdades

Um jornal que se publica no Porto, monarchico dos quatro costados, até reaccionario, colaborado por grande numero de padres, emfim inteiramente insuspeito, entre outras cousas feias, chama aos *barrigas* nomeados pelo *dictador do alcaide*, o seguinte: infamissimos barrigas e baixissimos pulhas, carneirada de Panurgio, etc.

Se um jornal republicano dirigisse qualquer phrase equivalente, aos actores do *Solar dos Barrigas*, seria immediatamente quellado, mettido na cadeia, e ainda por cima sobrecarregado com uma pesada multa, e o jornal bem podia tractar de incomendar a alma ao Creador, por que... ponhamos os olhos na *Vanguarda*...

O mesmo jornal servindo-se da mesma linguagem rude e despretenciosa, mas verdadeira, e inteiramente propria para aquelles *quorum Deus venter est*, ataca-os violentamente pela vergonhosa questão das recompensas aos expedicionarios e vencedores do Gungunhana, e dirigindo-se particularmente ao sr. ministro da guerra, principal culpado da tremenda infamia, atrai-lhe com umas condecorações, que lhe ficarão a matar, se as collocar no peito para aviso ao publico e aos incautos e para honra da sua pessoa.

Vejam e pasmem; um jornal que defende as instituições vigentes, dizer com desassombro verdades, tão grandes como punhos, é caso, não estamos acostumados...

Appellida o impagavel *Festas* de: o homem das manobras, o ridiculo Malaparte, o suspeito negociador dos pannos, das asneiras e das perseguicões aos militares velhos e gloriosos, etc.

Edificante! Depois surge-o e admira-se, (agora é que não estamos de accôrdo) que elle escudado no voto de confiança votado pela pseudocamara, fique no poder, aonde o levou o capricho do rei e a sua desmedida ambição de subir.

A nós o que nos surprehende, o que lastimamos e nos revolta, é que a nação esteja tão pachorrenta, e não se lembre d'elles, d'esses malandrins, e comilões da fazenda nacional, que nos exovalham lá fóra, e nos desgraçam de portas a dentro.

Um povo que conta entre os seus filhos homens como Mousinho e muitos mais, que tem tradições de valente e usada, tolerar na sua inconsciencia bonecos como o *Festas*... é desanimador.

Cuba

Os jornaes hespanhoes de todas as facções acompanham os protestos.

El Liberal insurge-se contra o *injusto reconhecimento de belligerancia*, attendendo a que, diz, os insurrectos não passam de flibusteiros, tendo o verdadeiro povo cubano permanecido fiel á Hespanha. O mesmo jornal appella para as tradições do brio do povo hespanhol, incitando-o á resistencia heroica no caso d'uma intervenção estrangeira.

El Globo reclama a quéda immediata do gabinete presidido por Canovas, como satisfação á opinio publica indignada com tão vergonhoso insuccesso diplomatico.

La Libre-Parole entende que é incorrecto o proceder dos Estados-Unidos. Interpretar por tal fórma, diz esse jornal, a doutrina de Monroe, é preparar complicacões diplomaticas que não deixarão aos Estados-Unidos papel muito brilhante.

El Pais, que publica em editorial um emphatico artigo de protesto, sob o titulo *Desperta, Hespanha!* vae de encontro ao optimismo do *Standard*, relativo ao *veto* de Cleveland, pois que, estando proximo a realisar-se a eleição presidencial, Cleveland, seria fatalmente derrotado, se não se deixasse guiar pela opinio geral do paiz.

Accrescenta que a lenda do *veto* de Cleveland foi adrede espalhada pelo sr. Canovas e pelos seus amigos para attenuar o effeito do grande desastre diplomatico.

O governo deu ordem para a esquadra de instrucção estar prompta a partir para o mar das Antilhas. Vão ser armados em guerra uns 50 vapores da marinha mercante. Serão enviados para Cuba mais 25.000 homens de infantaria e cavallaria.

Diz se tambem que o ministerio da marinha, manda armar com toda a urgencia os couraçados *Pelayo*, *Vizcaya*, *Almirante Oquendo*, *Maria Thereza*, *Afonso XIII* e *Leopanto*. Irão com um canal de Babama.

O ministro declara dispôr já de 50 milhões de pesetas para as alteraçoes da guerra de Cuba.

O *New-York Herald*, edição de Paris, creé inevitavel a guerra entre os Estados-Unidos e a Hespanha.

Falla-se em Madrid em constituir uma sociedade, por açções, para armar navios em

curso. Constituir-se-hia com o capital de vinte mil contos.

Diz-se que o governo auctorisaria cada deputado provincial a sustentar um navio corsario.

Nas ultimas manifestaçoes de Barcelona um estudante levava uma bandeira, em que havia um leão tirando a pelle a um porco. Em Valencia realisou-se uma manifestação, sendo apedrejadas as janellas do consulado americano.

Telegrammas recebidos dizem não se esperar que cheguem a accordo os deputados e senadores americanos relativamente á fórmula da belligerancia.

Continúa a receber-se manifestaçoes de sympathias das potencias a favor da Hespanha. O governo, porém, nega que exista accordo secreto com a França.

Segundo um telegramma, o general Weyler declarou que em sua opinio, não se deve recorrer a resoluções extremas com relação aos Estados Unidos em cuja dedicacão os havanezes não acreditam.

Diz um telegramma official que Maximo Gomez está gravemente doente e se acha refugiado em Siguanca.

Maceo, com 5.000 homens, reentrou na provincia de Havana.

O ministro hespanhol em Washington denunciou ás auctoridades americanas uma nova expedição, organisa da bordo do *Aligatôr*, na Florida.

«Progresso Industrial»

E' uma revista de propaganda industrial, órgão da industria portugueza.

Sahi o 1.º numero contendo 16 paginas, in-folio; bom papel e edição nitidissima. E' publicação importantissima, indispensavel a todos os industriaes e commerciantes.

Mas nem só a estas classes o *Progresso Industrial* é util, a todes dá instrucção, taes são as materias contidas de que vamos dar o summario para uma approximada elucidacão dos nossos leitores:

Summario: — A nossa missão — A Industria Portugueza — O Ensino profissional — A industria das materias textis — A gravura em vidro pelo acido fluorydrico — A industria pharmaceutica — Palestras industriaes — Fradeso da Silveira e Antonio Augusto de Aguiar — O ferro e os metaes usuaes — Bibliographia industrial — A industria dos instrumentos de muzica — Historia industrial — Conselhos uteis — Noticias industriaes — Curiosidades — Correspondencia — Bolsa Industrial — Secção de annuncios.

Num bellissimo artigo de apresentação, escreve estas palavras singelas mas bem significativas.

A nossa missão

«Quasi todas as publicações costumam, no primeiro numero, traçar o seu programma.

Fugindo um pouco a esse uso, o *Progresso Industrial* dirá apenas que a sua missão se resume a preencher uma lacuna ha muito existente no nosso paiz, isto é, a servir de órgão especial da *Industria Portugueza*, sendo como que tribuna advocativa dos seus interesses, boletim dos seus progressos, indicador das suas necessidades.

Foi com esse fito que fundámos a nossa *Revista de Propaganda* para que os industriaes portuguezes e os commerciantes nella encontrem o seu órgão, o seu jornal.

No estrangeiro, contam-se por centenas as publicações especiaes que se relacionam com as diferentes industriaes, e a *Industria Portugueza*, que temão dignamente acompanhado a industria universal, carecia certamente d'uma publicação sua, d'um jornal que, embora modesto como o *Progresso Industrial*, lhe servisse para tornar conhecidos os seus progredimentos.

Assim pois, aqui repetimos novamente o que já tivemos occasião de dizer nas circulares em que nos dirigimos á classe industrial: — O *Progresso Industrial* será o jornal da *Industria Portugueza*, porque elle servirá para lhe advogar os interesses, contando que os industriaes sejam os nossos colaboradores, sem paizão, nesta obra toda de paz a que se chama o desenvolvimento da *Industria Nacional* e unica e exclusivamente em seu beneficio.

Será essa a nossa politica, será essa a nossa divisa, será essa a nossa missão.

O *Progresso Industrial* procurrará satisfazer plenamente a obrigação que a si proprio se impõe, por que a imprensa occupa tambem o seu lugar respectivo entre as industriaes, e deve ser pelo papel que lhe cabe na sociedade, a primeira, pela sua voz auctorizada, a proteger, estimular e aconselhar as outras industriaes.

E' ardua a tarefa, mas estamos convictos de que auxiliados pela boa vontade dos industriaes portuguezes, que certamente nos applaudam, o que está provado pela fórma como receberam as circulares em que o *Progresso Industrial* noticiava a ser a appareção, conseguiremos realisar o nosso empreendimento, do qual se torna desnecessario accentuar as vantagens.

Aqui fica portanto á disposicão da industria a nossa publicação e agora... mãos á obra.»

Numa bella photo-gravura vêem-se os retratos dos benemeritos da instrucção e propagandistas do ensino industrial — *Fradeso da Silveira* e *Antonio Augusto de Aguiar*.

Entrelaçando os retratos e ao fundo os emblemas das industriaes, a imprensa: os prelos da typographia e lythographia, as industriaes metalurgicas, o machinismo de tracção,

a electricidade, a photographia, a chimica, e no plano baixo uma palmeira, entre uma grande corôa de flores com largas fitas pendentes.

Ao cimo d'esta pagina e numa vistosa vinheta que a circunda — *Homenagem do Progresso Industrial* — e d'um lado, esta divisa — *Labor omnia vinci* — fechando com palavras de sentimento:

«Publicar o primeiro numero d'um jornal que especialmente se dedica a defender os interesses e impulsionar o desenvolvimento da *Industria Portuguesa*, sem prestar homenagem a estes dois vultos que tanto pugnam pelo progresso do trabalho nacional, seria commetter um esquecimento imperdoavel.

Fallando-se da industria do nosso paiz, os nomes de Fradesso da Silveira e Antonio Augusto d'Aguiar, são dois symbolos que já mais se deverão esquecer.

Trabalhadores infatigaveis, apóstolos dedicadissimos do progredimento da *Industria Portuguesa*, se infelizmente não podesteis ver o resultados dos vossos esforços, recebei ao menos a certeza da nossa gratidão.»

Parece-nos ter dado idéas, ainda que bem succinta, do valor do *Progresso Industrial*, de que é redactor principal, o sr. Eduardo Coelho, cuja competencia é reconhecida.

Somente nos resta appellar para as classes industrial, commercial e agricola e para o publico, pois estamos certos que todos prestarão auxilio a trabalhadores tão denodados que encetam um jornal de tanta importancia, que será a sentinella vigilante dos interesses d'essas classes, e onde todos poderão colaborar.

Felicitemos a empreza, desejando-lhe muitas prosperidades. Consignamos aqui o nosso reconhecimento pela amavel offerta do primeiro numero.

Theatro Principe Real

Foi na sexta feira a ultima recita pela companhia D. Alfonso, do Porto, superiormente dirigida pelo maestro Del Negro.

Representou-se — *Uma aventura regia* — tendo correcto desempenho por parte dos principaes artistas — Santos, Santos Mello que ambos sobresahiram, dentro dos limites dos seus personagens, cantando bem o duetto comico, que teve bis a que Del Negro imprimiu na musica tanto cunho typico e tão expressiva graça.

O sr. Virgilio, o correcto cantor, manteve a linha como sempre.

Medina foi extraordinaria, admiravel; só os seus detractores, a infima escumalha de luva branca que por ahi vegeta e se cria nas tabernas e nos bordéis é que na sexta-feira mostrou a sua infamia.

Mas prosigamos. Medina é uma cantora distincta, o publico que a aclama com frenesi e enthusiasmo bem lhe conhece os meritos de artista. Perguntem aos nossos musicos o que vale a sua voz tão melodiosa e tão doce. Sabe cantar, já o ouvimos dizer, e dar á musica uma expressão sentida, interpretando com verdadeira consciencia.

Não são nossas essas palavras, são dos competentes, dos profissionaes, como o sr. Antonio Ribeiro Alves, Augusto Paes, e tantos outros executantes nossos patricios que fizeram parte da orchestra.

Não fallaremos de Mercedes; isso cumpre aos *reporters* em propaganda lasciva pelas redacções, a esconderem a *marca registada* com duas estrelinhas.

Quem ha de fallar de Mercedes não seremos nós. Outras opiniões virão á baila.

Falla do *Lobis homem* o correspondente de Coimbra para a *Gazeta da Figueira*:

«Mercedes Blasco, então, insupportavel. Se quizesse apreciar-lhe o trabalho nesta peça, teria de concluir que melhor avisada andaria se não tivesse apparecido.

«No 1.º acto entrou, guinchou — que aquillo não é cantar — e foi pateada. No 2.º não entrou e no decorrer do 1.º e 3.º não logrou alcançar senão manifestações de desagrado.»

Não fica por aqui a apreciação a Mercedes, e a proposito: «... da sua guitarra com as vibrações da sua voz temperada em banhos de ideal de amor e de volupia...» vae fallar outra vez o esclarecido correspondente da *Gazeta da Figueira*, apreciando a *opere-tta* — *Uma aventura regia*:

«Mercedes, deu-nos um pagem *Olivier* muito inferior.

«Para que exigir d'ella o que ella não pôde dar? Pisa mal, canta peor e diz pessimamente. A avolumar tudo isto, uma prosapia, um amor proprio, que desagrada a uma artista de algum merecimento, mas que numa nullidade d'aquellas irrita.

«Nesta peça chegou a ter poses e gestos d'uma imbecillidade maior da marca. Como na primeira noite, foi pateada.

E comtudo ha quem lamente e chore que ella não dissesse «aquellas lascivas cançonetas que sublinhadas pela sua *finia malicia* são como que o *rugir da musica do sangue* numa *orquestração desesperada*...»

Muito se engraxa e muito se lambe.

Agora a infamia de quatro de seus admiradores: Fausto Guedes, Pinho d'Almeida, Nogueira Pinto e Francisco Lebre.

Os briosos meços occupavam o segundo camarote, junto ao proscenio, do lado esquerdo do espectador, d'alli applaudiam a *dina*, e atiravam-lhe camelias. Fizeram elles a festa.

Medina continuava a ter as honras da noite; mas nada lhe valeu, e nada a salvou da corja que premeditou com o *factotum* da Mercedes — o conhecido Phimdel — a affronta a Medina, uma senhora respeitavel e uma distincta cantora, como todos o reconhecem. Foi elle quem lhe abriu a pateada, e que tratou da distribuição das poesias.

Ao final do 2.º acto é chamada Mercedes que é recebida com uma estrondosa pateada como o fôra quando se pedira bis na serenata do 1.º acto. Em seguida bradam por Medina, que vem ao proscenio, sendo-lhe arremessado do referido camarote, por Fausto Guedes Teixeira — o Catão dos *Insultos* — um cesto de verga, sujo de carvão, batendo sobre o peito da pobre Medina!

Este facto indignou toda a gente que se levantou a protestar, e Medina recolheu ao seu camarim bastante magoada. Foi preciso o sr. commissario conter a multidão que vociferava contra quem, com tanta baixeza, conspurcava os brios d'uma classe.

Desculpam-no. uns porque o Fausto estava bebado; outros que não sabem quando o Fausto o não está.

Tudo á uma condemnou o acto pulchimo ereles praticado contra uma senhora e consentido por os tres companheiros, Pinho d'Almeida, Nogueira Pinto e Francisco Lebre, que são cúmplices da infamia preparada, senão combinada previamente.

— Frei Rozendo, sei que tens sido um mau religioso, eu um pessimo cidadão! Vou morrer, faltam-me as forças e a razão! O espirito foge... Vejo em tudo isto o legitimo castigo dos meus peccados. Deita-me a ultima absolvição, a minha vida está suspensa por um fio.

O infeliz calou-se, deixou pender a cabeça, grossas lagrimas lhe rolaram pelas faces pallidas e resequidas.

Frei Rozendo era um cynico, para elle não havia religião, crenças nem fé! Ao ouvir porém estas palavras de seu companheiro, conteve-se, não obstante acreditar tanto na eternidade, como na virtude, que sempre desconheceu. Olhou para elle e respondeu-lhe:

— D. Francisco, pede a Deus, se o ha, absolvição para os teus peccados, e não a mim, que não sou melhor do que tu! Se pôdes, neste momento solemne, ora a Deus, se o conheces; eu não, nunca o vi nem conheci! Se a tua alma está crente, ganha num momento o que em muitos annos perdeste, morre contrito, já que na vida foste impenitente.

«Mas para que estás para ahi a pedir perdão? A quem? Para que? Pois ha proventura neste mundo crime ou virtude?»

«O crime fizeram-no os homens, a virtude é tambem obra d'elles. Pois não cedemos nós aos impulsos do nosso organismo, do nosso temperamento? Que responsabilidade podemos ter nisso?»

Se pois conseguiram obstar a entrada de Fausto Guedes no theatro, porque não o conteram e impediram de praticar a vil affronta quando todos estavam tão proximos um dos outros, na estreiteza d'um camarote? É que a baixeza da affronta havia de ser consummada?

D'essa sucia — com enxerto de *futrica* — ha quem tenha cadastro na policia. São a escoria da academia, que os despreza, que respondeu á vilzeza victoriando — como nunca se viu nos theatros de Coimbra — Medina de Sousa.

São conhecidos do sr. commissario que prometeu processa-los, recebendo de todos os presentes vivos applausos.

Medina teve uma imponentissima manifestação de vibrante enthusiasmo. No final da arieta de Margarida, muitos estudantes entraram no palco com *corbeilles* de flores, *bouquets*, e camelias soltas que lhe offereciam e atiravam, atapetando-lhe o palco. Capas, chapéus tudo cahia a seus pés e Medina agradecia commovidissima, febricitante, retribuindo os espectadores, com as flores que lhe haviam dado.

Ao terminar o espectáculo Mercedes foi chamada e uma tremenda pateada rompeu em protesto — pois era accusada de cumplicidade na affronta.

Medina, recebeu nova manifestação mais brilhante do que a primeira, prolongando-se os bravos e as palmas pelo espaço de meia hora, em chamadas successivas. Foi um delirio indisciplinavel!

E assim se respondeu á infamia de quatro estudantes, que em publico infamam uma senhora.

Assumptos de interesse local

O decano dos caixeiros

Com a avançada idade de 88 annos, falleceu nesta cidade o sr. Antonio Paulo, decano dos caixeiros portuguezes.

Foi sempre um trabalhador incansavel e um verdadeiro homem de bem.

Era natural de Linhares, tendo nascido em dezembro de 1807; em setembro de 1814, veio para esta cidade como caixeiro d'um tio seu e exercia essa profissão ha cerca de 82 annos.

Falleceu em casa do sr. Antonio Duarte Areosa, onde estava empregado ha 36 annos aproximadamente.

Centro Commercio e Industria

Esta sociedade prepara um esplendido baile para a *cerração da velha*, que promete, como é costume, correr na melhor ordem e muito animado.

Os rapazes, (os socios) já esfregam as mãos de contentes; e ás meninas que lá vão divertir-se e enlouquecer o sexo forte, já lhes está a saltar o pésinho...

Nós, (os não socios) começamos a andar tristonhos, e... a pensar no caso.

Se o mundo não se fez para todos, que lhe havemos de fazer?

Deitar-nos a um poço? não, porque está a agua muito fria; tambem chorar, isso só fica bem ás mulheres, e nem mesmo a todas; olhem, conhecemos algumas capazes, eu sei lá? de jogarem até o sopapo com qualquer de bigodos façanhudos e cabellino na venta! Olá...

«Ouve e attende: poucas horas te restam de vida, na hora suprema, quando a morte se approxima com o seu funebre cortejo, não succumbas como um cobarde!

«Tu não peccaste, cedeste aos impulsos da materia, que te constitue e te dá a vida, que te pedia os gosos que procuravas!

«Porventura, D. Francisco, o raio que fulmina, destroe, é um assassino?

«O mar que temos aos nossos pés, que nos ha de tragar nos seus abysmos, é por isso um malvado?»

«O leão do deserto, que mata para saciar a sua voraz glotoneria, não cederá a uma necessidade da vida?»

«Pois bem, os gosos materises que procuramos, foi por impulso da materia, e para seu repasto. Se somos grandes criminosos, a culpa não é nossa, é do nosso temperamento e organismo.

«Deixa-te de chimeras! Morre, muito embora, mas não agarrado a uma ficção.

D. Francisco olhou para o seu companheiro e suspirou... Naquelle suspiro ia uma grave censura... Ia um grande arrependimento! Uma contrição immensa... uma supplica pungente... uma dor de haver peccado, que tinha o valor de muitos annos de penitencia.

— Ahi tens, proseguiu frei Rozendo, com a voz abafada, os abysmos do oceano, estuda nelle a força da natureza bruta, e a im-

Fallecimento

Aos estragos de uma *gripe abdominal*, falleceu na sexta feira pelas 2 1/2 horas da madrugada o sr. Adriano Augusto Rezende Murteira, digno secretario geral do Governo Civil d'este districto.

A sua morte foi aqui geralmente pranteada, pois o extincto tornava-se credor dos maiores elogios pela affabilidade do seu trato, e lhanza de caracter. Todos os empregados do governo civil deploram a perda do seu chefe, que era para elles como que um pae carinhoso.

O seu funeral, que hontem se realisou, foi muito concorrido vendo-se representado nelle todo o elemento official de Coimbra.

AS TYPOGRAPHIAS DO PAIZ

CONCURSO

Pela commissão do grupo academico republicano, incumbida da homenagem á memoria do dr. José Falcão, está aberto concurso, pelo prazo de oito dias, para a reimpressão da *Cartilha do Povo*, sob as condições seguintes:

1.ª — O volume conterá 56 paginas de corpo 10 (na largura de 14 quadratins de corpo 12 e com 27 linhas d'altura), além das capas.

2.ª — A edição é de **cem mil exemplares**.

3.ª — O typo será novo.

4.ª — O papel, assim como duas gravuras de pagina, incluídas na condição 1.ª serão fornecidos pela commissão.

5.ª — E' de **trinta dias** o prazo maximo para a entrega de todos os exemplares brochados.

6.ª — O transporte da edição para o local que a commissão designar, nesta cidade, será por conta do arrematante.

As propostas devem ser dirigidas, em carta fechada, ao secretario da commissão, ladeira do Seminario, n.º 13.

Coimbra, 5 de março de 1896.

O secretario,

Arthur d'Almeida Leitão.

AGRADECIMENTO

Antonio Ferreira e sua esposa Mariana de Jesus Rodrigues, immensamente penhorados e agradecidos para com as pessoas que lhe valeram antes e depois do fallecimento de sua saudosa filha, Emilia, vêm testemunhar publicamente a sua gratidão para com todos.

Não queremos deixar sem referencia, os muitos beneficios que recebemos da madrinha da nossa desventurada menina, a ex.ª sr.ª D. Emilia Gonçalves e sua ex.ª familia, a quem somos devedores da maior dedicação, e lhe consagramos o nosso eterno reconhecimento.

A's pessoas que assistiram ao funeral da nossa filha, consignamos tambem os nossos agradecimentos.

Coimbra, 5 de março de 1896.

potencia do espirito! Ahi tens patente, se é Deus ou os elementos que dominam! Ahi, nesse grande livro, devias ter aprendido, que Deus não ha, não ha inferno nem paraizo; o homeni compõe se de uma só substancia, nada tem a receber depois da morte.

«Mas ouve, D. Francisco e attende-me, proseguiu elle, para que te serve agora a tua nobreza? Aonde conservas os teus pergaminhos nesta fatal situação? E' nisto que devias ter sempre pensado, e não fallares tanto dos teus braços de familia! Mas não desanimes, luta com a morte, não penses em Deus...

Frei Rozendo reunia á impiedade o atheismo; a falta de generosidade para com um companheiro dos seus crimes, da sua devassidão e do seu infortunio, mettia-o a ridiculo, fallando-lhe na impotencia dos seus vetustos pergaminhos.

Reunia á perversão da sua alma todas as más condições de um espirito acanhado: a falta de generosidade, a vingança miseravel, a zombaria, que mais fere e avilta quem a usa.

— Sim, repito: não ha Deus nem inferno... Se ha Deus, é tão miseravel, que não sabe nem pode construir uma obra perfeita... Porque, segundo dizem, fazendo o homem á sua imagem e similhaça, saiu-lhe das mãos uma creatura tão defeituosa, tão cheia de vicios, que teve de castiga-lo e expulsa-lo da sua presença!

(Continuum)

61 Folhetim — «Defensor do Povo»

O CORSARIO PORTUGUEZ

ROMANCE MARITIMO

ORIGINAL DE

CARLOS PINTO DE ALMEIDA

CAPITULO XI

Apontamentos curiosos

Estava frio como o marmore, impassivel como o espectro da morte. Tinha a consciencia da desesperada situação em que se achava; porém não appellava para a oração, nem de nenhuma se lembrava! Não cria em Deus nem no diabo.

Era um materialista incorrigivel, que só se impressionava com os soffrimentos physicos. Mudo como um tumulo, seguia com vista febricitante o mar que em vasta superficie se lhe desenvolvia por todos os lados... E a morte, a morte surgia-lhe pavorosa... Approximava-se lenta mas terrivel, de aspecto cruciante...

D. Francisco ergueu um pouco a cabeça e disse para o seu companheiro:

RECLAMES E ANNUNCIOS

1.ª publicação

45 Por sentença de 5 de junho de 1895, confirmada por accordo da Relação do Districto do Porto, de 16 d'agosto do mesmo anno, que transitaram em julgado, e pelo cartorio do escrivão José Lourenço da Costa, da comarca de Coimbra, foi julgado interdicto do exercicio dos seus direitos Francisco Lopes d'Almeida, sendo deferida a tutela do mesmo a sua mulher D. Maria Adelaide de Sousa e Almeida, residente na Pousada, freguezia de Sernache dos Alhos, d'esta comarca, e nomeado para pro-tutor do interdicto, Adolpho Frederico Moller, casado jardineiro, de Coimbra, o qual prestou juramento.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

Neves e Castro.

ALVIÇARAS

Dão-se a quem achasse uma corrente de ouro, dupla, de corbela, que se perdeu no dia 2 do corrente, desde a rua da Sophia até a rua do Visconde da Luz. Quem a achasse e a queira entregar, poderá fazel-o na rua da Sophia n.º 29, ou nesta redacção, prestando assim um grande favor a quem a perdeu, pois é extremamente pobre e a corrente não lhe pertencia.

CORREARIA CENTRAL

DE

Adriano Francisco Dias

9—Rua de Ferreira Borges—15

COIMBRA

Distinctivo da casa Jockey com um cavallo á mão.

O proprietario da Correaria Central, que durante trinta e quatro annos teve o seu estabelecimento na rua do Visconde da Luz, 105 a 111, o qual trespassou por successos imprevistos, teve de se estabelecer novamente, e tem hoje um grande sortido de tudo quanto diz respeito ao seu antigo commercio e industria.

Encontram-se magnificos selins eapparelhos á Relvas e á Campina, cadeirinhas para senhoras andarem a cavallo, cabeçadas, freios briddes, lóros, estribos, escovas, camurças, esponjas e todos os mais utensilios necessarios para limpeza de cavallos e carros, lanternas para carros, e pingalins.

Grande sortido em malas e todos os mais utensilios para viagem.

Espingardas para caçadores, cintos, colletes, cartuchos, e todos os precisos aos amadores de caça e pesca.

Gaiolas para canários e brinquedos para creança.

Tudo vende por preços baratissimos.

Vende um phaeton em bom uso que serve para um e dois cavallos, dois pares de arreios de parella, um com ferragem amarella e outro branca, um arreiro de ferragem amarella para um só cavallo, tudo em bom uso e por preços convidativos.

Tambem executa na sua officina bons arreios para parella ou para um cavallo; assim como se encarrega de estofar Coupés, Landaus e Caleches, para o que tem um empregado habilitadissimo, não havendo em Coimbra competidor neste genero.

BIBLIOTHECA POPULAR DE LEGISLAÇÃO

Proprietario — A. JOSÉ RODRIGUES

MANUAL DO VEREADOR

E DOS

FUNCCIONARIOS ADMINISTRATIVOS

Repositorio de Legislação e Jurisprudencia Municipal

Preço..... 400 réis

Typographia e Escriptorio da Bibliotheca Popular de Legislação. — Rua da Atalaya, n.º 173, 1.º andar. — Lisboa.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

COIMBRA

50 * RUA DE FERREIRA BORGES * 52

(EM FRENTE DO ARCO D'ALMEDINA)

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystofle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglezas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatorio e cozinha.

Cimentos: Inglez e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Cal Hydraulica: Grande deposito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietarios e mestres d'obras.

Tintas para pinturas: Alvaiades, oleos, agua-raz, crés, gesso, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Armas de fogo: Carabinas de repetição de 12 e 15 tiros, revolvers, espingardas para caça, os melhores systemas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, machinas para moer carne, balanças de todos os systemas. — Redes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Electricidade e optica Agencia da casa Ramos & Silva, de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas electricas, oculos e lunetas e todos os mais apparelhos concernentes.

Pastilhas electro-chimicas, a 50 réis

Brilhante Belge, a 160 réis. } indispensaveis em todas as casas

ANTIGO DEPOSITO DE MACHINAS

INGER



Estabelecimento de fazendas brancas

ARTIGOS DE NOVIDADE

ALFAIATARIA MODERNA

DE

JOSÉ LUIZ MARTINS DE ARAUJO

90, Rua do Visconde da Luz 92 — COIMBRA

O mais antigo estabelecimento n'esta cidade, com as verdadeiras machinas Singer, onde se encontra sempre um verdadeiro sortido em machinas de costura para alfaiate, sapateiro e costureira, com os ultimos aperfeiçoamentos, garantindo-se ao comprador o bom trabalho da machina pelo espaço de 10 annos.

Recebe-se qualquer machina usada em troca de novas, transporte gratis para os compradores de fóra da terra e outras garantias. Ensina-se de graça, tanto no mesmo deposito como em casa do comprador.

Vendem-se a prazo ou prompto pagamento com grande desconto.

Concerta-se qualquer machina mesmo que não seja Singer com a maxima promptidão.

ESTAÇÃO DE INVERNO

Acaba de chegar um grande sortido em casimiras proprias para inverno. Fatos feitos completos com bons forros a 65500, 75000, 85000 réis e mais preços, capas e batinas preços sem competencia, varinos de boa catrapianha com forro e seni elle desde 55000 réis para cima, garante-se qualquer obra feita n'esta alfaiateria, dão-se amostras a quem as pedir.

Tem esta casa dois bons contramestres, deixando-se ao freguez a preferencia de optar.

Sempre bonito sortido de chitas, chailes, lenços de seda, ditos de Escócia, camisaria e gravatas muito baratas.

Vende-se oleo, agulhas troçal e sabão de seda, e toda a qualquer peça solta para machinas.

Alugam-se e vendem-se Bi-cyeletas.

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, ADRO DE CIMA, 20 — (Atraz de S. Bartholomeu)

2 Armazem de fazendas de algodão, lã e seda. Vendas por junto e a retalho. Grande deposito de pannos crus. — Faz-se desconto nas compras para revender.

Completo sortido de coroas e bouquets, funebres e de gala. Fitas de faille, moiré glacé e setim, em todas as cores e larguras. Eças douradas para adultos e creanças.

Continúa a encarregar-se de funeraes completos, armações funebres e trasladações, tanto n'esta cidade como fóra.

LAMPREIAS

Vendem-se guisadas e de esca-beche, por preços commodos. Hotel Commercio — Coimbra.

VINHO SEM COMPETENCIA

EM PREÇO E QUALIDADE

44 Vinho da Beira novidade de 1894 a 90 réis o litro

Tambem ha vinho bom a 70 réis o litro.

Verde engarrafado — garrafa 100 réis o litro.

Quem comprar de 20 litros para cima tem 10 o/o de abatimento.

Taberna á Sé Velha junto ao arco da rua da Ilha.

AOS PHOTOGRAPHOS

Productos chimicos, chapas allemãs, cartões em diferentes generos, prensas, etc., etc.

Preços de Lisboa.

DROGARIA DE JOSÉ FIGUEIREDO & C.ª

Mont'arroyo 25 a 33 — COIMBRA

LIVROS DE MISSA

NEVES IRMÃOS

EMPRESA EDITORA

DA

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

HENRIQUE SCHAEFER

PROFESSOR DE HISTORIA NA UNIVERSIDADE DE GILLESSEN

Vertida fiel, integral e directamente do original allemão continuada, sob o mesmo plano, até os nossos dias

POR

J. Pereira de Sampaio (Bruno)

Edição completa por um corpo de notas, ampliando, corrigindo ou comprovando o texto, pelo indefeso concurso, entre outros eminentes collaboradores, da ex.^{ma} sr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, e dos ex.^{mos} srs. Alberto Pimentel, Bazilio Telles, Bernardino Pinheiro, Delfim de Almeida, Henrique de Gama Barros, Joaquim de Araujo, Joaquim de Vasconcellos, Latino Coelho, Luciano Cordeiro, Oliveira Martin-, Pinheiro Chagas e Theophilo Braga.

Deposito da Fabrica Nacional

DE

BOLACHAS E BISCOITOS

DE

JOSÉ FRANCISCO DA CRUZ & GENRO

COIMBRA

128 — RUA FERREIRA BORGES — 130

N'este deposito, regularmente montado, se acham á venda por junto e a retalho, todos os productos d'aquella fabrica a mais antiga de Coimbra, onde se recebem quaesquer encomendas pelos preços e condições eguaes aos da fabrica.

3 RÉIS POR HORA

E' o consumo GARANTIDO do BICO AUER.

Os outros bicos ordinarios consomem no mesmo tempo 12 a 20 réis.

Encomendas a JOSÉ MARQUES LADEIRA

COIMBRA

99, Rua do Visconde da Luz, 103

Cautella com as contrafacções baratas que saem caras!

Publica-se ás quintas feiras e domingos

DEFENSOR

DO POVO

JORNAL REPUBLICANO

EDITOR — Adolpho da Costa Marques

Redacção e administração — Largo da Freiria, 14, proximo á rua dos Sapateiros

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

(PAGA ADIANTADA)

	Com estampilha	Sem estampilha
Anno	25700	Anno 25400
Semestre	15850	Semestre 15200
Trimestre	680	Trimestre 600

ANNUNCIOS: — Cada linha, 40 réis; repetição, 20 réis; contracto especial para annuncios permanentes.

LIVROS: — Annunciam-se gratuitamente quando se receba um exemplar.

Impressa na Typographia Operaria — Coimbra